UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Gustavo Grandini Bastos

**Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s):
o discurso sobre os aplicativos de relacionamento**

Ribeirão Preto – SP
2018

GUSTAVO GRANDINI BASTOS

**Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s):
o discurso sobre os aplicativos de relacionamento**

Versão corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucília Maria Abrahão e
Sousa.

Ribeirão Preto – SP
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Bastos, Gustavo Grandini

Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s): o discurso sobre os aplicativos de relacionamento. Ribeirão Preto, 2018.

328 p. : il. ; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Sousa, Lucília Maria Abrahão e.

1. Aplicativos de Relacionamento Gay. 2. Discurso Jornalístico. 3. Sociabilidade. 4. Sujeito-Gay. 5. Tecnologia.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Gustavo Grandini Bastos

Título: Os sujeitos-*gays* nas tramas da(s) rede(s): o discurso sobre os aplicativos de relacionamento

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lucília Maria Abrahão e Sousa (Orientadora)

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: _____

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Julgamento: _____

Prof.^a Dr.^a Cristiane Pereira Dias

Instituição: Universidade de Campinas (UNICAMP)

Julgamento: _____

Prof. Dr. Marcos Aurélio Barbai

Instituição: Universidade de Campinas (UNICAMP)

Julgamento: _____

Prof.^a Dr.^a Soraya Maria Romano Pacífico

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: _____

A minha Mãe, Maria Suely Grandini Bastos,

Amor, útero, nascer, leite, colo, ninar, a primeira palavra, pão quente, farofa, bolo de cenoura, caronas, incentivos, o lençol cheiroso, a comida sem igual, o abraço delicado e quente, a oração necessária... Por tudo de melhor que a vida poderia me oferecer ao me dar você como mãe. Com açúcar e afeto, **sempre!**

Este Doutorado é para e por você: a pessoa que sempre me impediu de desistir quando eu achava que não seria possível prosseguir.

Obrigado pelo entendimento e respeito durante todo(s) o(s) processo(s) vivido(s), por me ensinar que tudo tem o seu tempo, que lutar é verbo que devemos conjugar no viver e que generosidade é essencial para um mundo menos árido.

Te amo muito! Hoje e sempre.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força necessária nos momentos mais difíceis e importantes.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida, possibilitando a dedicação exclusiva para a elaboração deste trabalho.

Ao meu pai, José, que me ensinou a fazer contas de multiplicação, a andar de bicicleta, a valorizar o tempo (e as dificuldades) da produção das frutas e, sempre, ao seu modo, me disse que o que eu fazia era importante e válido. Com você aprendi que o trabalho duro é importante e que a vida não é fácil, por isso, lutar é uma necessidade.

A minha irmã Giselle (Gi), pelo respeito às diferenças, os estímulos às leituras, os CDs tocando no aparelho de som de um passado próximo e as palavras de conforto. Você não sabe a importância que ter lutado para cursar o ensino superior, conseguir um diploma e ocupar um espaço, que parecia tão distante para nós, foi decisivo na minha formação. Obrigado por me mostrar, na prática, que outros sentidos são sempre possíveis e que é importante levantar e insistir quando se quer algo. Te amo!

Aos familiares que ajudaram com as palavras de incentivo ao longo do tempo de produção deste texto, em especial, minha tia Teresa (Tê).

Ao Prof. Dr. Marcos Barbai, pela disponibilidade e generosidade, desde o nosso primeiro contato, por aceitar participar da banca de qualificação, propiciando uma leitura atenta que contribuiu de modo significativo para a (re)elaboração deste trabalho, e por dizer que os temas propostos para a discussão são relevantes. Agradeço por aceitar participar da banca de arguição da Tese.

À Prof.^a Dr.^a Soraya Maria Romano Pacífico, por ser personagem fundamental na minha trajetória. Agradeço por aceitar participar da minha qualificação de doutorado, fornecendo sugestões importantes para melhorar o texto da pesquisa e pelas contribuições ao longo da minha formação, seja nas discussões no grupo de estudos (GESDISME), durante as aulas na Pós-Graduação ou nos simpósios dos eventos científicos. Obrigado pelas partilhas, relações de saberes e exemplos que vão além do universo acadêmico. Obrigado por aceitar integrar a banca da defesa da Tese.

À Prof.^a Dr.^a Cristiane Pereira Dias e o Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares por aceitarem prontamente participar da defesa da Tese e contribuírem com suas leituras e opiniões. Obrigado pela generosidade de vocês.

A três importantes amigas e pesquisadoras que participaram do meu percurso: Dantielli Assumpção Garcia (Danti), Fernanda Correa Silveira Galli (Fer) e Ludmila Ferrarezi (Lud). Três pessoas especiais com quem tenho a oportunidade de aprender, discutir e refletir sobre aspectos da teoria e da vida. Obrigado por me apoiarem ao longo dessa trajetória, pelas parcerias de escrita, pelas inúmeras contribuições ao longo do caminho, por afirmarem que eu conseguiria fazer a Tese e por me dizerem, cada uma do seu jeito, que o esforço vale a pena e o futuro trará coisas boas. Quando eu crescer quero ser como vocês.

À Lud, novamente, pela generosidade em ler, criticar, comentar e contribuir para a elaboração do texto final da Tese. Muito obrigado!

À Bia Prandi por me salvar/socorrer com a formatação e a impressão do texto da Tese, além de me tranquilizar, inúmeras vezes, que tudo ficaria pronto a tempo e de modo correto. Muito obrigado!

Aos amigos e colegas de longa data, sempre presentes, e que foram fundamentais para pensar o início, as costuras, interlocuções, possibilidades e o efeito de fim deste texto. Pessoas fundamentais na minha caminhada: Aline (Punky), André Pequeno, Bia, Dani, Daia, Daya, Gabi, Malu, Rodrigo, Thaís e Vivian. Obrigado pelas conversas, incentivos e enlaces ao longo deste processo. Contar com vocês foi fundamental para existir (e resistir) ao processo de escrita. Sem vocês nada teria os mesmos saberes, sentidos e sabores.

A todos os colegas do E-l@dis, pela convivência, ensinamentos e por contribuições teóricas essenciais para a constituição da pesquisa. Foram muitos debates, eventos, grupos de estudo, reuniões e a certeza que o trabalho em grupo sempre vale a pena. Muito obrigado pelos anos de aprendizagem, interlocução e trocas ao longo dos diferentes momentos da minha formação. Agradeço, em especial: Adonai, Ane, Aline, Bia, Dani, Daia, Danti, Fer, Francis, Jacob, Jean, João, Jonathan, Karen, Lud, Mel, Rodrigo, Stefany, Thaís e Vivian.

Aos colegas do GEDISME, pelos encontros mensais e as reflexões que nos uniram ao longo dos anos. Agradeço, em especial: aos colegas do E-l@dis, Daya, Fabiana Borges, Rita e Thaís Marinheiro.

Aos funcionários da Biblioteca Central de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, pelos auxílios na obtenção dos materiais fundamentais para a escrita dessa Tese, em especial, agradeço aos responsáveis pelo serviço de empréstimo entre bibliotecas: Carlos Alberto, Nair e Tania.

Aos docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, pelos direcionamentos ao longo da elaboração do trabalho. Agradeço em especial, a Bruna e Jaqueline, por todos os esclarecimentos ao longo desta jornada.

Ao Sr. Paulo, secretário do Departamento de Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, pelo suporte nas atividades realizadas no E-l@dis.

Agradecimento especial

À Prof.^a Dr.^a Lucília Maria Abrahão e Sousa, que durante esses dez anos de orientações (Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado) me ensinou a importância da teoria, do trabalho duro e ético no que concerne à pesquisa científica e do afeto na relação com o outro.

Obrigado por me acolher, auxiliar e orientar durante o meu percurso acadêmico, ensinando que apostar, arriscar e teorizar são sempre necessários, não apenas no campo da pesquisa, mas na vida. Com você, aprendi que coragem para viver e teorizar são essenciais, mesmo quando tudo parece difícil e sem solução, já que outros sentidos são sempre possíveis.

Minha admiração, agradecimento e respeito!

Onde queres revólver, sou coqueiro
E onde queres dinheiro, sou paixão
Onde queres descanso, sou desejo
E onde sou só desejo, queres não
E onde não queres nada, nada falta
E onde voas bem alta, eu sou o chão
E onde pisas o chão, minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família, sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon, sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
Onde queres o sim e o não, talvez
E onde vês, eu não vislumbro razão
Onde o queres o lobo, eu sou o irmão
E onde queres cowboy, eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor, bruta flor

Onde queres o ato, eu sou o espírito
E onde queres ternura, eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo, sou mulher
Onde queres prazer, sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido, sou herói

Eu queria querer-te amar o amor
Construir-nos dulcíssima prisão
Encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor, bruta flor.

O Quereres - Caetano Veloso.

RESUMO

Bastos, G. G. (2018). *Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s): o discurso sobre os aplicativos de relacionamento* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

A questão do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelos sujeitos-gays para a produção de novos processos de sociabilidade na contemporaneidade tem ocupado destaque nas abordagens realizadas em uma série de espaços discursivos, resultando em análises e trabalhos de inúmeras áreas e enfoques teóricos. No presente trabalho, objetivamos investigar de que modo os sujeitos-gays e os aplicativos de relacionamento voltados para eles são abordados nos discursos jornalísticos produzidos por espaços de imprensa disponibilizados *on-line*, contando como referencial analítico, metodológico e teórico a Análise do Discurso de filiação francesa (Pêcheux, 1997a, 1997b, 2010, 2014). Buscou-se analisar os discursos e sentidos produzidos sobre os sujeitos-gays que são usuários dos aplicativos de relacionamento apresentados em 37 textos jornalísticos, constituindo o *corpus* da pesquisa, publicados no período de 2010 a 2015 e provenientes de quatro espaços de notícias vinculados as grandes estruturas midiáticas do país (Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Portal G1 e Portal IG). Selecionamos materiais que abordam os três principais aplicativos desse tipo utilizados no Brasil: o Grindr, o Hornet e o Scruff. O trabalho com os discursos jornalísticos permite observarmos que a abordagem na atualidade, sobre os sujeitos-gays e os espaços atrelados a eles, apresenta diferenças no modo como era realizada em um passado recente, em decorrência das alterações sócio-históricas do período. As relações dos sujeitos-gays com esses aplicativos são abordadas nos espaços jornalísticos e apresentadas aos sujeitos-leitores dos espaços de notícias, inscrevendo sentidos sobre o surgimento, modos de funcionamento e usos dessas tecnologias. Identificamos que os discursos jornalísticos sobre os sujeitos-gays na relação de uso com os aplicativos não estão restritos à abordagem das novas formas de sociabilidade, essa discussão é apresentada e destaca como as formas de encontro passam por alterações na sua realização, seja na procura por relacionamentos sérios, amigáveis ou sexo casual, mas outros pontos importantes são ressaltados, entre eles, a facilidade envolvendo a contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), a importância dos sujeitos-gays para a estrutura econômica atual e modificações no espaço urbano pelo uso dessas tecnologias. Os aplicativos de relacionamento interferem no modo como os sujeitos-gays encontram e estabelecem relações, o que está ligado às atuais condições de produção da contemporaneidade, produzindo novos sentidos sobre esses sujeitos e os espaços relacionados a eles.

Palavras-chave: Aplicativos de relacionamento. Discurso jornalístico. Sociabilidade. Sujeito-gay. Tecnologia.

ABSTRACT

Bastos, G. G. (2018). *Gay subjects in social network(s): the discourse on dating applications* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

The use of Information and Communication Technologies (ICTs) by gay subjects to produce new sociability processes in contemporary times has been emphasized in the approaches carried out in a series of discursive spaces, resulting in analyses and works of numerous areas and theoretical perspectives. In this paper, based on the analytical, methodological and theoretical assumptions of French Discourse Analysis (Pêcheux, 1997a, 1997b, 2010, 2014), we aim to investigate how gay subjects and the dating applications aimed at them are addressed in the journalistic discourses produced by the press made available online. We sought to analyze discourses and meanings produced on gay subjects who make use of such applications, in a corpus composed of 37 journalistic texts, published in the period of 2010-2015 and issued by four spaces of news associated with the country's large media groups (Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Portal G1 e Portal IG). We have selected materials that cover the three main dating applications used in Brazil: Grindr, Hornet and Scruff. The work with journalistic discourses allows us to observe that the current approach on gay subjects and spaces related to them differs from the one carried out in a recent past. These changes are produced as a result of socio-historical transformations in contemporary times. The relationships of gay subjects with such applications are approached in journalistic spaces and presented to reader subjects of the news spaces, inscribing meanings about their appearance, modes of operation and uses. We have identified that journalistic discourses on gay subjects concerning the use of applications are not restricted to the approach on new forms of sociability. Such a discussion is presented and highlights how the forms of encounter go through changes, either in the search for serious relationships, friendships or casual sex. Also, other important aspects are made clear, e.g. the ease involving the transmission of Sexually Transmitted Diseases (STD), the importance of gay subjects to the current economic structure, and modifications in the urban space through the use of such technologies. Dating applications interfere with the way gay subjects find and establish relationships, which is connected to the current conditions of production in the contemporary times, producing new meanings about such subjects and the spaces related to them.

Keywords: Gay dating applications. Journalistic discourse. Sociability. Gay subject. Technology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Relação entre arquivo, <i>corpus</i> e recortes discursivos na AD.....	45
Figura 2 - Trip Added: Santiago do Chile.....	98
Figura 3 - Tela inicial do Grindr Xtra.....	109
Figura 4 - Valores do Grindr Xtra.....	109
Figura 5 - Tela inicial do Scruff Pro.....	110
Figura 6 - Valores do Scruff Pro.....	110
Figura 7 - Atualize ao Scruff 5.5 já!	124
Figura 8 - Oferta do Grindr.....	126
Figura 9 - Last Judgment de Taddeo di Bortolo.....	218
Figura 10 - Execution for Sodomitical Godlessness in the City of Bruges de Frans Hogenberg.....	225
Figura 11 - Ilustração de Diebold Schilling, sobre a condenação de Richard Puller von Hohenburg e seu servo.....	225
Figura 12 - O Olhar Estrangeiro.....	229
Figura 13 - Balboa Condenando acusados de sodomia a serem devorados por cães de Theodore de Bry.....	229
Figura 14 - Homos on the March: the day they picketed the white house (1965)	240
Figura 15 - Gay is Good.....	245
Figura 16 - Tela de edição do perfil no Grindr.....	248
Figura 17 - Tela de edição do perfil no Hornet.....	248
Figura 18 - Tela do Grindr.....	262
Figura 19 - Tela de mensagens do Grindr	262
Figura 20 - Telas do Hornet.....	263
Figura 21 - Tela do Scruff	263
Figura 22 - Tela de filtros do Scruff.....	263
Figura 23 - Avaliação do Grindr.....	267
Figura 24 - Avaliação do Hornet	268
Figura 25 - Avaliação do Scruff.....	268
Figura 26 - Mensagem do Hornet.....	274
Figura 27 - Mensagem do Hornet.....	274

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação entre textos jornalísticos e seção de publicação.....	181
--	-----

LISTA DE SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
AD	Análise do Discurso de linha francesa
AFP	Agence France-Presse
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
AP	Associated Press
APA	American Psychological Association
ARPA	Advanced Research Projects Agency
ARPANET	Advanced Research Projects Agency Network
CEDU	Centro de Documentação Urbana
CERN	Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire
CID	Classificação Internacional de Doenças
CNRS	Centre National de la Recherche Scientifique
DCA	Defense Communication Agency
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EMBRATEL	Empresa Brasileira de Telecomunicações
EUA	Estados Unidos
FD	Formação Discursiva
FFCLRP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
FIFA	Federação Internacional de Futebol
GPS	Global System Position
GT	Grupo de Trabalho
HIV	Human Immunodeficiency Virus
ILGA	Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
IPTO	Information Processing Techniques Office
LABEORB	Laboratório de Estudos Urbanos
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
NSF	National Science Foundation
NSFnet	National Science Foundation Network
OMS	Organização Mundial de Saúde

ONU	Organização das Nações Unidas
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
TIC	Tecnologia de Comunicação e Informação
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNICAMP	Universidade de Campinas
UPI	United Press International
URSS	União das Repúblicas Soviéticas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução - O que esperar da(s) tecnologia(s)?	15
Capítulo 1 - O referencial da Análise do Discurso de linha francesa: análise, método e teoria	21
1.1 Considerações acerca dos objetivos teóricos e da pesquisa.....	22
1.2 O método em Análise do Discurso: postulados da pesquisa	35
1.3 O Arquivo, o <i>Corpus</i> e os Recortes Discursivos: delimitações discursivas estruturais ..	44
1.4 Gestos de trabalho: o dispositivo analítico de interpretação.....	72
Capítulo 2 - As condições de produção atreladas aos sujeitos-gays da/na contemporaneidade: consumo, informação e tecnologias.....	89
2.1 O discurso do consumo e da globalização: efeitos na contemporaneidade	90
2.2 As Tecnologias de Informação e Comunicação em discurso: o ciberespaço, a internet e suas condições de produção	129
2.3 Os discursos e os espaços jornalísticos: continuidades e mudanças na atualidade.....	150
Capítulo 3 - A memória do/para dizer: o sujeito-gay e os aplicativos de relacionamento em discurso.....	195
3.1 A memória sobre o sujeito-gay: inscrições sócio-históricas.....	196
3.2 Em discurso: aplicativos de relacionamento para os sujeitos-gays	260
Considerações Finais: algumas possibilidades.....	285
Referências	291
Apêndices.....	309
APÊNDICE A - Arquivos.....	310
APÊNDICE B - <i>Corpus</i>	327

Introdução: o que esperar da(s) tecnologia(s)?

Desenho do artista Jean Julien

Fonte: https://www.instagram.com/p/BHZzn14gv6K/?hl=pt-br&taken-by=jean_jullien

O que te escrevo é um 'isto'. Não vai parar: continua.
Olha para mim e me ama. Não: tu olhas para ti e te amas.
É o que está certo.
(Lispector, 1998a, p. 95).

Desde o mestrado¹ (Bastos, 2013)², temos nos preocupado em refletir acerca das questões relacionadas à homossexualidade e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), na ocasião, estudamos o modo como os sujeitos-*gays* que escreviam em *blogs* do tipo diário eletrônico produziam discursos de/sobre homofobia. A perspectiva analítica, metodológica e teórica adotada foi a da Análise do Discurso de linha francesa (AD), tendo como principal teórico Michel Pêcheux (1997a, 1997b, 1999, 2008, 2010, 2014), que (re)elaborou os conceitos³ de discurso, ideologia, formação discursiva (FD) e (posição) sujeito.

No mestrado, analisamos que o sujeito-*gay* pode ocupar posições discursivas distintas, afetado pelas redes de memória no processo de inscrever dizeres em espaços do digital e produzir sentidos. Observamos dizeres que destacavam a violência da qual os *gays* são vítimas em seu cotidiano, com inúmeros relatos pessoais e, ao mesmo tempo, discursos nos quais a violência era estimulada e inscrita por eles contra outros *gays*. Desse modo, nosso *corpus* permitiu observarmos que a homofobia⁴ era relatada, mas também significada por sujeitos-*gays*.

Com os *blogs*, houve a possibilidade de investigar os discursos produzidos e publicados por esses sujeitos, analisando materiais que inscreviam formulações variadas, permitindo pensar a consideração sobre o nós, o efeito discursivo no qual ao falarmos sobre a homossexualidade (ou sobre o homossexual) teríamos um único sujeito, uma categoria plena na qual caberiam todos que se identificassem (ou fossem identificados) desse modo. Sabemos que não é bem assim que funciona o jogo das tensas relações entre os sujeitos e que essa compreensão de possibilidade de agregar o todo em um único sentido é uma ilusão que afeta os sujeitos na sua relação com a linguagem e o mundo.

Na dissertação, observamos, por exemplo, inúmeros relatos de sujeitos-*gays* que inscreviam dizeres sobre as diferenças existentes entre tipos de *gays* no universo homossexual, enfatizando o desprezo pelos afeminados e os culpando pela homofobia existir, destacando que eles eram os responsáveis por fomentar o ódio da sociedade contra todos os

¹ Dissertação orientada pela Prof.^a Dr.^a Lucília Maria Sousa Romão, desenvolvida e defendida na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 2013.

² Conforme indicação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) as citações e referências bibliográficas do trabalho são apresentadas conforme as determinações presentes na norma da *American Psychological Association* (APA), disponibilizada no site da Biblioteca Central de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP).

³ Foi o dispositivo analítico desta pesquisa.

⁴ A homofobia não é apenas a agressão física aos homossexuais. É um conceito amplo, que engloba as práticas da não aceitação dos homossexuais em suas diversas formas, presente nas piadas, na rejeição e compreensão de que ser homossexual não é algo adequado ou normal (Bastos, 2013).

homossexuais. A compreensão de que seria possível perfilar todos os tipos de *gays* em um mesmo tipo ou encontrar uma fala única sobre a homofobia é algo da ordem do ilusório e que foi observada em nossas análises. (Bastos, 2013).

Os *blogs* foram espaços privilegiados de escuta dos dizeres e trabalho com os sentidos produzidos pelos sujeitos-*gays*, marcados pela heterogeneidade. Entendemos que o tecnológico não é o mero suporte do dizer (Dias, 2004), desse modo, debruçamo-nos sobre o funcionamento do ciberespaço, suas potencialidades, a maneira com que as TIC interferem nas relações entre os sujeitos e nos processos de produção dos enunciados presentes nos *blogs*, em condições de produção particulares. As abordagens acerca da homossexualidade não foram realizadas da mesma forma por todos os sujeitos, já que a interpretação não é única, visto que os sentidos não são nunca os mesmos para todos os sujeitos.

Interessados em continuar a investigar a relação entre os sujeitos-*gays*, a homossexualidade e as TIC, elegemos como material de análise as discussões envolvendo três aplicativos de relacionamento voltados para os *gays* (Grindr, Hornet e Scruff) e os materiais publicados acerca dessas discussões na imprensa eletrônica brasileira. Objetivamos compreender o modo como esses aplicativos são apresentados, definidos, identificados e como os seus usos pelos sujeitos-*gays* são discursivizados nos espaços da imprensa brasileira, considerando os discursos jornalísticos capazes de atuar com a cobertura dos acontecimentos da atualidade e na institucionalização dos sentidos. Para o trabalho, selecionamos materiais produzidos por grandes espaços da imprensa brasileira, sendo dois jornais (Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo) e dois portais de notícias (G1 e IG), com materiais publicados de 2010 a 2015 para comporem nosso *corpus* de pesquisa.

Enquanto no mestrado o foco foi no discurso dos sujeitos-*gays* que escreviam em seus *blogs* pessoais, no doutorado nossos interesses recaem nos discursos sobre esses sujeitos e os serviços tecnológicos desenvolvidos para eles, centrados nas suas necessidades no que diz respeito a facilitar encontros e relacionamentos. Consideramos que sentidos são retomados, esquecidos e deslocados nesses espaços de informação jornalística para produzir discursos sobre esses aplicativos e os seus usuários, levando em consideração o que pode ou não ser dito sobre os *gays*, a homossexualidade e produtos com o foco nesses sujeitos nas condições sócio-históricas atuais. O sujeito-*gay* é falado de uma forma específica pelos espaços da imprensa, distinta da realizada em outros momentos (Soares, 2006, 2007). Despertam nosso interesse os deslocamentos que constituem a produção dos sentidos, principalmente ao pensarmos o espaço institucional da estrutura jornalística, já que ela possui relevância social na constituição da memória, dos sentidos e funciona ligada ao imaginário da completude,

isenção e objetividade, sendo tais pontos repetidos a exaustão, principalmente nos materiais produzidos pelas grandes corporações midiáticas.

No entanto, nosso interesse não foi apenas por conhecer mais acerca das temáticas que envolvem a(s) homossexualidade(s) e as TIC. Para nós, prosseguir com reflexões que permitam articular os estudos sobre os sujeitos-gays e o arcabouço teórico da AD é ponto importante, rompendo com a pretensa compreensão da existência de uma única forma de falar e entender os sentidos acerca da(s) homossexualidade(s) e do(s) sujeito(s)-gay(s).

Consideramos que as questões envolvendo sujeitos atrelados à comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), mas em especial os sujeitos-gays, têm ocupado destaque no Brasil nos últimos anos, principalmente na abordagem jornalística, o que interfere na produção de sentidos e na constituição da memória sobre eles. Na esteira de uma temática que adquire novas discussões e significações, acreditamos na importância de propor um estudo que reflita como o consumo e as tecnologias afetam os sujeitos-gays, mas também possibilita outras condições de identificação e significação sobre esses sujeitos.

Observamos a existência de sentidos que naturalizam o acesso às TIC como uma necessidade do sujeito da contemporaneidade, o contrário é posto como estranho: não ter acesso às redes, não querer estar conectado ou marcar o não interesse pelas tecnologias provocam sentidos de estranhamento. Na atualidade, os sentidos de ligação ininterrupta estão cristalizados de tal forma, que temos a paisagem urbana repleta de sujeitos conectados aos celulares *smartphones*, *smartwatches* e *tablets*, seja nas calçadas, bares, livrarias ou ônibus⁵. Nessas condições de produção da atualidade são criados aplicativos de relacionamento que proporcionam meios de conexão pelos celulares *smartphones* e o gesto de busca por parceiros nessas redes de sociabilidade são naturalizados, compreendidos como ligados ao desenvolvimento tecnológico, parte de um cenário que modifica o modo como as relações são estruturadas e vivenciadas.

Propomos o trabalho com uma leitura discursiva acerca do nosso *corpus*. Consideramos que analisar os materiais que circulam e são produzidos nos espaços jornalísticos nos permite novas leituras acerca dos movimentos dos sujeitos-gays e do modo como eles são falados, inscrevendo sentidos autorizados a circularem sobre eles e a homossexualidade, afetados pelo ideológico e as condições de produção da contemporaneidade.

⁵ A disseminação das TIC pelo espaço urbano foi ponto importante da nossa decisão por trabalhar com uma das formas de conexão dos sujeitos na materialidade digital, considerando essa junção como produtora de outros sentidos sobre a vivência no espaço urbano e na relação com os outros sujeitos. Na atualidade, o uso dos celulares no transporte coletivo ou no espaço de uma boate são postos como da ordem do banal. O contrário produz o estranhamento no espaço urbano.

O foco no jornalismo *on-line* foi proposital, visando a discutir as novas maneiras com que essa materialidade circula e afeta os processos de interpretação e leitura por parte dos sujeitos. Compreendemos que o ciberespaço interfere na relação dos sujeitos contemporâneos com os espaços de produção da informação e no modo como pode se dar o seu acesso, circulação e difusão. As TIC possibilitam novas condições históricas e técnicas de contato com os discursos jornalísticos, como também na busca por parceiros para objetivos diversos pelos sujeitos-gays.

Elaboramos algumas perguntas para pensarmos o processo de análise do *corpus* da pesquisa, quais sejam, de que maneira o espaço da imprensa produz sentidos sobre os sujeitos-gays e essas tecnologias de conexão (aplicativos de relacionamento)? Como os espaços de produção da notícia inscrevem essas tecnologias para esse público? Temos alterações no modo como esses sujeitos são inscritos sócio-historicamente? São perguntas que pretendemos responder ao longo da nossa exposição.

Destacamos a existência de trabalhos anteriores produzidos no âmbito da AD acerca das questões envolvendo a homossexualidade masculina (Dezerto, 2008; Soares, 2006; Souza, 1997), o ciberespaço e as TIC (Dias, 2004; Faria, 2012, 2016; Galli, 2008) e os espaços midiáticos (Mariani, 1998; Romão, 2002; Zoppi-Fontana, 1997). Consideramos que esses dizeres, produzidos no âmbito científico e retomados constantemente na construção desse trabalho, são importantes para refletirmos o modo como as redes de memória funcionam produzindo uma teia de sustentação da palavra que vem a seguir, em um processo de inscrição que não cessa de ser distinto, mas ao mesmo tempo, requer uma base sólida para ser lançado, marcando que a teoria do discurso, a qual nos filiamos, já tem produzido saberes acerca do que pretendemos compreender no percurso proposto no presente trabalho.

Estruturamos este texto em cinco partes: a Introdução, com a parte inicial do trabalho. O capítulo 1, no qual apresentamos considerações analíticas, metodológicas e teóricas da AD, com a abordagem dos conceitos selecionados para auxiliarem no trabalho de análise e na discussão do modo como o *corpus* foi constituído. O capítulo 2 envolve a discussão acerca da constituição sócio-histórica do contemporâneo, nos quais temos subseções relacionadas ao consumo, globalização, jornalismo e às TIC, com destaque, para as inovações produzidas pelo ciberespaço. No capítulo 3, a discussão está relacionada à historicidade que envolve a constituição e nomeação dos sujeitos-gays, compreendendo a existência de mudanças que permitem problematizar os novos modos de abordagem sobre a homossexualidade, o que interfere na memória desse grupo e na possibilidade de produção de outros sentidos, assim como asseguram a produção de iniciativas como a dos aplicativos de relacionamento voltados

para eles e, também, discutidos nessa parte do trabalho. O último capítulo, envolve as Considerações Finais da Tese. Optamos por apresentar nossas análises discursivas ao longo dos capítulos 1, 2 e 3, interessados em promover a observação da estrutura teórica em relação permanente com os recortes selecionados do nosso *corpus* de pesquisa.

Capítulo 1

O referencial da Análise do Discurso de linha francesa: análise, método e teoria

Desenho do artista Jean Jullien

Fonte: https://www.instagram.com/p/BE0mejbfHhy/?hl=pt&taken-by=jean_jullien

O pássaro que a minha alma pretendia? Eu mesmo, o de antes, contemplando o tempo-água que é e não é o mesmo e no entanto corre e sem te tocar te modifica inteiro? Há um acúmulo de significados tomando conta das coisas neste instante, as coisas estão crescendo de significado. A pedra prateada em cima da mesa... um amigo me trouxe lá dos Andes... não é só a pedra prateada que um amigo me trouxe lá dos Andes, é um mais sem nome, impossível de decodificar para você.
(Hilst, 2003, p. 99).

Neste capítulo, iremos trabalhar com o modo como a Análise do Discurso de linha francesa é compreendida em referência ao que tange a sua estrutura analítica, teórica e o seu método. Abordaremos nossos objetivos no desenvolvimento desta pesquisa e o modo como ocorreu o trabalho de constituição do nosso *corpus* de análise. Apresentamos também os conceitos discursivos mobilizados e o modo como ocorre o trabalho interpretativo do sujeito na posição de analista do discurso.

Para efeitos de organização, separamos este capítulo em quatro partes: i) abordando a constituição da AD e os objetivos propostos no trabalho; ii) apresentando o nosso olhar acerca do método dessa área do conhecimento e indicando o modo como o analista do discurso trabalha; iii) discutindo as noções de arquivo, *corpus* e recorte discursivo, expondo o modo como selecionamos o material que compõe o nosso trabalho; e iv) mobilizando os conceitos teóricos que serão trabalhados, trata-se do dispositivo analítico empreendido para estruturar a pesquisa.

Iniciamos a discussão acerca do desenho da pesquisa na próxima seção, na qual, detalhamos os objetivos da pesquisa e da própria teoria a que estamos filiados.

1.1 Considerações acerca dos objetivos teóricos e da pesquisa

A orientação analítica, metodológica e teórica do presente trabalho é ancorada na AD, tomando como principal autor o filósofo francês Michel Pêcheux⁶ (1997a, 1997b, 1999, 2008, 2010, 2014). Trabalhamos com materiais publicados em espaços jornalísticos por empresas midiáticas brasileiras, no suporte *on-line*, abordando a forma como os sujeitos-gays⁷ estabelecem relações com os aplicativos de relacionamento direcionados para eles e analisando o modo como esses sujeitos, inscritos na posição de usuários, e essas ferramentas são significados nesses espaços.

⁶ Michel Pêcheux nasceu em 1938 na cidade francesa de Tours e faleceu em 1983 em Paris (Maldidier, 2003).

⁷ Na pesquisa, optamos pelo uso da nomenclatura “sujeito-gay” para nos referirmos aos sujeitos tratados no universo deste trabalho. Existiam outras possibilidades de nomeação, mas escolhemos esta pelos seguintes motivos: i) a compreensão de que o termo *gay* tem sido amplamente difundido nos veículos de imprensa do Brasil e outros lugares de referência em nossa sociedade, como nos espaços científicos, políticos e publicitários; ii) o entendimento de que o termo *gay* está relacionado a ideia de um sujeito ligado ao universo do consumo, ao espaço urbano e as inovações tecnológicas, vinculado à forma-sujeito da contemporaneidade; e iii) a observação da relação global da estrutura da língua(gem) ao pensarmos em como ocorre a penetração de um termo estrangeiro em um espaço geográfico e linguístico outro. Pela compreensão discursiva, entendemos que essa noção é carregada de sentidos, já que está atrelada a discursos anteriores, inscritos em outros contextos e que ressoam, cada dia mais, com a efervescência das discussões de temáticas relacionadas aos gays no Brasil e no mundo.

Nosso intuito é observar: i) de que modo essa tecnologia é discursivizada, inclusive, nas falas dos sujeitos-*gays* que aparecem nas reportagens, por meio dos seus depoimentos⁸; ii) como são inscritos sentidos acerca das relações desses sujeitos com os aplicativos de relacionamento; e iii) em que medida é indicado que os sujeitos-*gays* são afetados por essas ferramentas tecnológicas. Compreendemos a necessidade de entender melhor o modo como são identificadas as relações entre os sujeitos e as tecnologias na contemporaneidade, para tanto, focamos nossa observação neste grupo.

Salientamos que se trata de um grupo heterogêneo, fragmentado e que produz sentidos distintos sobre a homossexualidade, sobre o que é ser *gay*, os aplicativos de relacionamento e as relações possíveis na contemporaneidade. Ao longo do nosso percurso de pesquisa, observamos como é ilusória a tentativa de produção de um sentido único acerca dos sujeitos-*gays* e dos usos que realizam dessas tecnologias de encontros, já que os desejos, interesses e objetivos são variados, conforme será exposto ao longo da pesquisa. Nos recortes discursivos analisados, observamos, por exemplo, o interesse pela realização de fetiches, a busca por amor, o encontro do sexo casual, a promoção de práticas de prevenção as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) por parte de instituições de saúde de vários países, a crença na obtenção do anonimato para poder viver tudo o que é desejado sem culpa ou sem deixar rastros, entre outros motivos que serão discutidos ao longo das nossas análises.

Identificamos como justificativa para esta Tese a importância de refletirmos sobre o modo como os espaços da imprensa brasileira abordam a relação dos sujeitos-*gays* com uma nova tecnologia de comunicação e a análise dos sentidos que são inscritos nesse processo. Discutimos o modo como sentidos atrelados a dilemas, oportunidades e novas formas de ser e estar na sociedade são postos em jogo nos espaços jornalísticos ao abordar o surgimento, desenvolvimento e uso de uma tecnologia para determinado grupo.

A escolha por trabalhar com os textos jornalísticos nos pareceu interessante por possibilitar o contato com materiais que abordam de maneiras variadas a interação dos sujeitos-*gays* com a tecnologia dos aplicativos, compreendendo-as como causadoras de transformações nas relações estabelecidas por esses sujeitos, contando com depoimentos de usuários dessas redes de sociabilidade, bem como de profissionais de inúmeras áreas (ativistas, autoridades públicas, cientistas, especialistas, profissionais da saúde, etc.) que tentam definir os modos de uso, as alterações que são produzidas em inúmeros campos (amor,

⁸ Depoimentos que constituem e estruturam o funcionamento dos discursos jornalísticos na produção de sentidos que inscrevem o que é ali apresentado como fato, corroborando para a compreensão de que ali é apresentado o retrato da realidade.

ativismo, negócios, saúde, sexo, etc.) ao pensar os resultados da incorporação dessas ferramentas no cotidiano desses sujeitos. Mas não é só isso.

Outros pontos importantes elencados para justificar a importância de trabalharmos com os materiais jornalísticos como *corpus* desta pesquisa são: i) a necessidade de refletir o modo como o discurso jornalístico ainda é idealizado como lugar de verdade, compreendido como produzido a partir de uma posição de isenção, capaz de funcionar como testemunho⁹ que documenta o que acontece no momento e, futuramente, como arquivo que armazena esses dizeres, idealizados como em condições de traduzir como determinado evento foi vivenciado no passado; ii) o digital como materialidade que produz diferenças no acesso aos materiais informacionais, marcado por atualizações e inserções contínuas; iii) problematizar os discursos e os espaços jornalísticos como lugares da institucionalização dos sentidos, do funcionamento dos discursos sobre (Mariani, 1998; Orlandi, 2008), espaços relacionados a produção de conhecimentos e a tradução da realidade, negando que o que é apresentado ali é apenas uma interpretação possível entre tantas outras existentes; iv) observar mudanças no modo como os sentidos sobre os sujeitos-gays são repetidos e/ou modificados no processo sócio-histórico e isso aparece ao longo da cobertura jornalística; e v) ressaltar a relevância de pensar nos espaços científicos os materiais jornalísticos, considerando os aspectos discursivos, ideológicos e políticos que envolvem a produção dos seus enunciados, longe de uma visão de mera transmissão informacional, na qual, os sentidos seriam os mesmos para todos, o que sabemos ser ilusório ao trabalharmos com os discursos, conforme estabelece Pêcheux (2008).

Atuamos com a leitura dos materiais jornalísticos com a perspectiva da AD. Essa marca do modo como realizamos o trabalho com os discursos é importante, pois inscreve diferenças de outras possibilidades de leitura, como a realizada pelos pesquisadores que atuam com o foco no conteúdo dos dizeres, filiados a outras perspectivas teóricas. Nosso interesse é outro, pois entendemos o discurso, a linguagem e os sentidos de outra maneira. Operamos com o discursivo, considerando a exterioridade como fundamento do discurso, levando em conta os esquecimentos, as repetições e os silêncios durante o trabalho de análise do *corpus*.

Ao trabalharmos com o sujeito-gay do nosso *corpus*, identificamos que se trata de um sujeito distinto do existente em outros momentos, em diferentes contextos sócio-históricos. Produzimos essa compreensão, ancorados nas leituras acerca da historicidade da homossexualidade no Ocidente, em especial, no Brasil, realizadas para a produção desse texto

⁹ A noção de testemunho é trabalhada em uma aproximação com as considerações teóricas de Agamben (2008).

e nas análises empreendidas sobre os recortes discursivos selecionados. Outros sentidos são possíveis para os sujeitos-*gays* nos espaços urbanos, nas relações com as instituições e com os discursos institucionais, como os relacionados ao espaço econômico, jurídico, médico e político. Discursos e sentidos que instauram outros gestos de significação e presença desses sujeitos na sociedade, mas também na história, na produção de outros gestos que passam a ocupar e disputar espaço na constituição da memória sobre os *gays* e a homossexualidade. É pela via do discursivo que pretendemos contribuir para as reflexões sobre essas temáticas, pensar as alterações produzidas e os sentidos em disputa.

Inferimos que o sujeito-*gay* na atualidade é valorizado pelo mercado¹⁰, com espaço e acesso ao universo do consumo¹¹, e identificado na posição de consumidor¹², isso inscreve o sujeito-*gay* em outra posição discursiva, diferente da observada em outros momentos sócio-históricos (Soares, 2006, Souza, 1997), o que não significa que sentidos negativos não emergam¹³, mas que outras inscrições de sentidos, que anteriormente não eram possíveis, passam a existir e ganhar espaço, possibilidade de circulação e repetição.

¹⁰ No cotidiano são recorrentes os enunciados que mobilizam os aspectos econômicos para justificar os motivos pelos quais os sujeitos-*gays* merecem respeito, por exemplo: “eles pagam seus impostos, devem ter os mesmos direitos”, “pago os meus impostos, sou um cidadão como outro qualquer” ou “não vamos mais consumir determinada marca por sua postura homofóbica”. Compreendemos a naturalização de ações que mobilizam os aspectos econômicos desses sujeitos como modo de serem identificados como cidadãos, cobrando direitos, exigindo respeito e mobilizando ações de boicote contra instituições que adotam posturas consideradas preconceituosas e não inclusivas. É pela mobilização dos recursos financeiros que os sujeitos-*gays* salientam sua importância na sociedade, assegurando visibilidade e permitindo a inscrição de sentidos positivos sobre esse grupo. Salientamos que essas transformações são recentes e instauram sentidos que relacionam o consumo a obtenção de avanços nas conquistas por aceitação social e direitos dessa comunidade.

¹¹ Compreendemos que o sujeito-*gay* falado nos espaços jornalísticos analisados é o da classe média e média alta, com acesso e condições de consumir. A entrada nos aplicativos de relacionamento perpassa esse processo, envolve as condições econômicas e sociais para acessar o ciberespaço e adquirir o equipamento para a realização da conexão. As dificuldades de acesso às condições materiais e econômicas para estar nessas redes de sociabilidade, significando e produzindo sentidos ali, não foram abordadas em nenhum dos textos jornalísticos analisados em nosso percurso de trabalho. Compreendemos que existe um silenciamento sobre as dificuldades de conexão a essas redes e tecnologias, ignorando questões que envolvem os aspectos econômicos e sociais que impedem que todos os sujeitos-*gays* possuam as mesmas condições de acesso ou sejam compreendidos como inseridos nas relações de consumo.

¹² O termo *pink money* é utilizado para especificar o dinheiro dos sujeitos-*gays*, foco de interesse de uma série de empresas que passam a valorizar esses sujeitos como setor importante da sociedade capitalista, com alto poder de compra, portanto, essenciais para o aumento dos lucros. A Revista IstoÉ Dinheiro (2016) apresenta dados que indicam que o movimento financeiro dos *gays* é de US\$ 3 trilhões ao redor do mundo e R\$ 150 bilhões por ano no Brasil, o que os coloca como parte importante, e interessante, da estrutura capitalista, valorizados pelo lucro que produzem e as estimativas do que irão gerar nos próximos anos.

¹³ Os casos de homofobia no Brasil demonstram que a violência ainda é parte da rotina dos sujeitos da comunidade LGBT, mesmo com avanços e conquistas, ainda é comum observarmos discursos preconceituosos em diferentes espaços, inclusive na esfera pública, e os dados da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (ILGA) sobre crimes contra essa comunidade em 2017 revelam 340 mortes motivadas por homofobia (Diniz, 2017). Observamos que os avanços também não ocorreram de modo equivalente a todos os membros da comunidade LGBT, ao pensarmos, por exemplo, nas disparidades nas conquistas e representatividade social dos sujeitos-*gays* frente as travestis e transexuais.

Compreendemos que a resistência dos sujeitos às possibilidades de inclusão e a conquista de direitos por parte dos homossexuais faz parte dos processos de constituição dos sujeitos e dos sentidos, já que nenhuma interpelação ideológica é plena, capaz de produzir o consenso¹⁴. O sujeito resiste (Pêcheux, 2014) estabelecendo relações com outras formações discursivas (FDs) e sentidos, interpelado pela ideologia que produz a naturalização de que é necessário lutar contra essa comunidade e a inversão de valores que eles acreditam que ela representa. Na relação com os sentidos é que os sujeitos compreendem que não devem aceitar os homossexuais e que a homofobia não é um crime ou ato de preconceito, mas um direito, uma forma de impedir o avanço daqueles e daquilo que desestrutura a sociedade¹⁵, dizeres balizados e repetidos em outras FDs, como a de religiões cristãs. As interpretações negativas sobre os sujeitos-gays ressoam na memória discursiva, ancoradas em dizeres e sentidos anteriores, retomados para justificar os motivos da não aceitação, da luta contra esses sujeitos e da prática da homossexualidade.

Consideramos que a formação imaginária dos espaços jornalísticos sobre os sujeitos-gays, com base no nosso *corpus*, é a de que aborda sujeitos imersos nas relações com os espaços de consumo mais variados, com estilos de vida que atendem e interessam aos mais diferentes empreendimentos financeiros, capazes de movimentar muito dinheiro¹⁶. Os sujeitos-gays são identificados como importantes em uma estrutura social que é ancorada sob a égide do consumo e dos recursos financeiros, são notados e relacionados ao montante financeiro que colocam em circulação, o que produz impacto na forma como esses sujeitos são observados, no imaginário produzido por e sobre eles e reflete nas abordagens praticadas dos espaços jornalísticos e nos sentidos produzidos.

No entanto, sabemos que a filiação a determinado sentido nunca é plena e realizada da mesma forma por todos os sujeitos, já que os sentidos não são os mesmos para todos e as

¹⁴ Desse modo, compreendemos que a formulação de leis que assegurem os direitos da comunidade LGBT é importante, pois elas funcionam produzindo o imaginário do consenso da necessidade de proteção desse grupo de sujeitos e naturalizam, como dever de todos os cidadãos, o respeito a eles, com consequências legais para os que incentivam ou praticam formas de violência. O texto jurídico funciona como uma forma de administração dos sentidos, da tentativa de produção de diretrizes do que é ou não adequado na sociedade (Orlandi, 2010b). No entanto, sabemos que isso não impede que os sentidos de homofobia continuem sendo produzidos, mas possibilita outras identificações na relação com a FD jurídica, junto ao que é posto como errado e ilegal, o que afeta os sujeitos na produção dos sentidos.

¹⁵ Veremos como as justificativas para o preconceito contra os homens que ousaram manter relações com outros homens foram produzidas ao longo do tempo, justificando perseguições e culpando esses sujeitos por desgraças, doenças, relações com o demônio e atos imorais.

¹⁶ A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é um exemplo, já que é classificada como um dos principais eventos da cidade de São Paulo e junto com a Fórmula 1 é o evento com o maior fluxo de turistas da maior cidade do Brasil. A Parada gera receita financeira, milhares de empregos e produz visibilidade internacional para a cidade. Em 2017, a marcha contou com o apoio da Prefeitura da cidade de São Paulo que investiu R\$ 1,4 milhões, com a estimativa de que o retorno financeiro para a cidade foi de R\$ 100 milhões (Mendonça, 2017).

relações com as diferentes FDs interferem nesses processos (Pêcheux, 2014). Os sujeitos rompem o tempo todo com os sentidos, sempre passíveis de produzirem outras interpretações e questionarem o que é posto como evidente. Pensamos esses pontos ao considerarmos como o sujeito-*gay*, mesmo relacionado na atualidade a novas formas de identificação, ainda é inscrito por inúmeros sujeitos, inclusive atrelados a espaços institucionais, como doentes ou pecadores. Sentidos que estão presentes no cotidiano, circulam com força em inúmeros espaços, identificados como adequados em inúmeras FDs e sustentando as interpretações de inúmeros sujeitos como óbvios, retomando já-ditos e movimentando a relação com a memória para a produção dos dizeres.

É impossível ao sujeito querer assegurar a mesma interpretação para todos, já que ele não é dono dos sentidos. Pensando no nosso *corpus* é isso que observamos ao abordar o modo como o sujeito-*gay* é falado, como são produzidos dizeres sobre ele. Ao mesmo tempo em que aparecem marcas destacando o modo como esses sujeitos são modernos ao utilizarem os aplicativos de relacionamento para encontrarem parceiros para o sexo casual, precursores nesse tipo de busca, ocupando destaque nas iniciativas empresarias que administram esses programas e serviços, também são observadas inscrições que os colocam como candidatos potenciais a contaminação por DST, sentidos relacionados a FD do campo da saúde que retoma compreensões sobre esses sujeitos como doentes em potencial, merecedores de mais atenção por parte dos espaços oficiais de saúde por possuírem o histórico com doenças sexuais e por possuírem elevado número de parceiros sexuais. Isso é analisado ao longo dos nossos recortes e expõe como diferentes compreensões e interpretações sobre os sujeitos-*gays* são produzidas.

Compreendemos que o sujeito-*gay* está atrelado a forma-sujeito atual, ligado ao capitalismo, consequentemente, imerso nas relações de consumo, no desejo pelo respaldo jurídico e na compreensão de que os recursos financeiros fornecem os meios para que ele alcance a condição de cidadão. Notadamente, a formação imaginária que atravessa a compreensão sobre o sujeito-*gay* é a de que ao consumir ele é cidadão, possuidor de poder para conseguir espaço e respeito na sociedade. É pela via do capital que o sujeito-*gay* identifica as possibilidades de avançar e produzir novos sentidos na sociedade.

No capitalismo, a noção de cidadão, e sua posição no discurso, está vinculado ao consumo e ao funcionamento dos espaços jurídicos, desse modo, os sujeitos são afetados no modo como produzem discursos e sentidos, mas também como são identificados e interpretados. O sujeito-*gay*, ao ser compreendido como figura importante na sociedade de consumo, passa a ser identificado como cidadão, digno de contar com o respaldo jurídico e

interpretado de outros modos na sociedade. É pela sua relação com o consumo que esse sujeito é compreendido como possuidor de direitos e espaço na sociedade.

Defendemos que a constituição da noção de cidadania e a posição cidadão não são dadas de forma automática em nossa sociedade¹⁷, mas são atingidas por outras vias, entre elas, a do poder de consumo de um grupo, como é o caso dos sujeitos-*gays*. Novamente, pensemos no exemplo da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, ela obtém apoio financeiro e institucional da prefeitura da cidade e do Ministério do Turismo do Brasil por sua capacidade de captação de recursos e visibilidade internacional, esses processos pesam para que haja esse apoio. É o dinheiro produzido pelo evento e seus participantes que justifica e mobiliza a concordância que o investimento na marcha organizada pela comunidade LGBT é necessário.

Orlandi (2000)¹⁸ analisa como no Brasil é comum a mobilização da compreensão de que não se é cidadão pelos campos jurídico e político, de forma automática, mas sim, tornando-se cidadão. Orlandi (2000) salienta que é recorrente essa transformação estar associada a outros campos, por exemplo, ao campo educacional, com a visão de que a educação é capaz de formar ou produzir cidadãos, por isso, sua importância e a necessidade de que haja investimentos nesse setor.

Compreendemos, pelo trabalho com o *corpus* e os materiais teóricos da pesquisa, que no caso dos sujeitos-*gays* essa transformação ocorre pela via do poder econômico¹⁹, por meio dele é que esse sujeito exige seus direitos, barganha conquistas e é autorizado a ser aceito em uma relação com outros espaços de sentidos, identificados de outros modos, ligados a sentidos que os qualificam e modificam a memória sobre eles. Sujeito compreendido como autorizado a ocupar a posição de cidadão. Nesse processo, a estrutura econômica mobiliza os espaços jurídicos e políticos, assegura alguns avanços, já que essas estruturas institucionais

¹⁷ A Constituição Brasileira indica que a cidadania é um dos fundamentos do Estado Democrático de Direito (Brasil, 1988), ou seja, pelo texto jurídico e político, por força da lei maior do país, deve ser assegurada a todos os brasileiros. No entanto, sabemos que isso não é realidade, já que os sujeitos são compreendidos e significados de diferentes modos, alguns compreendidos como merecedores de proteção e direito à cidadania e outros não. Esse sentido de que a cidadania é assegurada para todos é uma ilusão produzida por uma formação imaginária que envolve as relações dos sujeitos com o discurso jurídico e sua suposta capacidade de que todos já ocupam a posição de cidadãos ao nascerem, sem distinções, ignorando que os sujeitos não ocupam as mesmas posições na sociedade e isso produz diferenças. Uma das funções do discurso jurídico é a produção do consenso, visando assegurar a harmonia para a administração e o funcionamento da sociedade (Orlandi, 2010b).

¹⁸ Orlandi (2000) salienta que a ausência e enfraquecimento do Estado é cada vez mais sentida, bem como o avanço da importância do mercado financeiro e da iniciativa privada, nesse processo, compreendemos que isso reforça a relação entre ser cidadão e ser consumidor estabelecida em nossas reflexões.

¹⁹ Esses processos não são um ritual sem falhas, como alerta Pêcheux (2008), mas marcados por rupturas e contradições, nas quais, observamos dizeres de empresários, juristas e políticos que ainda repercutem sentidos negativos acerca dos sujeitos-*gays* na atualidade. Não temos uma adesão única a outros sentidos possíveis sobre esses sujeitos. Temos movimentos de sentidos, mas a memória e a relação com outras FDs, afetam os sujeitos e sua produção de sentidos de não aceitação, repetindo marcas que inscrevem os sujeitos-*gays* como criminosos, doentes e/ou pecadores.

estão relacionadas, mas produz tensão com aqueles que não aceitam essas conquistas e novas possibilidades de sentidos aos sujeitos-*gays* e a homossexualidade.

Ressaltamos que as lutas históricas empreendidas pela comunidade LGBT foram fundamentais nas conquistas por direitos no Ocidente e para a produção de outros sentidos sobre esses sujeitos, em especial, os *gays*. No entanto, compreendemos que é ao ser identificado na posição de consumidor, como grupo relacionado as classes média e média alta, com poder de compra, que os sujeitos-*gays* efetivam a legitimidade de suas reivindicações, avançando na conquista de direitos, no modo como são representados socialmente e na regularidade da abordagem não pejorativa por parte dos espaços da imprensa. O trabalho de Soares (2006) permite observarmos mudanças entre o que é publicado hoje e o que era na década de 1980 sobre os sujeitos-*gays* e a homossexualidade.

Diante dessas mudanças, o sujeito-*gay* mobiliza as TIC e a capacidade de conexão para buscar parceiros para objetivos variados em aplicativos de relacionamento direcionados a eles, entre eles, os três que escolhemos para trabalhar nesta pesquisa: o Grindr, o Hornet e o Scruff. Na relação com as tecnologias, o sujeito-*gay* estabelece novas formas de contatar possíveis parceiros, distribuídos pelo espaço geográfico e ordenados conforme a sua localização ou de acordo com as delimitações inseridas no sistema, utilizando os recursos dos filtros disponíveis nos três aplicativos e que permitem que ele recupere perfis relacionados aos seus interesses. Assim, o sujeito-*gay* está implicado pelas tecnologias no modo como estabelece relações com outros sujeitos, seja na forma como os aplicativos facilitam na realização dos encontros, mas também no que diz respeito aos processos de contato sexual, já que as tecnologias são parte das iniciativas de prevenção e o estímulo ao seu uso é permanente, não mais restritas somente ao uso dos preservativos, pois são popularizados medicamentos e vacinas para evitar o contato com possíveis DST ou para realizar o seu tratamento.

O sujeito-*gay* é compreendido inserido na lógica do funcionamento das tecnologias, da conexão ilimitada, do consumo e da informação. Sujeito que crê na possibilidade da redução do outro ao numérico, ao traço informacional binário, capaz de condensar e armazenar tudo e todos pela lógica da precisão dos números, assegurando que o par ideal para a realização das suas fantasias de amor ou sexo possam ser encontrados, ou mesmo, impeça a aproximação de um parceiro que não atenda aos seus requisitos pré-estabelecidos. A aposta é na capacidade de triar os perfis existentes nos aplicativos de relacionamento, compreendidos como grandes bancos de dados, estruturas que armazenam milhões de usuários do mundo e asseguram que o que é procurado no outro será ali encontrado.

Nos aplicativos de relacionamento o consumo é trabalhado pela via do imaginário, da possibilidade de atingir o todo, com a idealização de que é possível o mapeamento completo das opções de *gays* disponíveis em determinada região, tornando prática a busca pelo parceiro desejado, com a capacidade de encontrar exatamente aquilo que se quer, considerando características como o tipo físico, gostos e interesses por práticas sexuais específicas. Como um grande catálogo, o sujeito-*gay* poderia escolher livremente aquilo e aquele que deseja, interagindo e tentando obter a sorte com as opções ofertadas, desejoso de que suas vontades serão plenamente satisfeitas. Na sociedade capitalista, a naturalização é de que tudo está na ordem das relações de consumo, inclusive o amor, a amizade e o sexo, os aplicativos estabelecem seu funcionamento atrelado à compreensão de demanda e oferta, inclusive, oferecendo melhores condições de busca para quem paga por isso, com a assinatura de planos de serviços especiais.

Os usos das tecnologias proporcionam aos sujeitos-*gays* estabelecer outros gestos de organização sobre o modo como as relações são produzidas. Pela estrutura da tecnologia é que os sujeitos acreditam ser possível classificar e controlar os tipos de relações que desejam estabelecer, seja com um tipo específico de parceiro ou objetivo, assim como garantir a segurança no ato sexual, com a mobilização de ferramentas que assegurem a não contaminação por DST ao estabelecer práticas inscritas como autorizadas e seguras para a realização do sexo.

Diante dessas transformações, acreditamos que o interesse dos espaços do jornalismo acerca dessas tecnologias não é aleatório, mas vinculado ao fato de os sujeitos-*gays* e dessas tecnologias estarem relacionados ao universo do consumo e ao espaço urbano, esses pontos são importantes para entendermos a produção das abordagens. Discutiremos agora, a AD, a disciplina analítica, metodológica e teórica que estrutura nossos gestos de leitura e trabalho com o *corpus*.

Como aponta Orlandi (2002, 2005a, 2010a), a AD é uma disciplina de entremeio e, portanto, marcada por contradições e confrontos em seu interior, decorrentes de seu processo de constituição, tendo o discurso como seu objeto de estudo científico. Desse modo, a AD se constitui na relação teórica entre três diferentes campos do saber: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, mas ressaltamos que não se trata da simples bricolagem teórica visando à discussão da noção de discurso. A questão é mais ampla e complexa. A AD estabelece relações com esses três campos do saber, mas possui uma constituição que é particular, com método, objetos e objetivos próprios. Nas palavras de Orlandi (2010a, p. 13):

Podemos, isso sim, dizer que a análise de discurso pressupõe a psicanálise, a lingüística e o marxismo. E os pressupõe na medida em que se constitui da relação de três regiões científicas: a da teoria da ideologia, a da teoria da sintaxe e da enunciação, e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria psicanalítica do sujeito. É este o contexto teórico da análise de discurso. São essas as condições históricas do aparecimento da análise do discurso.

Orlandi (2002, p. 65) salienta que as disciplinas que constituem a AD marcaram outra forma de pensar os processos de compreensão da noção de sujeito e o fazer científico no campo das Ciências Humanas, “o marxismo, que afirma a não-transparência da história, a psicanálise, que ‘escuta’ a não-transparência do sujeito, e a lingüística, que se constitui na não-transparência da língua”. Isso nos leva ao processo de deslocamento no entendimento dessa noção, e de outras, na constituição dos sentidos no modo de reflexão científica existente até o momento do aparecimento dessa disciplina. Courtine e Marandin (1981) salientam que a AD, desde o seu surgimento, trabalha com o questionamento das certezas do campo científico. E vão além: coloca em questão a própria posição do sujeito-pesquisador e a suposta evidência dos resultados produzidos ao longo do seu trabalho de análise e investigação.

Segundo Leandro (2005) e Maldidier (1997), a AD teve uma dupla marca de fundação, por meio das contribuições de Michel Pêcheux, com o lançamento de seu livro “Análise Automática do Discurso (AAD)” e da publicação da revista *Langages*²⁰, sob a organização de Jean Dubois, ambos em 1969. A constituição teórica da AD ocorre no final da década de 1960, época em que a corrente de pensamento Estruturalista era apresentada como marco científico e intelectual norteador (Orlandi, 2003). Período marcado pela constante exclusão do sujeito como figura relevante durante a análise e reflexão no fazer científico, de modo que “importava normalizar o sujeito, já que era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada” (Leandro, 2010, p. 19).

Filósofo de formação, Michel Pêcheux desenvolveu seu trabalho de pesquisa no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) entre as décadas de 1960 a 1980. A fundação da AD na França ocorreu no momento em que o país vivia transformações profundas, como os protestos de Maio de 1968 e a revisão epistemológica do fazer científico dentro dos espaços de formação universitária²¹, conforme ressalta Leandro (2003). Segundo Leandro

²⁰ *Langages* n. 13, de 1969. Recuperado de http://www.persee.fr/issue/lgge_0458-726x_1969_num_4_13

²¹ Orlandi (2010c), em discussão sobre o Maio de 1968, problematiza que os esquecimentos e os silêncios constituem a memória discursiva e são parte desse acontecimento discursivo. Orlandi (2010c) compreende que essa memória afeta a formulação dos sentidos acerca dos eventos históricos e sociais existentes. Podemos pensar nessa formulação teórica, ao identificarmos o modo como a censura interferiu na constituição e circulação dos sentidos durante o período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), inclusive, sobre questões envolvendo os gays e a homossexualidade, como posto por MacRae (1990).

(2011), a concepção de homem cartesiano, dono do seu dizer e dos seus sentidos incomodava Michel Pêcheux, bem como uma compreensão da história não marcada por suas contradições e seus processos de confrontos resultantes de sua constituição e da noção de língua ancorada na ilusão da transparência, capaz de dizer tudo, estável e transparente. Inquietações fundamentais para a produção de outros gestos científicos, produtores de um campo novo do saber que é a AD²².

A chegada da AD no Brasil ocorre na década de 1980, durante um momento político complexo, em que o país vivia a Ditadura Militar, no qual as práticas da censura e repressão por parte do Estado eram realidade. É no final da década de 1980, que as pesquisas com a AD começaram a ganhar espaço nas universidades brasileiras, impulsionadas pelos trabalhos desenvolvidos na Universidade de Campinas (UNICAMP) pelo grupo coordenado pela Prof.^a Dr.^a Eni Puccinelli Orlandi, resultando em uma produção científica profícua, na qual artigos científicos, livros, traduções das obras de Michel Pêcheux²³ e a formação de pesquisadores²⁴ foram fatores que contribuíram para que esse pensador fosse difundido e pesquisado no país (Scherer, Sousa, Medeiros, & Petri, 2014). Segundo Mariani, Moura e Medeiros (2011, p. 293), a AD reuniu no Brasil, uma série de pesquisadores das mais variadas regiões, “interessados em pensar a linguagem em sua relação com a historicidade e com o inconsciente”.

De fato, o trabalho pioneiro desenvolvido pela Prof.^a Dr.^a Eni Puccinelli Orlandi na UNICAMP não resultou apenas no trabalho teórico com pressupostos científicos já estabelecidos na França, mas sim, produziu novas significações e territorialidades para a AD no campo científico do Brasil e da América Latina²⁵. Trabalho de teorização complexo e contínuo, já que mobilizar e pensar a estruturação de conceitos e estabelecer reflexões não é uma atividade simples, o que ressalta a relevância das atividades dessa pesquisadora e do seu

²² Leandro (2016) destaca três grandes interesses (paixões) do pensador francês em seus trabalhos: a língua, o político e as máquinas. Compreendemos o modo como as reflexões que abordam a tecnologia estão em consonância com os interesses de pesquisa de Michel Pêcheux desde o início das elaborações teóricas da AD.

²³ Também merece destaque o trabalho de pesquisa e tradução do material bibliográfico produzido por pesquisadores que atuaram junto a Michel Pêcheux, como Denise Maldidier, Jacqueline Authier-Revuz e Paul Henry.

²⁴ Destacamos a formação de mestres, doutores e pós-doutores. Pesquisadores atuantes em várias instituições de ensino do país. A obra “Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi” publicada em 2011, pela Editora RG, organizada por Eduardo Alves Rodrigues, Gabriel Leopoldino dos Santos e Luiza Katia Andrade Castello Branco apresenta produções de diversos pesquisadores que destacam as contribuições da Prof.^a Dr.^a Eni Puccinelli Orlandi para as ciências da linguagem, em especial, seu trabalho com a pesquisa em AD.

²⁵ Recentemente, em outubro de 2017, participamos do XII Congreso Internacional ALED, sediado em Santiago, Chile, e observamos inúmeros pesquisadores da América Latina que citavam com recorrência os trabalhos de Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi como referenciais teóricos e afirmavam-se como analistas do discurso.

traço de autoria²⁶, contribuindo para o avanço e o desenvolvimento da teoria do discurso (Zoppi Fontana, 2011).

Compreendemos que o desenvolvimento e a institucionalização de uma teoria estão relacionados às condições de produção da área na qual as pesquisas são desenvolvidas (Scherer, Sousa, Medeiros, & Petri, 2014). No Brasil, o trabalho realizado com a AD envolveu uma gama variada de temáticas, desse modo, é possível pensar as elaborações analíticas, conceituais e teóricas dessa disciplina na atuação com tipos variados de materiais, como os relacionados aos discursos jornalísticos, o ciberespaço e a homossexualidade, como trabalhados ao longo dessa pesquisa.

Mariani e Medeiros (2013) consideram como marco político para o desenvolvimento institucional da AD no Brasil sua entrada como Grupo de Trabalho (GT) no evento promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) em 1986, o que funciona como pista da relevância dessa área, seu processo de constituição como disciplina e o rigor teórico envolvido em seu desenvolvimento no país. Ressaltamos, como exemplo da importância do Brasil nos estudos relacionados a essa teoria e ao seu pensador principal, a criação do Fundo Michel Pêcheux²⁷ na UNICAMP, em que documentos originais dele são estudados, mantidos e preservados por pesquisadores da instituição.

A circulação e a produção do conhecimento não são realizadas ao acaso, mas inseridas em políticas acadêmicas, científicas e financeiras específicas, que atendem a demandas nacionais e internacionais, nas quais temos a tensão entre o que os sujeitos-pesquisadores estão interessados em produzir e o que recebem do espaço científico para realizar a sua produção. Questões como o que é identificado como necessário de ser pesquisado, a compreensão sobre a validade de um estudo e os investimentos disponibilizados para determinada área do conhecimento são pontos (sempre) importantes de serem considerados (Mariani & Medeiros, 2013, p. 13):

²⁶ Como exemplo dos avanços teóricos produzidos pelos trabalhos desenvolvidos pela Prof.^a Dr.^a Eni Puccinelli Orlandi, Zoppi Fontana (2011) destaca suas pesquisas e produção sobre a noção de silêncio.

²⁷ O Fundo Michel Pêcheux, localizado na UNICAMP, está disponível para consulta dos pesquisadores interessados desde 2006. Os documentos integram o Centro de Documentação Urbana (CEDU), vinculado ao Laboratório de Estudos Urbanos (LABEUB) – UNICAMP. O trabalho de idealização, montagem e organização do Fundo Michel Pêcheux é de responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Eni Puccinelli Orlandi (Laboratório de Estudos Urbanos, 2006). O LABEUB é um espaço constituído por inúmeros pesquisadores e foi inaugurado em 1992, continua ativo, com o foco em discussões sobre assuntos variados, como a contemporaneidade, o meio ambiente, a mídia e as tecnologias, pensados na relação com os discursos, sentidos e os sujeitos.

Produzir conhecimento, nesse sentido, é se encontrar submetido aos efeitos da historicidade – seja aderindo, seja resistindo, seja propondo criticamente alternativas à política vigente –, que constituem e delimitam o lugar da produção científica no estabelecimento de relações com políticas de Estado, com a sociedade e com a universidade, enquanto lugar privilegiado da disciplinarização e transmissão.

As configurações da AD desenvolvida no Brasil são distintas do modo como foi trabalhada na França, visto que aqui, houve adaptações, apropriações, alterações e trabalhos com outros objetos e materialidades discursivas, o que permite identificar deslocamentos significativos e a indicação de uma teoria com marcas próprias. O conhecimento externo é assimilado e (re)pensado no contexto nacional, principalmente com o constante intercâmbio dos pesquisadores brasileiros com estudiosos estrangeiros, especialmente franceses, o que assegurou o permanente desenvolvimento da área (Mariani & Medeiros, 2013; Scherer, 2008; Scherer, Sousa, Medeiros, & Petri, 2014). Não ocorreu o mero processo de exportação teórica da França para o Brasil, já que a entrada de uma teoria científica em uma determinada conjuntura histórico-social é marcada por consequências em sua estrutura.

Desse modo, podemos afirmar que, no Brasil, os pesquisadores que atuam com a AD conseguem produzir pesquisas, construir percursos próprios e com formulações singulares, sempre em relação com os fundadores da área, mas com gestos próprios, assim “mantemos a fidelidade teórica sem que isso implique submissão à teoria” (Leandro, 2011, p. 348).

São os deslocamentos no espaço científico que asseguram possibilidades de produzir o conhecimento de outra maneira dentro de uma área. Mas ao mesmo tempo, para se produzir uma diferença, o discurso que precede é ponto fundamental, estrutura que não é possível que se abra mão, pois está inscrita na memória (Pêcheux & Fichant, 1977) e constitui a teoria. É o já-lá que permite condições de sustentação de uma forma de dizer, uma memória sobre algo do qual os pesquisadores partem para produzir diferenças, constituir outros sentidos possíveis de serem pensados sobre determinado campo e objeto.

Relacionando as considerações de Pêcheux e Fichant (1977), compreendemos que podemos falar sobre os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-gays, acerca do uso dessas tecnologias, seus perigos e as possibilidades de relações oferecidas a esses sujeitos, por conta das condições de produção específicas da contemporaneidade. As estruturas técnicas das redes formadas graças à internet propiciam essa sensação de relação contínua com o outro que os aplicativos produzem, mas também com as informações formuladas nos espaços jornalísticos e com a estrutura do mercado de consumo. Consideramos esses pontos como elementos importantes para entendermos as condições de

produção, os sujeitos-gays e os sentidos produzidos na contemporaneidade. Discorreremos, mais adiante, sobre essas noções no capítulo 2.

Pontuamos no próximo item deste capítulo, o modo como o campo teórico do qual falamos atua com a formulação de identificações acerca do método discursivo, mobilizado para a estruturação dessa pesquisa.

1.2 O método em Análise do Discurso: postulados da pesquisa

Iniciamos essa subseção com a apresentação da diferença entre metodologia²⁸ e método. Entendemos a metodologia como a ciência que estuda, fundamenta e reflete sobre os métodos existentes. Segundo Minayo (2010, p. 16), “inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade”. Envolvendo as regras para a realização das pesquisas científicas e os métodos considerados lógicos para a validação dos resultados em determinada área. A metodologia atua com a indicação da escolha teórica do sujeito-pesquisador no trabalho com determinado objeto, bem como o modo como os métodos e instrumentos para a realização da pesquisa são operacionalizados. Já o método, consiste na estratégia para a realização de uma pesquisa, na reunião de dados e nas operações executadas para a formulação de considerações acerca de um objeto ou tema, atrelados aos objetivos estipulados pelo sujeito-pesquisador. Neste trabalho, atuamos com o método discursivo, desenvolvido no interior da estrutura teórica da AD, no qual, a relação entre a prática analítica e a estrutura teórica é ponto central e inseparável do processo de trabalho do sujeito-pesquisador (Orlandi, 2004b, 2005c, 2007; Pêcheux, 2008, 2014; Petri, 2013).

A preocupação com o método é algo que se faz presente desde as articulações iniciais da AD, conforme destacam Guilhaumou e Mالدidier (2011), enfatizando as contribuições do texto *Discourse Analysis* de Zellig Harris (1952) nesse processo. Conforme postulado por Orlandi (2004b, 2007, 2010a), a AD possui um desenho particular, com relações internas marcadas por confrontos e tensões específicas entre as suas disciplinas constitutivas. O método que é usado na AD é próprio, considerando que o histórico e o ideológico afetam o sujeito-pesquisador e o seu objeto de análise. Compreendemos que é importante a explicitação metodológica para o entendimento das análises realizadas pelo analista do discurso.

O discurso é objeto de análise na AD. O texto seria o lugar no qual o discurso é constituído e ponto no qual o analista do discurso consegue realizar o seu trabalho de análise.

²⁸

Palavra derivada do grego: *methodos* (organização) e *logos* (pesquisa) (Alvarenga, 2003).

O texto é a representação, o físico da linguagem, seria o “material bruto. Mas é também espaço significante” (Orlandi, 2004b, p. 61). Não atuamos com uma compreensão do texto como lugar no qual os sentidos estão já dados, prontos a serem acessados e terem sua decodificação exposta.

Orlandi (2010a) salienta que o analista atua, em um primeiro momento, com o material linguístico, o que pode ser identificado como o material bruto, o arquivo e o *corpus*, seguido de um processo de aprofundamento no trabalho com esse material resultando no objeto discursivo, que seria um primeiro passo de análise, no qual é possível observar a apresentação do desenho das primeiras FDs presentes na sua organização. No segundo momento, o analista atua com o objeto discursivo, considerando as suas relações com as formações ideológicas, o que permite alcançarmos o processo discursivo e autorizando que o analista dispense os outros materiais reunidos, tendo como trabalhar com o sistema de paráfrases e sinônimas que funcionam em uma FD específica, possibilitando considerações acerca do conjunto de determinados materiais, com os recortes discursivos.

Pensando o trabalho da interpretação na AD, Orlandi (2010a, p. 24) pontua que ela não deve ser identificada como transparente, do mesmo modo que a linguagem não é, assim, “interpretar não é atribuir sentido, mas expor-se à opacidade do texto, ou seja, é explicitar como um objeto simbólico produz sentidos”. Interpretar é uma condição inevitável ao sujeito, processo no qual ele se reconhece na produção dos sentidos. Ao pensarmos a postulação de Orlandi (2010a), entendemos que se trata de uma consideração teórica que vai além de um viés meramente conteudista de conceber a prática de análise de materiais no campo do discurso, isso é ressaltado, já que pretendemos realizar um trabalho de leitura discursiva com o nosso *corpus*.

Consideramos que a AD atua com uma visão crítica ao modelo de trabalho empreendido pela Análise de Conteúdo. Identificamos na AD, o trabalho em outra direção, visto que o foco é escutar os discursos, nos quais as posições discursivas e sua inscrição na língua são consideradas e observadas nos processos discursivos. Da língua, o analista do discurso atua com a materialidade linguística, escutando e analisando os indícios do discurso, no qual marcas, ruídos e silêncios afetam essa relação. Na e pela língua é que temos as condições de atuar com o material discursivo, esse é o nosso corpo de observação, possibilitando o trabalho com os efeitos de sentidos produzidos (Sousa, Garcia, & Faria, 2014). Metodologicamente, temos uma ruptura com um modo de produzir o conhecimento na ciência, mas isso não significa que não haja a garantia da existência do rigor científico e teórico.

No trabalho com a discursividade, temos dois tipos de dispositivos de interpretação (Nunes, 2006; Orlandi, 2007): o dispositivo teórico²⁹, referente a todos os conceitos existentes na AD, proporcionando o estofo para a realização das análises e sendo determinante para o processo de atuação com o dispositivo analítico; e o dispositivo analítico, determinado pelo dispositivo teórico, fornecendo condições para que o analista do discurso atue com a observação dos processos discursivos e do seu funcionamento. O dispositivo analítico é construído pelo analista do discurso a cada análise realizada, marcando as especificidades presentes em cada trabalho, aos conceitos mobilizados, perguntas elaboradas e o lugar do qual o sujeito-pesquisador desenvolve a sua pesquisa. Em nosso trabalho, mobilizamos com nosso dispositivo analítico os seguintes conceitos: condições de produção, discurso sobre, ideologia, memória discursiva e metálica, (forma e posição) sujeito, formação discursiva (FD) e formação imaginária³⁰. Tais conceitos serão apresentados, posteriormente, na seção final desse capítulo.

Reforçamos o duplo batimento entre análises discursivas e estrutura teórica nos movimentos de trabalho do analista do discurso (Petri, 2013). A estrutura teórica permite ao analista deslocar seu olhar e atuar com as fronteiras entre as FDs existentes no material analisado, fornecendo condições para que seja possível compreender os processos envolvidos na produção dos sentidos e no modo como são inscritos ali. Segundo Orlandi (2010a, p. 26):

Feita a análise, o analista não vai interpretar o texto, mas os resultados da análise à luz da teoria do discurso como entrada no dispositivo e a teoria (sociológica, antropológica, linguística etc.) a que ele se filia. A isto chamamos compreensão. Por isso podemos dizer que o analista tem como finalidade compreender o processo de produção de sentidos instalado por uma materialidade discursiva.

O trabalho do analista está implicado com o material analisado. Marcamos que o analista do discurso recusa o entendimento da neutralidade em seu trabalho, identificando que ela é posta como uma ilusão que afeta o sujeito que ocupa a posição de pesquisador. Trata-se de um efeito ideológico que interfere no processo de produção de saberes nas respectivas

²⁹ Conforme ressalta Nunes (2009, p. 373), o campo científico de uma área é marcado por tensões em seu processo de constituição, no qual, determinados conceitos são identificados como mais relevantes e, corriqueiramente, observados com maior frequência em abordagens e análises empreendidas. Isso produz efeitos nas análises realizadas, já que ao atuar com determinados conceitos, outros são deixados de lado, postos “um pouco à margem e que permitem significar novos fatos ou demarcar o lugar de um campo de saber em relação a outros”.

³⁰ Consideramos que as noções de arquivo, *corpus* e recorte discursivo também são partes da estrutura teórica da AD, mas aqui são mobilizados para compreendermos o desenho de nossa pesquisa, atrelados ao método usado. Esse é um exemplo das relações complexas entre as estruturas de análise, método e teoria na AD, reforçando a compreensão de que a AD não pode ser compreendida como mero instrumento de análise do sujeito-pesquisador, sem considerar as consequências analíticas, metodológicas e teóricas envolvidas no processo. Esses conceitos serão apresentados na próxima subseção desse capítulo.

áreas nas quais os sujeitos-pesquisadores estão inseridos. Compreendemos esse processo perpassado pela naturalização de determinados sentidos, entre eles, quem está ou não autorizado a produzir interpretações aceitas socialmente, já que, conforme elucida Pêcheux (1997b, 2014), os sujeitos não enunciam sentidos das mesmas posições e condições sócio-históricas. Rechaçar a identificação de um fazer científico neutro não invalida o trabalho científico e teórico empreendido na AD, mas significa reconhecer que o sujeito que ocupa a posição de pesquisador não escapa ao processo de interpelação ideológica, pelo qual todo indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia (Lagazzi, 1988).

Atuar com o discurso, nessa perspectiva, possibilita considerar o funcionamento da linguagem e sua relação com o histórico e o ideológico, permitindo condições de que o sujeito-pesquisador critique aquilo que parece evidente, questione o que é apresentado como certo, atue com o político que afeta a forma e a fôrma dos sentidos postos como possíveis. Esses movimentos são importantes e considerados no trabalho do analista do discurso (Lagazzi, 1988; Mariani & Medeiros, 2013). O discurso é marcado pela tensão entre o mesmo e o diferente, no qual temos as contradições e o já-lá interferindo na sua constituição o tempo todo.

Lagazzi (1988) explicita que é importante que a estrutura usada como método de análise não recaia em um jogo de achismos, no qual, cada pesquisador procede de uma maneira, focado em sua opinião, sem que haja uma estrutura com procedimentos que permitam a solidificação da realização do trabalho de análise. No entanto, isso não significa cair no outro modelo, que leva o sujeito-pesquisador a trabalhar com estruturas pré-prontas, verdadeiras fôrmas, em que as análises são realizadas com foco no conteúdo do material.

A AD busca explicar como ocorre o funcionamento discursivo, trabalhando com uma teoria materialista do discurso, que observa a língua como espaço de ocorrência de efeitos de sentidos. Pela linguagem, pelas marcas deixadas na língua, é possível uma aproximação do sujeito-pesquisador para compreender e descrever o funcionamento discursivo. Ancorando-se na estrutura metodológica e teórica da AD é possível escapar dos modelos de análise pré-acabados e do trabalho com a mera apresentação da opinião do analista, sem o embasamento científico necessário (Lagazzi, 1988).

Segundo Mariani e Medeiros (2013), atuar como analista do discurso é mais do que apenas citar nomes de autores, conceitos dessa área ou considerar a relação da linguagem com a exterioridade, dentro das particularidades propostas no âmbito dessa teoria, já que outras estruturas teóricas consideram essa relação. Atuar com a AD é compreender os meandros e particularidades da sua relação com a exterioridade, que são apenas suas. Mobilizar de modo

utilitarista determinada noção dessa teoria, pode, entre outras consequências, produzir uma confusão teórica, além do esvaziamento conceitual.

O trabalho do analista do discurso é permeado pela questão ética. Ela está presente nas discussões da AD, já que o aspecto da responsabilidade está vinculado ao político, à forma-sujeito que inscreve o sujeito em relação com as noções de direitos e deveres, como algo que o afeta de forma individual, cobrando dele responsabilidades na realização (ou não) de determinada atividade, incluindo, principalmente, o que ele discursiviza. O sujeito não escapa da relação com a ética e o político, já que estão no cerne da sua relação de responsabilidade com os sentidos. A ética não é meramente uma questão de conduta, mas está atrelada aos processos de interpretação e significação, à relação da língua com a história na constituição dos sentidos, o que coloca em jogo o motivo da diferença na compreensão de alguns sujeitos sobre determinadas posturas serem, ou não, éticas (Orlandi, 2002, 2005b).

O analista do discurso não atua com julgamentos de valor acerca dos discursos produzidos pelos sujeitos, já que “sua finalidade não é descrever nem interpretar mas compreender – isto é, explicitar – os processos de significação que trabalham o texto; compreender como o texto produz sentidos através de seus mecanismos de funcionamento” (Orlandi, 2005b, p. 27). Pensando neste trabalho, não julgaremos se os sujeitos-*gays* estão certos ou não em usarem os aplicativos de relacionamento, se os sentidos inscritos nos espaços jornalísticos são adequados sobre esse uso ou se as empresas agem corretamente com a criação dessas redes de sociabilidade. Nossos interesses ao trabalhar com os discursos são outros.

Compreendemos que a AD não pretende se instituir como especialista da interpretação na busca de dominar os sentidos, mas sim, permitir a construção de procedimentos que exponham o olhar do sujeito-leitor à opacidade dos sentidos. Desse modo, “não se trata de uma leitura plural em que o sujeito joga para multiplicar os pontos de vista possíveis para melhor aí se reconhecer, mas de uma leitura em que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e responsável pelo sentido que lê” (Pêcheux, 1999, p. 14). Ao analista do discurso, interessa a relação da língua com a história, que indica o funcionamento do discurso e o modo como ocorre a produção de sentidos no *corpus* analisado.

O discurso não contém inúmeros significados, mas pode possuir inúmeras formas de desenvolvimento, em contextos distintos, funcionando de acordo com as condições de produção e as mais variadas FDs. Por isso, o trabalho do analista será com o discurso, não com o texto, com o entendimento dos mecanismos de seu funcionamento, refletindo sobre os gestos interpretativos presentes na discursividade analisada e o modo como constituem os

sentidos, demarcando, por exemplo, as posições discursivas que interferem nesse processo, resultando em determinados sentidos ali inscritos. O analista não fala sobre o texto, mas acerca do discurso, após realizar o trabalho de análise, em um processo que marca a relação entre descrição e interpretação, com as suas particularidades que devem ser consideradas pelo pesquisador no gesto de compreender o seu material de pesquisa (Orlandi, 2004b, 2007).

O trabalho do analista do discurso envolve a busca por entender esses efeitos de evidência que são produzidos durante o funcionamento da linguagem. Pela estrutura teórica é que o sujeito-pesquisador obtém condições de pensar e trabalhar os processos de produção dos discursos. O analista, saindo do entendimento dos sentidos como estruturas estabilizadas, possui condições de atuar com os discursos e deve, em suas análises, expor a opacidade na produção dos sentidos aos sujeitos-leitores (Orlandi, 2007).

A interpretação é constitutiva aos sujeitos³¹, fadados a interpretar o tempo todo, mas a interpretação que é realizada pelo analista do discurso é de um tipo específico. O que diferencia a análise do sujeito-pesquisador é sua realização apoiada em pressupostos metodológicos e teóricos, já que o trabalho do analista do discurso “não é interpretar mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentido” (Orlandi, 2005b, p. 19).

A interpretação tem relação com a materialidade analisada de maneira que materialidades distintas resultam em diferentes interpretações. A AD atua no questionamento da interpretação, pensando o sentido como algo que não é dado, pronto a ser acessado (Pêcheux, 2010, 2014). O entendimento é de que o sentido não é apenas o conteúdo do texto, o que permite “à análise de discurso não visar o que o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo face a um texto) mas como um texto funciona” (Orlandi, 2005b, p. 20). Por isso, o texto não é considerado dado, mas sim, fato discursivo, não é o interesse final do analista do discurso, mas é o ponto, a unidade que propicia que ele chegue ao discurso e possa trabalhar.

Perante a análise discursiva o pesquisador atua com o trabalho com o discurso e não com os textos, sendo que eles são parte de algo maior. Orlandi (2007, p. 73) compreende que “feita a análise, no entanto, o analista prescinde dos textos. Uma vez atingido o processo discursivo este é que dá ao analista as indicações de que ele necessita para compreender a produção dos sentidos. Os textos deixam de ser seus objetos”. Reforçamos que não há como prescindir dos processos de descrição nas análises empreendidas pelo sujeito-pesquisador,

³¹ Orlandi (2004b, p. 141) pontua que o sujeito tem a necessidade de interpretar e de dar sentido, bem como de “domesticar o sem-sentido”.

considerando que são parte fundamental para o trabalho adequado do analista do discurso, constituindo o trabalho de análise (Pêcheux, 2014).

As perguntas do analista, no trabalho com o discurso, são o que conduzem a sua relação com os seus recortes de pesquisa, interferindo na seleção conceitual proposta no trabalho desenvolvido com as questões e os seus materiais de investigação. Com a realização das análises, temos a forma com que o analista desenvolve seu dispositivo analítico para promover as suas conclusões (Orlandi, 2007).

Mobilizados a contribuir para a reflexão metodológica no campo da AD, já que a cada movimento de análise e relação com a teoria temos alterações no arcabouço teórico existente, apresentamos a noção de paradigma indiciário³², atribuído e trabalhado por Ginzburg (1989b)³³, pesquisador que mobiliza essa noção para pensar questões do século XIX³⁴, compreendendo a necessidade do estudo do que parece menos importante, passível de ser negligenciado em uma análise, como o formato das orelhas e das unhas em uma pintura, para responder com precisão dúvidas acerca da autoria e da data de criação de uma obra de arte, de modo que os detalhes são essenciais nesse processo. Salientamos que é antiga a maneira com que os homens estabelecem relações com os indícios, por exemplo, no reconhecimento de um terreno adequado para a atividade dos primeiros caçadores³⁵.

O homem aprendeu a identificar e reconstituir movimentos de presas que aparentemente eram invisíveis, mas passíveis de serem observadas “pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados” (Ginzburg, 1989b, p. 151). Em uma perspectiva discursiva, estabelecendo uma relação com as pistas,

³² Ressaltamos que já existem trabalhos em AD que articulam o “paradigma indiciário” pesquisado por Ginzburg e as discussões metodológicas dessa área. Citamos as pesquisas desenvolvidas por Pacífico (2002), Romão (2002), Sousa, Garcia e Faria (2014) e Tfouni (1992).

³³ Tfouni (1992) destaca que Ginzburg (1989b) observa que as Ciências Humanas sempre estiveram diante de um dilema imposto historicamente em sua constituição: de um lado o método galileano, no qual o dado é um fato passível de ser objetivo e quantificável; e do outro, o conhecimento posto como conjectural, atrelado às particularidades. Ressaltamos que quanto mais são considerados os traços individuais em determinada disciplina mais ela é compreendida como não científica, dentro dos preceitos de cientificidade estabelecidos por Galileu Galilei.

³⁴ O paradigma indiciário ganhou destaque ao final do século XIX nas Ciências Humanas (Ginzburg, 1989b).

³⁵ O trabalho de Ginzburg com os indícios é abordado ao longo da sua produção bibliográfica (1987, 1989b, 2001, 2002, 2007). Ginzburg trabalha com questões postas como marginais ou menores para serem analisadas no campo científico, inclusive com aqueles que são excluídos, o que permitiu a constituição de estudos, nos quais foram abordados assuntos como a feitiçaria, os ritos de fertilidade, os personagens secundários da Idade Média, bem como os métodos envolvendo ações de pesquisa acerca da arte, da história e do trabalho do historiador (Ginzburg, 1989a). Ao longo do seu trabalho, Ginzburg (1987) estudou personagens desconhecidos para a disciplina de História, sua relevância e a importância do questionamento do modo como as noções históricas são atravessadas por questões que envolvem os espaços de poder e interferem na compreensão do que é ou não relevante de ser analisado e documentado. Citamos o trabalho do autor com a sua pesquisa acerca de Domenico Scandella, o Menocchio, observando o cotidiano de um moleiro, homem comum do século XVI, que foi interrogado, torturado e morto na fogueira pela Inquisição Católica.

consideramos que o acesso à memória do dizer, desde o início da humanidade, foi importante para a sobrevivência humana, saberes transmitidos continuamente pela oralidade, com as fábulas e histórias mitológicas. É o foco no detalhe, nas pistas, que consideramos passível de pensar o vínculo dos postulados de Ginzburg (1989b) e das considerações presentes na AD no trabalho com o *corpus* da pesquisa. Mas não apenas nas pistas, já que podemos ir além, ao considerarmos a relevância de pensarmos as contradições e os cortes que constituem a língua e a história, não possíveis de serem plenas, pois as fissuras são parte delas e cabe ao analista considerar isso em seu trabalho com os indícios do discurso, atento a elas e à impossibilidade da literalidade e da plenitude dos sentidos.

Atuar com os detalhes e os implícitos, mas também com as contradições e os cortes no trabalho com os discursos, marca a postura do analista em seu fazer, sempre preocupado com o que não foi dito, atento ao que parece sem relevância:

[...] encontramos-nos debruçados diante do texto como caçadores de pegadas do sujeito, de secreções de sentidos e de vestígios da estrutura e do acontecimento, tocando os suores do enunciado pelo que escorrega às margens. Não nos interessa a mensagem como bloco fechado, mas as fissuras que ela conserva, o minúsculo de um pêlo esquecido em um passo de equívoco, em uma troca de palavra e de som, em um caco de desarranjo que reclama acuidade de escuta (Sousa, Garcia, & Faria, 2014, p. 96).

O paradigma indiciário trabalhado por Ginzburg (1989b) ressoa em suas considerações sobre a relevância de compreender o estranhamento, como essencial para o sujeito-pesquisador, capaz de proporcionar as condições para que ele escape de compreensões banalizadas sobre a história, a memória e a realidade³⁶. Ginzburg (2001, 2002) salienta como os gestos de documentação e institucionalização são afetados pelas relações de força que marcam os processos de registro e acesso ao que é compreendido como científico e histórico, digno de ser registrado como fato. Pêcheux (1997b, 2010) alerta que os documentos não são produzidos de modo natural ou retratam a realidade, mas são frutos das relações tensas que constituem os discursos e os sentidos, atravessam os processos de contato e produção com o que é documentado, com aquilo que é considerado como adequado ou não de ser considerado válido para o registro do agora e do futuro. Por meio das relações com as pistas, os rastros, os furos e os estranhamentos que podemos propor deslocamentos e novos movimentos ao pensarmos nossos gestos de análise dos materiais desta pesquisa, visto que atuamos com

³⁶ De acordo com Ginzburg (2001), o homem busca estabelecer controles no mundo que o rodeia, no qual, a conquista e a delimitação de limites espaciais e territoriais, bem como de noções atreladas ao que pode ser compreendido como ficção ou realidade, são exemplos dessas tentativas. O homem estabelece uma relação de impotência em mudar o passado, mas possui a capacidade para alterar e distorcer os acontecimentos históricos.

produtos informacionais que são indicados como passíveis de registro total dos acontecimentos, capazes de espelhar de modo límpido um evento.

Entendemos que ao trabalharmos com a concepção discursiva, na perspectiva da AD, não temos a pretensão de pensar um mundo no qual as coisas estão finalizadas, com os sentidos prontos a serem acessados e apreendidos, inclusive na atuação científica dos sujeitos-pesquisadores. Temos um processo no qual o movimento está presente, não cessa de ocorrer e de produzir ranhuras que estão relacionados às condições sócio-históricas. A materialidade do discurso é pensada ao refletirmos sobre um “processo em que estão imbricados sujeito e condições de produção, processo que se materializa na língua” (Sousa, Garcia, & Faria, 2014, p. 100).

A AD tem sua pauta nos movimentos que resultam em marcas, na compreensão da impossibilidade da existência de uma relação direta entre o mundo e suas respectivas representações, tal ponto, interessa ao campo teórico-metodológico ao qual estamos filiados. Ao dizer, o sujeito crê, afetado pela ideologia, que só poderia dizer daquela forma e não de tantas outras maneiras possíveis, compreendendo a existência de uma relação direta entre a linguagem e o mundo. O sujeito ignora que as leituras e os sentidos sempre podem ser outros.

A língua como dado funciona de modo a fechar o cerco do sentido (a interpretação não pode ser qualquer uma nem toda), de um sentido marcado por certas condições de produção; assim, a língua é indício, primeiro e sempre passo de nossa metodologia discursiva. Vale aqui anotar que as palavras não estão congeladas em estado de dicionário, mas sempre em jogo tenso e deslocante (Sousa, Garcia, & Faria, 2014, p. 100).

Acreditamos, portanto, que a aproximação com o trabalho de Ginzburg (1987, 1989a, 1989b, 2001, 2002), possibilita que pensemos como, sócio-historicamente, as pistas são importantes para os sujeitos, desde o começo da humanidade. Pistas nas quais o analista do discurso observa e empreende o trabalho de leitura, considerando que o discurso, em sua materialidade é marcado pelo que é exposto, mas também, lhe são constitutivos os sentidos que são silenciados, as contradições e rupturas. E que são muitos. O analista do discurso lida com as pistas para expor que o discurso não é evidente, pois é perpassado pelo que é externo, pelas marcas das contradições, do ideológico e dos silêncios. Expondo, aos sujeitos-leitores, a opacidade na qual os sentidos são constituídos.

Compreendemos que essas observações contribuem para uma pesquisa que propõe trabalhar com o *corpus* proveniente dos espaços jornalísticos *on-line* marcados por sentidos de precisão, cobertura plena da realidade e capazes de narrar o que acontece no mundo, principalmente, ao selecionarmos textos jornalísticos produzidos pela imprensa de referência

que continuamente reafirma seu papel como porta-voz, para a sociedade, do que ocorre ao redor, nas mais variadas áreas, trabalhando com a ilusão da possibilidade de reprodução do acontecimento social nas linhas ali publicadas.

No movimento de relação entre a análise e a teoria, o sujeito-pesquisador lida com uma estrutura teórica que não identifica conceitos como finalizados, encerrados em si. A AD atua com a revisão dos seus conceitos de maneira contínua, o que leva o analista do discurso a (re)visitar e (re)pensar permanentemente a estrutura teórica existente. De acordo com Petri (2013), isso faz parte das configurações de uma disciplina que é identificada como experimental, no qual, as análises realizadas são únicas. Esse trabalho de análise, estudo e mobilização dos pressupostos da AD, reverbera e provoca ranhuras que são compreendidas como constitutivas de uma disciplina que continuamente revê o seu dispositivo teórico, passível de aperfeiçoamento por conta das distintas materialidades com as quais os pesquisadores atuam e das relações teóricas realizadas com outros conceitos e teorias.

Optamos por não apresentar um capítulo com as análises discursivas empreendidas nos recortes discursivos, por entendermos que ficaria adequado distribuímos as análises ao longo do nosso texto. Trabalhando o bojo teórico e os recortes, em um movimento pendular de análise e teoria, procurando estabelecer uma relação de tessitura analítica e teórica constantes. Relação que envolve outras áreas e correntes de pensamento, como as discussões sobre consumo, globalização e as TIC, e que pretendemos produzir uma costura em nossos gestos de trabalho.

Na próxima seção deste capítulo, aprofundaremos as discussões relacionadas a nossa leitura acerca da estrutura metodológica, considerando a constituição do arquivo, do *corpus* e dos recortes discursivos, noções que são relevantes para identificarmos a construção deste texto e explicarmos o modo como atuamos dentro da estrutura científica.

1.3 O Arquivo, o *Corpus* e os Recortes Discursivos: delimitações discursivas estruturais

Nesta subseção, apresentaremos as considerações acerca dos conceitos de arquivo, *corpus* e recorte discursivo dentro da perspectiva da AD. Acreditamos que tais noções estão atreladas e são importantes no campo de reflexões empreendidas para compreender o método discursivo. Compreendemos que conseguimos o acesso aos recortes discursivos, por meio do *corpus* selecionado do arquivo, o que marca uma relação constitutiva que merece ser explorada. Discorreremos sobre o modo como cada parte foi obtida para o nosso trabalho.

Para efeitos ilustrativos, apresentamos um esquema que elaboramos para melhor identificar essa inter-relação:

Figura 1 – Relação entre arquivo, *corpus* e recortes discursivos na AD

Fonte: Figura elaborada pelo autor.

Nossa compreensão sobre a noção de arquivo está relacionada às considerações de Pêcheux (1997b, p. 57), que o entende como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Atuamos, ancorados em uma perspectiva teórica que marca a não evidência dos documentos reunidos em um arquivo. Compreendemos que ao ocupar a posição de sujeito-pesquisador estamos em uma relação particular no trabalho de leitura do arquivo³⁷, com os documentos ali reunidos, não a única possível, mas uma entre tantas outras existentes, construindo gestos que resultam nos recortes que possibilitam o acesso ao *corpus* da pesquisa.

Pelo acesso a inúmeros espaços discursivos do jornalismo *on-line* brasileiro, disponíveis por meio do ciberespaço é que chegamos ao arquivo da nossa pesquisa. Arquivo que apresenta documentos referentes às publicações jornalísticas acerca dos aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-gays e acessíveis na materialidade digital, distribuídos pelas páginas eletrônicas dos espaços jornalísticos consultados. Arquivo que é múltiplo, polissêmico, constituído entre disputas e tensões que envolvem a produção dos textos jornalísticos, os gestos de escrita desses materiais, as políticas de publicação dos

³⁷

Como postula Pêcheux (1997b, p. 56): “construindo o seu mundo de arquivos”.

espaços da imprensa, a disponibilidade, o acesso e o arquivamento digital desses textos nos respectivos espaços de imprensa consultados.

O arquivo não está já posto, dado de maneira anterior (Guilhaumou & Maldidier, 2010, 2011)³⁸, mas é construído, resultado de cortes e gestos de delimitação que são marcados por questões relacionadas ao ideológico, histórico e político. É importante frisar essa trinca que constitui e institui os gestos de funcionamento do arquivo. Não identificamos o espaço do arquivo como evidente, constituído de modo claro, visto que ele é marcado por esquecimentos e silêncios em seu processo de consulta, estruturação e montagem (Pêcheux, 1997b). Ademais, o arquivo está relacionado ao discurso, portanto, seria ingenuidade crer ou defender outro modo de pensar a sua constituição na elaboração desse trabalho.

Nosso interesse foi no trabalho com o arquivo vislumbrando sua heterogeneidade constitutiva, com a seleção de materiais advindos de distintos espaços discursivos, na pretensão de estabelecer um gesto polêmico de leitura, que envolvesse a identificação de um mundo não estável, afetado por diferentes fatores ideológicos e que estão inscritos nos *sites* relacionados à produção das notícias. Compreendemos que isso vai ao encontro das palavras de Pêcheux (1997b) acerca da importância de promover a pluralidade das leituras dos documentos de um arquivo. Nosso entendimento é do arquivo como lugar de tensão, marcado por confrontos em sua constituição e no trabalho de leitura do mesmo, já que é “um espaço de polêmica, em que se confrontam as posições interpretativas” (Nunes, 2009, p. 375).

A leitura e o trabalho com o arquivo são realizados por meio de disputas e tensões entre posições discursivas distintas, o que produz gestos de interpretação diferentes. Na AD, a história é “constituída da produção de sentidos” (Nunes, 2009, p. 373), sendo que o arquivo não está excluído da constituição histórica e ideológica, passível de críticas e comparações quando confrontado com outros arquivos e seus gestos de leitura.

A AD rompe com o entendimento do arquivo como lugar no qual a verdade é obtida, já que a história não é exterior, mas constitutiva dos processos de produção dos sentidos. A noção de historicidade permite refutar a ilusão de que o sentido é exato, trabalhando com os “processos de constituição dos sentidos” (Nunes, 2009, p. 373). Por isso, no trabalho com o nosso *corpus*, não identificamos que os materiais reunidos são frutos do mero agrupamento de materiais textuais que atestariam um modo de existência de uma tecnologia e sua relação com os sujeitos-gays, já que os textos selecionados são afetados por inúmeros gestos de leitura,

³⁸ Arquivos variados podem ser constituídos e/ou mobilizados para discutir uma questão ou refletir sobre um determinado tema (Guilhaumou & Maldidier, 2011). Nossa discussão sobre os sujeitos-gays e a tecnologia dos aplicativos poderia envolver outros arquivos, constituídos por dizeres de outros órgãos de imprensa, resultando no trabalho com outros conceitos e sentidos.

sejam os nossos ou os realizados para a sua constituição, depósito e disponibilização nos arquivos consultados.

Desse modo, o arquivo não é visto como um conjunto de “dados” objetivos dos quais estaria excluída a espessura histórica, mas como uma materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos sentidos. O material de arquivo está sujeito à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de “comprovação”, onde se suporia uma interpretação unívoca (Nunes, 2009, p. 374).

Sabemos que existe o imaginário de que o arquivo é constituído como espaço neutro, capaz de produzir o acesso aos dizeres que retratam como e a forma que determinado evento ou questão foi abordado em um período específico. Ao mobilizarmos como arquivo desta pesquisa documentos produzidos por espaços jornalísticos, consideramos que esse imaginário de neutralidade é reforçado, pois, compreendemos que os espaços da imprensa são relacionados à ilusão de que são capazes de reproduzir os fatos como eles aconteceram, prometendo assegurar ao sujeito-leitor o acesso ao retrato da realidade e a verdade dos fatos (Mariani, 1998; Romão, 2002). No entanto, sabemos que essas identificações e promessas são ilusórias, mas presentes nas relações dos sujeitos com os arquivos e os discursos jornalísticos.

O arquivo não é mero resultado do trabalho de leitura e seleção dos documentos, mas é espaço do político e da institucionalização dos sentidos. Estar atento a isso é importante para sabermos o modo como o arquivo da pesquisa é afetado por esses sentidos. Nesse processo, é importante lembrar que o arquivo não atua como espaço de confirmação de algo, mas sim, como uma construção, marcado por gestos de leituras, nos quais, o ideológico e o político interferem no acesso, difusão e nos resultados ali encontrados, como destacam Conein (1981) e Pêcheux (1997b).

O imaginário de que os espaços do jornalismo são capazes de cobrir os acontecimentos de maneira plena é uma ilusão que afeta o modo como os sujeitos-leitores estabelecem relações com esses lugares de notícia e os seus discursos. Interfere na circulação dos conhecimentos e do modo como os sentidos sobre os mais variados assuntos são produzidos, já que interpretações postas como verdadeiras circulam e são amplamente reproduzidas nos mais variados espaços sociais. A força dos discursos jornalísticos e de suas interpretações é observada cotidianamente, não é por menos, que os sujeitos-gays lutaram, e ainda lutam, por representações positivas sobre si nos espaços jornalísticos e midiáticos, essa foi uma das primeiras pautas de movimentos gays organizados no século XX (Rizzo, 2006).

Identificamos que o ciberespaço potencializa a compreensão de que os espaços jornalísticos não possuem furos, principalmente no momento atual, no qual a produção das

notícias é idealizada como ininterrupta, com a cobertura total de qualquer evento, sem horário para começar ou terminar, com novas notícias disponíveis o tempo todo, assegurando aos sujeitos-leitores a suposta novidade a todo o momento, sem perder nenhum detalhe. O discurso dos espaços jornalísticos é o de que o acesso, a disponibilização e a geração de informações em grande escala, assegura ao sujeito-leitor a plenitude na compreensão do que ocorre ao seu redor, sem que ele fique defasado ou desinformado, basta que permaneça conectado o tempo todo (Romão, 2005b). O imaginário é de que a saturação produz as condições para a cobertura total das notícias, sem deixar espaços para falhas ou furos. Compreendemos que é a materialidade digital que permite essa configuração particular dos espaços jornalísticos e inscreve como natural que os sujeitos estejam conectados o tempo todo para que estejam atualizados, o que é posto na condição de necessidade na contemporaneidade.

Na materialidade digital, o arquivo estabelece relações outras de funcionamento, marcado pela identificação de uma capacidade única de contínua atualização e armazenamento infinito dos documentos, contemplando tudo e todos, assegurando a recuperação do que é procurado no momento em que a busca é empreendida³⁹. Na relação com os arquivos, o sujeito produz a ressignificação do contato com a memória, com a capacidade de acessar e preservar o que é produzido pelo homem, ancorado nas possibilidades técnicas da informática e no imaginário de que ali, poderá encontrar, com exatidão, exatamente o que procura. Observamos a repetição de sentidos de crença de que é no e pelo digital que a plenitude dos sujeitos é possível⁴⁰, com as possibilidades de transpor limites na capacidade de armazenamento dos documentos produzidos pela humanidade de maneira infinita, resultando no sonhado arquivo mundial, sem fronteiras ou nada que impeça os sujeitos em sua sanha de tudo acessar, guardar e preservar, a qualquer tempo ou quando desejarem. O sonho babélico do homem ganha impulso com o avanço informático e a compreensão de que o espaço do digital é ilimitado, com a estruturação de arquivos que compõe esse grande Arquivo (Romão, 2012).

Romão (2012), ao discutir o arquivo na estrutura digital, alerta que a falta é constitutiva do processo de guarda, portanto, impossível de ser eliminada. Na ilusão de que tudo pode ser

³⁹ Faria (2012, 2016) discute sobre o imaginário de potência que envolve o acesso e o controle das informações no digital, ao pensarmos na relação dos sujeitos com os buscadores da internet, em especial, o Google. Segundo Faria (2012, 2016) o sujeito contemporâneo crê e idealiza que a plenitude da memória e dos sentidos foi obtido com os desenvolvimentos tecnológicos produzidos por essas novas formas de busca e uso da informação na sociedade.

⁴⁰ Essa repetição de potência das máquinas tecnológicas também é identificada no *corpus*, ao longo dos discursos sobre os aplicativos de relacionamento, produzidos nos espaços jornalísticos.

guardado, os sujeitos também acreditam que é possível dizer tudo no ciberespaço, sem filtros ou limites, na ilusão da liberdade plena. Romão (2012) conceitua que podemos pensar no ciberespaço como lugar em que um grande Arquivo é constituído e identificado como disponível aos sujeitos, estruturado em inúmeros pequenos arquivos que estão interconectados, ilusoriamente, compreendido como capaz de conter tudo. A tecnologia asseguraria o funcionamento do Arquivo, garantiria a preservação dos documentos e, conseqüentemente, da memória, já que existe a relação imaginária de que ao guardar os documentos é assegurada a preservação da memória e da história.

O Arquivo é enunciado como marcado por certezas, há o silenciamento do que ele não possui, de suas faltas ou do que perdeu. Diante desses sentidos, é importante pensar o Arquivo não apenas na dimensão de sua potência técnica, mas no modo como a sua fragilidade é silenciada, escamoteada, sem a possibilidade de definição dos seus limites, já que o surgimento de novos arquivos é incontrolável, impedindo estabelecer o número exato dos que existem e estruturam o Arquivo (Romão, 2012).

A popularização da internet potencializou os gestos de consulta aos arquivos, assim como o sonho utópico de tudo arquivar, de preservar os documentos, do acesso à memória, no qual o tecnológico supriria qualquer lacuna possível, por meio da expansão de sua capacidade técnica, teríamos a obtenção da oportunidade de tudo preservar. Essa ilusão é constitutiva do sujeito da contemporaneidade, que acredita na ilusão de que tudo está acessível a uma simples busca⁴¹, de que nada pode ser perdido⁴² com o correto processo de preservação na nuvem ou que é pela informação que o sujeito atingirá o ápice do desenvolvimento humano.

Entender que no arquivo não existe a completude é algo que atordoa o sujeito, principalmente ao analisarmos como é apresentada como evidente a capacidade técnica das

⁴¹ Faria (2016) discute as ilusões que afetam o sujeito em sua relação com o Google. O sujeito filia-se a uma FD, na qual, parece evidente enunciar de determinada maneira. Dizeres como: “se não está no Google, não existe” são observados de forma rotineira no nosso cotidiano, marcando como uma empresa de tecnologia obtém marcações de revelação entre o que é ou não possível de existir, silenciando, muitas vezes, essa condição de empresa, para ser inscrita unicamente como espaço de informação e pesquisa.

⁴² O medo de perder materiais persiste ao lidamos com a memória no campo do ciberespaço e da informática. Esse receio existiu em nosso trabalho, resultando em movimentos que visam a resguardar o que foi encontrado, com recursos como salvar os resultados em diferentes suportes, incluindo a impressão das reportagens e seu envio para unidades de *backup*, sejam físicas (*pen drive*) ou serviços *online* (armazenamento na nuvem e conta de *e-mail*). Estas preocupações são parte da rotina de quem atua com o trabalho de pesquisa na materialidade digital. É ilusória a compreensão de que o acesso sempre estará disponível. Em nosso *corpus*, nos deparamos com essa situação ao não conseguirmos acessar alguns textos encontrados ao longo das nossas buscas, nos deparando com a impossibilidade do acesso, mesmo com o endereço eletrônico e outras informações que, teoricamente, assegurariam a recuperação desses materiais. Lidamos em nossos processos de navegação, o tempo todo, com a não possibilidade de acessar aquilo que antes estava ali, possível de ser lido e replicado. Temos furos que constituem e marcam esses processos de formação e disponibilidade do arquivo no digital. Nossa compreensão discursiva acerca do arquivo, possibilita entendermos que, caso a coleta ocorresse em outros períodos, proporcionaria resultados distintos, já que as condições de produção seriam outras.

máquinas de conexão na atualidade. Diante da realidade dessa incompletude, da falta sempre existente, já que “tudo não se arquiva” (Romão, Leandro, & Dela-Silva, 2011, p. 19), o sujeito-pesquisador lida com a dificuldade de trabalhar com a reunião de materiais dos arquivos no digital, já que isso impõe processos de exclusão, (re)corte e a contínua (des)construção do que antes pertencia a um conjunto de documentos. Essas questões são importantes ao pensarmos a memória na contemporaneidade, principalmente, ao considerarmos a idealização da plenitude, do tudo arquivar e acessar que marca as relações dos sujeitos com o ciberespaço, o Arquivo e os arquivos.

A relação com as TIC, em especial os computadores pessoais conectados ao ciberespaço, favoreceu a difusão da palavra arquivo no cotidiano, produzindo a compreensão de que estamos permanentemente lidando com eles (Dias, 2005), seja na criação de pastas com recortes de pesquisa, relatos disponibilizados para acesso público em redes sociais ou aos textos jornalísticos *on-line*. O ciberespaço transforma a relação dos sujeitos com os arquivos, no acesso, armazenamento e contato com os seus documentos. Arquivos atrelados ao efeito ilusório de um funcionamento técnico pleno, conforme alertam Romão, Leandro e Dela-Silva (2011), do mesmo modo, temos o apagamento das identificações do ideológico e do político na feitura dos arquivos, como se a potência das máquinas e tecnologias, pudessem suprimir essas marcas constitutivas. Salientamos a identificação usual de que na estrutura da internet, o acesso a tudo é possível, de modo que arquivos sobre as mais variadas questões existiriam ao sabor do desejo de acesso do sujeito, possíveis não pela atuação dos sujeitos, mas pela ação da tecnologia que estrutura essa acessibilidade.

Existe a compreensão de que no ciberespaço é possível resguardar e encontrar tudo o que existe. A segurança seria o elemento chave desse universo estruturado no digital, a desmaterialização permitiria a circulação da estrutura de *bytes* de maneira livre, sem limitações territoriais de qualquer tipo, fomentada por uma compreensão de que todos possuem as mesmas condições de acesso e relações com os materiais ali presentes, silenciando os fatores ideológicos e políticos no processo que regula essas questões no funcionamento desse imenso Arquivo, como se esses pontos não afetassem a forma e o modo de funcionamento desses espaços (Romão, Leandro, & Dela-Silva, 2011).

Pensar o arquivo é atuar com aquilo que pode ou não ser posto em circulação, conseqüentemente, acessado, lido e, também, interpretado, produzindo sentidos. A forma como determinado arquivo é constituído já marca as relações com os gestos de interpretação, visto que as fontes selecionadas previamente para prover os documentos são afetadas pelo ideológico e o político. Principalmente, ao considerarmos os espaços jornalísticos controlados

pelas grandes empresas midiáticas do país. Schneiders (2014) compreende que o arquivo é ponto crucial para pensarmos a constituição do *corpus* na AD.

Ao compreendermos o arquivo como espaço heterogêneo, relacionado ao discursivo, marcado por disputas e tensões em sua constituição e interior (Pêcheux, 1997b), observamos que as considerações sobre o testemunho elaboradas por Agamben (2008)⁴³ enriquecem o debate sobre o arquivo constituído por materiais provenientes dos espaços jornalísticos, levando em conta os processos de institucionalização que envolvem os seus textos, compreendidos nas relações imaginárias dos sujeitos como materiais capazes de apresentarem um evento ou situação de forma precisa, retrato fiel do que ocorreu, e que ganham um novo contorno ao pensarmos em como a materialidade digital inscreve que a cobertura é total e a todo o tempo, passível de produzir registros que documentem a memória do homem de forma contínua. Trabalhamos com gestos que questionam essas identificações, como a suposta evidência do registro da verdade, dos fatos como ocorreram e de promoção do acesso ao real histórico por meio dos textos jornalísticos.

Como sabemos, a produção dos discursos e sua circulação não é a mesma em todas as situações, mas marcada por diferenças que envolvem o lugar de quem produz o discurso e o modo como ele é identificado socialmente. Os espaços jornalísticos são compreendidos como lugares legitimados, autorizados a produzir dizeres, interpretações compreendidas como da ordem do retrato da realidade, da reprodução do que ocorre no cotidiano pelo discursivo e que depois funcionam como registros da história, assegurando o acesso a memória por meio do que é testemunhado.

Compreendemos a estrutura do discurso jornalístico como espaço de produção de testemunhos, conceito pensado na perspectiva adotada por Agamben (2008), na relação ilusória do acesso ao fato, a verdade em si. A elaboração do testemunho seria resultado da produção do discurso jornalístico, da própria publicação das notícias, já que ali existe a ilusão da possibilidade do contato com o fato, com o evento em si e de como algo verdadeiramente aconteceu. O testemunho proporcionaria o efeito de saber exatamente como determinado evento aconteceu, sem a necessidade de vivenciá-lo, já que o contato com o acontecimento estaria ali exposto e acessível a todos, como se os discursos e sentidos fossem os mesmos para

⁴³ No livro “O que resta de Auschwitz” (2008) é empreendida uma discussão sobre esse campo de concentração nazista não como mero marco dos horrores da nossa história recente, não que isso escape das observações do autor, mas outras mobilizações são realizadas, com destaque para a compreensão do estatuto e estrutura jurídica como espaço que é identificado como capaz de produzir o imaginário de consenso, a idealização do lugar de justiça, no entanto, isso é contraditório, pois é capaz de criar lugares como os campos de concentração e produzir a morte de uma série de sujeitos, legitimados no período da Segunda Guerra Mundial pelo governo Nazista, como algo necessário para a punição adequada daqueles que foram considerados inadequados para a sociedade.

todos os sujeitos e os textos jornalísticos fossem capazes de proporcionar o contato com determinado evento, da forma exata como ocorreu⁴⁴.

O espaço jornalístico é compreendido como da ordem da capacidade do arquivamento pleno do cotidiano, de acompanhar e produzir um retrato de determinado período, como fonte e reflexo absoluto da história, mobilizado continuamente para explanar sobre um acontecimento ou época. Com a estrutura do ciberespaço, os espaços jornalísticos no digital ampliam esse imaginário de potência e capacidade de uma cobertura sem fim, sem tempo demarcando o seu começo ou encerramento, pois é contínua, em tempo real e incessante, recuperável em uma memória que (a)parece (como) infinita, apresentada como sempre em estado de aperfeiçoamento, com mais potência e segurança para garantir o acesso ao que foi registrado.

Agamben (2008) salienta que no testemunho algo sempre falha, falta, é esquecido ou mesmo silenciado, por exemplo, o que não foi testemunhado ou a impossibilidade de reunir todos que vivenciaram um evento para serem ouvidos, nesse sentido, retomamos Pêcheux (2014) em sua abordagem do modo como a língua também falta, não proporciona condições para o todo, para a comunicação plena, pois é também lugar da não comunicação. Desse modo, é impossível esse registro total de qualquer evento, tanto pela impossibilidade do testemunho, como pela incapacidade da língua de assegurar o registro de tudo o que ocorre ou ocorreu.

Ao pensarmos que algo sempre fica de fora do testemunho, que a completude não é realizável, compreendemos que são inválidas as tentativas dos espaços jornalísticos de se afirmarem como capazes de produzir registros totais sobre o cotidiano e a história, o que também serve para o arquivo e a impossibilidade do seu funcionamento como local de arquivamento do todo, idealizado como capaz de fornecer registros que sirvam como testemunhos da história, recuperando toda a memória sobre determinado acontecimento ou época. Na verdade, os espaços jornalísticos são espaços institucionais legitimados como produtores de testemunhos sobre o que ocorre e inscritos na posição de autoridade e responsabilidade de falar para e por quem não pode fazer.

Os espaços jornalísticos da grande mídia afetam a construção da memória coletiva, no modo como sentidos são produzidos pelos sujeitos que acessam esses discursos, inscritos como legitimados sócio-historicamente. Consideramos que o ciberespaço potencializa a força de penetração dos discursos produzidos nesses espaços, com a facilidade de atualização e

⁴⁴ Outra formação imaginária envolve essa relação com os testemunhos: a de que os acontecimentos e eventos são compreendidos e vivenciados da mesma forma por todos os sujeitos, o que é uma ilusão.

difusão das informações jornalísticas no cotidiano dos sujeitos contemporâneos (Payer, 2005; Romão, 2005a), o que produz nos sujeitos, o efeito de ligação ininterrupta com tais dizeres e sentidos, o que afeta as suas interpretações. Destacamos que isso interfere na escolha dos espaços selecionados por nós, já que atuamos com jornais e portais de notícias *on-line* da grande imprensa, com grande número de acessos⁴⁵, posteriormente iremos apresentar os processos envolvidos na seleção do *corpus*.

Alguns sujeitos são compreendidos como autorizados a produzirem interpretações, enquanto outros apenas reproduzem gestos de leitura legitimados, reforçando o que é defendido por esses sujeitos (Pêcheux, 1997b). Podemos pensar, por exemplo, em como o sujeito-pesquisador é legitimado a produzir interpretações, já que ele inscreve seu dizer em uma região de sentidos inscrita na ordem do oficial, no lugar da produção de conhecimento, no caso, o espaço científico, no qual, não são todos os sujeitos autorizados a ocupar essa posição. Sua voz ressoa em outros espaços legitimados de circulação dos discursos, como nas obras presentes em bibliotecas, bases de dados científicas e em entrevistas jornalísticas. A legitimação, também acompanha os dizeres produzidos nos espaços discursivos da grande imprensa brasileira, inscritos como autorizados a produzirem interpretações sobre o mundo.

Nesse jogo, em que alguns inscrevem sentidos que serão reproduzidos em gestos de cópia, codificação e indexação por muitos outros (Pêcheux, 1997b), também temos uma atividade que é de leitura, mas que silencia a voz do sujeito-leitor dentro de outros dizeres, principalmente frente à estrutura institucional, renunciando as possibilidades de gestos de autoria, apenas repetindo, apagando a si em nome de uma leitura institucional, inscrita em determinadas condições de produção atreladas ao sócio-histórico e ao que é legitimado em períodos específicos.

É importante entender os fatores ideológicos e políticos presentes na atuação das instituições, já que isso envolve o gerenciamento da memória coletiva, interferindo no modo como determinados sentidos serão atribuídos e no seu processo de circulação. Consideramos que a identificação da naturalização de autoridade do discurso jornalístico, principalmente os espaços pertencentes às corporações midiáticas, é fonte essencial de compreensão do mundo, seja do passado, pelo acesso ao que foi ali inscrito e está disponibilizado em seus arquivos, seja do presente, com as narrativas acerca do cotidiano, e mesmo sobre o futuro, a projeção do que virá, como um desenho, produzido com base em inúmeros indícios, como os dados

⁴⁵ Utilizamos o *site* Alexa, pertencente à empresa norte-americana Amazon, atuando na mensuração da frequência de acesso as páginas existentes no digital. No mês de agosto de 2016, as posições dos espaços jornalísticos selecionados no *ranking* brasileiro eram as seguintes: o Portal G1 (5º), o jornal Folha de São Paulo (28º), o Portal IG (56º) e o jornal O Estado de S. Paulo (69º).

estatísticos e as falas de especialistas. Não é qualquer espaço que é legitimado para a produção de tais dizeres e isso não é pouco, principalmente, ao pensarmos no modo como os espaços jornalísticos das corporações midiáticas surgiram e são administrados em nosso país, concentrados nas mãos de poucas pessoas (Romão, 2002).

A relação com o arquivo da pesquisa começou com a definição do tema a ser discutido e suas respectivas delimitações. Escolher como campo de observação os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays* é um gesto que marca um corte inicial importante, pois impõe nosso primeiro limite, já que temos uma quantidade imensa de aplicativos de relacionamento existentes voltados para bissexuais, heterossexuais e homossexuais. Essas tecnologias também são segmentadas e direcionadas para inúmeros grupos, por exemplo, no caso dos *gays*, citamos o GROWLr, aplicativo voltado para sujeitos-*gays* que se encaixam no perfil dos ursos⁴⁶ e o Daddyhunt, direcionado para os *gays* que buscam relações entre homens mais velhos e rapazes mais novos.

Desse modo, optamos por atuar, com os três aplicativos vinculados aos sujeitos-*gays*, que consideramos mais gerais e populares no país⁴⁷: o Grindr, o Hornet e o Scruff. Definidos esses três aplicativos, passamos à delimitação dos espaços discursivos do universo jornalístico brasileiro que seriam consultados, para em seguida estabelecer a relação com os arquivos, e seus documentos textuais, existentes no Arquivo. Iniciamos com a seleção de espaços jornalísticos de grande circulação no âmbito nacional e disponíveis na estrutura digital, desse modo, portais de notícias como o G1, IG e o UOL, páginas *on-line* de jornais como a Folha de S. Paulo, O Globo e o Zero Hora, revistas semanais como Época e Veja foram inclusas em nossas buscas. Desejosos de encontrarmos outros espaços com menor divulgação, principalmente relacionados ao universo LGBT, foram realizadas consultas no buscador Google⁴⁸, considerando sua importância na contemporaneidade e no contexto brasileiro, procurando recuperar espaços jornalísticos *on-line* que possuíam publicações relacionadas a esse tema. Esse processo ocorreu no período entre os meses de setembro de 2014 a fevereiro de 2015.

O trabalho de consulta aos textos desses espaços discursivos permitiu o acesso ao que identificamos como a primeira reportagem sobre os aplicativos de relacionamento voltados

⁴⁶ Designação usada para referir-se a *gays* barbudos, fortes, peludos e mais velhos.

⁴⁷ Essa escolha ocorreu após a observação de três pontos: i) análise do número de *downloads* dessas tecnologias nas lojas de aplicativos dos serviços dos sistemas operacionais Android (Google Play) e iPhone (App Store); ii) observação de quais aplicativos eram falados em redes sociais e páginas voltadas aos sujeitos-*gays*; e iii) observação de indicações em algumas reportagens localizadas para a realização do projeto de doutorado, no ano de 2014. Salientamos que antes dessas delimitações, eles também balizaram a escolha desses três aplicativos como os mais relevantes para os sujeitos-*gays* brasileiros e estrangeiros naquele momento (2014-2015).

⁴⁸ Google. (2018). Recuperado de <https://www.google.com.br>

para os *gays* no Brasil, publicada na versão digital do jornal Folha de S. Paulo e intitulada “Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito”⁴⁹, publicada em 20 de novembro de 2010. Temos a instituição de um gesto de leitura importante: a inscrição de uma data de referência para o início da seleção dos materiais dos arquivos consultados para a pesquisa, do qual, escolhemos atuar com a seleção de cinco anos⁵⁰ (2010-2015)⁵¹ de publicações acerca desses aplicativos de relacionamento em nosso país. Iniciamos as análises discursivas do trabalho, com alguns recortes discursivos desse texto jornalístico da Folha de S. Paulo, destacamos inicialmente o título e a primeira parte do texto⁵²:

[R1] **Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito** (Folha de S. Paulo – 20/11/2010)⁵³.

[R2] **Os dois estão falando do Grindr.** (Folha de S. Paulo – 20/11/2010)⁵⁴.

Com a descrição apresentada no título da reportagem, temos a indicação da inauguração de um “serviço”, termo que instaura uma relação com o consumo, com algo criado sob medida para um público que possui uma necessidade específica. O foco são os “gays”, identificados como público consumidor desse “serviço”, interessados na busca por parceiros, por “encontrar o par perfeito”. É um serviço tecnológico que é voltado para esse público. Observamos que a segmentação está presente nesse processo, já que é parte da lógica de funcionamento do capitalismo na contemporaneidade, presente na comercialização de produtos e serviços, com o interesse em agradar aos mais variados gostos e potencializar os lucros. Desse modo, os aplicativos seriam mais uma forma de explorar o universo de consumo desse grupo, no qual, uma série de empresas identificam na oferta de programas, como os aplicativos de relacionamento, uma oportunidade de bons negócios.

⁴⁹ Demetrio, A. (2010, 20 de novembro). Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/833328-gays-aderem-a-servico-movel-para-encontrar-o-par-perfeito.shtml>

⁵⁰ Consideramos que esse período de matérias reunidas propicia ao sujeito-pesquisador a observação de alterações acerca dessas tecnologias, já que a área de tecnologia passa por transformações rápidas e contínuas.

⁵¹ A relação dos discursos com outros discursos inscritos anteriormente, impede a identificação de uma temporalidade cronológica na constituição discursiva. Concordamos com Nunes (2009) que trabalhar com o discurso envolve entender as relações permanentes, e não demarcadas entre as variadas temporalidades e o modo como os efeitos de sentido são produzidos nesse processo. No entanto, entendemos como necessário, o gesto de impor esse período de tempo para demarcar e realizar a coleta de materiais do nosso *corpus*

⁵² Os grifos, apresentados em negrito, ao longo dos recortes discursivos são de nossa responsabilidade.

⁵³ Demetrio, A. (2010, 20 de novembro). Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/833328-gays-aderem-a-servico-movel-para-encontrar-o-par-perfeito.shtml>

⁵⁴ Demetrio, A. (2010, 20 de novembro). Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/833328-gays-aderem-a-servico-movel-para-encontrar-o-par-perfeito.shtml>

As relações sociais entre os sujeitos-gays são identificadas na ordem do consumo, no qual, as escolhas são possíveis pela multiplicidade que é oferecida, seja para envolvimento amoroso ou sexual. A quantidade importa nesses processos, pois, permite que haja condições para a realização das escolhas por parte dos sujeitos, orientado pela possibilidade de organizar o excesso de ofertas existentes pela mobilização de filtros e mecanismos tecnológicos presentes nos aplicativos, o que proporcionaria meios eficientes para chegar ao tipo de relacionamento que é desejado, com delimitações que facilitam esses direcionamentos.

A promessa de encontrar algo nos aplicativos é mantida ao longo das nossas análises do *corpus*. Esses sentidos são recorrentes, com algumas mudanças no que será encontrado, nem sempre é “o par perfeito”, relacionado a algo sério e romântico, mas pode ser o sexo casual, propostas de sexo “ousado”, novas amizades ou campanhas públicas de conscientização do sexo seguro por parte de instituições de ciência, como o Ministério da Saúde do Brasil. Algo será encontrado ali, basta adentrar e estabelecer a presença nessas redes, esses processos demandam que o sujeito esteja atento e preparado, pois pode (sempre) ser surpreendido.

Nos recortes em questão, a promessa é pelo outro, mas não de qualquer modo. O outro prometido é “o par perfeito”. A máquina é o elemento que proporciona as condições de acesso desse sujeito que é identificado nessa posição. Nos recortes, fala-se sobre o Grindr, aplicativo que ocupa o lugar de destaque na reportagem que inaugura as abordagens sobre essas tecnologias no Brasil e foi uma das ferramentas selecionadas para a constituição do *corpus* da pesquisa. Dentre os três aplicativos selecionados para o nosso estudo, o Grindr é o mais falado nos espaços jornalísticos analisados e na literatura científica consultada para a escrita da revisão bibliográfica, que será apresentada posteriormente⁵⁵.

Compreendemos que a divulgação de uma notícia, como a da existência desses aplicativos utilizados pelos sujeitos-gays, pressupõe a relação imaginária de que todos os sujeitos ao estabelecerem contato com essa informação produzirão, de modo quase automático, as mesmas interpretações, como se o acesso aos enunciados produzisse interpretações idênticas. Essa ilusão constitui a relação dos sujeitos com os discursos e é reforçada ao pensarmos no modo como os discursos e os espaços jornalísticos são constituídos, apresentados como capazes de assegurar que o sujeito estabeleça contato direto com a realidade, com o fato em si, sua publicação nos espaços de notícia marca a sua identificação como assunto relevante e de interesse de todos naquele momento, silenciando o

55

Discussão realizada no capítulo 3.

que motiva a publicação de determinada matéria sobre algum assunto ou as possibilidades de produção de outros sentidos na constituição dos textos jornalísticos.

Continuando o trabalho com excertos do texto da Folha de S. Paulo, observamos que o Grindr é apresentado e especificado em uma síntese das suas funções:

[R3] **Autointitulado "maior rede social móvel de geolocalização só com homens"**, o programa permite que o usuário encontre outros **"gays, curiosos e bissexuais" que estejam ao seu redor.** (Folha de S. Paulo – 20/11/2010)⁵⁶.

Quem produz o conhecimento sobre o Grindr é a própria empresa que administra esse “programa” (“autointitulado”). Identificamos os dizeres produzidos pela empresa que administra essa “rede” como autorizada a circular no espaço jornalístico, o que sabemos, não é qualquer coisa, pois não são quaisquer instituições ou sujeitos que são autorizados a inscreverem dizeres nesse lugar. O Grindr é destacado como a “maior rede social móvel”, o principal aplicativo para os *gays* em funcionamento, compreendendo essa ferramenta como importante entre as suas concorrentes. Consideramos essa marca interessante, pois coloca em jogo a existência de inúmeras outras redes no ciberespaço, nas quais, o sujeito-*gay* pode buscar por relações com outros *gays*, mas o destaque é dado àquela que é a “maior”, de modo que a escolha por abordar esse aplicativo, e não tantos outros, foi realizada com base na quantidade dos usuários que ela possui e não de maneira aleatória, mas seguindo critérios que expõem os gestos de interpretação na produção do discurso jornalístico.

No recorte selecionado, temos uma resposta sobre o que será encontrado ali (“só homens”), mas não quaisquer homens, mas sim, os “gays”, aqueles que demonstram interesse sexual por outros homens. Temos a delimitação de quem é o foco desse programa tecnológico, quais são os seus usuários. No excerto analisado, não temos a fala apenas sobre o sujeito-*gay*, também são postos como usuários desse programa os “curiosos e bissexuais”. Aqui temos duas categorias expostas como sujeitos relacionados a um aplicativo, em que o foco, é a relação entre homens: i) bissexuais, que estariam interessados em explorar a potencialidade dessa ferramenta na busca por relações com homens que estejam ali; e ii) curiosos, interessados em descobrir e experimentar mais da sua sexualidade, mas sem estabelecerem uma definição sobre sua orientação sexual.

Estas outras possibilidades para estar no Grindr ressaltam a complexidade que envolve os gestos de divisão e organização dos desejos e interesses sexuais dos sujeitos, já que salienta

⁵⁶ Demetrio, A. (2010, 20 de novembro). Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de 2015, de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/833328-gays-aderem-a-servico-movel-para-encontrar-o-par-perfeito.shtml>

que não são apenas os “gays” que estão nessa rede de sociabilidade, mas também, aqueles que de alguma forma “aderem” a elas por compreenderem que possuem uma ligação e podem ser beneficiados com o seu uso, desfrutando do que é oferecido ali, interessados em saber quais os homens que estão próximos e abertos a estabelecerem relações com outros homens. Observamos que é esse interesse pela relação com outros homens o que produz os gestos de nó no Grindr, mas não apenas ali, já que essa repetição é observada no *corpus* e nos trechos analisados sobre os outros dois aplicativos pesquisados.

Existe a naturalização dos sentidos de que o contato e o encontro dos sujeitos-gays com outros homens serão realizados ao possuir um perfil em redes de sociabilidade, como o Grindr. A dependência da máquina para contatar outros homens já seria um fato na atualidade. Nossa leitura é de que a promessa do encontro com outros homens é uma certeza no discurso das empresas que administram essas ferramentas, reforçado pelos discursos jornalísticos, marcados pela identificação de que é possível escolher livremente com quem se deseja estabelecer contato e que agrade aos seus interesses, de modo que essas tecnologias são elevadas ao patamar de verdadeiros espaços de aquisição, nos quais, o outro está disponível para ser obtido, como uma mercadoria, atendendo a requisitos que agradem e resultando em encontros dos mais variados tipos.

É uma lógica que idealiza a precisão nas relações dos sujeitos, como se fosse possível preencher um perfil, apresentar seus gostos e interesses e encontrar o tipo exato de homem que se procura, com a validação baseada na sua descrição e em fotos e que no encontro ao vivo isso será apenas confirmado. Esse imaginário silencia que o sujeito sempre consegue escapar, produzir outras interpretações e que os sentidos sempre podem mudar.

A estrutura de funcionamento do Grindr é explicitada no recorte 3. Funcionamento que é o mesmo do Hornet e Scruff, com o mapeamento pelo recurso da “geolocalização” e indicação dos outros sujeitos que “estejam ao seu redor”. Temos a tecnologia permitindo conhecer e identificar o outro que esteja em sua região geográfica e que possa ser um possível parceiro para relações amorosas e/ou sexuais. É a máquina que fornece as condições para que a relação com o outro seja possível, portanto, é necessário estar cadastrado, inserido dentro da estrutura de uma rede de sociabilidade que funciona como teia que, imaginariamente, liga todos os *gays* que estão por perto, facilitando os processos de buscas e encontros pelo que se deseja.

Ao falar sobre os aplicativos, temos em jogo o imaginário de possibilidades de agregar tudo e todos em um espaço em que o encontro é posto como garantido. Essa formação imaginária afeta o texto que foi produzido acerca dessas tecnologias, naturalizando efeitos de

potência possíveis pela estrutura tecnológica. Ocorre a naturalização da potência da tecnologia frente aos sujeitos, visto que ela proporciona uma cobertura geográfica com a qual o ser humano não consegue competir. Essa vantagem da tecnologia é apontada como elemento que inscreve a falta a qual o homem, como estrutura orgânica de carne e osso, só pode superar com a filiação ao tecnológico. Ele não tem escolha, cabe aceitar esse acoplamento as tecnologias de conexão para desfrutar dessa potência, das maravilhas que são prometidas com essa conexão e administradas por empresas focadas na atuação com relacionamentos *on-line*.

Na continuidade das análises, identificamos a apresentação da voz dos sujeitos-*gays* que utilizam os aplicativos. A mobilização dos dizeres de quem faz uso desses serviços funciona, no discurso jornalístico, produzindo o efeito de validação do que é apresentado ali. É um discurso que marca a legitimidade do que é dito, já que é atrelado a alguém que vivencia uma dada experiência, no caso, o uso dos aplicativos de forma eficaz para a obtenção do sexo casual. Vejamos:

[R4] **Um relações internacionais de São Paulo** diz já ter “**pegado um bocado**” com o seu **novo brinquedinho. Um advogado da mesma cidade** - também **adepto** - conta que a ferramenta “**facilita na hora da caça**”. (Folha de S. Paulo – 20/11/2010)⁵⁷.

Estar inserido no uso das tecnologias significa ser “adepto”, posto na posição de usuário, parte do sistema administrado por uma empresa. O sujeito-*gay* é inscrito como integrante de uma rede, elemento fundamental do e para o seu funcionamento. Notamos que a apresentação dos sujeitos que estão no Grindr, produz a identificação de estarmos em contato com discursos especializados acerca dessa tecnologia. Não temos apenas as indicações técnicas acerca dessa ferramenta, como indicado no recorte discursivo 3, mas o discurso dos sujeitos que estão ali como seus usuários, em uma relação que compreende o Grindr como prestador de um serviço com foco na realização de encontros entre homens *gays*.

Por meio da leitura discursiva, observamos a identificação dos sujeitos que usam o Grindr como interessados na busca pelo sexo casual, no qual, é possível realizar a “caça” e “pegar” outros homens de forma rápida e simples. Essa terminologia é presente no universo das relações *gays* e está em uso nos aplicativos, como parte das palavras que são encontradas ali, pelos interessados em algo casual. Os aplicativos são mais uma opção para os sujeitos-*gays* na busca por encontrar relações casuais e sexo fácil, colocando essa tecnologia, nessa

⁵⁷ Demetrio, A. (2010, 20 de novembro). Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de 2015, de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/833328-gays-aderem-a-servico-movel-para-encontrar-o-par-perfeito.shtml>

perspectiva, relacionado a outros lugares identificados para esse fim, como os bares, saunas e os *chats* da internet. No entanto, hoje, a textualidade jornalística inscreve os aplicativos na vanguarda da promoção das relações do sexo casual entre os sujeitos-gays, o meio mais eficaz e moderno para tal propósito.

A tecnologia “facilita” encontrar quem possua os mesmos interesses, principalmente no campo sexual. Essa facilidade é o que possibilita o aumento das atividades e do sucesso na busca por parceiros, como o sujeito do depoimento destaca ao afirmar que tem “pegado um bocado com o novo brinquedinho”. É o “brinquedinho” que leva o sujeito a aproveitar as oportunidades de sexo rápido e disponível no espaço urbano com o maior número possível de homens. A estrutura da tecnologia da informática é que condiciona o aumento nas chances de realização das relações entre os sujeitos-gays, facilitando tanto o encontro do “par perfeito”, como a atividade da “caça”. As relações nos aplicativos são valorizadas pelo quantitativo, o que interessa é a quantidade de novos nós existentes e adicionados à rede como potenciais parceiros, principalmente para quem tem foco no plano sexual. A caçada é boa se as perspectivas e os resultados forem altos, nessa direção é que o “brinquedinho” é compreendido como imbatível para facilitar esses objetivos.

O quantitativo também é importante para valorizar o interesse das empresas que queiram atuar com propaganda nesses espaços ou para atrair interessados em assinar os planos *premium* comercializados por essas redes, portanto, a grande quantidade de perfis nos aplicativos interessa tanto a quem usa, quanto às próprias empresas que administram esses programas. Os números são importantes e usados com destaque, como veremos em análises posteriores, reforçando a importância discursiva do numérico no espaço empresarial, jornalístico e ao falarmos sobre as estruturas tecnológicas.

O recorte discursivo 4 apresenta depoimentos dos sujeitos-gays que estão no Grindr e salienta um indicio que reforça nossa compreensão sobre a relação dos aplicativos e os seus usuários estarem ligados a universos da classe média e média alta, já que não são quaisquer profissões apresentadas como relacionadas a quem está ali, temos o “advogado” e o “relações internacionais”, como público desse programa. Observamos que essa é uma marca repetida ao longo do nosso trabalho de análise do *corpus*, nos quais, temos ocupações como “analista de marketing”, “estudante” e “professor”, como aparece nos recortes discursivos 56 e 73, marcando a relação dessas tecnologias com sujeitos que possuem escolaridade, profissão e poder de compra, inseridos na estrutura da materialidade digital e das relações de consumo. Não são quaisquer sujeitos, mas ligados a condições materiais que permitem que eles estejam ali.

No discurso inaugural acerca dos aplicativos estudados, no espaço jornalístico brasileiro, observamos o modo como o relato sobre o que pode ser ali encontrado é apresentado em um tom suave, de certa forma, romantizado. As relações sexuais provenientes da “hora da caça” aparecem no texto, mas, a abordagem é sutil, aparece como uma das possibilidades, mas não como o foco central dessas tecnologias. Desse modo, observamos que o laço social também é compreendido como uma possibilidade dos aplicativos, como exposto no trecho a seguir:

[R5] **Também surgem boas amizades:** "Por enquanto, saí apenas com um cara, que pelo Grindr descobri que era **meu vizinho** e que trabalhava no mesmo prédio que eu. **Conversamos e acabamos saindo.** Mantemos contato até hoje", conta o **advogado**. (Folha de S. Paulo – 20/11/2010)⁵⁸.

Temos a identificação de possibilidades ao falarmos sobre a socialização das relações entre os sujeitos-gays nos aplicativos. Formar redes de “boas amizades” entre sujeitos com interesses similares é uma possibilidade nos aplicativos estudados, com destaque para quem esteja próximo (“meu vizinho”). O laço de amizade pode ser mantido e durar, aliás, pode ser produzido após a vivência de um encontro sexual casual, como no caso relatado. As relações entre os sujeitos são passíveis de mudanças ao longo do contato *on-line* e *off-line*, já que os sentidos são passíveis de serem produzidos de novas maneiras, o tempo todo, nas relações dos sujeitos.

O excerto expõe que as relações dos gays no uso do aplicativo não são as mesmas para todos os usuários dessa rede. A relação de associação dos sujeitos-gays com determinados espaços, como atrelados apenas ao sexo, passa por ressignificações e permitem outras interpretações acerca deles. Possibilita ao sujeito-leitor do espaço de notícias entender que a socialização é um ponto importante para os sujeitos-gays e é de vários tipos. O foco não é apenas no sexo, mas na formação de uma rede de amizades ou na possibilidade de obter algum relacionamento mais sério.

Os espaços da cidade podem ser usados de outra forma, pelos gays, com os aplicativos. Essas tecnologias potencializam os lugares possíveis para o flerte, a descoberta do amor, de parceiros sexuais ou a promoção de novas amizades. O “vizinho” que “trabalha no mesmo prédio”, e que não havia sido identificado como possível contato, pode ser um usuário dessas

⁵⁸ Demetrio, A. (2010, 20 de novembro). Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/833328-gays-aderem-a-servico-movel-para-encontrar-o-par-perfeito.shtml>

plataformas e, em decorrência da praticidade e proximidade, tornar-se um candidato potencial para algum tipo de encontro ou relação.

As possibilidades para as relações entre os sujeitos-*gays* são significadas de outro modo com os aplicativos, não mais restritas a espaços físicos específicos da cidade, como pontos comerciais *gays* ou locais públicos conhecidos por concentrarem esses sujeitos para envolvimento casuais, mas possíveis a todo o momento, em qualquer lugar e situação, o que torna o espaço urbano uma grande estrutura a ser explorada na palma da mão, produzindo mudanças em decorrência das tecnologias dos aplicativos. Toda atualização realizada nas telas desses programas, conforme os sujeitos se movimentam pelo tecido da cidade, pode oferecer uma oportunidade de contato, um novo corpo, perfil ou rosto que pode aparecer e proporcionar prazer, estando mais próximo do que se imagina. O “brinquedinho” seria o responsável por assegurar que o flerte ou o sexo podem ser obtidos a qualquer hora e lugar, bastaria estar conectado e possuir um perfil nessas redes para a obtenção do que é desejado.

Voltando as especificações sobre o material de análise, selecionamos 55 espaços discursivos da imprensa *on-line* brasileira, compreendemos que eles constituem os arquivos consultado para a elaboração da Tese⁵⁹ (APÊNDICE A). Nesse processo, elegemos os seguintes termos de busca para a recuperação dos textos jornalísticos:

- Aplicativo de relacionamento *gay*.
- Aplicativos de relacionamento *gay*.
- Aplicativo de relacionamento homossexual.
- Aplicativos de relacionamento homossexual.
- Aplicativo Grindr.
- Aplicativo Hornet.
- Aplicativo Scruff.

Pelo uso desses termos é que atuamos com as estruturas discursivas do jornalismo no ciberespaço, para o acesso aos arquivos consultados para a pesquisa e, posteriormente, constituição do nosso *corpus* e seleção dos recortes discursivos. Realizamos pesquisas em três diferentes momentos:

⁵⁹ Ressaltamos que todos os materiais foram salvos após acessarmos cada reportagem. Os materiais foram arquivados em dois espaços: em um HD externo e em um espaço *on-line*, no caso, o OneDrive, pertencente a Microsoft. Ressaltamos que os mesmos cuidados estiveram presentes no trabalho com os materiais que compõe o nosso *corpus*.

- **Primeira fase da coleta do material da pesquisa:** Iniciamos a busca pelo material da pesquisa no dia 13/04/2015 e encerramos no dia 26/05/2015.
- **Segunda fase da coleta do material da pesquisa⁶⁰:** Iniciamos a busca pelo material da pesquisa no dia 19/10/2015 e encerramos no dia 27/10/2015.
- **Terceira fase da coleta do material da pesquisa:** Iniciamos a busca pelo material da pesquisa no dia 13/01/2016 e encerramos no dia 21/01/2016.

Consideramos que repetir a busca, em três diferentes momentos, produziu resultados distintos importantes na constituição do *corpus*. Foi interessante para observarmos pontos como a interrupção de espaços jornalísticos, como foi o caso do encerramento das atividades da revista Info em 2015, resultando em problemas na realização das atividades de busca no seu *site*, já que após o fim da revista os arquivos não estavam mais disponíveis; e verificar como a produção jornalística *on-line* é realmente profícua. Consideramos essas observações significativas em nossa tentativa de compreender melhor a constituição dos discursos e espaços jornalísticos na materialidade digital.

Como primeiro olhar acerca dos resultados obtidos nesses três momentos de buscas, indicamos que encontramos 617 textos jornalísticos sobre os aplicativos de relacionamento, notícias dos mais variados tipos. Consideramos que ocorreu o interesse de inúmeros espaços jornalísticos em abordar o assunto, como o portal Terra e os jornais na versão *on-line* Folha de S. Paulo e O Globo, que realizaram matérias abordando a relação entre os sujeitos-*gays* e essas tecnologias. Deparamo-nos com quantidades significativas de reportagens sobre os aplicativos em espaços jornalísticos específicos, como é o caso da Revista Exame, publicação focada na área de negócios, o que nos permite afirmar que os sujeitos-*gays* passam a interessar ao campo da imprensa brasileira em áreas variadas.

Voltemos ao nosso *corpus*. Vamos pensar os fatores econômicos relacionados aos aplicativos, já que esse sentido é recorrente nos materiais analisados, com discursos inscritos na FD do mercado econômico. Observamos na textualidade jornalística os aplicativos como uma das causas das mudanças do comportamento dos sujeitos-*gays*, inclusive, produzindo alterações nos seus modos de estabelecer relações, o que interfere nos seus hábitos de consumo. No recorte discursivo 6, essas alterações colaboram para o encerramento das atividades de espaços de sociabilidade tradicionais para esses sujeitos em Londres, Inglaterra.

⁶⁰ Destaco que em cada fase de nossa coleta, foram salvos apenas os novos materiais encontrados. Desse modo, materiais encontrados novamente na Segunda e Terceira Fase, foram ignorados, pois já estavam contabilizadas e registrados.

O texto intitulado “Por que bares gays estão fechando as portas em Londres?”⁶¹ apresenta, em tópicos, os motivos apontados como as causas do fechamento de vários bares e saunas voltados para os *gays*, são eles: “queda na demanda”, “namoro 2.0” e “especulação imobiliária”. O apontamento realizado pela investigação jornalística é de que os aplicativos de relacionamento são importantes na produção das mudanças econômicas e sociais na capital inglesa. A abordagem sobre o impacto dessas ferramentas tecnológicas é indicada ao longo da seção “namoro 2.0”. Vejamos:

[R6] Mas o que está por trás desta tendência? E o que isso significa para sua clientela? Veja abaixo algumas respostas. (Portal IG – 31/08/2015)⁶².

O *gay* é identificado como elemento econômico importante nas relações no espaço da cidade. Nos recortes 1, 3 e 4, analisados anteriormente, já observamos a regularidade do funcionamento da FD do mercado econômico. No excerto selecionado, novamente, ocorre a identificação do espaço jornalístico como lugar de certezas, nos quais temos as respostas para o que é identificado como de interesse da sociedade, com a explicação para o que é posto como uma interrogação. Temos duas perguntas postas no excerto em questão, no qual os aplicativos são identificados como uma “tendência”, algo que ganha espaço a ponto de interferir no funcionamento de lugares comerciais tradicionais para os sujeitos-*gays* na cidade de Londres. Note-se aqui a inscrição dos sujeitos-*gays* como sujeitos de consumo, como “clientela” desses lugares tradicionais que estão encerrando as suas atividades e modificando a própria configuração da capital inglesa, assim como também, da comunidade *gay*, que passa a ter outros hábitos e buscar novas formas para se relacionar.

No recorte, ocorre a indicação de que ali é o lugar ao qual o sujeito-leitor pode recorrer para obter respostas e entender o que ocorre no mundo, temos a indicação de um espaço de referência e obtenção de certezas, no qual “algumas respostas” são apresentadas. O uso do verbo “veja”, no imperativo, ganha contorno de ordem, indicando ao sujeito-leitor o que ele deve fazer para encontrar as “respostas” para o que acontece com os estabelecimentos comerciais *gays* em Londres. Em jogo, o imaginário de que o sujeito que acessa os espaços de informação consegue saber de tudo e estar atualizado com o que é identificado como de interesse coletivo. A inscrição jornalística envolve os sentidos de evidência, de que basta ler o

⁶¹ IG. (2015, 31 de agosto). Por que bares gays estão fechando as portas em Londres? *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-08-31/por-que-bares-gays-estao-fechando-as-portas-em-londres.html>

⁶² IG. (2015, 31 de agosto). Por que bares gays estão fechando as portas em Londres? *IG*. de <http://igay.ig.com.br/2015-08-31/por-que-bares-gays-estao-fechando-as-portas-em-londres.html>

texto para entender o que é ali discutido e a compreensão de que temos os mesmos sentidos para todos.

Continuamos a análise, com o foco no item “namoro 2.0”, apresentado no texto jornalístico como uma das explicações para o fechamento dos bares na capital inglesa:

[R7] **Strudwick** também destaca que **muitas pessoas apontam como razão a grande popularidade de aplicativos de namoro para celular**, como Tinder e Grindr.

Em 2013, Londres foi a **cidade mais popular no Grindr**, que é **exclusivo para homens gays**, em todo o mundo, **com mais de 947 mil usuários**.

Anna Leach, que administra o site The Most Cake, voltado para lésbicas, acredita que as duas tendências estão relacionadas.

‘Antes, você ia a um bar na esperança de conhecer alguém. Hoje, pode fazer isso de casa, no seu sofá.’” (Portal IG – 31/08/2015)⁶³.

Os aplicativos são apontados como uma das causas das mudanças econômicas no universo de consumo *gay* em Londres. Alterações que são constitutivas na estrutura capitalista e no funcionamento das variadas atividades comerciais, os sentidos em jogo indicam a necessidade de adaptação das estruturas comerciais existentes para que haja a sobrevivência no mercado. Adaptação que impõe, a quem era parte da “clientela” dos estabelecimentos fechados, a necessidade de aceitação e adequação aos novos tempos.

As relações entre os sujeitos-*gays* na busca por parceiros são inscritas no plano econômico, as mudanças de comportamento resultam na catástrofe para uma área comercial⁶⁴, ao mesmo tempo, em que surge toda uma estrutura que lucra com essas transformações. Como “usuário”, os sujeitos-*gays* são identificados como “clientela” que deixa de frequentar espaços tradicionais de vivência dos *gays* na cidade de Londres e utilizam outros meios para chegar aos parceiros potenciais. Temos em jogo, a mudança do espaço de consumo para a socialização nas redes, em um serviço que é apresentado como “exclusivo para homens gays”, marca significativa no espaço comercial, indicando o direcionamento no atendimento de uma demanda e grupo específico. As mudanças nas relações são influenciadas e identificadas pelas alterações das tecnologias, o impacto produzido interfere no movimento do sujeito pelo espaço urbano, nos hábitos e relações de consumo.

⁶³ IG. (2015, 31 de agosto). Por que bares gays estão fechando as portas em Londres? *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-08-31/por-que-bares-gays-estao-fechando-as-portas-em-londres.html>

⁶⁴ Compreendemos que a constituição do espaço urbano é marcada por tensões (Barbai, 2011). As disputas no espaço urbano são importantes e interferem no modo como a significação acontece. Identificamos que as transformações analisadas são compreendidas no plano comportamental e econômico. As alterações na forma como os sujeitos-*gays* buscam por parceiros, utilizando os aplicativos, são parte dos motivos apontados para toda uma alteração no cenário urbano, com o encerramento das atividades de uma série de estabelecimentos tradicionais e na forma como esses sujeitos estabelecem relações, mas destacando que isso permite o desenvolvimento de outras possibilidades de contatos e de negócios, como é o caso da estruturação das empresas que administram esses programas.

Temos a voz de especialistas como elemento importante do discurso jornalístico, aqui temos as vozes de Patrick Strudwick e Anna Leach, respectivamente, editor da área de assuntos ligados ao universo LGBT do *site* BuzzFeed e a administradora do The Most Cake, *site* direcionado para as lésbicas. Esses sujeitos são postos na posição de especialistas, inscritos como quem possui a voz de autoridade para explicar como essas tecnologias são importantes ao afetarem o espaço de comércio da capital inglesa. Entendemos que o recurso de usar os depoimentos de quem é identificado como especialista em determinado assunto, legitima os discursos no espaço jornalístico, produzindo no sujeito-leitor o imaginário de certeza do assunto ali discutido, de que houve a apuração do que é noticiado, como se outras formas de produzir esse texto ou abordar a questão não pudessem ser realizados, como se apenas aqueles sentidos fossem possíveis de serem apresentados.

Os aplicativos alteram o modo como os sujeitos-*gays* procuram por parceiros. Eles são identificados como facilitadores das relações entre os sujeitos-*gays*, já que não é necessário sair de casa ou ir a espaços comerciais *gays* para conversar ou encontrar parceiros para o sexo casual. Isso altera o aspecto de importância de locais, como os bares, para conhecer alguém, já que é possível “fazer isso de casa, no seu sofá”. Temos a praticidade ao buscar pelo outro, com a idealização de que todos os sujeitos-*gays* estão inscritos nesse espaço social, o que é da ordem do ilusório, já que não são todos que têm acesso a essas tecnologias ou o contato pleno com quem está ali inserido, já que funcionalidades, como a possibilidade do uso de filtros e a opção de bloquear usuários existem e afetam o modo como a navegação ocorre.

O sujeito é identificado como responsável pelo sucesso nas suas relações amorosas, sexuais e sociais. Em um universo com uma quantidade imensa de possibilidades, como é o caso dos aplicativos, o sujeito-*gay* não teria desculpa para não encontrar o que procura. A eficiência no resultado é apontada como de responsabilidade dele. Interessante notar como é enfatizado o ideal de “conhecer alguém” no universo *gay*, seja em espaços físicos de socialização, como bares e boates, nos aplicativos de relacionamento, funcionando na estrutura digital. Existe a repetição de enunciados que ressaltam que os sujeitos-*gays* sempre estão em busca de parceiros para algo.

O uso dos advérbios de tempo “agora” e “hoje” inscrevem diferenças em costumes vinculados a cada período histórico. Mudanças de comportamento são apresentadas e estão ligadas às alterações das condições de produção no que tange às TIC, elas permitem que se alterem as formas existentes de flertar e buscar por parceiros, tornando possível que isso seja feito no conforto e praticidade do “sofá” de casa. O que afeta, diretamente, o que tínhamos

anteriormente, que eram os espaços *gays* de convivência, são outras possibilidades de formação de elos e relações disponíveis aos sujeitos-*gays* na atualidade.

A cidade de Londres é apresentada como exemplo do impacto dos aplicativos de relacionamento no espaço urbano. Em discurso, não temos apenas a pretensa apresentação do que acontece nessa cidade, mas também, o que é compreendido como o futuro, como exemplo de como serão as relações entre os sujeitos-*gays* e os espaços de comércio e socialização destinados a eles nas cidades. É da ordem do que já está definido, como se não pudesse ser empreendido confronto com os avanços e ditames tecnológicos. É uma causa posta como perdida para quem realiza essa ação de questionamento. Temos outras condições de produção envolvidas na relação dos sujeitos com possíveis parceiros e a tendência é sua intensificação.

O numérico (“mais de 947 mil usuários”) é mobilizado para exemplificar a adesão ao uso dos aplicativos na capital inglesa, justificando as mudanças que ocorrem nos espaços comerciais e sustentando a naturalização acerca das alterações esperadas. A identificação é de que cabe aos sujeitos-*gays* a adaptação no espaço da cidade, no modo como a tecnologia potencializa as relações e no contato com o outro. Cabe ao sujeito estar inserido como usuário, dispondo seus dados a esses serviços e a avaliação empreendida pelos outros sujeitos, produzida a todo o tempo e resultando em possíveis encontros caso haja o interesse de ambos. Na materialidade digital, o sujeito é representado pelas informações que disponibiliza nessas plataformas e pelos dados de localização produzidos pela estrutura de “geolocalização”, por meio das informações é que ele especifica se a busca é por “conhecer alguém”, ir à “caça” ou pelo “par perfeito”.

Destacamos o quantitativo, pois compreendemos que ele é uma pista que merece ser pensada mais atentamente nos estudos do discurso. A quantidade de material publicado sobre um assunto é uma pista da importância que ele teve em determinado momento, principalmente, ao pensarmos nos espaços jornalísticos. Consideramos que existe uma identificação do que o público de determinado espaço de notícia espera encontrar ali, quais os assuntos considerados relevantes de serem inscritos e ocupar lugar nos discursos jornalísticos.

São gestos de interpretação que nos levam do arquivo para o *corpus*. Das 617 reportagens advindas de 55 espaços discursivos distintos, houve o trabalho de delimitação, que apresentaremos nos próximos parágrafos, juntamente com a nossa compreensão da noção de *corpus*.

A constituição do *corpus*, na perspectiva discursiva, segundo Guilhaumou & Maldidier (2011), pode ser pensada levando em conta três pontos: i) o total de discursos existentes sobre uma questão ou enunciados inscritos por determinado grupo, o que Dubois denominava de

‘universal do discurso’, passando por um recorte com base nos interesses da pesquisa; ii) do objeto analisado só são conservadas as repetições nas quais aparecem termos considerados chave para o trabalho; e iii) a produção do *corpus*, que ocorre nessa fase, na qual temos os enunciados extraídos.

A formação do *corpus* não ocorre anteriormente ao trabalho de análise, conforme argumenta Lagazzi (1988), mas de maneira conjunta a esse processo. O *corpus* é marcado pela necessidade da realização dos recortes discursivos (Orlandi, 1984), para que haja condições de trabalhar com os processos discursivos passíveis de serem observados no material, para tanto, são considerados alguns elementos, como os objetivos postos e a temática escolhida pelo analista em sua pesquisa. Ainda segundo Lagazzi (1988), o fato da escolha do *corpus* não ser realizada de maneira anterior, mas durante a construção do trabalho, permite que caracterizemos as pesquisas realizadas com o aporte teórico-metodológico da AD como marcadas pela profundidade analítica do material e não sendo relevante o tamanho do *corpus* reunido, como em outras áreas de pesquisa.

Na AD, consideramos que o mesmo tema de pesquisa pode ser pensado de outras maneiras, por outros analistas do discurso, levando em conta que teremos o mesmo dispositivo teórico, mas o trabalho com outro arquivo, conceitos e com dispositivos analíticos diferentes. Interpretações ancoradas no ideológico, produtor do efeito de evidência da interpretação, e no dispositivo teórico, funcionam conjuntamente na constituição do trabalho. O analista do discurso atua na compreensão da interpretação. Ele não ocupa uma posição neutra, está inserido em uma posição sócio-ideologicamente constituída. O dispositivo teórico propicia condições de trabalho para que o analista atue com a não-evidência dos sentidos e que sustente teoricamente a sua interpretação. Desse modo:

[...] nem acima, nem além do discurso, ou da história, mas deslocado. Numa posição que entremeia a descrição com a interpretação e que pode tornar visíveis as relações entre diferentes sentidos. Desse modo, ficamos sensíveis ao fato de que a descrição está exposta ao equívoco e o sentido é suscetível de tornar-se outro (Orlandi, 2004b, p. 85).

Courtine e Marandin (1981) entendem o *corpus* como condição de produção do discurso, do que será trabalhado pelo sujeito-pesquisador. Teríamos um primeiro movimento de fechamento, relacionado às escolhas do pesquisador no foco de seu trabalho, por exemplo, na escolha de atuarmos com o discurso sobre o sujeito-gay e não do sujeito-lésbica ou do sujeito-heterossexual. Escolhas que implicam mobilizações conceituais diferentes. Depois desse processo, temos as delimitações com a extração das marcas principais inscritas no

discurso, regularidades importantes no e para o trabalho do analista do discurso. Abordaremos a noção de recortes discursivos posteriormente.

Salientamos que a ideologia se faz presente no arquivo, *corpus*, recortes discursivos e nos gestos de análise do material, que também estão em relação com às perguntas de pesquisa propostas pelo analista do discurso. Orlandi (1989, p. 32) marca que “a delimitação de um *corpus* não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos. Desse modo, a questão da exaustividade deve ser considerada em relação aos objetivos e à temática e não em relação ao material linguístico empírico (textos) em si.”. Por não ter o foco na completude, a AD não atua com um número pré-estabelecido de recortes discursivos, o que permite ao analista estipular a quantidade que seu trabalho demanda para ser realizado. Nossa pretensão, como analistas do discurso, não é a de encerrar as discussões acerca de uma dada questão, mas sim, apresentar uma amostra que possa servir de análise para esse trabalho, e contribuir para pensarmos sobre determinado objeto e questões propostas a serem analisadas.

Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável. Isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes (Orlandi, 2007, p. 62).

Reforçamos a compreensão do *corpus* discursivo como uma construção. Construção própria do analista do discurso (Orlandi, 2007), isso é interessante por colocar em jogo que o *corpus* também está sempre em (re)construção, com fechamentos provisórios, instituído para que seja possível o trabalho com as análises. Como também é o caso do arquivo, sempre incompleto e passível de alterações.

A constituição do *corpus* é um momento chave para o analista do discurso. O dispositivo analítico sempre é particular e em relação ao *corpus* discutido e ao domínio científico a que sua pesquisa está vinculada. Com o dispositivo, a análise é realizada e se interpreta os resultados, considerando que a análise já tem início na forma como o *corpus* é construído, visto que “decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas” (Orlandi, 2007, p. 63). A construção do *corpus* é realizada por princípios teóricos, em acerto com os objetivos estabelecidos, dessa forma “esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa a demonstração mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos” (Orlandi, 2007, p. 63).

A maneira com que o analista do discurso apresenta e discute os conceitos que acredita darem conta de ancorar seu trabalho de pesquisa, já atrelam o sujeito-pesquisador a uma

forma de trabalho interpretativo de leitura do arquivo e do *corpus* constituído. Nesse jogo, o analista é exposto e observado em sua capacidade de atuação no processo de explicitação das análises realizadas, em sua interpretação dos resultados, expondo o modo de produção de sentidos do objeto em discussão (Pêcheux, 2014).

Após a leitura discursiva dos materiais selecionados dos arquivos, selecionamos 55 espaços jornalísticos e seus textos. Selecionamos, previamente, após a leitura dos materiais, 12 espaços, mas diante do volume de materiais, concluímos que seria interessante trabalharmos com 4 espaços jornalísticos da grande imprensa brasileira⁶⁵, dos quais foram selecionados 37 textos jornalísticos que constituem o nosso *corpus*⁶⁶ (APÊNDICE B). Os espaços discursivos são:

- Folha de S. Paulo⁶⁷: 11 textos foram selecionados.
- O Estado de S. Paulo⁶⁸: 5 textos foram selecionados.
- Portal IG⁶⁹: 16 textos foram selecionados.
- Portal G1⁷⁰: 5 textos foram selecionados.

Adentramos agora na reflexão sobre os recortes discursivos. O recorte é entendido como “uma unidade discursiva [...] um fragmento da situação discursiva” (Orlandi, 1984, p. 14). O recorte discursivo consiste na observação do funcionamento das relações entre os elementos analisados. Orlandi (1984) destaca que os processos de seleção dos recortes variam conforme determinados pontos, como os tipos de discurso e as condições de produção envolvidas na sua disponibilização, leitura e produção. No trabalho com os recortes é possível, segundo Orlandi (2005c), trabalhar com determinada forma material em sua especificidade e analisar como o

⁶⁵ A escolha foi tomada após identificar a grande consulta aos espaços selecionados, pelo uso do *site* Alexa, que marca o acesso às páginas de internet no mundo. Levamos em conta os espaços jornalísticos pertencerem as grandes estruturas midiáticas nacionais e a leitura das reportagens e a consideração de que apresentavam materiais relevantes para o nosso estudo e relacionados aos objetivos da Tese.

⁶⁶ Ressaltamos que realizamos a análise de 19 imagens referentes aos aplicativos estudados, pois acreditamos que elas proporcionam ao sujeito-leitor uma melhor visualização sobre as estruturas e usos dessas tecnologias.

⁶⁷ O jornal foi lançado em 1921. A versão digital do jornal foi lançada em 1995. É apresentado como “o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa” (Folha de S. Paulo, 2016). O Grupo Folha é dono da UOL, importante provedor de internet brasileiro, além de atuar com o gerenciamento e publicação de outros materiais, como o jornal Agora e o Instituto DataFolha.

⁶⁸ O jornal foi lançado em 1875, sendo “o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação” (Grupo Estado, 2016). A versão digital do jornal, como portal de notícias, ocorre em 2000.

⁶⁹ Portal de notícias lançado em 2000 (IG, 2016).

⁷⁰ Portal de notícias pertencente estreou em 2006. O portal pertence às Organizações Globo e é relacionado ao *site* da Globo.com, lançado em 2000, com foco na apresentação de materiais com conteúdo jornalístico (Grupo Globo, 2016).

histórico e o linguístico atuam na produção dos sentidos. Por meio deles é possível realizar uma análise profunda acerca de determinado ponto eleito para ser estudado pela via discursiva.

Orlandi (2004b) estabelece reflexões de como passamos do dado para o fato na linguagem, permitindo trabalhar a produção da linguagem e não exclusivamente seus produtos. A AD considera a linguagem em seu aspecto histórico e linguístico, inseparáveis no processo de produção dos sentidos e dos sujeitos, “o que me permite dizer que o sujeito é um *lugar de significação* historicamente constituído” (Orlandi, 2004b, p. 37).

Com efeito, para a análise de discurso, não existem dados enquanto tal, uma vez que eles resultam já de uma construção, de um gesto teórico. Aí entra a questão interpretação, o que torna esta discussão mais interessante. A questão da interpretação, por sua vez, leva à questão do real e da exterioridade (Orlandi, 2004b, p. 38).

Segundo Mariani (2004), o recorte é construído (con)juntamente ao processo de explicitação do lugar de onde se realiza essa tarefa, isso é fundamental, pois, a posição do analista do discurso afeta a constituição das análises por ele realizadas. A AD atua com uma leitura que considera o histórico como fundamental para o processo de constituição e produção dos sentidos. O gesto de recortar por parte do analista, visa compreender as relações significativas, sendo que a pretensão não é a de produzir análises acerca de todo o texto, já que o esgotamento por completo das possibilidades de análise de determinado material não é da ordem do possível. Por isso, a importância de estabelecer delimitações, com começo e fim, e com a compreensão de que suas escolhas de trabalho interferem nos resultados obtidos nas análises. O importante é atuar o máximo possível com os recortes discursivos, observando as relações entre os sentidos.

Desse modo, entendemos a linguagem permeada pela multiplicidade de sentidos, por tanto, constitutivamente polissêmica e marcada pela incompletude (Orlandi, 1984). É importante atentar para a não ocorrência da mera extração de enunciados do material sobre o qual o analista debruça sua atenção (Guilhaumou & Maldidier, 2011). Seleccionamos 97 recortes discursivos para este trabalho, sendo apresentados ao longo do texto. Até o momento, já atuamos com 7 desses recortes discursivos.

Reiteramos que não procuramos um sentido único sobre os aplicativos, os sujeitos-gays que utilizam essas ferramentas ou a relação entre esses sujeitos e essas tecnologias, mas entender os processos de significação que envolvem a produção de discursos sobre o que estamos trabalhando, considerando a multiplicidade dos sentidos inscritos nos espaços jornalísticos. Isso tudo afeta a memória produzida acerca dos gays, mas também inscreve a

questão da identificação ou do distanciamento com aquilo que é exposto e falado ali sobre o que é o sujeito-gay. Ao falar sobre algo no discurso jornalístico, existe a ilusão de que tudo foi dito, de que o sentido é totalizante. Tal ilusão afeta e constitui o sujeito. Conforme salienta Mariani (2004), é importante o trabalho investigativo da AD no modo como os sentidos são produzidos, pensando no sujeito como posição discursiva e afetado pela história e o social.

Destacamos que nossas leituras identificaram cinco regiões de sentido recorrentes nos materiais analisados acerca dos aplicativos e os sujeitos-gays que usam essas tecnologias são identificados: i) lugar de sociabilidade, para encontros de amor, amizade e sexo; ii) lugar de DST, especificamente atreladas a *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS) e o *Human Immunodeficiency Virus* (HIV), no qual os sujeitos são identificados como passíveis de contaminação; iii) lugar dos avanços da tecnologia, da potência da máquina na promoção das relações sociais, paqueras e sexo casual; iv) lugar de negócios, em que temos a relação com o consumo e a posição de consumidor; e v) lugar que produz impacto nas estruturas urbanas. Apresentaremos ao longo dos capítulos mais análises acerca dos recortes.

Na próxima seção, apresentaremos as noções mobilizadas para o trabalho realizado na Tese.

1.4 Gestos de trabalho: o dispositivo analítico de interpretação

Apresentamos, nesta parte final do capítulo, os conceitos identificados como essenciais para o nosso trabalho de análise dos recortes discursivos que foram escolhidos do *corpus*. Iniciamos com a noção de condições de produção.

Compreendemos que as condições de produção são fundamentais nos processos de formulação dos discursos e sentidos. Conforme estipula Pêcheux (1997a), abordar essa noção envolve trabalhar com as circunstâncias atreladas aos processos de produção dos discursos, tendo relação com o contexto e a situação, para permitir a compreensão acerca do que esteve em jogo durante a sua formulação. Orlandi (2007, p. 30) entende que as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental”. Orlandi (2007) pensa essa noção de modo duplo: de maneira ampla e específica.

Pensemos nas condições de produção levando em conta as reportagens publicadas sobre os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-gays, que são analisados neste trabalho. Desse modo, podemos considerar como condição de produção específica as

reportagens selecionadas, o que foi escrito sobre esses aplicativos, o formato no qual elas foram produzidas e disponibilizadas para acesso dos sujeitos-leitores, além do suporte no qual ocorreu a leitura desses materiais. As condições de produção, no sentido amplo, estão ligadas ao contexto sócio-histórico que afeta a produção e a circulação dos sentidos, levando em conta o já-dito sobre ser *gay*, o modo como a imprensa e a mídia discutem essa questão no Brasil, a forma como determinados espaços discursivos inscrevem reportagens sobre questões relacionadas à homossexualidade, além de como a reportagem é inserida naquele espaço discursivo, visto que uma reportagem no caderno de Economia, Saúde ou de Tecnologia produz diferentes efeitos de sentidos, já que sua produção se dá de maneiras distintas e circulando em diferentes espaços de significação.

Deste modo, refletimos acerca das condições de produção relacionadas ao ciberespaço e ao processo de constituição do discurso jornalístico. Não são quaisquer processos em jogo, mas específicos e vinculados ao funcionamento do digital, por isso, apresentaremos no próximo capítulo as estruturas acerca do consumo, jornalismo e as TIC, entendendo tais pontos como fundamentais para melhor compreendermos os aplicativos de relacionamento e os sujeitos-*gays* aqui estudados. As condições de produção afetam a discursividade e as possibilidades de inscrição dos sujeitos no discurso.

Consideramos relevante pensarmos o contexto atual, no qual as redes e as conexões são postas como naturais, já-dadas aos sujeitos da contemporaneidade, de modo que temos uma relação particular entre o espaço e o tempo em decorrência das tecnologias (Barbai, 2011). O modo como as tecnologias transformam as relações entre os sujeitos pode ser exemplificado com a análise dos aplicativos de relacionamento, sua criação e uso pelos sujeitos-*gays*, identificados como meios essenciais e eficazes para a promoção de seus encontros e relações, isso é posto na ordem da evidência e do fato nos textos jornalísticos. Pensar esses processos de como determinados sentidos são compreendidos como evidentes nos leva a mobilizar a noção de ideologia para esse trabalho.

Compreendemos o conceito de ideologia, para a AD, não como identificação do ocultamento de determinados pontos de vista, mas no processo de relação entre o sujeito e a exterioridade, que afeta a interpretação, os processos de formulação e relação com os sentidos. Na perspectiva discursiva, o ideológico e o político são constitutivos, de modo que a produção dos efeitos de evidência interfere na constituição dos sentidos (Pêcheux, 2014).

Ao produzir discursos o sujeito interpreta. Esse processo é marcado pela relação com a ilusão da evidência, de modo que determinados sentidos pareçam óbvios e outros tantos não, relacionados às condições de produção sócio-históricas. Essa relação de evidência é

fundamental para que o sujeito enuncie, estabeleça relações com os outros sujeitos e com os sentidos (Orlandi, 2007). A ideologia afeta o sujeito na relação ilusória com a transparência da linguagem, do mundo e dos sentidos. Conforme estabelece Pêcheux (2014, p. 146):

[...] a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.

A ideologia funciona produzindo a evidência ao sujeito. É pela sua ação que os indivíduos são interpelados como sujeitos no discurso e entendem que os seus dizeres e os sentidos que produz são adequados, coerentes e verdadeiros. Assim, os sentidos e os sujeitos são produzidos atrelados ao funcionamento ideológico. É por meio dessa noção que a sensação de sermos sempre sujeitos é gestada, ilusão de liberdade ou de que uma palavra só possa ter determinada significação, encerrada em si mesma (Orlandi, 2007; Pêcheux, 2014).

Pêcheux (2014) compreende que a ideologia naturaliza para o sujeito a possibilidade de uma língua estável, na qual, só é possível dizer algo de uma forma e não de tantas outras, também possíveis, em outras condições de produção, FDs e posições discursivas. Produzir sentidos é lidar com a submissão aos processos ideológicos, em que o sujeito não pode escapar, visto que somos sempre interpelados pela ideologia. Nem mais, nem menos interpelados, pois não é possível estabelecer uma metragem acerca desse processo, mas sempre afetados por ela. Na relação com os sentidos, a memória discursiva é importante por permitir a sustentação do dizer, sempre em relação com o já-lá, com o que antecede e permite que a enunciação aconteça.

A AD atua com a memória na perspectiva discursiva⁷¹. Compreendemos a memória discursiva constituída por esquecimentos e retomadas. A memória não se refere àquela da ordem psicológica, como lembrança, identificamos que ela é afetada por deslocamentos, vista como “um tecido, que ora se esgarça, se perde, se esburaca, se rompe, mas que nos constitui irremediavelmente” (Leandro, 2012, p. 143). Pêcheux (2010) trabalha com a reflexão da/sobre a memória de maneira distante do aspecto psicologista que envolve as discussões acerca da memória individual, trabalhando essa noção ligada ao sócio-histórico. A memória está em relação ao que é posto em jogo, mas também ao que é silenciado, aos “famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença’” (Pêcheux, 2010, p. 52).

⁷¹ Orlandi (2004) estabelece outra noção conceitual sobre memória: a memória metálica. Trabalharemos com essa noção ainda nesse capítulo.

O já-lá interfere na produção dos discursos, relacionados de maneira independente, sempre antes. A memória afeta os discursos e os sujeitos de diferentes maneiras. O dizer não está trancafiado, fechado em si mesmo, sendo significado pela história e pela língua, desse modo:

[...] o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. No caso que analisamos, tudo o que já se disse sobre voto, sobre eleições, sobre eleitores e também todos os dizeres políticos que significaram, em diferentes candidatos, os sentidos da política universitária estão, de certo modo, significando ali. Todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito sobre o que aquela faixa diz (Orlandi, 2007, p. 31).

A memória funciona como uma espécie de cola, que reúne fragmentos espalhados, deslocados permanentemente e que quando é atualizada atua unindo o disperso, “produzindo um universo de significações, quase sempre, deslocadas e condensadas” (Leandro, 2012, p. 142). As palavras não estão restritas ao que pretendemos dizer, elas são carregadas de memória. O que é dito é acompanhado de inúmeros dizeres não ditos ou esquecidos, mas que permanecem constituindo as tramas da memória (Orlandi, 2010b).

O acesso à memória discursiva é o que possibilita ao sujeito recuperar dizeres ditos anteriormente. A memória do dizer, a relação com o já-dito não é a mesma para todos, considerando que o acesso a ela e às diferentes formações sócio-históricas não são as mesmas para todos, já que as condições de produção são distintas. Para significar, é necessário que já tenha sido dito antes. Não somos donos de nossas palavras, sempre marcadas por sentidos outros, inscritas em momentos distintos (Pêcheux, 1997b, 2014). Pensando essas colocações, atuamos com uma análise que retoma pelo já-lá a relação da identificação das relações homossexuais atrelada a uma FD do campo da saúde. Como veremos ao longo das análises deste trabalho, essa região de sentidos é explorada com regularidade no nosso *corpus*, diante dos riscos de contaminação com as DST e as possibilidades de trabalho com a informação para a prevenção nos aplicativos estudados.

No ano de 2015, durante o Carnaval, houve uma campanha do Ministério da Saúde do Brasil no Hornet e Tinder, focada na prevenção as DST, com destaque para a AIDS e o HIV. Houve ampla divulgação dessas ações nos espaços jornalísticos, inclusive, por problemas na recepção do Tinder com a campanha⁷². O interesse da iniciativa era o de alertar sobre a necessidade do uso do preservativo em relações sexuais e da importância da realização de

⁷² A empresa que administra o Tinder apagou as mensagens da campanha do Ministério da Saúde alegando que não houve permissão prévia para a sua realização e criação dos perfis nessa rede.

testes para descobrir a sorologia para o HIV ou a contaminação por alguma DST. Apresentamos dois recortes de textos publicados no jornal O Estado de S. Paulo e no Portal G1 sobre essa ação do Ministério da Saúde:

[R8] Em **ação contra Aids**, perfis em rede **pedem 'sexo sem limites'** (O Estado de S. Paulo – 09/02/2015)⁷³.

[R9] O Ministério da Saúde criou cinco perfis falsos que serão usados em aplicativos de paquera como **parte de uma campanha** para **ajudar na prevenção à Aids neste carnaval**. A estratégia estará nos apps Tinder e **Hornet, que promovem encontros casuais**, para alertar a população sobre a **importância do sexo seguro**. (Portal G1 – 09/02/2015)⁷⁴.

O excerto inicial é o título da reportagem do jornal O Estado de S. Paulo, na versão *on-line*. Um ponto que chama nossa atenção é a forma como os aplicativos são falados aqui. Para os sujeitos-leitores, temos a enunciação dessas plataformas como lugares nos quais o sexo é obtido, isso também é identificado no recorte 9, desse modo, “sexo sem limites” ou “sexo seguro” são postos em discurso. O aplicativo Hornet e os sujeitos-gays que estão inscritos ali são postos como sujeitos do universo sexual, que se interessam e buscam por sexo, com destaque para os seus encontros e relações casuais. Temos um silenciamento acerca de outras possibilidades que os aplicativos podem oferecer, como amizade ou amor, como apresentado anteriormente nos recortes 1 e 2.

O sexo não é reprimido, mas enquadrado, vigiado, inscrito como possível e adequado em condições específicas por profissionais da área da saúde. Somente é aceita a prática sexual marcada pela segurança, inscrita no que é definido como adequado no espaço do discurso científico da área da saúde, veiculado e vinculado a um lugar de poder e prestígio, a instituição “Ministério da Saúde”, que ao identificar os aplicativos como locais de “encontros casuais”, mobilizam seu uso para a difusão de mensagens sobre a necessidade do uso do preservativo, da realização do “sexo seguro”. Não é qualquer lugar que produz esses discursos, mas a entidade institucional máxima da área da saúde no Brasil.

A memória possibilita a sustentação de sentidos inscritos como evidentes nos espaços jornalísticos, filiados à FD do campo da saúde. A ação do Ministério da Saúde é apresentada no discurso jornalístico como legítima, mobilizando o imaginário acerca da validade dos discursos produzidos no espaço institucional, para reforçar a importância desse tipo de ação.

⁷³ Thomé, C. (2015, 09 de fevereiro). Em ação contra Aids, perfis em rede pedem ‘sexo sem limites’. *O Estado de S. Paulo*. Recuperado de <http://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-rio/pedia-sexo-sem-limites-no-tinder-era-acao-do-ministerio-da-saude/>.

⁷⁴ Carvalho, J. (2015, 09 de fevereiro). Governo cria perfis falsos em aplicativos para combater a Aids. *G1*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/833328-gays-aderem-a-servico-movel-para-encontrar-opar-perfeito.shtml>

No espaço jornalístico, temos o imaginário de lugar de apresentação de relatos verdadeiros e considerados importantes para a sociedade. Identificamos que é o já-lá que permite a produção de interpretações, apresentadas como fatos no espaço jornalístico, nas quais ações com o foco em “ajudar na prevenção à Aids” são descritas como importantes de circularem no social, inclusive na forma de reportagem, e necessárias no plano dos investimentos públicos na área da saúde.

Os gestos de orientação que impõe as formas aceitas para as práticas sexuais estão presentes nos discursos jornalísticos. O “sexo seguro” é justificado com base nos discursos produzidos nos espaços institucionais das áreas da saúde e reverbera como legítimo no discurso jornalístico. As relações entre os espaços de dizer, nas diferentes FDs não é rígido, o que permite a circulação e o uso de enunciados em outros espaços discursivos. As informações do campo da saúde são mobilizadas para embasar a produção dos discursos jornalísticos e suas afirmações, pois é um campo de prestígio, são inscritas em uma formação imaginária de capacidade de fornecer as orientações adequadas sobre as DST.

O Ministério da Saúde é identificado em posição de autoridade de definição de quais são, entre as inúmeras formas de atividades sexuais existentes, aquelas classificadas como aceitáveis ou compreendidas como perigosas, por possibilitarem condições de contaminação com as DST, em especial, o vírus HIV. O sexo sem preservativo é apontado como de risco, identificado como prática incorreta pelos espaços de saúde. O não uso do preservativo inscreve a possibilidade da contaminação por alguma doença sexual, por algo que destrói o corpo e atrapalha a vida dos sujeitos, nesse sentido, a referência à AIDS nos dois recortes discursivos não é aleatória, mas relacionada ao modo como essa doença retoma a memória da produção de um corpo doente, frágil, resultante da contaminação pela via sexual e do não cuidado por parte do sujeito. É posto na ordem da evidência que é o sujeito o responsável por se cuidar e usar o preservativo nos contatos sexuais.

Identificamos que o sexo com proteção é o sexo com tecnologia. Compreendemos o preservativo como uma invenção tecnológica que tem reverberado de modo significativo na maneira com que os sujeitos estabelecem relações sexuais, funcionando atrelado ao imaginário de proteção adequada frente a possíveis contaminações com DST, como símbolo do sexo consciente e do cuidado consigo. É por essa invenção tecnológica que o campo sexual pode ser vivido de forma livre e segura, seguindo diretrizes atestadas e difundidas pelo campo científico e médico.

Ações como as empreendidas pelo Ministério da Saúde são balizadas por um já-lá, no qual, a tradição de iniciativas de prevenção e luta para que os homossexuais se previnam

contra a AIDS e o HIV ocorre há anos. Não se têm a inscrição desses sentidos de maneira aleatória, mas em relação ao efeito ideológico que naturaliza a sua produção. As condições de produção da contemporaneidade colocam em jogo as compreensões acerca da importância das ferramentas tecnológicas como o Hornet nas práticas institucionais de prevenção a AIDS e ao HIV.

A filiação à AIDS não é eventual. Ela se fez no histórico, constituindo fios de relação com a memória, no que é falado acerca das DST. Conforme esclarece Soares (2006), a AIDS e o HIV foram, desde o seu aparecimento, associadas aos *gays*, inclusive, durante muito tempo houve a identificação como uma doença exclusivamente relacionada a eles, com a difusão de termos como “câncer gay” e “peste gay”, em uma visão interessada em reafirmar a condenação as formas de relacionamento entre esses sujeitos. Mott (2001) destaca que antes do advento da AIDS, já havia sentidos de relação da homossexualidade e dos *gays* como responsáveis por doenças e pestes que afligiram a humanidade ao longo da história.

Na contemporaneidade o “sexo sem limites” não é visto como problema, desde que dentro de uma perspectiva entendida como adequada e segura, ainda mais em um período no qual o sexo com desconhecidos é compreendido como facilitado, como é a época do “carnaval”, no qual a campanha foi realizada. Notemos o modo como o aplicativo é compreendido como passível de ser ressignificado:

[R10] A **estratégia do ministério é atingir o público jovem, que não se sensibiliza com campanhas tradicionais** (O Estado de S. Paulo – 09/02/2015)⁷⁵.

O espaço do aplicativo Hornet é ressignificado para a difusão de dizeres acerca da prevenção as DST. O foco deixa de ser a busca por parceiros para a promoção do sexo seguro. A argumentação utilizada é a da identificação dos aplicativos como locais de “estratégia” para ações do serviço público de saúde, com um foco, no caso, o “público jovem”. Observamos as marcas de eficiência inscritas de modo a justificar a ação institucional nesse espaço para as relações *gays*, nos quais, o sujeito identificado como pertencente a esse lugar é o *gay* “jovem”. Assim, observamos a existência de sentidos que colocam a tecnologia atrelada a esse sujeito e as novas formas com que ele estabelece relacionamentos, por isso, a importância da atenção e ações nessa tecnologia.

Os aplicativos são apresentados como elementos relacionados aos “jovens”. São eles que são imaginados como sujeitos dessas redes de sociabilidade. Tais tecnologias são o foco

⁷⁵ Thomé, C. (2015, 09 de fevereiro). Em ação contra Aids, perfis em rede pedem ‘sexo sem limites’. *O Estado de S. Paulo*. Recuperado de <http://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-rio/pedia-sexo-sem-limites-no-tinder-era-acao-do-ministerio-da-saude/>

de ação para um tipo de *gay*, o que estabelece as identificações de categorias no desenvolvimento das campanhas de prevenção, com focos específicos, realizadas de acordo com dados provenientes de pesquisas, permitindo a adoção de estratégias distintas para cada parte da comunidade *gay*. Essa forma de “estratégia” coloca o espaço da saúde dentro de um universo de racionalização de investimentos públicos, com “ações” que são justificadas com base em dados numéricos e pesquisas que permitem que os agentes públicos planejem quais as melhores estratégias para agir com esses sujeitos.

A demarcação de que os atos públicos são feitos dentro de uma estrutura do universo administrativo, ancorada em dados científicos e técnicos que guiam a melhor forma de atuação, resultam na produção de sentidos de eficiência na gestão dos recursos aplicados. O investimento nessa forma de ação ocorre porque outras não são efetivas para aquele grupo que já “não se sensibiliza com campanhas tradicionais”. A segmentação é identificada como a chave para o sucesso no trabalho de prevenção as DST na atualidade.

Falando sobre a necessidade das ações nos aplicativos durante o Carnaval de 2015, temos no recorte discursivo 11, o reforço da associação dos jovens com o universo das tecnologias, os “meios de comunicação que essa geração se utiliza”, conforme afirmação de Arthur Chioro, então ministro da saúde em 2015⁷⁶:

[R11] “**Precisamos chegar ao público jovem**, tanto o hétero como o **homossexual**, numa **linguagem direta**, que convoque jovens e adolescentes **a usar camisinha, fazer o teste e, se der positivo, iniciar o tratamento**. É preciso **usar esta linguagem nos meios de comunicação que essa geração se utiliza, onde ela tem suas relações, forma suas convicções de vida**”, afirmou Chioro. (O Estado de São Paulo – 09/02/2015)⁷⁷.

A indicação de que “precisamos chegar ao público jovem” indica a compreensão da importância da realização de ações por parte do Estado na prevenção das DST junto aos jovens *gays*. É uma necessidade reconhecida pelo espaço institucional, expressa pela autoridade máxima de saúde do país, o “ministro” da pasta no Brasil, e que busca ser resolvida, com iniciativas como a apresentada, que envolveu a produção de perfis e anúncios no Hornet.

O lançamento dessa iniciativa no Carnaval de 2015 não é aleatória, mas está vinculado ao imaginário de que é nessa época do ano, que os cuidados devem ser redobrados com os riscos de possíveis contaminações com DST, sempre com ênfase na AIDS e no HIV. É pela relação com a memória que compreendemos que são sustentados esses sentidos que tornam

⁷⁶ O ministro da saúde do período era Arthur Chioro, atuou de 03/02/2014 a 02/10/2015.

⁷⁷ Thomé, C. (2015, 09 de fevereiro). Em ação contra Aids, perfis em rede pedem ‘sexo sem limites’. *O Estado de S. Paulo*. Recuperado de <http://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-rio/pedia-sexo-sem-limites-no-tinder-era-acao-do-ministerio-da-saude/>

lógica a relação do sexo casual e a facilidade da contaminação com as DST, em um jogo de formações imaginárias que inscreve os sujeitos-*gays* jovens e inseridos no uso dos aplicativos como mais facilmente suscetíveis de contraírem doenças sexuais e promove a importância do reforço de iniciativas do Estado na difusão de alertas e informações. Essa relação com o já-lá é persistente no cotidiano, o que nos permite compreender como os sentidos estão sempre ligados aos acontecimentos, dizeres e sentidos anteriores, em um processo contínuo, não aleatório.

O foco é uma ação que insira como rotina a prática da prevenção no cotidiano dos sujeitos-*gays* jovens. A inserção de práticas que possibilitam a classificação do sexo por eles praticado como seguro, por exemplo, com o uso do preservativo, de medicamentos, da adoção do hábito da testagem para DST e, principalmente, para saber o seu estado sorológico para o HIV, já que a descoberta do vírus é parte das iniciativas de cuidado e proteção ao portador e aos não portadores do vírus, visando a assegurar o controle do seu desenvolvimento.

Os jovens são falados como o “público” dessa ação, eles são identificados como os mais afetados por essas novas tecnologias de conexão, por isso, são o alvo trabalhado nessa campanha. Se nos recortes anteriores, já identificamos a tecnologia como divisa entre os sujeitos, os últimos recortes enfatizam esse jogo: de um lado, os jovens, sua relação com as TIC e sua inserção nas redes demandam que haja o trabalho com espaços nos quais eles interajam e formem “suas convicções de vida”. Os sujeitos-*gays* são destaque entre os jovens que estão nos aplicativos, por isso, diante das alterações nos processos de socialização é que as ações institucionais são importantes e reverberam nos espaços jornalísticos, pois descrevem as mudanças envolvendo os modos de atuar com a prevenção as DST, diante da necessidade de atender as transformações sócio-históricas do nosso tempo, em que a tecnologia modifica a forma de realização dos encontros por esses sujeitos.

Consideramos que o foco da atuação do Ministério da Saúde no período do “carnaval” não é ocasional. Não é qualquer data que recebe o estímulo financeiro para a realização dessa ação, mas o período relacionado a uma época na qual o sexo desprotegido é compreendido como uma evidência, decorrente da maior facilidade de obtenção de parceiros sexuais. Essa lógica é relacionada ao já-lá, a constituição da memória discursiva que inscreve o “carnaval” como época do sexo fácil, por isso, ações desse tipo por parte do Estado são compreendidas como essenciais na sua atuação de informar acerca dos riscos envolvidos na prática do sexo desprotegido, na importância do incentivo a prevenção e a testagem para as DST⁷⁸.

⁷⁸

Salientamos que em nossa pesquisa, observamos farta literatura internacional acerca dos aplicativos voltados para os sujeitos-*gays* sendo utilizados para a prevenção das DST, com destaque para as ações

Retomando as discussões teóricas, compreendemos que a interpretação está atrelada à forma-sujeito, em que temos o que é autorizado e permitido a ser interpretado em determinadas condições sócio-históricas (Zoppi-Fontana, 2009). O sujeito ocupa uma posição no discurso, interpretando e produzindo sentidos a partir dela. Pensemos, como exemplo, em uma notícia sobre os aplicativos estudados. Os aplicativos podem ser identificados como espaços de prazer por sujeitos que ocupam determinada posição, enquanto outros podem interpretar como locais de promiscuidade ou pecado.

Por parecer evidente é que o sujeito não questiona a evidência dos sentidos, parecendo que só é possível dizer daquela forma, não considerando que o sentido é uma construção, proveniente de uma historicidade (Orlandi, 2007, p. 45):

[...] o sujeito se constitui por interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva – que, em uma sociedade como a nossa, o produz sob a forma de sujeito de direito (jurídico). Esta forma-sujeito corresponde, historicamente, ao sujeito do capitalismo, ao mesmo tempo determinado por condições externas e autônomo (responsável pelo que diz), um sujeito com seus direitos e deveres.

Na contemporaneidade, a forma-sujeito histórica é marcada por um sujeito que é ao mesmo tempo livre e submisso, relacionado à estrutura jurídica. Na AD, pensamos o sujeito afetado pelos processos de constituição sócio-histórica. A forma-sujeito está ligada ao processo de assujeitamento e afeta os indivíduos ao serem interpelados como sujeitos (Pêcheux, 2014).

A forma-sujeito atual não é a mesma de outros períodos sócio-históricos, como na Idade Média, em que a forma-sujeito da religião instituía a subordinação às regras dos espaços sagrados do cristianismo, aos seus discursos, atrelando essa relação aos processos de produção dos discursos e a circulação da memória do período. Posteriormente, na modernidade, a partir do século XVI, a subordinação passa a ser ao jurídico, a forma-sujeito jurídico (Haroche, 1992). Essas mudanças envolvem alterações no poder: passou das mãos da Religião para o Estado. No período da Idade Média, a divisão social era legitimada, segundo diretrizes ligadas ao divino, enquanto na Modernidade, houve uma mudança, na qual a organização social passou a ser do Estado. A obediência deixa de estar relacionada às leis divinas e passa a ser ditada pelas leis jurídicas (Payer, 2005).

direcionadas a diminuição da contaminação com a AIDS e o HIV, identificando essas tecnologias como fundamentais na conscientização da importância do sexo seguro para os *gays*, e pesquisas interessadas em levantar dados comparativos acerca das práticas do sexo de risco pelos sujeitos-*gays* que estão nos aplicativos e aqueles que não estão (Beymer, et al, 2014; Rice, Holloway, Winetrobe, Rhoades, Barman-Adhikari, Gibbs, Carranza, Dent, & Dunlap, 2012; Rendina, Jimenez, Grov, Ventuneac, & Parsons, 2014).

Consideramos que as transformações referentes à Modernidade e à forma-sujeito jurídico não desaparecem na contemporaneidade, mas persistem, são adequadas e importantes na relação de subordinação atual do sujeito ao texto jurídico, aos ditames impostos por ele, nos quais, direitos, deveres e punições são apresentados como afetando a todos os sujeitos. Liberdade que é ancorada no ideal do livre mercado, nas condições de funcionamento do capitalismo. Dissimulada a ponto de não parecer que somos relacionados a essa forma-sujeito (Haroche, 1992).

Pensando na contemporaneidade, consideramos que temos mudanças significativas na forma-sujeito atual. Ela continua atrelada ao jurídico e ao econômico. O texto jurídico é essencial e o aperfeiçoamento da máquina econômica é uma realidade, nesse processo, as estruturas midiáticas e tecnológicas ganham destaque e importância, produzindo alguns deslocamentos, mas que não rompem com o que já existia, pelo contrário, fortalecem a estrutura capitalista e jurídica na atualidade. Concordamos com Payer (2005) acerca da identificação de que o texto da contemporaneidade é o produzido pela mídia, área relacionada ao espaço de poder atual, no caso, a estrutura do mercado capitalista.

Assim, temos transformações na estrutura de poder, o que interfere na constituição da forma-sujeito. É importante considerar que a exterioridade interfere na produção dos enunciados, já que tais alterações são influenciadas pelo poder das instituições, por exemplo, ao observarmos o valor que a sociedade atribui ao mercado na atualidade. O mercado ganha *status* e destaque nas decisões do Estado, na forma como este estabelece a sua organização e nas relações entre os sujeitos. A globalização afeta a relação entre os Estados e as fronteiras estabelecidas, gerando novas configurações geopolíticas, como a União Europeia (Payer, 2005). Pensemos no modo como as observações acerca do sujeito-*gay* são transformadas com a sua identificação como importante nó na rede de consumo da contemporaneidade, a posição discursiva possível de ser ocupada passa a ser outra, assim como os sentidos e as significações, inclusive, interferindo na constituição do plano jurídico e político.

Na atualidade, a mídia exerce grande importância, especialmente a parte que trata do *marketing* e da publicidade. A mídia é o texto principal do mercado, isso inclui, com destaque, o espaço jornalístico e a produção das notícias. A presença da mídia é sentida a todo tempo na contemporaneidade, atuando na direção de produzir evidências, efeitos de transparência de sentidos e produzindo notícias que circulam com rapidez graças às estruturas tecnológicas. A produção dos enunciados no espaço midiático interfere na(s) forma(s) de nossa sociedade, em sua estrutura e no modo como os sujeitos são afetados pelas questões relacionadas ao mercado (Payer, 2005). Destacamos que os avanços tecnológicos

proporcionam as condições essenciais para que os espaços midiáticos ocupem esse papel de destaque na contemporaneidade, frente as facilidades de difusão das informações na materialidade digital.

Ao pensarmos nos espaços da imprensa *on-line* como lugares de enunciação, da produção de testemunhos, pensamos no funcionamento dos discursos sobre (Barbai, 2016; Costa, 2011; Mariani, 1998; Orlandi, 2008). Tomamos esse conceito como fundamental para pensarmos os discursos jornalísticos e sua compreensão como lugares de referência, produtores de conhecimento, capazes de elucidar dúvidas e questionamentos ao abordarem algum assunto. Discursos que resultam em interpretações capazes de falar pelos sujeitos, produzindo compreensões adequadas sobre qualquer assunto e marcadas pelo imaginário de que ali temos o contato com a história e a realidade retratadas nas notícias sobre o que ocorre no cotidiano.

Inicialmente, a noção de discurso sobre aparece teorizado por Orlandi (2008), destacando sua importância na produção da institucionalização dos sentidos. É no contexto do discurso sobre que podemos pensar o domínio da história e sua capacidade de produzir gestos de disciplinarização e organização que refletem no que é apresentado como a memória sobre algo, já que a interpretação produzida, permite uma redução que é fundamental para esse campo, frente a impossibilidade de contemplar o todo.

Costa (2011) destaca que o discurso sobre é atrelado aos processos de produção das evidências, funciona como uma interpretação, instituindo-se dessa forma. Por tanto, contribui para a reflexão acerca dos processos de institucionalização dos sentidos. O lugar de autoridade conferido ao discurso sobre funciona balizando aquilo que é dito ao interlocutor.

Enquanto discurso intermediário, como uma forma de institucionalização dos sentidos, o *discurso sobre* constitui uma interpretação, ou melhor, ao se situar entre um discurso-origem e um interlocutor, ele resulta de uma interpretação. Ao mesmo tempo ele intervém na construção imaginária do interlocutor, do sujeito e do dizer (Costa, 2011, p. 9).

O discurso sobre está ligado aos espaços de autoridade e poder, marcando um lugar de referência para transmitir um conhecimento, capaz de atuar na “co-relação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor” (Mariani, 1998, p. 60). O discurso jornalístico funcionaria como discurso sobre, já que a imprensa atua na produção de conhecimentos e relatos do que ocorre no mundo, inscrevendo o mundo como objeto e, situado entre o discurso e os interlocutores.

Mariani (1998) afirma que o discurso jornalístico atua na produção da institucionalização de determinados sentidos no espaço social. Inclusive, com a produção de uma memória sobre o que já foi (passado) e o que virá (futuro). Essa institucionalização é realizada, posta na ordem da evidência, compreendida como legitimada na posição de quem sabe o que diz e possui credibilidade.

O material jornalístico é identificado como autorizado a produzir interpretações sobre o mundo, já que são ligados ao institucional e a dizeres legitimados no espaço social, compreendidos como capazes de apresentar uma fala consistente, objetiva, apurada e informativa, visando ao bem saber do sujeito-leitor e retratando os fatos como aconteceram. Salientamos que a linguagem da comunicação jornalística é identificada e idealizada como capaz de ser clara e precisa.

O discurso jornalístico é marcado pela inscrição do viés didático, com a atuação na transmissão de informações utilizando recursos que pretensamente expliquem com facilidade o que ocorre no mundo, assim, figuras, gráficos, mapas, projeções e tabelas são utilizados com abundância, bem como estatísticas, depoimentos e a opinião de especialistas para embasar ou refutar determinada compreensão, mobilizando saberes anteriores para dar conta de justificar ou elucidar pontos sobre algo. O discurso jornalístico apaga qualquer identificação de que ali existe uma interpretação, em nome de uma compreensão de que ele apenas apresenta o mundo como é, como os fatos e as coisas acontecem, sem que haja juízo de valor ou subjetividade. O didatismo no espaço de notícias apenas reforça a ilusão da objetividade do relato jornalístico, de algo simples e fácil para ser consumido por um sujeito-leitor que não daria conta sozinho de entender o que ocorre no mundo e ali o encontra detalhado e traduzido (Mariani, 1998).

Nossa compreensão é de que a neutralidade e a transparência da linguagem não existem, são efeitos produzidos pela ideologia. A mídia, em especial, o jornalismo tem buscado evidenciar um processo de inscrever as informações que são apresentadas como verdades absolutas, respaldadas como informações verificadas e apenas retratando a realidade, ignorando que outros aspectos, como marcas políticas e econômicas interferem na produção desses dizeres (Mariani, 1998).

Passando por essas colocações, pensemos a noção de sujeito da AD, de como essa noção difere de outros sujeitos discutidos em outras tramas conceituais existentes em diferentes planos teóricos (Pêcheux, 2014). Na AD, o sujeito não é passível de quantificação ou de ser normatizado. Ele crê controlar o que diz, acreditando que pela língua é possível dizer tudo, o que é ilusório e da ordem do impossível.

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (Orlandi, 2007, p. 49).

A interpretação do sujeito sempre é realizada a partir de uma determinada posição discursiva. A posição-sujeito afeta o modo como os sentidos são produzidos e interpretados. Não se foge disso. Inscrito em determinada posição discursiva, o sujeito realiza suas leituras e produz suas interpretações (Orlandi, 2005b). Não identificamos o sujeito como universal, mas como posições no discurso, passíveis de serem distintas, inscritas nas relações históricas e de produção que as constituem. Compreendemos o sujeito como a “passagem do corpo orgânico para o corpo político-jurídico” (Zandwais, 2010, p. 79).

A posição constitui o dizer. É relevante ressaltar que não são as posições empíricas, no caso, os sujeitos físicos ou os lugares empíricos que estão funcionando no espaço do discurso, “mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição” (Orlandi, 2007, p. 40). Pêcheux (2014) identifica que a memória discursiva, e os esquecimentos, são constitutivos desse processo de tomada de posição, de relação com as formações imaginárias e o que se compreende como possível de ser ou não significado.

A posição discursiva que o sujeito ocupa sempre é da ordem do provisório, visto que ele sempre é afetado, marcado por tensões externas e internas, atreladas ao sócio-histórico e ao inconsciente. Sujeito como efeito discursivo, relacionado a sua posição discursiva, à relação com a ideologia e as condições de produção específicas (Pêcheux, 2014). Ao pensarmos no sujeito-gay da contemporaneidade, lidamos com um sujeito relacionado ao urbano, ao consumo, às tecnologias, especificamente, as TIC e ao imaginário que o inscreve em determinadas regiões de sentidos.

As formações discursivas (FD) são organizadas pela ideologia e pela posição-sujeito. O modo como a interpretação é realizada tem relação com a FD, pelo modo como o sujeito está relacionado a ela e estabelece identificações que o dominam. Dependendo da FD na qual o sujeito está relacionado, uma mesma expressão ou palavra, pode significar de maneiras opostas, mas produzindo para o sujeito inscrito em cada posição, a sensação de que sua interpretação é a adequada (Pêcheux, 2014, p. 147):

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

Ao ser inscrito em determinada FD, o discurso afeta a produção dos sentidos, resulta em diferenças de significação e de possibilidades de leitura de um mesmo enunciado. Na relação com uma determinada FD é que o sentido é constituído, desse modo, o sujeito não determina os sentidos das palavras, já que ele está relacionado a uma FD específica, na qual, ele estabelece relações para e como dizer (Indursky, 1997).

Compreendemos que o conceito de formação imaginária é importante ao pensarmos a produção dos discursos e dos sentidos. O imaginário é o mecanismo que permite ao sujeito produzir imagens durante o jogo discursivo, interferindo na sua produção. As imagens projetadas são importantes para o discurso:

Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante (Orlandi, 2007, p. 40).

Para Pêcheux (1997a), os lugares sociais aparecem nas relações discursivas, mas não como representações empíricas, mas ligadas ao funcionamento das formações imaginárias, nas quais, os sujeitos estabelecem projeções sobre o seu lugar e o do outro no discurso, bem como aos seus dizeres e o modo como eles serão entendidos pelo interlocutor. É por essa relação com o imaginário que o sujeito crê que o que disse será entendido daquele modo pelos interlocutores. A relação com as formações imaginárias acompanha, o tempo todo, os processos de produção dos discursos e dos sentidos pelos sujeitos.

Temos pesos distintos afetando a circulação e constituição dos discursos e dos sentidos, atados ao imaginário de sua relevância. As formações imaginárias estão presentes e são fundamentais em todo o processo discursivo. Assim:

[...] o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa. Assim, importa se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc. Cada um desses lugares tem sua força na relação da interlocução e isto se representa nas posições sujeito. Por isso essas posições não são neutras e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força (Orlandi, 2010a, p. 16).

As formações imaginárias e as FDs afetam a produção de discursos por parte dos sujeitos, já que o sujeito inscreve sentidos como se fosse natural que o sentido só pudesse ser

daquela forma, não questionando os sentidos, como se só pudessem ser dessa forma, repetindo e não questionando o que repete e os efeitos, conseqüentemente, que são produzidos.

Destacamos que outra noção de memória é pensada por Orlandi (2004b): a metálica. Pensar os processos de pesquisa com a materialidade digital e os espaços do ciberespaço, como é o caso do jornalismo *on-line*, mobiliza recorrer a essa noção para pensarmos as relações dos sujeitos com os processos de arquivamento e o imaginário que envolve as TIC. A memória metálica é marcada pelo processo de reduzir o discursivo ao “pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições” (Orlandi, 2004b, p. 16). É uma memória constituída não na historicidade, mas sim, pelo aspecto de estruturação técnica, no qual a acumulação e a quantidade são resultados dos funcionamentos dos aparelhos técnicos, com destaque para o computador⁷⁹, com a repetição e a produção constantes (Orlandi, 2004b). Memória que consideramos parte do modo como a significação ocorre, da estruturação da forma-sujeito atual e significativa para pensarmos os espaços jornalísticos, os aplicativos de relacionamento e os sujeitos-*gays* relacionados a essa utilização.

A atualização é demandada do sujeito em sua relação com os espaços de notícia na estrutura digital. Atualizar é gesto corriqueiro, assegura o efeito de relação com o mundo pelo contato com as informações publicadas, o que demanda a conexão permanente como estado essencial do sujeito na relação com a contemporaneidade e os espaços de notícia em sua cobertura, supostamente, total do mundo todo. O todo, o quantitativo inalcançável parece, finalmente, acessível ao sujeito da contemporaneidade, mas sabemos que isso é ilusório e o efeito de atualização que a memória metálica produz é essencial nesse processo.

A ideia é da informação compreendida como infinita, capaz de ser armazenada de forma plena e assegurar o acesso ao tudo. Na lógica do funcionamento da memória metálica, não teríamos furos ou falhas, seria ela uma estrutura perfeita, com extensão ilimitada, funcionando pela repetição constante e produzindo o mesmo como resultado. Trata-se de uma estrutura ancorada na ordem dos processos do cálculo, da lógica e do funcionamento numérico. Constituição de memória que é de outra ordem e resulta em relações e processos de significação distintos, conforme esclarece Orlandi (2004b).

A memória metálica pode ser pensada não como memória, mas como uma atualidade, um dizer atualizado de forma constante e que produz uma sensação de presente contínuo.

⁷⁹ E acreditamos que os celulares *smartphone* também.

Dizer que é reatualizado, produzido pelas máquinas e que “tem relação com o excesso do dizer, com a quantidade e a repetição” (Orlandi, 2006, p. 27).

Repetição e saturação são efeitos da memória metálica, parte do modo como os espaços jornalísticos alardeiam sua eficiência e sucesso ao compreender que é pelo quantitativo que a real cobertura de um fato ocorre, pela saturação do dizer. Efeito que produz a sensação da completude pelo funcionamento do discurso jornalístico, ligado a identificação de seu funcionamento sem fim que caracteriza os espaços *on-line*. O modo como as notícias são replicadas e multiplicadas constantemente, reproduzidas muitas vezes com poucas alterações e novidades, repetidas em dias seguintes com a mera atualização de horários e de algumas informações reverbera, a alimentação permanente desses espaços.

Ao sujeito-*gay* a atualização funciona como elemento necessário em seu processo de navegação nos aplicativos de relacionamento. Atualizar é gesto compreendido como capaz de produzir mais possibilidades de encontrar o que se procura, quando as opções existentes não agradam e algo necessário quando o sujeito se movimenta pelo espaço da cidade, visando atualizar o sistema. Estar atualizado produz o sentido de esperança na renovação da busca, da possibilidade de encontrar novas opções, redesenhando os sujeitos segundo as distâncias ou os gostos estabelecidos nos filtros disponibilizados ali. Mesmo que os resultados obtidos apresentem poucas alterações, com novos usuários interessantes, atualizar é posto como imprescindível para o sujeito-*gay* que tenta encontrar o que procura em meio a uma quantidade inacreditável de possibilidades apresentadas. A atualização também funciona como meio do sujeito-*gay* sobreviver a sensação, sempre presente, de estar desatualizado frente as novas possibilidades de perfis que podem entrar nessas redes a qualquer momento.

O sujeito da contemporaneidade é marcado por sua relação com a estrutura informática, das máquinas e da sua lógica de funcionamento. O sujeito-*gay* não escapa dessa junção e isso explica a sua relação com os aplicativos e o modo como o amor, as relações sociais e o sexo são significados de novas formas, em processos outros, estabelecidos pelas possibilidades de conexão dos aplicativos de relacionamento.

No próximo capítulo, analisaremos o modo como as condições de produção atreladas ao discurso jornalístico *on-line*, às TIC e à estrutura econômica da contemporaneidade propiciam condições para pensarmos o modo como os sujeitos-*gays* e uma forma de tecnologia relacionada a eles são discursivizados no espaço jornalístico brasileiro.

Capítulo 2

As condições de produção atreladas aos sujeitos-*gays* da/na contemporaneidade: consumo, informação e tecnologias

Desenho do artista Jean Julien

Fonte: <http://www.kingz.fr/wp-content/uploads/2016/06/Jean-Jullien-Low-Blow-Kingz.jpg>

Erro ao ler, e no erro, por vezes, encontro incríveis acertos.
No erro me encontro muito.
(Agualusa, 2013, p. 78).

Neste capítulo, propomos discutir os campos que embasam teoricamente nossas abordagens acerca dos espaços discursivos da notícia, do consumo, do ciberespaço e das tecnologias como locais de circulação de discursos e sujeitos. Identificamos que essas áreas constituem as condições de produção atreladas ao que é aqui discutido. Iniciamos aqui, a reflexão acerca do modo como o sujeito-*gay*, pensado em uma perspectiva discursiva, é afetado por tais pontos e isso afeta os sentidos produzidos sobre ele na contemporaneidade.

Dividimos em três partes este capítulo: i) apresentação das reflexões acerca do consumo e da globalização na contemporaneidade; ii) abordagens acerca das TIC e sua relevância atual; e iii) discussão sobre os espaços jornalísticos e o modo como a imprensa foi estruturada no Ocidente, suas evoluções tecnológicas, como está ligada ao imaginário do lugar de referência e produção dos discursos sobre. Consideramos que recuperamos traços das memórias acerca dessas áreas para podermos trabalhar mais detalhadamente o nosso *corpus*.

2.1 O discurso do consumo e da globalização: efeitos na contemporaneidade

Na contemporaneidade, vivenciamos um contexto sócio-histórico, no qual, os sujeitos são inscritos como relacionados aos interesses no consumo, informação e tecnologia, com destaque para a velocidade com que as mudanças acontecem. Os sujeitos estão em relação com as condições de produção do seu tempo, no que concerne à produção de seus dizeres, interpretações e nas relações com o mundo. Sujeitos atrelados à forma-sujeito da contemporaneidade. Pensemos no modo como estamos em permanente contato com as informações acerca dos mais variados assuntos e como estar atualizado é posto como sentido fundamental ao sujeito da contemporaneidade. Do mesmo modo, saber usar as tecnologias de conexão, como os computadores pessoais e os celulares *smartphones*, e estar em condições de lidar com as atualizações realizadas rotineiramente nesses objetos⁸⁰.

A globalização não é um fenômeno novo, mas o modo e a velocidade com que as ações acontecem e os sujeitos estabelecem relações com contextos geográficos distantes são particulares, constitutivos das características dos nossos dias, do ideal de promoção de uma relação de contato total entre todos. Giddens (1997, 2005) salienta que esse fenômeno, afeta

⁸⁰ Entendemos que as atualizações são referentes aos equipamentos e programas que possibilitam os processos de passeio do sujeito no ciberespaço. Atualização que também é pensada na relação com a noção de memória metálica (Orlandi, 2004b) e como esse processo é posto como essencial nos dias atuais, na compreensão do funcionamento de uma memória que é atrelada às TIC, compreendida como possível de existir sem falhas, furos e limites. Memória que é envolta em sentidos de infinidade.

diretamente nossas vidas, mas muitas vezes, a compreensão das pessoas é que estamos falando de algo distante.

O mundo plenamente conectado, por redes de comunicação e consumo, é apresentado como o ideal que deve ser alcançado e desejado por todos (Bauman, 2008). Apesar desse discurso entusiasta, ele tem relação com a produção, o consumo e a circulação financeira, como observamos nos investimentos de empresas em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil e da China, no entanto, é oposto ao analisarmos a circulação de pessoas, barradas pela proliferação de muros que separam países ou áreas dentro da mesma cidade, como é o caso da cidade de São Paulo, com os condomínios fechados separando os privilegiados do restante da população.

Os mais pobres não são desejados, são considerados refugo, já que não têm condições de consumir em um mundo em que isso é posto como central e serve como meio de produção de separações entre os sujeitos (Bauman, 2008; Giddens, 2005). Os níveis de desigualdade social, mesmo com o discurso de que a integração global nos proporcionará um presente e futuro melhores, não cessa de aumentar. O discurso de uma sociedade, na qual o consumo é ponto alto das relações, coloca a identificação da palavra oportunidade no centro dos debates, no qual, novas relações e fontes de renda seriam possíveis a todos. Nessa lógica da importância do consumo, ser cidadão é ser consumidor (Galeano, 2006).

É na lógica da valorização do consumo que o sujeito-*gay* ganha relevância e passa a significar de novas formas, relacionado a outros sentidos, compreendido dentro de uma lógica de possibilidade de exigir direitos e ocupar a posição de cidadão. Pela via do consumo é que uma nova compreensão sobre o *gay* emerge na sociedade, com possibilidades de direitos e amparo na estrutura jurídica, mas, com a produção de ressonâncias em outras regiões de sentidos, como nos espaços educacionais, jornalísticos e publicitários. Na relação com as FDs, outros sentidos passam a ser produzidos e considerados na abordagem desses sujeitos, o mesmo vale para os seus espaços de sociabilidade, compreendidos na ordem de uma visão de lucro, da ordem do empreendedorismo e da inovação, iniciativas que ganham espaço e são expandidas para inúmeras regiões do planeta, inclusive para o Brasil, como observamos ao longo da análise da atuação dos três aplicativos aqui estudados.

Vivenciamos o culto desenfreado ao consumo e os que estão fora desse eixo, acabam por serem esquecidos, não considerados como importantes. Há uma imposição ao consumo e, na contramão, temos a violência como resposta dos que não têm acesso a esses bens. A pobreza não é mais compreendida como fruto das desigualdades sociais, mas sim, da ineficácia dos sujeitos, da sua incapacidade de prosperar em um meio competitivo em que

alguns avançam e muitos outros fracassam, assim “o código moral atual não condena a injustiça, mas o fracasso” (Galeano, 2006, p. 152).

Há uma imposição na aceitação de que as desigualdades são fatos naturais e não consequências de ordem econômica, histórica e política, resultados de uma competitividade social que faria parte da constituição do sistema capitalista e na qual o sujeito teria responsabilidades pelo seu fracasso ou sucesso, por conseguir, ou não, espaço na estrutura e sociedade de consumo (Galeano, 2006).

Temos transformações importantes na contemporaneidade, observamos em jogo um sujeito que é fragmentado. Isso produz efeitos nos sujeitos e em suas relações com a sociedade no que tange à existência de referências sólidas. Várias áreas são postas em questionamento: gênero, nacionalidade, sexualidade, trabalho, etc., campos, até pouco tempo atrás, identificados como inquestionáveis e que agora são debatidos (Hall, 2006). É na esteira das possibilidades de pensar o sujeito, que pretendemos atuar na reflexão sobre o *gay* e a homossexualidade na contemporaneidade, no modo como o consumo e as TIC interferem na sociedade e na sua constituição, com outros sentidos possíveis de serem pensados, mas com o já-lá recuperando o que constitui a memória sobre eles. Deslocamentos e manutenção de sentidos que nos interessam e mobilizam nossos gestos de investigação.

A globalização envolve processos em escala mundial, conectando comunidades e instaurando novas relações e referências envolvendo as noções de tempo e espaço. Não se trata de um fenômeno novo, visto que o capitalismo nunca foi projetado e pensado de modo local, mas foi na década de 1970 que a globalização passa a viver o ápice da ruptura de fronteiras e da idealização da ligação total de todos no planeta, com os avanços da comunicação e das redes de transporte (Hall, 2006). Assim, pensar os efeitos do capitalismo e do consumo na contemporaneidade, exige mobilizar pressupostos teóricos sobre a globalização e suas consequências.

Concordamos com Hall (2006) quando afirma que a globalização não ocorre da mesma maneira em diferentes partes do mundo. Existem regiões mais afetadas que outras, despertando mais interesses do mercado capitalista. Nesses termos, a globalização possui relações com a constituição do Ocidente, por isso, funciona no sentido de promover a ocidentalização das mercadorias e valores. Imagens e produtos do Ocidente dominam o globo, posto como centro do mundo, ou melhor, os países mais desenvolvidos são compreendidos como o modelo a ser seguido por todas as outras regiões, com a produção de discursos e sentidos que sustentam essa interpretação nas mais variadas estâncias. O modelo a ser seguido é sempre o promovido e produzido pelo centro, lá é que o que é bom é vivido e

experimentado, o restante é compreendido como inadequado, insuficiente ou ruim. Assim, o deslocamento passa a ser uma tendência, seja para passear ou trabalhar nas regiões centrais do globo, com viagens rápidas e realizadas por ar, mar ou terra, em condições legais ou ilegais⁸¹.

O global e o local estão em constante relação. Roupas e estilos são replicados no mundo, como no caso do *jeans*, item produzido e consumido em quase todo o planeta. Restaurantes franceses ou indianos são abertos fora desses países e passam a ser hábito de populações de países distantes, com adaptações que agradem ao paladar dos consumidores locais. Estilos de vida e materiais das nações desenvolvidas são apresentados como imagens do que é moderno e sinônimo de sucesso, ocasionando o incentivo a produções cada vez mais homogêneas nas mais variadas áreas, o que impacta a produção das identidades dos sujeitos (Hall, 2006).

Produzindo outras reflexões sobre a geografia do mundo, consideramos não apenas as novas configurações econômicas e políticas, mas pontos que envolvem o advento das redes de comunicação e informação, em especial o ciberespaço, assim como os avanços dos meios de transporte, cada vez mais rápidos e capazes de funcionar com mais eficiência e a própria conquista do espaço sideral⁸². Estamos, cotidianamente, diante de imagens que (re)conhecemos⁸³, mas das quais, muitas vezes, não estivemos próximos, elas compõem nosso conhecimento e compreensão do espaço físico em decorrência dessa estrutura de um mundo conectado, principalmente pelas redes de consumo presentes em todas as relações, estando ao redor, seja nos anúncios publicitários, *pop-ups* dos *sites* de notícia, *outdoors* das grandes cidades ou marcas estampadas em nossas roupas, somos permeados por relações de consumo⁸⁴ (Augé, 1994).

Mobilizamos nosso *corpus* para pensarmos o modo como a relação de compreensão de um mundo conectado produz efeitos nos espaços da imprensa, com a reprodução e tradução de notícias no Brasil, publicadas em veículos tradicionais da imprensa de outros países, como as do *site* da BBC, recortes discursivos 6 e 7, e do Jornal *The New York Times*, recorte

⁸¹ As ondas migratórias são exemplos desses processos de deslocamento, nos quais, nativos da África, Ásia, América do Sul e Oriente Médio objetivam chegar a outras regiões para tentar uma vida idealizada como melhor.

⁸² De acordo com Augé (1994), a conquista do espaço sideral, produz ressignificações em nossas compreensões de dimensão, distância e escala.

⁸³ Segundo Augé (1994), reconhecemos lugares e eles passam a ser familiares por nossa convivência à distância, por exemplo, reconhecemos estrelas de cinema dos EUA, cantores *pop* da Coreia do Sul e áreas de Paris e Roma por estarmos familiarizados com suas exposições pelos canais de comunicação em nosso cotidiano.

⁸⁴ Em uma viagem para uma região estranha, são os símbolos de consumo que permitem o sentimento de encontro com um lugar que reverbera pela relação com a memória, pelo contato com marcas que estão no nosso cotidiano, seja via meios de comunicação ou presentes em nossas relações de consumo diárias (Augé, 1994).

discursivo 44, que foram encontradas em nosso *corpus*, o que carrega gestos de significação de um mundo sem fronteiras.

Compreendemos que esse gesto de publicação e tradução constitui um modo de identificação da equidade das relações dos sujeitos-*gays* nos mais variados países, fruto dos processos de globalização, assegurando que tendências identificadas em uma região serão refletidas em outras partes do planeta. Consideramos que isso marca a ilusão de uma relação plena, constituindo um mundo único, em que as tendências são cada vez mais similares. Pensando esses processos, analisamos o trecho de uma reportagem que aborda o fechamento de estabelecimentos ligados à comunidade LGBT na cidade de Londres, produzida pela BBC e que foi traduzida e publicada pelo portal de notícias IG no Brasil:

[R12] No **último ano**, uma série de **bares e boates LGBT conhecidos da cidade encerram suas atividades** e causaram **preocupações na comunidade** (Portal IG – 31/08/2015)⁸⁵.

O gesto de reprodução e tradução dessa notícia indicia a compreensão da validade desse conteúdo por parte do espaço jornalístico brasileiro, marcando o entendimento de que irá interessar ao público leitor do país o contato com essa novidade que apresenta a tendência de uma mudança econômica, mas principalmente comportamental nos hábitos dos *gays* da capital inglesa.

Reproduzir essa matéria mobiliza considerar que a tendência que atinge a comunidade *gay* em Londres será replicada em outras cidades do mundo, não restrita a uma única região, mas global, efeito das transformações que impactam o mundo. O fato dos impactos não ficarem restritos a uma única cidade, são reforçados ao pensarmos as questões apontadas ao longo do texto para justificarem os motivos do encerramento das atividades de espaços tradicionais da comunidade *gay* em Londres e que são parte do que já ocorre em outras cidades, como a “especulação imobiliária” e o “namoro 2.0”. A capital inglesa é apresentada como cenário de uma mudança, mas também, o espaço jornalístico a expõe, como exemplo das transformações que serão observadas em outras cidades, em decorrência das mudanças envolvendo as formas como os *gays* estabelecem contatos e vínculos na atualidade.

A compreensão da existência de uma repetição de que o que acontece em uma cidade irá ocorrer em outras do mundo produz o efeito de encadeamento que envolve as estruturas urbanas no contexto da globalização, com poucas distinções e manutenção de particularidades

⁸⁵ IG. (2015, 31 de agosto). Por que bares gays estão fechando as portas em Londres? *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-08-31/por-que-bares-gays-estao-fechando-as-portas-em-londres.html>

locais, frente a demandas e interesses cada vez mais compartilhados globalmente. Exposição de uma tendência que é antecipada e apresentada pelo relato jornalístico aos brasileiros.

Podemos perceber pelo recorte analisado que as alterações produzidas na cidade de Londres estão relacionadas às transformações nas formas de consumo dos sujeitos-*gays* e na geografia urbana dessa cidade, por isso, as “preocupações” da comunidade *gay*, já que o fechamento de espaços tradicionais de encontros, como “bares e saunas”, produz o esvaziamento da sua própria história, com mudanças nas configurações da cidade e das relações entre esses sujeitos.

A relevância de unidades comerciais que são ligadas a “comunidade” *gay* está inscrita em uma relação com a memória desse grupo. Espaços como os bares e as saunas são parte do modo como as representações sobre essa comunidade foram possíveis, por anos, no contexto da cidade de Londres. Nesses locais, amizades foram feitas, encontros de amor e sexo puderam ser vividos, assim como marcaram a representação da comunidade *gay* no espaço urbano. Sua existência está relacionada aos sentidos produzidos para e pelos sujeitos-*gays*, funcionando por grande período como local demarcado na cidade, no qual, esses sujeitos poderiam viver com certa liberdade sua sexualidade.

O receio da comunidade *gay* está no que significa o processo de fechamento de lugares importantes para a sua história, identificação e significação na cidade. Medo do apagamento da memória desse grupo. Orlandi (2004a) destaca que o sujeito está em relação com a cidade, seu corpo e os espaços atrelados a um grupo produzem sentidos, o que nos leva a afirmar que as mudanças impostas com o fechamento de estabelecimentos ligados à história dos sujeitos-*gays* modificam suas formas de estar e produzir sentidos no espaço urbano.

Ao se deslocar para o ciberespaço, os sujeitos-*gays* constituem outros espaços para a promoção dos seus encontros, produzindo outros sentidos e formas de significação. Deslocamentos que exigem de o sujeito-*gay* estar conectado e possuir condições de utilizar as variadas redes de sociabilidade disponíveis. Os espaços físicos de encontros *gays*, como “bares e boates” perdem importância frente à estrutura digital.

A explicação dada para o fechamento desses estabelecimentos comerciais e históricos possui como um dos seus pilares o “namoro 2.0”, apresentado na relação do que são “algumas respostas”, juntamente com a “queda na demanda” e a “especulação imobiliária”, pontos que indicam mudanças na cidade, vinculadas aos interesses de consumo e ao universo de negócios que interferem na forma como os sujeitos-*gays* compreendem e são relacionados aos espaços da cidade e aos estabelecimentos destinados a eles.

No recorte discursivo 7, trouxemos uma parte da análise que apresentava as considerações da especialista Anna Leach sobre o modo como a tecnologia transformou as formas dos sujeitos-*gays* estabelecerem relações e produzindo as mudanças que levaram ao fechamento de espaços comerciais “conhecidos” em Londres, novamente, os seus dizeres são retomados para avaliar os resultados dessas alterações:

[R13] No entanto, **não vê a proliferação da comunicação online como algo ruim para a cena gay.**

“É uma **chance de criar uma comunidade** que **não está relacionada ao álcool** e em torno de **tipos mais variados de atividades sociais.**” (Portal IG – 31/08/2015)⁸⁶.

No texto, a especialista argumenta que as mudanças impostas a “cena gay” são positivas, com a criação de uma “comunidade” relacionada a outros valores, possível por estarmos em outro momento histórico. Cria-se a imagem de que superar o fim desses espaços de socialização, encarados como vinculados ao passado, e entender que já existem novas formas de estar em relação com a comunidade *gay* é algo bom, distante das preocupações apresentadas por membros dessa comunidade.

A tecnologia é o que proporciona novas formas de estabelecer relações entre os sujeitos-*gays* no presente e já é compreendida como algo que será parte do futuro, pois é uma mudança que veio para ficar. Percebemos como se constitui a produção de uma aceitação de que novas formas de relação já são possíveis e que os espaços físicos para a interação *gay* são algo do passado, dispensáveis.

A denominação “namoro 2.0” sustenta sentidos que ressaltam outra forma de namorar, ligada ao funcionamento do ciberespaço e das condições técnicas da internet. Trata-se de contatos que são estabelecidos ou estruturados no contexto do ciberespaço e das TIC, o que impõe destacar que não é qualquer “namoro”, mas aquele possível pela conexão, mediação e relação com as tecnologias. A indicação “2.0” funciona como elemento que marca a diferença entre essa forma de namorar, encontrar e relacionar-se com o outro e que impõe impactos no modo de socialização existente, o que resulta em outras alterações, como a da estrutura comercial clássica ligada aos homossexuais e sua “comunidade”.

O uso do indicativo “2.0” não é aleatório, mas marca a relação com o universo do ciberespaço pela via do já-lá. Não é uma denominação sem relação com as TIC, mas em jogo com sentidos que salientam o uso do ciberespaço e os processos decorrentes das interações promovidas na materialidade do digital. Namorar na estrutura “2.0” é particularizado como

⁸⁶ IG. (2015, 31 de agosto). Por que bares gays estão fechando as portas em Londres? *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-08-31/por-que-bares-gays-estao-fechando-as-portas-em-londres.html>

uma forma positiva e diferente de estabelecer relações e vínculos, inclusive, com o imaginário de plena satisfação das suas necessidades no campo amoroso e sexual.

A voz dos especialistas é mobilizada de modo recorrente ao longo do *corpus*, seu funcionamento é inscrito em uma posição de autoridade, daquele que sabe o que diz e, por isso, é consultado para oferecer depoimentos aos espaços jornalísticos, o que agrega credibilidade ao texto. Aqui, a especialista é Anna Leach do *site The Most Cake*, mobilizada para ajudar a explicar essas mudanças que ocorrem na cidade, na comunidade LGBT e no seio das interações entre os sujeitos-gays. Ela é consultada para produzir uma avaliação sobre esses processos, o que não é posto como uma interpretação, mas sim, uma análise profissional, produzida com base em conhecimentos e capaz de resultar em uma apreciação que seria independente, refletindo com precisão o que ocorreu e as consequências resultantes.

As mudanças não são compreendidas como ruins, mas vinculadas as transformações produzidas pelas tecnologias e resultando nas alterações no processo de conhecer alguém, já que a praticidade obtida proporciona condições de interagir “de casa, no seu sofá”, o que favorece e ajuda a explicar o sucesso dessas ferramentas tecnológicas. No contexto do namoro “2.0” os aplicativos de relacionamento, com a sua “popularidade” e “proliferação” são importantes e ocupam lugar de destaque na explicação das mudanças que são identificadas na cidade inglesa ao longo do texto jornalístico.

Para a especialista, os sentidos sobre as mudanças que levam ao fechamento de espaços comerciais “tradicionais”, como os “bares” frequentados pelos gays é positivo, pois, ela compreende sua utilidade como mero espaço relacionado “ao álcool”, apagando a memória das relações de encontros e mobilizações políticas e sociais desses sujeitos nesses estabelecimentos, importantes ao longo dos anos, em momentos nos quais, a exclusão desses sujeitos, sua marginalidade, impunha como necessário o trânsito apenas por determinados lugares da cidade, identificados como menos arriscados para estabelecerem elos com outros sujeitos. Espaços que constituem sentidos de memória dessa comunidade e sobre esses sujeitos.

Apagando as relações de memória da comunidade gay com esses espaços, o discurso jornalístico os reduz a meros locais de consumo, silenciando sua importância histórica fundamental para a constituição de uma identidade gay e da sua organização social como grupo. Marcas e lugares relacionados à memória e aos sentidos dos sujeitos-gays, da sua presença na e pela cidade, no passado e no presente.

Na fala da especialista, o fechamento desses espaços é uma “chance” de produzir outros gestos de relação e sentidos, resultando em outra “comunidade”, diferente da que existe e com

foco em “outras atividades sociais”. Pelo apagamento da memória é inscrita a possibilidade da produção de outra imagem desses sujeitos, com a realização de “atividades” que seriam válidas e possibilitariam conquistas, um recomeço que permitiria avanços para esse grupo.

A compreensão de que o caso do fechamento dos estabelecimentos comerciais *gays* em Londres será repetido em outras partes do mundo, nos permite observar como existe a idealização de que as transformações são equivalentes em todos os lugares do globo, em decorrência do imaginário dos efeitos da globalização. O que é ilusório, já que o acesso dos sujeitos-*gays* aos aplicativos de relacionamento não é o mesmo em todos os lugares, por mais que haja a pretensão de um mundo unido de forma plena, sem distinções. As relações com os sentidos e a memória não são as mesmas em todos os lugares, por isso, a impossibilidade que as mudanças sejam equivalentes.

Mobilizamos o uso dos aplicativos de relacionamento para pensarmos os processos de naturalização do passeio dos sujeitos-*gays* pelos territórios do globo, como se essas mudanças já fossem aguardadas, por isso, a produção de alterações automáticas nas configurações dos programas, são identificadas como esperadas, diante da suposta potência e eficiência dos sistemas informatizados e tecnológicos que estruturam o funcionamento dessas redes de sociabilidade. Apresentamos a imagem, com a mensagem na tela do Scruff, no momento da primeira utilização que fizemos desse aplicativo em outro país, no território chileno⁸⁷:

Figura 2 – Trip Added: Santiago do Chile

Fonte: Scruff (2017).

⁸⁷

A imagem foi obtida durante viagem a cidade de Santiago, Chile, no dia 15 de outubro de 2017.

Na figura acima, temos a tela do aplicativo Scruff alterada em decorrência do processo de trânsito entre regiões do planeta. A mudança de território geográfico impõe uma atualização, produz cálculos que modificam as configurações e interferem no contato com outros sujeitos, já que reatualiza as noções de localidade e do que está longe ou perto. No contexto da globalização, o deslocamento dos sujeitos é cada vez mais possível, principalmente, ao retomarmos os discursos que inscrevem essas tecnologias como populares entre sujeitos-*gays* que possuem condições financeiras para viajarem. A produção de uma mudança na estrutura do aplicativo, de modo automático, é algo que é naturalizado como da ordem do esperado, considerando a potência das máquinas e a sua capacidade de cálculo.

A mudança geográfica não impede o acesso ao aplicativo de relacionamento, mas sim, oferece a possibilidade de uma atualização automática, o que é inscrito como da ordem da praticidade, da possibilidade das máquinas informáticas, capazes de identificar alterações geográficas, resultando em transformações nos processos de acesso e nas possibilidades de relação entre os sujeitos. Observamos como a facilidade oferecida pela atualização automática do “Trip Added”, resulta na naturalização das compreensões do tecnológico como capaz de ultrapassar fronteiras e antecipar necessidades do sujeito que está inserido nessa rede, sem que ele precise ficar preocupado em alterar ou configurar os sistemas operacionais do seu celular, pois a mudança é automática.

O serviço oferecido pelos aplicativos de relacionamento, entre eles, o Scruff, funciona pelo processo de estruturação de uma rede que é global, mas que depende das conexões e nós locais para funcionar. Compreendemos que existe uma formação imaginária sobre o sujeito-*gay* que está nos aplicativos, na utilização dessas ferramentas tecnológicas ao longo de uma viagem, inscrito na possibilidade de “conhecer outros viajantes e rapazes com quem ficar ao viajar”, o que marca o encontro com outros sujeitos-*gays* como algo esperado nos processos de deslocamento pelo planeta e que as empresas que administram esses programas, sabendo dessa possibilidade, antecipam recursos, oferecendo atualizações automáticas dos perfis e de opções como o “Trip Added”, buscando assegurar que o usuário fique satisfeito com o serviço prestado e continue utilizando essas redes, independentemente de onde esteja.

O sujeito em seu processo de significação pelo espaço urbano, ao estar em movimento, está em relação com a máquina, por meio dela é que o mapeamento de determinada região e o contato com possíveis parceiros é possível. Diante dessas facilidades, a tecnologia dos aplicativos é celebrada, já que vivemos em um tempo em que estar conectado é algo valorizado, relevante no próprio processo de relação com o espaço urbano, ainda mais, ao propor centralizar os sujeitos-*gays* em redes de sociabilidade, verdadeiros bancos de dados,

com atualizações que asseguram o contato com quem está mais próximo, sem a necessidade de outras redes a cada mudança de região, já que existe a adaptação a cada local em que o sujeito-gay está, com atualizações permanentes que permitem o contato com os usuários próximos.

No texto da tela do Scruff, com as informações sobre o “Trip Added”, vantagens são apresentadas sobre esse recurso, como a possibilidade de “conhecer outros viajantes” e “rapazes com quem ficar ao viajar”. Esse recurso é parte do campo “Venture” do aplicativo, no qual, observamos que outros benefícios são indicados ao usuário que opta pelo uso desses recursos, ali é possível obter informações sobre o aluguel de quartos, oferecer quartos para locação, saber quem pretende visitar a cidade e quando isso ocorrerá, e assumir a função de embaixador da cidade, ajudando e fornecendo informações. Assim, compreendemos como esse aplicativo atua com o estímulo para a formação de uma rede que auxilia, aproxima e organiza os perfis de quem irá conhecer determinado local, gestos que destacam o gerenciamento das ações dos sujeitos-gays pela empresa que administra essa ferramenta.

A relação com a cidade é significada de novas formas, ligada ao cálculo que produz um lugar exato no mapa e propõe relações possíveis para os que estão próximos. Pelo cálculo e funcionamento das tecnologias é que o sujeito estabelece seu lugar na cidade e pode encontrar oportunidades de divertimento, negócios e novas relações com outros sujeitos-gays. A proposta dos aplicativos é facilitar encontros de variados tipos.

A opção de “desativar” a opção do “Trip Added” existe, mas não é automática, exige mudanças nas “configurações” do sistema. Nossa leitura é que a atualização é compreendida como algo demandado no uso do sistema, automática por ser interpretada como algo positivo de ser oferecido ao usuário, algo a mais no rol de praticidades oferecidas por esse serviço tecnológico. A opção do clique em “cancelar” é que assegura ao sujeito a volta ao sistema, confirmando a visualização dessa mensagem e a ciência da existência dessa função nessa rede social.

O sujeito-gay está em trânsito, viajando pelos territórios e estabelecendo relações em diferentes regiões geográficas. É compreendido como grupo que participa de eventos internacionais e, nesse processo, produz significações novas sobre eles, como no caso da Copa do Mundo de Futebol Masculino, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) em 2014, no Brasil. No *corpus*, a recorrência da relação entre os sujeitos-gays e a Copa do Mundo nos mobilizou a produzir análises sobre o modo como os espaços jornalísticos destacam essa presença nesse evento esportivo, no modo como eles estabeleceram contatos, inclusive, apresentando considerações sobre as diferenças entre os

moradores locais (brasileiros) e os forasteiros (estrangeiros), e o modo como o espaço urbano é modificado em decorrência das movimentações realizadas. Vejamos o trecho selecionado:

[R14] **Fora do armário**

Aplicativos como o **Grindr** e o **Hornet** são voltados para o **público gay**. O **Grindr** teve um **aumento de 31% de usuários no Brasil** nas últimas duas semanas. (Portal IG – 02/07/2014)⁸⁸.

Neste recorte discursivo, a Copa do Mundo é compreendida como lugar atrelado ao universo dos encontros dos sujeitos-*gays* e isso é atestado pela estatística que indica o “aumento de 31% de usuários no Brasil” no período de realização desse evento esportivo. A quantidade é elemento importante nas considerações sobre os aplicativos de relacionamento e seu uso pelos sujeitos-*gays*, interferindo no funcionamento dos espaços de socialização e nas possibilidades de realização dos encontros.

O quantitativo é pensado em sua relação na constituição simbólica dos sujeitos e dos espaços da cidade (Orlandi, 2004a), de modo que eventos importantes, como é o caso do campeonato mundial de futebol masculino da FIFA, permitem outros movimentos nas cidades, maiores possibilidades de relação nessas regiões entre os sujeitos-*gays* e reforçam o modo como o quantitativo é importante para o funcionamento dessas redes de sociabilidade.

O sujeito-*gay* estabelece relações de sentido sobre a importância da Copa do Mundo não restritos ao evento esportivo, abrangendo também as possibilidades de paquera que são possíveis com o fluxo de pessoas pelas cidades do Brasil. A quantidade interessa, por permitir condições de obtenção de mais perfis para a realização de contatos com quem está inserido nos aplicativos (“Grindr” e “Hornet”). No excerto, é destacado como essas relações estão escancaradas no evento, postas “fora do armário”, salientando que a presença dos *gays* é observada e compreendida como parte das mobilizações que permitem identificar que a Copa do Mundo produz sentidos além dos relacionados ao campo dos esportes e que interfere no modo como esses sujeitos estabelecem relações entre si, utilizando as redes de sociabilidade para encontrar possíveis parceiros e aproveitando o fluxo de rapazes para experimentar o que é posto como oferta nos aplicativos.

No mesmo texto jornalístico, selecionamos outros recortes discursivos que reforçam o modo como estas relações foram estabelecidas pelos sujeitos-*gays* ao mobilizarem o uso dos aplicativos no decorrer da Copa do Mundo:

⁸⁸ IG. (2014, 02 de julho). Copa 'esquenta' aplicativos de paquera no Brasil. *IG*. Recuperado de <http://delas.ig.com.br/amoresexo/2014-07-02/copa-esquenta-aplicativos-de-paquera-no-brasil.html>

[R15] Que o diga o **gaúcho Douglas Rodriguez, de 22 anos. Ele diz** que, desde que a Copa começou, **tem saído “três ou quatro vezes por semana” com homens que conheceu pelo Grindr.**

“Tem argentino brotando do chão em Porto Alegre, mas também muitos franceses e americanos, todos muito gentis e bonitos”, diz ele.

"Não sou de sair para a balada nem para bar, então, usar o aplicativo pra mim é mais cômodo." (Portal IG – 02/07/2014)⁸⁹.

[R16] **Nesse encontro com diferentes nacionalidades,** Rodriguez notou algumas **diferenças em relação aos estrangeiros.**

“Os brasileiros enrolam demais antes de um encontro, mas depois somem e nem querem saber seu nome. Os estrangeiros são mais objetivos, mas trocam contatos, convidam você para conhecer o país deles. Parecem menos preocupados com o que os outros vão achar.”

(Portal IG – 02/07/2014)⁹⁰.

No processo de conhecer homens pelo Grindr, o discurso jornalístico mobiliza depoimentos de um usuário (“Douglas Rodriguez, de 22 anos”) dessa rede que relata como o uso dessa ferramenta tecnológica permite estabelecer contato de modo “mais cômodo”, sem a necessidade de “sair” para encontrar alguém. Novas formas de estabelecer contatos são possíveis com o avanço tecnológico e produzem uma divisão nos modos de conhecer possíveis parceiros para o “sexo casual”: pela estrutura do digital, com o uso dos aplicativos; ou pelo processo de sair, de ir aos locais físicos, como a “balada” e o “bar”.

O contato pelos aplicativos são qualificados como fáceis, práticos e simples, predicaos que justificam utilizar as redes tecnológicas em busca de companhia, corroborando com dizeres do *corpus* que salientam o modo como as tecnologias asseguram aos sujeitos-gays a supremacia no momento de procurar por parceiros, já que possuem maiores recursos e eficiência na indicação dos possíveis candidatos, com informações de todo tipo sobre eles, além de produzir maior segurança nesse processo. É a facilidade e a obtenção de resultados concretos (“tem saído ‘três ou quatro vezes por semana’ com homens que conheceu pelo Grindr”) que o motiva a utilizar o aplicativo e apresentar, no discurso jornalístico, suas impressões positivas sobre essa ferramenta tecnológica.

A supremacia da materialidade digital estaria ligada à capacidade de facilitar os processos de enlace com os parceiros potenciais, mas não é só isso. A quantidade é fator importante nessa explicação, já que o grande número de *gays* nos aplicativos proporciona a produção de sentidos de evidência de que ali, a possibilidade de sucesso é superior a outras formas de buscar por parceiros, principalmente, durante um evento como a Copa do Mundo. Outra vantagem estaria nas opções ali disponíveis para facilitar a procura e seleção dos

⁸⁹ IG. (2014, 02 de julho). Copa 'esquenta' aplicativos de paquera no Brasil. *IG*. Recuperado de <http://delas.ig.com.br/amoresexo/2014-07-02/copa-esquenta-aplicativos-de-paquera-no-brasil.html>

⁹⁰ IG. (2014, 02 de julho). Copa 'esquenta' aplicativos de paquera no Brasil. *IG*. Recuperado de <http://delas.ig.com.br/amoresexo/2014-07-02/copa-esquenta-aplicativos-de-paquera-no-brasil.html>

parceiros, como o acesso aos seus dados e características apresentadas nos perfis, assim como a utilização de filtros disponíveis nos aplicativos, assegurando o contato com rapazes que apresentem apenas determinadas características, como por exemplo, pertencentes a um grupo específico da comunidade *gay*.

A utilização dos aplicativos de relacionamento é apresentada como o que promove mudanças no modo como os sujeitos-*gays* estabelecem relações com outros homens, já que os que não gostam ou não tem o hábito de saírem para “bares”, “baladas” ou outros lugares em que os *gays* interagem, encontram nos aplicativos, condições para buscar parceiros e vivenciar sua sexualidade de um modo outro, distinto do que seria possível em lugares de badalação, já que não são afeitos a esses espaços. Por outra entrada, estruturada na materialidade digital, na qual o sujeito existe de um modo outro, afetado por condições de produção particulares é que os laços e as relações são possíveis para esses sujeitos.

O evento da Copa do Mundo produz diferenças na forma como a frequência dos encontros ocorre para o sujeito (“três ou quatro vezes por semana”), já que a cidade e a rede estão cheias. Essas mudanças destacam como as estruturas digital e física estão interligadas. A quantidade dos encontros é alterada em decorrência das mudanças no fluxo de pessoas, movimento que ocorre na estrutura da cidade e, conseqüentemente, no espaço digital. Alteração que é datada e possuiu período de começo e fim, que foi o da duração do evento da Copa do Mundo e que estabelece o período no qual as movimentações nos espaços das cidades brasileiras aconteceram.

Nos aplicativos de relacionamento não existe apenas uma quantidade gigantesca de rapazes disponíveis, mas uma quantidade que é organizada, passível de ser exibida seguindo uma série de critérios estabelecidos pelo sistema operacional dessas ferramentas e dos usuários. Na organização disposta pela máquina, como um verdadeiro catálogo, é que o sujeito-*gay* estabelece as relações e as compreende como mais fáceis e práticas pelo uso dessas redes de sociabilidade.

A presença dos estrangeiros é celebrada e apontada como importante na movimentação da cena *gay* e do uso dos aplicativos nos dois últimos recortes analisados. O contato com os estrangeiros produz sentidos de que existe uma divisão no modo como eles e os brasileiros vivenciam relações produzidas pelo uso dos aplicativos. Enquanto os brasileiros “enrolam demais antes de um encontro”, mas sem a produção de algum laço que permita contatos posteriores, o que marca um “encontro” com objetivos sexuais e momentâneos, já que “depois somem e nem querem saber seu nome”; os estrangeiros, compreendidos como pertencentes as mais variadas nacionalidades, são qualificados de modo positivo, são “bonitos”, “gentis” e

“menos preocupados” com a opinião alheia, identificados como “objetivos” no tipo de encontro que procuram ali, mas, isso não impede que haja o “contato” após os encontros, com a criação de vínculos que persistem, inclusive, com convites “para conhecer o país deles”.

As nacionalidades são relacionadas aos processos de constituição dos sujeitos, as diferentes formas como são significados, por isso, brasileiros e estrangeiros são compreendidos como diferentes, enquadrados em imagens que permitiriam a ilusão da produção de sentidos prévios com base apenas na sua nacionalidade. A Copa do Mundo produz o fluxo de sujeitos-gays pelo Brasil e apresenta Porto Alegre como exemplo do modo como esse evento interferiu na rotina das cidades do país e dos usuários desses aplicativos. Ao abordar o que aconteceu nessa cidade durante a Copa do Mundo, temos a materialização de um caso, detalhado no espaço jornalístico, como exemplo do que ocorreu, mas também, capaz de representar o que aconteceu em todo o país,

Em um mundo marcado pela idealização de uma conexão sem fim entre os territórios e os sujeitos, a distância é posta como questão menor, capaz de ser superada, graças as facilidades de deslocamento existentes, como o transporte aéreo e marítimo, e as capacidades de comunicação, por isso, manter o “contato” com quem esteve por aqui na Copa do Mundo é apresentado como uma possibilidade real. O convite para “visitar” outros países existe e marca como as relações estabelecidas nos aplicativos podem produzir vínculos além do sexo casual, resultando na constituição de um elo de contato que serve para produzir uma relação de amizade ou mesmo de algo ocasional, mas que rompe as fronteiras e o período desse evento.

Retomando nossas considerações sobre a globalização, atentamos que diferentes observações foram mobilizadas para explicar esse conceito, produzida por diferentes especialistas, com opiniões igualmente distintas. Para alguns, a globalização não difere muito das estruturas comerciais que já tivemos anteriormente, por isso, teria um efeito mais discursivo do que efetivamente prático. No século XIX já existia um comércio global intenso envolvendo, inclusive, trocas em diferentes moedas. Na outra ponta, temos pensadores defendendo que os efeitos da globalização são reais e podem ser sentidos por todos, já que o comércio internacional, ao final da década de 1980, se expandiu e as fronteiras passaram a ser meras formalidades frente aos interesses econômicos internacionais. No mundo da economia eletrônica global, investidores a distância de um clique produzem transformações econômicas, como a queda no valor dos investimentos em um setor e a transferência de recursos financeiros de um lugar para o outro (Giddens, 2005). A fluidez e a alta capacidade de

mobilidade financeira, sejam por meio de ações ou transferências financeiras, constitui o sistema econômico capitalista globalizado⁹¹ (Bauman, 1999a).

O homem estabelece relações com um mundo marcado pelo contato com uma natureza artificializada, distinta da que os nossos antepassados conheceram. Nossa vivência está atrelada e submetida a técnicas artificiais⁹². Ciência, informação e tecnologia estão no ambiente urbano, assim como no rural dos grandes latifundiários, já que as técnicas de produção dos alimentos e sua colheita, o uso das sementes geneticamente modificadas, os animais híbridos e a produção *in vitro* estão presentes nas estruturas empresariais que desejam maiores resultados em suas produções (Santos, 1994). O desenvolvimento de uma região ou empresa está ligado, e pode ser mensurado, pelos avanços tecnológicos realizados, o que compreende considerar que a ciência e a tecnologia interferem no processo de formulação de identificações da nossa sociedade (Haraway, 2009).

O modo como os sujeitos identificam o mundo é afetado pelo tecnológico. Naturalizam-se sentidos de relação contínua dos sujeitos ao ciberespaço, principalmente, após o advento dos celulares *smartphone*. Os espaços jornalísticos enfatizam como os sentidos de avanço de um grupo ou região estão vinculados ao desenvolvimento tecnológico, em uma relação que estabelece que a modernidade é mensurada pela capacidade de automação e das suas tecnologias. As vantagens são obtidas frente ao desenvolvimento técnico, por exemplo, estabelecer a busca por relações *gays* nos aplicativos é apresentado como algo positivo, assegurando melhores possibilidades de escolhas e maiores chances de obtenção de sucesso do que procurar em lugares compreendidos como tradicionais, como os bares *gays*. Existe uma repetição de que as estruturas de vivência no digital já superam a dos espaços físicos tradicionais, postos como ultrapassados, como observamos nos recortes discursivos 6, 7 e 12.

Romão (2005a, 2005b) argumenta que a conexão ao ciberespaço propicia inúmeras relações entre os sujeitos nas mais variadas áreas. Pensando em nosso trabalho, consideramos que os aplicativos funcionam como meios de ligação dos sujeitos em pontos distintos do espaço urbano, no qual, a indicação da distância e os gostos dos sujeitos são apresentados nos

⁹¹ A produção das riquezas dos investidores ocorre em inúmeras partes do planeta. Não raro, lugares em que o acionista de uma empresa nunca colocou os pés. Os investimentos financeiros podem ser levados para outros locais com facilidade. A mobilidade dos recursos propicia o não limite aos investidores e o objetivo é a eliminação de qualquer tipo de barreira ou imposição dos Estados. A liberdade é fator constitutivo da natureza dos investidores e posta como chave para o sucesso empresarial. Desse modo, quem determina os rumos de uma empresa não são os empregados, os gestores públicos ou a comunidade local, mas sim, os acionistas, sujeitos que quase nunca têm relação afetiva com tais regiões (Bauman, 1999a, 1999b, 2010).

⁹² Novamente, citamos o exemplo do sexo que é identificado como adequado na atualidade que é o realizado com o uso das tecnologias de prevenção, como os medicamentos e o preservativo. O sexo ao natural, sem o uso desses recursos é considerado perigoso e inadequado ao homem por instituições e profissionais da área da saúde.

aplicativos por meio dos discursos e dos números. Consideramos o numérico como importante elemento discursivo da contemporaneidade⁹³, já que envolve a formação imaginária de assegurar a precisão e a pretensa infalibilidade das tecnologias, importantes em uma época, na qual, a completude e a velocidade são valorizadas como essenciais.

O modo de funcionamento dos aplicativos é apresentado em nosso *corpus* e esmiuçado pelo discurso jornalístico ao sujeito-leitor, vejamos o recorte:

[R17] **Funciona assim: o usuário baixa app, informa nome, idade, sexo e alguns interesses e cria uma conta.** Alguns aplicativos exigem foto. Depois, o **programa faz uma varredura na área onde o usuário está e lista as pessoas com interesse similares naquela região.** (Folha de S. Paulo – 16/12/2011)⁹⁴.

A escrita acerca dos aplicativos envolve a apresentação do modo como eles funcionam de forma didática, passo a passo (“funciona assim: o usuário baixa app, informa nome, idade, sexo e alguns interesses e cria uma conta” e “lista as pessoas com interesse similares naquela região”). Neste recorte, o espaço jornalístico é posto como lugar de obtenção de respostas às inovações técnicas que surgem, com a explicação do processo de instalação, da criação da conta do perfil e do modo como os aplicativos funcionam ao realizar “uma varredura na área”. O didatismo é parte do modo como os espaços jornalísticos atuam na sociedade, produzindo explicações sobre os mais variados assuntos, orientando nas ações dos sujeitos e ocupando uma posição de referência, como fonte de informações corretas e precisas.

A explicação fornecida não surpreende em uma sociedade na qual os manuais de funcionamento dos mais variados produtos são uma necessidade (Santos, 1994), diante do contínuo desenvolvimento dos objetos tecnológicos, cada vez atualizados e modificados com mais rapidez. Como produtos que eram recentes no mercado, considerando que o recorte discursivo 17 é referente a um texto jornalístico publicado em 2011, os aplicativos necessitavam de apresentações para o público, tanto para quem queria apenas saber o que e como elas funcionavam, mas também para quem era o público foco dessa tecnologia, no caso, os sujeitos-gays.

Esta posição ocupada pelo espaço jornalístico como lugar de instrução e tutorial acerca da relação com o mundo, em especial, com as tecnologias é um processo recorrente ao observarmos o nosso *corpus*. O sujeito-leitor busca nesse espaço a informação que é

⁹³ Salientamos que estudamos a questão da velocidade no ciberespaço pela perspectiva discursiva não apenas nos aplicativos, mas também em outros espaços, como no trabalho com o Google na discussão sobre os resultados obtidos sobre o movimento LGBT (Bastos, Garcia, & Sousa, 2014).

⁹⁴ Luís, L. (2011, 16 de dezembro). Apps de paquera viram hit entre pessoas que buscam relações casuais. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://f5.folha.uol.com.br/humanos/1022663-apps-de-paquera-vm-hit-entre-pessoas-que-buscam-relacoes-casuais.shtml>

identificada como atual e que permite que ele esteja atualizado com o que está acontecendo. Como veremos, essa identificação da imprensa como lugar que permite a atualização dos assuntos importantes da sociedade não é algo novo, mas legitimado e sustentado pela memória que assegura que a novidade é apresentada ali. No enunciado em questão, a tecnologia produz efeitos de ligação imbatíveis, já que atua com a “varredura na área” e dos homens ao redor (“lista as pessoas”), permitindo a escolha daqueles que possuem “interesses similares naquela região”. Deste modo, o sujeito está em falta, já que não é possível atingir o grau de eficiência que a máquina promete oferecer e a única forma de corrigir isso é com a filiação ao funcionamento dessas tecnologias.

Analisemos outro recorte que expõe a inscrição da potência do objeto tecnológico nos aplicativos estudados:

[R18] O já **famoso aplicativo** de encontros **gays Grindr** completou nesta semana quatro anos de existência. Para marcar a data, a **empresa divulgou uma pesquisa que revela dados dos seus usuários**. Como a informação de que **diariamente são compartilhados 7 milhões de mensagens e 2 milhões de imagens por eles**. (Portal IG – 26/03/2013)⁹⁵.

A precisão da tecnologia da informática é apresentada como uma evidência, posta em discurso com regularidade durante a análise do nosso *corpus*. Os números são apresentados com destaque na reportagem, ao abordar o alto número de mensagens e imagens trocadas no “já famoso” Grindr. São identificadas as trocas diárias de “7 milhões de mensagens e 2 milhões de imagens”, ressaltando os valores numéricos como marcas que ajudam a explicar o impacto dessa tecnologia junto aos sujeitos-*gays* e o motivo da sua consolidação no mercado, assegurando seus “quatro anos de existência” e sua fama. O destaque dado ao quantitativo funciona como justificativa para abordar essas tecnologias e seu sucesso no espaço de notícias. Funciona ainda, como elemento que produz sentidos de evidência, já que a lógica é a de que não cabe imprecisão no quantitativo. Percebemos como o elevado número de “imagens” e “mensagens” trocadas inscreve sentidos sobre a alta adesão a esse espaço tecnológico e seu sucesso junto ao público ao qual é destinado.

O tecnológico se faz presente no cotidiano, nesse processo de não-desligamento, de conexão sem fim, ao qual o sujeito-*gay* também é exposto. Estamos em relação ininterrupta com as tecnologias (Dias, 2013, 2016). Isso ocorre o tempo todo: no caixa eletrônico ao realizarmos compras com o cartão de crédito; no produto identificado por seu código de barra; pelo comercial que já apresenta (e promete) a casa do futuro funcionando com estruturas

⁹⁵ IG. (2013, 26 de março). Usuários do Grindr trocam 7 milhões de mensagens por dia. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-26/usuarios-do-grindr-trocam-7-milhoes-de-mensagens-e-2-milhoes-de-imagens-por-dia.html>

robóticas complexas em poucos anos; pelo sinal de *wi-fi* que nos rodeia em lugares públicos, vizinhança ou em nossa própria residência; nos satélites que cercam o planeta e permitem que a transmissão de eventos ocorra em tempo real, etc.

Na atualidade, lidamos com a conexão permanente, mesmo entre os que estão excluídos do acesso ao ciberespaço ou que não desejam essa conexão, já que estabelecem, de algum modo, o contato com essas tecnologias, por exemplo, ao serem filmados por câmeras de vigilância das casas e das ruas em tempo real. Os excluídos do acesso à conexão e aos seus equipamentos lidam com a identificação desses avanços e são inscritos como o que não se deseja ser como sujeito na atualidade (sujeito-desconectado), já que estão, imaginariamente, excluídos das relações de consumo, fora do contato com as tecnologias e com o mundo. Em uma época em que estar conectado e consumir é fundamental, ser excluído desses processos afeta o modo como o sujeito identifica a si mesmo na sociedade.

Estamos em um tempo no qual as relações são marcadas pela efemeridade, seja no processo de consumo, na estada em um local ou nas relações interpessoais. Sem a pretensão da produção de laços duradouros. As relações comerciais e a circulação do capital internacional são realizadas de modo rápido, no qual o cartão de crédito internacional funciona na quebra de barreiras e as atividades financeiras bilionárias são rotina nos mercados financeiros globais (Augé, 1994; Bauman, 2004).

As considerações acerca do consumo e da globalização são importantes ao emprendermos a análise do funcionamento acerca dos aplicativos de relacionamento, visto que inscrevem as condições de produção que sustentam o dizer. Cabe pensar de que modo uma tecnologia desenvolvida em outros países, como são os casos dos três aplicativos selecionados em nosso trabalho, ganham destaque para serem usados em outros contextos e com novos sentidos envolvidos nesse processo. Consideramos que a questão comercial é essencial para explicar o sucesso e o destaque dado aos aplicativos de relacionamento voltados para os *gays* no Brasil.

Ser colocado na posição de consumidor, como enquadrado nas relações comerciais dos grandes espaços destinados à classe média e à classe média alta, contribui para que haja outras interpretações acerca dos sujeitos-*gays*, permitindo conquistas em campos variados e ressignificações acerca desses sujeitos no contexto sócio-histórico⁹⁶. Desde os anos da década de 1990, observamos novos sentidos acerca dos sujeitos-*gays* ao serem compreendidos dentro

⁹⁶ Como exemplo dessa inserção, citamos o interesse do espaço publicitário nacional e internacional na inclusão dos *gays* como parte das suas propagandas, empresas como O Boticário, Coca-Cola, Knorr, Smirnoff e Vivo. Os *gays* são parte da estrutura visada por essas empresas como público consumidor relevante e em inscrever suas marcas como organizações inclusivas.

dessa teia de consumo que não cessa. Nossa leitura está vinculada ao que dissemos anteriormente: o sujeito da contemporaneidade é identificado de outro modo ao ser compreendido como consumidor. O sujeito está relacionado aos sentidos constituídos na estrutura sócio-histórica. Por isso, nossa compreensão de que hoje, o consumo funciona como condição para que os sentidos de cidadania sejam mobilizados e exigidos pelos sujeitos-gays.

Para pensarmos o modo como essa questão financeira está presente nos aplicativos de relacionamento, selecionamos quatro imagens do Grindr e do Scruff⁹⁷, nas quais o foco é a venda do serviço pago desses espaços⁹⁸:

Figura 3 – Tela inicial do Grindr Xtra

Fonte: Grindr (2016).

Figura 4 – Valores do Grindr Xtra

Fonte: Grindr (2016).

⁹⁷ O Hornet também oferece essa opção.

⁹⁸ As imagens foram obtidas em 13 de setembro de 2016.

Figura 5 – Tela inicial do Scruff Pro

Fonte: Scruff (2016).

Figura 6 – Valores do Scruff Pro

Fonte: Scruff (2016).

Os aplicativos são serviços que permitem o consumo. O acesso e o *download* são gratuitos, mas a experiência paga fornece uma série de elementos adicionais. Nas imagens acima, temos enunciados de que tudo pode ser melhorado em termos de acesso aos serviços e a navegação, desde que haja o pagamento por eles. Em uma sociedade com o foco nas relações de consumo, o ato de pagar para melhorar o atendimento ou a cobertura de um produto ou serviço não produz espanto, mas é interpretado como algo natural.

As opções nos três aplicativos estudados são o Grindr Xtra, o Premium (Hornet) e o Scruff PRO, apresentados como um incremento, uma opção a mais para o sujeito que deseja ter uma experiência privilegiada de navegação. Não basta querer o acesso, é necessário pagar por ele e isso inscreve diferenças na navegação e exploração dessas redes pelos sujeitos-gays. Temos diferentes condições de produção no acesso aos aplicativos, já que o pagamento por esses serviços coloca o sujeito em outra posição discursiva, com novas possibilidades de acesso e uso que os não pagantes não possuem. Salientamos também, que os sujeitos não possuem as mesmas condições de navegação nesses espaços, já que os formatos dos equipamentos de acesso, a velocidade de conexão e a intimidade ao usar as tecnologias não são as mesmas para todos.

As opções pagas permitem ampliar a cobertura dos serviços oferecidos. Pensemos nos enunciados em circulação, em que a assinatura das versões pagas, resulta no acesso a mais perfis de sujeitos cadastrados no sistema e que estejam próximos, apresentando o total de 300

perfis no Grindr Xtra e 1000 perfis no Scruff Pro, o que é identificado como o aumento real das possibilidades de sucesso no encontro de alguém para o objetivo que a pessoa desejar, a multiplicação é evidenciada na figura 3, em que o acesso a três vezes mais o número de rapazes que já se tem acesso na versão grátis, asseguraria três vezes mais possibilidades de ser bem-sucedido (“3X the guys 3X the possibilities”)⁹⁹. A formação imaginária em jogo é a de que ao possuir acesso a mais perfis, as chances de sucesso nas relações ali empreendidas aumentam de modo automático.

Outras funcionalidades, como o uso dos “filtros” que asseguram o aparecimento de contatos que atendam as diretrizes indicadas pelo usuário ou apenas dos usuários que estejam conectados naquele momento (“só verde”), assegurando, imaginariamente, a certeza da rápida troca de mensagens e a obtenção de respostas.

A possibilidade, como apresentado na figura 5, da não existência de limites na quantidade de usuários que podem ser “bloqueados”, garante a liberdade para impedir que aqueles contatos identificados como não interessantes voltem a enviar mensagens, resultando em perda de tempo e atrapalhando a busca por parceiros. Os filtros especiais são usados para facilitar a localização daquilo que se deseja no aplicativo, sendo importantes meios de estabelecer delimitações adicionais. A imoderação é a palavra-chave, os recursos “avançado”, “ilimitado” e com mais “possibilidades” são os desejos do sujeito-consumidor da atualidade e aparecem nos discursos sobre os aplicativos, o que naturaliza as vantagens na assinatura desses serviços e que o tornam ainda mais “poderoso” na busca por parceiros.

A contratação destes serviços é inscrita como um “upgrade”, o sujeito deixa de estar na posição de mero usuário, para ser inscrito como alguém privilegiado naquela estrutura, com acesso a determinadas funções e opções restritas aos que podem pagar para ser “pro”, “premium” ou “xtra”. O “upgrade” assegura ao sujeito uma melhoria nos percursos e recursos existentes no aplicativo. As condições de produção as quais estão inseridos são outras. Destacamos que a moeda na qual o serviço é contratado é o dólar, identificado como a moeda mundial, com cotação diária para ser adquirida por quem reside em outros países e que reforça a questão de uma estrutura de relações realizadas no plano global.

No Brasil, as compras desses pacotes de melhorias são realizadas com o uso do cartão de crédito, que deve ser internacional, desse modo, temos tecnologias marcadas pelo funcionamento do mercado financeiro global. Salientamos que essas versões pagas permitem aos sujeitos uma navegação outra, posta como especial e diferente da gratuita. Essas versões

⁹⁹ “3X mais rapazes 3X mais chances” (Tradução nossa).

segmentam a oferta de um serviço que já é delimitado. Isso é interessante, pois no mercado, o próprio consumo é dividido, identificado como sempre possível. Aos que contam com mais recursos, a opção de contrato é uma conta longa (12 meses), aos com menos recursos, uma conta com duração menor (1 mês) é oferecida. Inclusive, existem descontos para os contratos de serviços mais longos (“Save 60%”)¹⁰⁰ e “33% de desconto”, vantagens valorizadas pelos sujeitos-consumidores.

Notemos que a forma de filiação a essas redes especiais, dentro dos aplicativos, é possível pela via econômica, pelo pagamento na moeda identificada como global, o dólar (“\$”), via cartão de crédito, o que inscreve um sujeito-consumidor universal na contemporaneidade, capaz de adquirir algo que deseje sem nem precisar saber a forma da nota de dólar, basta apenas ter um cartão que seja internacional e permita tais transações. O sujeito-gay é identificado, nessa estrutura, como consumidor universal, pretensamente sem barreiras de acessos para obter o que deseja.

Ao falarmos sobre o consumo, o universo dos investimentos é abordado nos materiais analisados sobre os aplicativos, como podemos observar:

[R19] Aplicativo de relacionamentos GLS 'Scruff' investe no Brasil
'App' ganha executivo no país e será traduzido para o português.
Brasil é o segundo país em número de usuários ativos. (Portal G1 – 29/11/2013)¹⁰¹.

O espaço dos investimentos financeiros é inscrito pela indicação do título da reportagem, que apresenta o Brasil, como local no qual o Scruff “investe”. Trata-se de uma ação empresarial que proporciona melhorias no serviço do aplicativo nesse país em específico. O investimento ocorre pelo destaque que os usuários residentes no Brasil possuem entre aqueles que usam esse aplicativo, o que alerta para a importância do país como mercado da empresa que administra essa ferramenta.

Observamos como parece natural que o sucesso do uso de um determinado produto ou serviço, como é o caso dos aplicativos, justifique a existência de ações empresariais para assegurar a sua melhoria e, conseqüentemente, a ampliação da sua atuação e competitividade em determinada região. Os investimentos são realizados conforme cada região é identificada, como mais ou menos interessante, para receber o aporte de recursos empresariais.

¹⁰⁰ Economize 60% (Tradução nossa).

¹⁰¹ G1. (2013, 29 de novembro). Aplicativo de relacionamentos GLS 'Scruff' investe no Brasil. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/tecnologia/tem-um-aplicativo/noticia/2013/11/aplicativo-de-relacionamentos-gls-scruff-investe-no-brasil.html>

Cada lugar no globo é identificado como passível de produzir lucro em determinado setor empresarial, com variações que destacam como a circulação dos investimentos não é igual para todas as regiões, podemos compreender essas variações ao analisarmos como o Brasil é classificado como mercado fundamental no recebimento de investimentos pela empresa que administra o Scruff, já que ocupa destaque pelo número de “usuários ativos” presentes no aplicativo, o que coloca o país como o “segundo” em número de usuários. É a marca da quantidade que funciona como elemento determinante na justificativa se o investimento deve ou não ser realizado, estabelecendo a linha divisória entre os países em que esse aplicativo é usado e quem receberá ou não recursos por parte da empresa.

O investimento no Brasil é apresentado no discurso jornalístico como significado do sucesso do Scruff no país, algo celebrado pelos administradores desse programa. A quantidade, marca a identificação de que é um mercado que está estruturado, mas pode crescer ainda mais com os investimentos adequados, já que ao trabalharmos com os sentidos sobre o universo dos negócios, o crescimento é sempre uma possibilidade posta na ordem daquilo que deve ser almejado. No contexto das relações da estrutura capitalista, não existem limites para considerar o aumento de dígitos, lucros ou usuários, isso é naturalizado, posto como sentido recorrente nos planos de investimentos e negócios. O crescimento sempre é possível, inclusive, favorecido pelas possibilidades de atuação decorrentes da globalização. Como parte dos investimentos realizados em um negócio já apresentado como bem-sucedido, a empresa que administra o Scruff “investe” em sua estrutura no Brasil, com a contratação de um “executivo” para atuar exclusivamente no país e com o processo de tradução das funções do aplicativo “para o português”.

Podemos perceber no excerto, que o idioma é parte importante para a conquista de maior espaço no mercado brasileiro, trata-se de um investimento necessário para alcançar ainda mais pessoas em um lugar que é considerado relevante para essa empresa. Pela língua é que o contato entre as pessoas é realizado e é o meio pelo qual a empresa estabelece relações com os seus usuários. A tradução é um modo de produzir a adaptação ao território brasileiro, visando ampliar o número de usuários.

A tradução do idioma do aplicativo funciona como meio para ampliar o número de “usuários” da ferramenta no Brasil. O interesse na tradução das funções do aplicativo não está meramente focada em promover melhores condições de realização dos encontros, mas de atrair mais usuários para essa rede que atua vinculada a interesses financeiros, já que é mantida pela adesão aos serviços pagos e lucra com a publicidade ali veiculada, por isso, investir na prospecção de novos clientes (“usuários”) é essencial para a sobrevivência desse

serviço como negócio. O foco é atrair e fidelizar os “usuários”, assegurando a presença de grandes quantidades de perfis e gerando o interesse no investimento nessa ferramenta, seja para anunciar um produto para o público *gay* (publicidade) ou na assinatura do serviço pago.

Desse modo, as ações de melhoria desse aplicativo, como o interesse na tradução das suas funções ou o aperfeiçoamento das suas funcionalidades, produzindo a satisfação dos usuários, possui relação com a estruturação, ampliação e melhoria dessa rede no Brasil, para fins ligados ao universo econômico. O foco nos “usuários” como clientes e no que é oferecido ali como prestação de serviço, inscreve as relações dessas plataformas, já que compreendemos que essa é a lógica do funcionamento dos três aplicativos, em uma FD do mercado econômico, com foco nos resultados que essas alterações produzem comercialmente, agregando valor a suas ações e proporcionando o fechamento de bons negócios.

O sentido sobre a língua é relacionado às possibilidades dos negócios, da ampliação das oportunidades comerciais. Os processos de personalização são movidos no sentido de obter vantagens competitivas frente aos concorrentes, não por interesses na mera promoção das relações de contato entre os sujeitos ali inseridos, mas sim, por uma questão mercadológica. Produzir a tradução é tentar conseguir uma vantagem comercial, trata-se de uma jogada de negócios que ressalta a valorização da língua, como parte do universo econômico, como essencial nos processos de adaptação as especificidades regionais. Em um mundo globalizado, a atenção dada a um idioma, como no caso do português no recorte discursivo 19, ocorre quando é posto como essencial para o crescimento da empresa em determinado mercado, o que justifica a sua atenção e relevância.

Em outro recorte discursivo, do mesmo texto jornalístico, diz-se mais sobre os investimentos realizados no Scruff:

[R20] Com o **sucesso dos aplicativos de relacionamentos**, principalmente no Brasil, um voltado para o público GLS, o ‘Scruff’, **investe no país para aumentar a popularidade** entre os **usuários**. Uma das medidas para **aumentar** a base de **500 mil usuários mensais** foi **abrir escritório no país e contratar um consultor de marketing**. O aplicativo também **receberá uma versão em português**.

O “Scruff”, que tem versões para iOS (clique aqui para baixar) e para Android (acesse aqui) foi lançado em 2010 e, desde sua estreia, **possui três cidades brasileiras entre as mais populares - São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e cresceu 700% desde 2012**, de acordo com a desenvolvedora do “app”. No **mundo são 5,5 milhões de usuários ativos** e o desafio de aumentar a popularidade no país será responsabilidade de Kleyson Barbosa, que **cuidará do marketing** do “app” (Portal G1 – 29/11/2013)¹⁰².

¹⁰² G1. (2013, 29 de novembro). Aplicativo de relacionamentos GLS 'Scruff' investe no Brasil. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/tecnologia/tem-um-aplicativo/noticia/2013/11/aplicativo-de-relacionamentos-gls-scruff-investe-no-brasil.html>

A “base de 500 mil usuários mensais” estimula o processo de produção do investimento contínuo no Brasil por parte da empresa que administra o Scruff, visando “aumentar” esse número. A expansão dos negócios envolve a projeção dos aumentos no número de usuários, inclusive nos que optam por investir na versão paga desse serviço, na criação de perfis e na visibilidade para atrair anunciantes que reconheçam ali como bom para aplicar investimentos em ações publicitárias. Assim, o “marketing” é importante no processo de ampliação do público cadastrado no aplicativo, essencial nas ações empresariais para convencer os sujeitos-*gays* e investidores de como esse programa é o mais interessante para investir ao estabelecer a comparação com os outros aplicativos destinados para esse público e disponíveis no país.

A necessidade da melhoria também é motivada pela concorrência que existe entre as empresas que administram os aplicativos de relacionamento. É importante estar à frente das outras empresas e ser identificada como a plataforma que possui as melhores condições de atender ao que os sujeitos-*gays* procuram. O investimento em “marketing” é uma necessidade para projetar a imagem do Scruff como capaz de atender as demandas dos usuários e dos possíveis empresários que queiram investir na propaganda dos seus produtos.

O cuidado com o *marketing* é parte dos investimentos compreendidos como vitais para alcançar o objetivo de ampliação do público do aplicativo. Entendemos o *marketing*, dentro da perspectiva discursiva, identificado como capaz de direcionar e produzir os interesses dos sujeitos, atuando com o oferecimento do que irá satisfazer os seus desejos, muito utilizado no campo do consumo atrelando marcas, produtos e serviços à satisfação das mais variadas necessidades, do preenchimento daquilo que faltaria ao sujeito. O consumo seria, nessa formação imaginária, pensado dentro de uma lógica que contemplaria as mais variadas áreas, capaz de preencher o sujeito por completo, ignorando que a incompletude é constitutiva dele (Pêcheux, 2014).

O *marketing* é compreendido como capaz de antever e oferecer ao sujeito aquilo que ele precisa, muitas vezes, algo ainda não identificado desse modo. O investimento do Scruff nesse setor, marca a possibilidade de trabalhar com o que o sujeito-*gay* quer, com aquilo que atia e desperta o seu desejo, capaz de atrair sua atenção para o uso do aplicativo. O foco é fidelizar o usuário que já está no aplicativo, mas também, atrair novos interessados para essa rede e ampliar o quadro de opções disponíveis nesse grande banco de dados, com a promessa de facilitar o encontro com aquilo que é desejado. Também, um lugar para consumir, para adquirir produtos anunciados por meio das propagandas e obter opções para possíveis relações, encontrando rapazes que atendam às suas expectativas. É pelo imaginário que a

sedução para o consumo acontece, inscrita como possível a todos os sujeitos, de forma igual, o que é uma falácia.

No excerto, o dado quantitativo ganha destaque como elemento fundamental, no qual é possível produzir mapeamentos sobre a utilização do aplicativo, com indicações sobre as distâncias entre os usuários e quais os períodos do dia com maiores índices de utilização. Gerar índices, gráficos sobre o seu uso e o crescimento na adesão de um aplicativo são também parte dos processos que envolvem a administração e gestão dessas tecnologias pelas empresas, já que elas necessitam dos números, para oferecer aos potenciais anunciantes, informações sobre o perfil dos seus usuários.

A gestão dos dados leva ao trabalho com a exatidão das suas afirmações sobre a adesão e o crescimento no uso do aplicativo no Brasil, justificando a realização do investimento pela empresa. Dados que apresentam a marca dos “700%” de crescimento desde o ano de 2012 no Brasil e o destaque para três cidades brasileiras no uso mundial do Scruff (“São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte”), identificadas como “populares”.

Atrair mais “usuários” é essencial em um universo, em que a competitividade é uma realidade e impõe disputas por eles, já que quanto mais usuários, maior a possibilidade de ganhos com publicidade, interesse dos sujeitos na adesão aos serviços pagos do aplicativo e produzir atenção nos espaços jornalísticos e midiáticos. O usuário é vital para o funcionamento dessas ferramentas, já que quanto maior o número de perfis existentes, maior é o interesse por um aplicativo em específico. Desse modo, a “popularidade” no país e a produção de iniciativas que visam seu aperfeiçoamento e melhoria são postos como relevantes para alavancar a quantidade de usuários. O Brasil, em 2013, era o “segundo país em número de usuários ativos”, dentro de um contexto com “5,5 milhões de usuários ativos” no uso do Scruff, no qual, o país é posto em comparação com outras nações e compreendido como capaz de alavancar esses números, em um movimento que não cessa.

A quantidade é compreendida como aquilo que atesta o que é popular ou sucesso, trata-se de um indício posto na posição natural de delimitador dessas duas noções, funcionando na confirmação do discurso sobre, aparecendo como algo dado, não como interpretação que é produzida, mas como retrato inquestionável da representação da realidade. Os sentidos não são naturalmente instituídos, mas produzidos na tensão das relações e dos processos sócio-históricos, como afirma Pêcheux (2014). Essa valorização dos aplicativos dentro do campo dos negócios e do mercado de consumo no Brasil é observada em outros trechos de reportagens do nosso *corpus*:

[R21] Segundo Joel Simkhai, a fórmula do sucesso do Grindr é que o aplicativo encontrou uma **solução simples para um problema complicado**. "Um gay quer conhecer outros gays, seja para **amizade, para namoro ou encontros casuais**", pondera o **fundador do aplicativo** que já tem **4,5 milhões de usuários cadastrados no mundo** - o **Brasil está em 8º lugar**, com **130 mil usuários**. "Nós facilitamos isso." (IG – 05/03/2013)¹⁰³.

Novamente, o elemento numérico é mobilizado para atestar o sentido de sucesso, mas sobre outro aplicativo de relacionamento trabalhado na pesquisa, o Grindr. No texto, os números são utilizados para confirmar que esse aplicativo também possui público e é bem-sucedido no país. A quantidade de usuários do Grindr é da ordem de milhões no mundo ("4,5 milhões de usuários") e de milhares no Brasil ("130 mil") o que assegura condições de classificar o país em "8º lugar" em relação ao número de usuários no mundo. A quantidade assegura meios de tabular, discriminar os usos e compreender como as variadas regiões do planeta utilizam esse aplicativo, considerando as ações de uma empresa, que atua de modo global, conectada e que estabelece a costura entre sujeitos-gays que acessam o aplicativo dos mais variados pontos do planeta.

Mobilizando o depoimento do fundador do Grindr (Joel Simkhai), o discurso jornalístico apresenta o aplicativo como uma "solução simples" para um "problema" que é a dificuldade de proporcionar o encontro entre os sujeitos-gays, permitindo "conhecer outros gays" para objetivos variados, como a "amizade", "namoro" ou "encontros casuais". E é a atuação da empresa que assegura isso, por meio dessa iniciativa que os encontros seriam possíveis, sem erros ou complicações, tudo de modo "simples" por conta da tecnologia e da ação empresarial, o que é enfatizado por Joel Simkhai ao destacar que é o objetivo da empresa produzir essa facilidade ("nós facilitamos isso").

A facilidade produzida pela empresa e anunciada por seu fundador é apresentada como a grande justificativa que leva essa tecnologia a ser bem-sucedida. O empreendimento empresarial é celebrado como capaz de ajudar a resolver o que é compreendido como um problema histórico para os sujeitos-gays em todo o mundo, já que é uma ferramenta usada em inúmeros países.

O *marketing*, novamente, é identificado como peça essencial, conforme o especialista Serge Gorjkovich, responsável por esse setor na empresa que administra o aplicativo Grindr, afirma ao ser questionado sobre as "ações de marketing específicas para o Brasil":

¹⁰³ Aguiar, M. (2013, 05 de março). Joel Simkhai, criador do Grindr: "Sei que é complicado conhecer outros homens". IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html>

[R22] iG: Vocês fazem **ações de marketing específicas para o Brasil?**

Serge Gorjkovich: **O Brasil é um país líder na América do Sul** e estamos felizes que o **aplicativo tenha sido tão bem recebido aí**, pois nos **ajuda a crescer nos países vizinhos**.

Nosso **plano de marketing é voltado para os mercados em crescimento e o Brasil com certeza é um deles**. Estamos **à procura de anunciantes e parceiros**. (IG – 05/03/2013)¹⁰⁴.

O “marketing” é destaque na abordagem sobre o Grindr realizado pelo texto publicado pelo portal IG. As “ações de marketing” são essenciais e expressas no depoimento do profissional responsável por esse setor no Grindr, já que por meio delas é que as atividades de propaganda podem ser pensadas e as melhores formas de atuar junto a um grupo são possíveis. O destaque ao Brasil ocorre, novamente, por sua posição em comparação a outros países no uso dessa plataforma, já que está “em crescimento” e o foco da empresa é voltar seus esforços para regiões que crescem, gerando lucros maiores, diante das possibilidades de estabelecer vínculos com “anunciantes e parceiros”, fortalecendo a sua atuação no país e vislumbrando a possibilidade de ampliar o número de usuários.

Outro fator apresentado no recorte 22, acerca da importância do Brasil, diz respeito a sua posição geográfica, por ser o “país líder na América do Sul”, o que o coloca em posição de destaque para as nações da região, portanto, privilegiado para receber atenção “específica” do campo de “marketing” do Grindr. É um investimento compreendido como necessário, para, posteriormente, produzir mais lucro no Brasil, assim como nos “países vizinhos”, já que o país possuiria condições de influenciar toda a região da América Latina, identificada como estratégica para a atuação dessa empresa no plano global.

A boa recepção desses aplicativos no Brasil, seja o Grindr ou o Scruff, ressoa e é objeto de interesse dos espaços jornalísticos, interessados em compreender melhor o que são esses programas, tentar explicar o seu sucesso, que é apresentado como da ordem da evidência, frente aos números expressivos de usuários que possui e, principalmente, dos investimentos visando ao aumento desses números e realizados nos últimos anos no país. Um mercado compreendido como pujante, capaz de crescer e render ainda mais, portanto, a importância na cobertura jornalística, atenta ao seu desenvolvimento e as tentativas de compreender as mudanças que sua atuação produz na sociedade e nas formas como os laços são estabelecidos pelo público atendido por esses aplicativos.

O sujeito da contemporaneidade é afetado por discursos que marcam esse período como relacionado ao desenvolvimento das ciências, tecnologias e técnicas (Lipovetsky, 2005; Santos, 2008), resultando no desenvolvimento permanente de materiais artificiais e

¹⁰⁴

Aguiar, M. (2013, 05 de março). Joel Simkhai, criador do Grindr: "Sei que é complicado conhecer outros homens". *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html>

tecnológicos, incorporados ao cotidiano e compreendidos como importantes para a realização de atividades e tarefas, como exemplo, citamos os aplicativos estudados nessa Tese e seu uso para o encontro de relacionamentos.

Orlandi (2012) aponta que os discursos da eficiência, da produtividade, permeiam o sujeito do momento atual, e isso afeta a produção dos discursos e sentidos, visto sua relação com o sócio-histórico. Desse modo, podemos pensar que a globalização afeta e diz respeito às relações entre os sujeitos, não apenas no que tange ao aspecto econômico, mas com questões relacionadas à produção de um imaginário de estrutura unindo o planeta pela via da ciência, comunicação, tecnologia e transporte, facilitando trocas e interlocuções de vários tipos, o que resulta na produção de discursos e sentidos que são imaginados como válidos para todos.

Do ponto de vista teórico, um dos modos de pensar a globalização é como fábula, no qual, algumas compreensões positivas são aceitas. Por exemplo, a do mundo como um espaço único, com informações disponíveis sobre tudo e para todos. Na globalização, ocorre o culto ao consumo e à compreensão da importância do estímulo e formação de um mercado consumidor único. Isso é importante, ao considerarmos o aparato técnico dos dias atuais dando sustentação para o desenvolvimento econômico e a realização das diretrizes desenhadas por quem dita as regras da economia mundial. A globalização apresenta-se como o ápice do capitalismo e da internacionalização mundial, possuindo como pilares de sustentação a política, as técnicas e tecnologias, estruturalmente imbricadas (Santos, 2008).

A conexão, promovida entre as diferentes áreas do planeta, têm produzido uma sensação de conexão, no qual ícones do entretenimento passam a aparecer como ídolos globais, assim como marcas passam a ser significadas no plano mundial, tudo isso, amparados por uma estrutura de *marketing*. Diferentes regiões do planeta, com características e horários distintos, são aproximadas em decorrência da potencialidade de conexão das estruturas e redes de comunicação. Desse modo, marcas, símbolos e empresas são consolidadas e apresentadas como referências mundiais, as propagandas das empresas e produtos buscam enfatizar isso. O consumo passa a ser influenciado por domínios e diretrizes globais (Moraes, 1999).

Tendências de consumo global, como a alimentação *fast food* faz parte do cotidiano de pessoas nos quatro cantos do globo. Referências de moda, alimentação, beleza, ensino e entretenimento, passam a serem vistos e desejados mundo a fora. As referências são cada vez mais globais. Espaços jornalísticos, assim como outras estruturas e produtos midiáticos, como os filmes e programas de televisão, são importantes para a promoção e venda de todos os tipos de produtos (Moraes, 1999).

Existe a compreensão de um único espaço e tempo, da ordem do global. Estaríamos na ordem da plena conexão e relacionados por uma comunicação incessante. Seria a convergência final entre tudo e todos, com a pretensão na produção de uma história unificada, em que um evento afeta e significa, da mesma forma, para toda a humanidade. O ideário de um planeta único, para todos, apesar de ser uma ilusão, persiste nos discursos de ovação a globalização. Apesar desse imaginário, Santos (1994, 2008) e Zizek (2006) alertam que a exclusão constitui a forma como a globalização tem se instituído no mundo.

Atentamos que, na atualidade, os objetos são desenvolvidos com objetivos precisos, o que demanda o consumo de informações para sua utilização, atualização e manejo adequado. O fato é que lidar com informações é fator chave no trabalho com os objetos da atualidade, pensemos no modo como existem manuais para tudo, temos a produção de discursos especializados em setores variados e sua apresentação em inúmeros lugares (Santos, 1994), inclusive, nos espaços jornalísticos.

Estamos diante de um período no qual, e cada vez isso é intensificado, os objetos técnicos são projetados para atender demandas postas como relevantes e específicas. A inovação é permanente, criando assim, um universo pouco passível de ser compreendido, já que suas alterações são contínuas. A técnica domina nossas relações com o mundo e com os outros sujeitos e, está relacionada aos mais variados espaços da sociedade (Santos, 1994). A técnica está atrelada à legitimação da eficiência e da rapidez, o que inscreve o sentido da sua necessidade para os sujeitos, inclusive, na busca por relacionamentos *gays*:

[R23] **“Não faz sentido eu, que vivo no Ipiranga, procurar alguém do Butantã. Tem que ser prático”, diz Thales Coimbra**, que usa o Grindr (pronuncia-se "grainder"), app destinado ao público gay e que tem **cerca de 3 milhões de inscritos no mundo (37 mil deles no Brasil)**. (Folha de S. Paulo – 16/12/2011)¹⁰⁵.

[R24] **“Minha primeira opção é o 'boy' que está perto de mim”**, diz Thales Coimbra, 21. (Folha de S. Paulo – 16/12/2011)¹⁰⁶.

A rapidez é elemento apresentado como predicado importante dos aplicativos de relacionamento. Eles propiciam contatos rápidos entre os sujeitos-*gays*. Velocidade inscrita como imprescindível no momento atual, nas atuais condições de produção. O discurso jornalístico, novamente, recorre à voz do outro (“Thales Coimbra, 21”), ao recurso do

¹⁰⁵ Luís, L. (2011, 16 de dezembro). Apps de paquera viram hit entre pessoas que buscam relações casuais. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://f5.folha.uol.com.br/humanos/1022663-apps-de-paquera-vm-hit-entre-pessoas-que-buscam-relacoes-casuais.shtml>

¹⁰⁶ Luís, L. (2011, 16 de dezembro). Apps de paquera viram hit entre pessoas que buscam relações casuais. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://f5.folha.uol.com.br/humanos/1022663-apps-de-paquera-vm-hit-entre-pessoas-que-buscam-relacoes-casuais.shtml>

depoimento, de quem conhece o funcionamento dos aplicativos, para produzir a sensação de domínio na abordagem desse assunto. Atentamos que é tamanha a segurança na precisão do discurso que é apresentado sobre essas tecnologias, que o espaço jornalístico marca até o modo correto de falar o nome do aplicativo Grindr (“pronuncia-se ‘grainder’”), reforçando o imaginário desse espaço, como lugar de respostas e delimitações precisas acerca do que são os objetos e o mundo ao nosso redor.

O espaço urbano é dividido no plano da utilidade, no qual a praticidade do estar próximo é elemento essencial, definidor das possibilidades de contato rápido com o outro. A lógica da relação é mediada pela distância geográfica. Quanto mais próximo, maior as possibilidades do contato e do encontro acontecerem, o que coloca em evidência o elemento numérico, que inscreve o cálculo da distância entre os sujeitos nos aplicativos. Note-se a importância do espaço geográfico nesse processo, posto como elemento chave para viabilizar o encontro. A localização afeta o que é ou não possível nos encontros, por isso, a importância de estar próximo é algo compreendido como óbvio (“não faz sentido eu, que vivo no Ipiranga, procurar alguém do Butantã” e “Minha primeira opção é o 'boy' que está perto de mim”) e que interfere no interesse por alguém que está nessa rede.

Na geografia dos encontros, estar próximo é importante, pois viabiliza a praticidade nas relações, com destaque para quando o foco é o sexo casual. Ao “ser prático” o sujeito estabelece sua escolha com base na distância geográfica, assegurando maiores chances de que o sexo sem compromisso seja viável para os envolvidos. Estar “perto” ou longe é ponto importante na lógica de funcionamento dos laços dos sujeitos-gays nos aplicativos, muitas vezes como elemento determinante para investir, ou não, na aproximação com algum “boy”. No entanto, outra “opção” sempre é possível caso a “primeira” não seja satisfatória, o que aponta o modo como escolher é posto como da ordem da possibilidade nessas redes, algo oferecido como sempre disponível ao bel prazer dos usuários, o que é visto como positivo e ressalta a importância da quantidade para assegurar a livre escolha aos sujeitos-gays. Essa lógica da valorização da quantidade reforça os sentidos de importância das ações das empresas que administram os aplicativos na tentativa constante de atrair mais usuários, assegurando mais opções de escolha para quem está inserido ali e fomentando seu interesse em continuar como público desses espaços.

A competitividade é identificada como importante fator que motiva o desenvolvimento das tecnologias e os grandes investimentos realizados nessa área na atualidade. A competitividade é ponto central do motor econômico dos dias atuais, em que a fluidez entre

mercados e Estados existe e a tecnologia é ponto chave para a realização da comunicação, transportes e transferências de recursos financeiros e informacionais (Santos, 1994).

A cada avanço técnico, temos novas maneiras pelas quais os sujeitos estabelecem relações com o numérico, pensemos na quantidade de informações, as quais, atualmente é possível armazenar por meio dos recursos da informática e o que era possível de ser feito alguns anos atrás. E mais, o sujeito contemporâneo lida com o imaginário da quantidade que poderá armazenar no futuro, mas não em qualquer futuro, se pensa a curto prazo, já que essa demanda é inscrita como urgente, pois a produção de novos conhecimentos e informações não cessa.

O capitalismo possui uma estrutura que é baseada em promessas e no qual o prazer, o instigar do desejo do outro, são motores de funcionamento. O sujeito sempre se vê em falta, seja de um produto ou serviço que pode ser adquirido. A promessa do capitalismo, no fomento ao consumo, é de que algo (sempre) poderá suprir a falta que constitui o sujeito (Zizek, 2006). O imaginário afeta e constitui o sujeito. A busca de amor e sexo, por meio dos aplicativos, pode ser pensada nesse jogo, já que o sujeito procura pela satisfação de seus interesses, compreendendo que essas redes podem auxiliar no encontro exato do que ele está procurando.

O consumo é fomentado em nossa sociedade, relacionado à satisfação dos interesses pessoais e do bem-estar dos indivíduos. E nesse ritmo de consumo sem fim, as TIC são apresentadas com destaque e estão presentes nas mais diversas relações. Somos estimulados a consumir mais, em todos os sentidos, sejam informações, cuidados de saúde, objetos, viagens, etc. (Lipovetsky, 2005). Pensando sobre essa questão, retomamos a noção de ideologia na perspectiva da AD (Pêcheux, 2014), ao compreendermos que os sentidos sobre consumir são inscritos como naturais e necessários aos sujeitos. O consumo é posto como porta de salvação para angústias e satisfação dos desejos. Não apenas produtos ou serviços, mas um determinado estilo de vida. A obsolescência afeta o consumo e deixa os produtos sem utilidade com rapidez (Lipovetsky, 2005). Se alguns anos atrás a tecnologia usada por sujeitos-gays para encontros amorosos e sexuais eram os *chats* da internet, atualmente, são os aplicativos que exercem o protagonismo. Isso não significa o fim dos *chats*, mas a diminuição de sua influência e espaço para esse grupo.

As rápidas mudanças no universo tecnológico alteram o modo como os sujeitos procuram por parceiros, mas também obriga as empresas que já atuavam no “ramo de romances on-line”, com *sites* para esse fim, a se adaptarem aos novos modelos de negócio:

[R25] Para **serviços antigos do ramo de romances on-line**, a **possibilidade** que os aplicativos de paquera oferecem de **juntar** de forma instantânea pessoas que estão **fisicamente próximas é uma oportunidade de expansão** (Folha de São Paulo – 15/12/2011)¹⁰⁷.

Dessa forma, o desenvolvimento das tecnologias é compreendido como permanente, obrigando a realização de adaptações por parte das empresas que atuam com o “ramo de romances on-line”, mas em um processo que é identificado como produtor de “oportunidade de expansão” para os negócios. As condições de produção, atreladas ao desenvolvimento das tecnologias da informática, propiciam que esses negócios sejam ampliados e reformulados. Destacamos que essas indicações que inscrevem tais espaços no plano do sucesso empresarial são significativas na contemporaneidade e no modo como a tecnologia é abordada: como lugar de aperfeiçoamento contínuo, no qual, o estágio final não é vislumbrado, mas as atualizações permanentes são sempre já desejadas.

A atualização dos negócios é explorada no recorte discurso 25, em que sentidos acerca dessas transformações são essenciais para continuar a sobreviver em um mercado com concorrência acirrada. É uma decisão que não é opcional, mas uma demanda para sobreviver no “ramo de romances on-line”, que exige que as empresas que atuem na promoção de relações para os *gays* lancem versões no formato de “aplicativos”, assegurando que haja a “expansão” dos seus modos de atuação e da oportunidade de realizar novos negócios.

Pensando na importância da atualização dos programas de informática, observamos como ela é imposta também aos sujeitos no uso dos aplicativos, identificada como da ordem da urgência, da necessidade de alcançar a melhoria no uso das suas estruturas operacionais. Uma atualização que é apresentada de forma automática ao usuário, aparecendo sem aviso de que o sistema esteve em processo de mudanças. Ao usuário é oferecida a escolha pela atualização imediata do aplicativo, o que é identificado como algo carregado de inovações e melhorias. Recorremos a uma imagem por nós capturada na relação com o Scruff para pensarmos essa questão¹⁰⁸:

¹⁰⁷ Luís, L. (2011, 15 de dezembro). Antigos sites de namoro se adaptam aos smartphones. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/14310-antigos-sites-de-namoro-se-adaptam-aos-smartphones.shtml>

¹⁰⁸ A imagem foi obtida em 15 de novembro de 2017.

Figura 7 – Atualize ao Scruff 5.5 já!

Fonte: Scruff (2017).

O uso do verbo no imperativo “atualize” ganha contorno de ordem direcionada ao sujeito que está utilizando o Scruff, ainda mais ao ser usado com o advérbio “já” e o ponto de exclamação (“!”), reforçando a urgência na adoção da mudança sugerida pelo sistema operacional do aplicativo. Atualizar significa estar adequado as mudanças do sistema impostas pelas empresas que desenvolvem essas plataformas, processos decorrentes das ações e investimentos visando ao aperfeiçoamento e às melhorias constantes dessas tecnologias, com as correções de erros do sistema operacional e a atenção às demandas dos usuários.

É pela mobilização do discurso que o sujeito é informado do que é acrescentado ao aplicativo, quais as mudanças realizadas e que são apresentadas como positivas na atualização da versão do Scruff para a “5.5”. A estrutura numérica é o que marca a localização do sujeito nesse sistema, permite saber se a versão utilizada é ou não a mais atual, já que não basta estar no aplicativo, é necessário estar atualizado com a última versão disponibilizada pelo Scruff para assegurar a potência para navegar “mais” e melhor. O uso do advérbio “mais” é mobilizado para apresentar a nova versão desse aplicativo. Não existiriam motivos para resistir ou “cancelar” a realização da atualização do sistema, já que as vantagens listadas justificam a aceitação dessas mudanças.

O uso do advérbio “mais” é vinculado a três adjetivos (“divertido”, “fácil” e “rápido”) que qualificam e apresentam o modo como a atualização permite vantagens ao sujeito-gay que

utiliza essa ferramenta. Estar atualizado é uma demanda que dialoga com as necessidades do sujeito que está conectado ao ciberespaço, produzida continuamente e marcando a relação dos sujeitos com o que é posto como novidade, no caso analisado, processos de “compartilhar”, “enviar” e “integrar”, resultando na possibilidade de ser mais simples realizar isso com fotos, vídeos ou a localização geográfica exata de onde se está. A função do “mais” é marcar o acréscimo, elemento importante nos processos de relação de consumo, no qual a oferta dos produtos e serviços sempre é identificada como passível de ser melhorada, oferecendo algo a mais que assegure vantagens frente aos concorrentes.

A “demanda popular”, produz mudanças nos processos de atualização dos aplicativos, como observamos na inclusão de mais uma “comunidade”, na opção de seleções que o usuário pode escolher para indicar como ele se identifica, no caso, o grupo “lontra”¹⁰⁹. A necessidade de incluir esse grupo no rol de opções existentes foi uma solicitação atendida pelos administradores do aplicativo, necessário para atender ao seu público, aos clientes que utilizam e sustentam esse negócio. Atualizar é importante para satisfazer as constantes alterações de interesses dos sujeitos-gays e contemplar as mudanças que envolvem esses sujeitos e sua comunidade.

O consumidor contemporâneo navega pela internet, ouve músicas ao fazer compras, direto de seu tocador digital de música, prefere o *diet* e o *light*, exige selos que comprovem a qualidade do que é oferecido, temos uma nova configuração do consumo de massa. Não temos uma mudança absoluta na história da cultura de consumo, mas sim, algumas modificações (Lipovetsky, 2007), trata-se de uma atividade cada vez mais solitária, especializada e relacionada ao sucesso, aos que venceram na vida (Bauman, 1998).

O consumo focado nos indivíduos e não mais no conjunto, nas famílias, passa a ocorrer desde a década de 1970, no qual, temos o processo de equipar os lares com inúmeras tecnologias. Esse processo de focar o consumo de maneira individual, no qual os objetos pessoais passam a ter destaque e facilitam a organização e a rotina dos sujeitos-consumidores, pode ser exemplificado com equipamentos variados, como os computadores pessoais, os celulares e as televisões, temos uma escalada no processo de individualização do cotidiano, no qual, são adotadas práticas distintas por pessoas que são da mesma família e moram na mesma residência, propiciando vivências personalizadas do mesmo espaço (Lipovetsky, 2007).

¹⁰⁹ Definido como *gays* que possuem um tipo físico magro, algumas vezes atlético, que não depilam os corpos (IG, 2015).

O tempo para o consumo se amplia, não mais atendendo a horários restritos. Os serviços de *delivery* e de empresas com profissionais atuando aos finais de semana aumenta continuamente. Temos o afrouxamento de legislações que impedem, de algum modo, o avanço das estruturas de consumo, pois o capital força alterações de leis e caminhamos rumo a uma estruturação que prevê um funcionamento sem interrupções de espaços destinados ao consumo¹¹⁰. Temos a ampliação do funcionamento de lojas e outras formas de aquisição de produtos e serviços, principalmente *on-line*, permitindo o efeito de acesso contínuo, com o não limite de espaço e tempo para o consumo (Lipovetsky, 2007).

Observamos o consumo *on-line* nos aplicativos, incentivado durante todo o tempo. Faz parte do processo de funcionamento dessas redes. A oportunidade do lucro é observada em todas as partes. Vejamos uma imagem do Grindr¹¹¹, que nos mobiliza a pensar o estímulo ao consumo com a apresentação de uma “oferta”:

Figura 8 – Oferta do Grindr

Fonte: Grindr (2017).

O estímulo ao consumo é constante nos aplicativos. Observamos como a figura 8 destaca esse processo. O sujeito-gay é impelido a estar na relação com o consumo. Aqui, o tempo para consumir é especificado, contado, com começo e fim estipulados previamente. O

¹¹⁰ Funcionando os 365 dias do ano, nas 24 horas do dia.

¹¹¹ Imagem obtida pelo autor em 19 de novembro de 2017.

tempo é usado como mecanismo de mediação do acesso, funciona como o que estabelece o limite para ter direito a “oferta” do aplicativo, que é alcançada ao “assistir o vídeo”, que é uma propaganda veiculada nessa rede.

A propaganda é um meio importante de sustentação dos aplicativos, já que são redes que possuem milhões de usuários por todo o mundo e isso atrai o interesse de empresas dos mais variados tipos em anunciar em uma estrutura que presta um serviço aos *gays*. Consumir o vídeo de propaganda resulta na possibilidade do acesso a mais perfis (“veja mais homens”), por meio desse atrativo é que o aplicativo trabalha com o imaginário de que a propaganda será vista, que o anunciante conseguirá êxito em expor a sua marca, produto ou serviço nessa rede. Também é uma forma de oferecer uma amostra do que é possível encontrar ao assinar o serviço *premium* e obter mais opções de perfis de homens que na versão gratuita, o que serve de estímulo para a assinatura do serviço pago.

Destacamos que o acesso a “mais homens” no Grindr é possível por dois modos atrelados ao universo do consumo: seja pela assinatura do plano *premium*, no qual existe a contratação do pacote de serviços oferecidos pelo aplicativo ou assistindo ao vídeo promocional oferecido. Acessar mais perfis proporciona o efeito imaginário de que as possibilidades de sucesso são maiores nas relações existentes nos aplicativos, com mais chances de obter êxito. A quantidade funciona como meio que possibilitaria maiores chances de sucesso no encontro do tipo de homem e relação que se deseja. O que inscreve o consumo como parte dos processos de relação dos sujeitos com essas tecnologias e a satisfação das suas demandas.

Em meio ao *corpus* da pesquisa, encontramos explicações sobre como o ganho financeiro no Grindr é obtido, por meio do depoimento do criador dessa ferramenta, enfatizando, como as propagandas e a assinatura do serviço pago são fundamentais para a sustentação do aplicativo:

[R26] IG: O **lucro** vem apenas da **venda de espaços publicitários e da versão paga?**
 Joel Simkhai: Cerca de **70% do lucro vem da versão paga e 30% dos anunciantes**. **Nossos anunciantes são bares, casas noturnas ou qualquer negócio que queira atingir diretamente o público gay. Nossos usuários gastam em média uma hora e meia por dia conectados ao Grindr e isso é um grande chamariz.** (IG – 05/03/2013)¹¹².

O “lucro” é o objetivo das relações realizadas no campo das empresas no universo capitalista, o ponto a ser alcançado. Os aplicativos de relacionamento são compreendidos

¹¹² Aguiar, M. (2013, 05 de março). Joel Simkhai, criador do Grindr: "Sei que é complicado conhecer outros homens". IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html>

como lugares de lucro, de possibilidade da “venda” e, por tanto, espaços que podem receber investimentos visando atingir pessoas interessadas em determinado segmento da sociedade, no caso analisado, os sujeitos-*gays*.

Na resposta do criador do Grindr, a questão do universo dos sujeitos-*gays* como mercado é reforçada ao explicar o modo como esse aplicativo obtém lucro e sustenta suas atividades, ou seja, por meio da “venda de espaços publicitários” e da “versão paga”, com a especificação das porcentagens de como esse lucro é obtido (“70%” e “30%”). A porcentagem funciona como meio de sistematização e exposição do retrato do plano de negócios que envolve essa ferramenta.

O uso do pronome “nosso” no plural (“nossos”) estabelece a relação de filiação do aplicativo com os “anunciantes” e “usuários” já estabelecidos ali, o que permite um espaço interessante para investimentos, já que é lugar no qual é possível “atingir diretamente o público gay”. Público que é mensurado e está nessas redes em “média uma hora e meia por dia”, por isso, a oferta de produtos e serviços para eles é apresentado como uma boa estratégia para os comerciantes. A conexão do aplicativo com os sujeitos-*gays* é “um grande chamariz” que atrai uma série de empreendimentos voltados para eles, compreendendo a importância de investir nessas redes de sociabilidade como modo de alcançar esse grupo. Esse tempo gasto no uso do Grindr, também estimula que os usuários desses programas invistam na aquisição de serviços *premium*. O estímulo ao consumo nos aplicativos marca como ele é diluído e presente nas mais variadas relações e espaços, com formas variadas.

A globalização interfere nos elos entre os sujeitos, já que temos um imaginário de mundo mais próximo, interligado por redes de comunicação, financeiras e tecnológicas, alterando o modo como os sujeitos estabelecem relações e produzem sentidos. Conforme discutimos, o capitalismo é um sistema que busca, de maneira constante, por novos espaços e oportunidades de exploração, estando em constante adaptação às novas realidades e possibilidades de consumo. Identificamos que os sujeitos-*gays* são foco de atenção dos espaços de negócios ao serem compreendidos como público consumidor importante na atualidade. Os aplicativos de relacionamento exemplificam as atuais formas de busca por relacionamentos pelos sujeitos-*gays*, mas também das possibilidades de lucro produzido por eles, já que essas redes de sociabilidade são estruturas de negócios, com o foco no lucro obtido pela venda de serviços *premium* e espaço publicitário, visto que o público *gay* interessa como grupo consumidor para uma infinidade de empresas.

Na próxima seção, aprofundamos considerações acerca do tecnológico, especificamente as TIC, pensando no modo como as tramas de rede afetam os sujeitos e interferem no modo como os discursos e sentidos são produzidos, já que temos outras condições de produção.

2.2 As Tecnologias de Informação e Comunicação em discurso: o ciberespaço, a internet e suas condições de produção

Na seção anterior, apresentamos o modo como as condições de produção ligadas às estruturas da globalização são importantes e interferem na relação dos sujeitos-gays com o mundo e com as tecnologias desenvolvidas para eles. Nesta parte do nosso trabalho, focamos no impacto das tecnologias para os sujeitos, especificamente o ciberespaço, estrutura tecnológica existente pelas condições materiais possibilitadas pelo desenvolvimento da internet, essencial para a estruturação e funcionamento dos aplicativos de relacionamento tão em uso hoje.

O desenvolvimento da informática¹¹³ foi impulsionado pela entrada dos norte-americanos na Segunda Guerra Mundial¹¹⁴. Nesse período, ocorre a compreensão por parte dos governantes e pesquisadores sobre a importância dos investimentos nas áreas relacionadas à comunicação e aos processos de trabalho com a informação. Essa consciência foi intensificada após o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, período de intensas disputas entre os norte-americanos e os soviéticos. É nessa época que a primeira rede de informática, a *Advanced Research Projects Agency Network* (Arpanet), é desenvolvida. A Arpanet é considerada a ancestral da internet, fundamental para a estruturação do ciberespaço como identificado na atualidade¹¹⁵ (Castells, 2003, 2005).

A Arpanet foi um projeto de uma rede de computadores estruturada em 1969 pelo *Information Processing Techniques Office* (IPTO), um departamento dentro da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), instituição criada em 1958, atrelada ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos (EUA), interessada em promover o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas visando a alcançar a superioridade tecnológica em relação à União das Repúblicas

¹¹³ A palavra informática foi cunhada em 1962 por Philippe Dreyfus e é a junção de duas palavras: automático e informação (Breton, 1991).

¹¹⁴ Conflito iniciado em 1938 e finalizado em 1945.

¹¹⁵ Compreendemos, e realizamos essa diferenciação ao longo da nossa pesquisa, em que a internet é a estrutura técnica que possibilita o acesso e o processo de navegação, enquanto o ciberespaço corresponde a estrutura na qual os sujeitos navegam.

Soviéticas (URSS), preocupados com os rápidos avanços alcançados pelos soviéticos nessa área¹¹⁶ (Castells, 2003, 2005).

A Arpanet permitia a conexão e o compartilhamento de pesquisas entre institutos de pesquisa e bancos de dados estratégicos para os norte-americanos, em um sistema de comunicação que assegurava o envio de mensagens de modo fragmentado, impedindo que informações fundamentais fossem perdidas, mesmo em caso de ataques inimigos (Cébrian, 1999). A internet teve seu desenvolvimento graças à realização de pesquisas em áreas científicas e militares, apenas anos depois é que houve a popularização dos equipamentos de conexão e navegação no ciberespaço.

Foi uma proposta externa à montagem de uma rede descentralizada, partindo da *Rand Corporation*, centro de pesquisas com ligações e serviços prestados ao governo norte-americano na área de defesa, que desenvolveu a comutação por pacotes, algo revolucionário. A proposta foi aceita pelo governo norte-americano, considerando o argumento de que estabelecer a construção de um sistema de comunicações capaz de sobreviver a um ataque hostil era necessário. A Arpanet fez uso dessa tecnologia de comutação por pacotes, para atuar com o armazenamento, organização e produção de informações. As primeiras estruturas da rede foram estabelecidas em 1969 e em 1971 já existiam quinze pontos de comunicação localizados em centros de pesquisa das universidades dos EUA. No ano seguinte, ocorreu a primeira demonstração do funcionamento da Arpanet em Washington, EUA, durante a realização de um evento (Castells, 2003).

O trabalho desenvolvido na ARPA, e Arpanet, possuía autonomia e recursos para a realização das pesquisas e tornar a superioridade norte-americana no campo científico, militar e tecnológico uma realidade. A importância da ARPA não foi a de possibilitar a formação de uma rede de computadores integrados, mas demonstrar como as pesquisas ali desenvolvidas permitiram transformações tecnológicas que construíam estruturas consideradas importantes para todas as áreas do país e, conseqüentemente, produzissem efeitos positivos na vida de todos (Castells, 2003).

Compreendemos que existe um efeito de sentido presente na produção da tecnologia, que a coloca como fomento essencial para toda a sociedade. Pensemos no caso da ARPA e da Arpanet, no qual, as pesquisas realizadas, por mais complexas que fossem, eram identificadas como produtoras de benefícios para todos, o que justificou políticas financeiras de incentivo,

¹¹⁶ Castells (2003) salienta que o lançamento do satélite Sputnik, em 1957, foi fundamental para o interesse dos EUA em criar meios de competir e vencer à URSS na disputa pelo domínio da tecnologia no mundo.

serviu de base para que os norte-americanos identificassem essa área como essencial durante a Guerra Fria e apontassem a superioridade tecnológica, como um dos principais elementos para indicar os EUA na frente da URSS na disputa pela hegemonia global.

Não houve acaso na Arpanet. Ela foi projetada dentro da ARPA, por isso, Castells (2003) refuta a ideia de que a estrutura da própria internet seria fruto do acaso, considerando que desde o início dos anos 1970 já existia o intuito de criar uma rede interconectada de computadores e pesquisadores. Os cientistas que atuavam com a realização desse projeto tinham uma missão que não era diretamente relacionada à área militar, mas que, invariavelmente, iria beneficiá-la. Desenvolver o projeto dentro de um contexto militar foi importante para assegurar a prioridade e os recursos na execução do projeto da Arpanet e, consequentemente, da internet.

Ocorre a transferência da Arpanet para a *Defense Communication Agency* (DCA) e em 1984, a *National Science Foundation* (NSF) monta a *National Science Foundation Network* (NSFNet), um pouco antes, a Arpanet torna-se ARPA/INTERNET. Em 1990, a ARPA/INTERNET é retirada de operação, essa é uma data importante, pois é aqui que o governo dos EUA passa a administração da Internet para a NSF, que o fez brevemente, já que logo ocorreu o processo de privatização da sua estrutura (Castells, 2003). Essas breves considerações, demonstram o longo percurso que a estruturação da internet atravessou para que pudesse ser vislumbrada em sua configuração atual e como os espaços científicos e militares tiveram função importante em seu desenvolvimento.

Em 1990 ocorre a transformação fundamental da internet. Tim Berners-Lee, pesquisador que atuava na *L'Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire* (CERN), na Suíça, definiu e implementou o *software* que permitia obter e acrescentar informação de qualquer computador conectado por meio da internet, estruturado em HTTP, MTML e URI (Castells, 2003). O lançamento do *software* da *web* (WWW) foi realizado pelo CERN em 1991 e resultou, posteriormente, no desenvolvimento de outros navegadores por instituições universitárias do mundo, como o Mosaic, elaborado por Eric Bina na Universidade de Illinois, EUA em 1993. Em 1995, a Microsoft lança o Windows 95 e o *Internet Explorer*, simbolizando a entrada dessa importante empresa no mercado da internet (Castells, 2003).

Graças à estrutura oferecida pelo CERN que Tim Berners-Lee conseguiu desenvolver e projetar esse espaço de entrada e uso da internet que é o domínio WWW (Castells, 2003). Consideramos que na atualidade é pela estrutura da *web* que o ciberespaço funciona, pois por ele que os sujeitos-navegadores conseguem atuar *on-line*.

Breton (1991) salienta que a linguagem da informática é o cálculo. O cruzamento das noções da área de cálculo e da automação é que dão base de sustentação para a criação da informática. A noção de informação no ambiente da informática possui caráter duplo: a informação é uma quantidade, passível de ser calculada com uma fórmula e também são os símbolos (0 ou 1) codificados de forma binária. Essa linguagem estruturada no cálculo é o que permite o funcionamento da estrutura discursiva e sua constituição no ciberespaço e na informática.

O desenvolvimento da internet ocorreu no meio científico e não empresarial. Foi o dinheiro estatal e os esforços empreendidos nas universidades que permitiram o desenvolvimento da estrutura técnica da internet. Por muitos anos, a internet foi compreendida como uma área com pouca visibilidade de retorno financeiro, mas isso mudou, principalmente com o desenvolvimento da *web* por Tim Berners-Lee, propiciando condições de leigos em programação de usarem a estrutura existente da internet (Castells, 2003). Os empresários fizeram da internet um nicho de mercado, reinventando as formas de comunicação e informação, o que produz efeitos no cotidiano da sociedade atual. Como apresentado no tópico anterior desse capítulo, observamos que o ciberespaço é interpretado como lugar privilegiado de promoção do consumo.

O intuito inicial dos desenvolvedores da internet não era o público em geral ou a obtenção de lucro pelo seu uso, mas isso acabou ocorrendo ao identificarem o potencial que esse mercado oferecia e com a simplificação dos processos de navegação na década de 1990. Inaugurando um espaço econômico que não poderia ser ignorado. Mercado amplo e com suas variadas nuances, já que o acesso às tecnologias e ao próprio processo de condições técnicas de navegação não são os mesmos para todos. As diferenças às quais os sujeitos-navegadores estão atrelados interferem no modo como compreendem as tecnologias e o processo de relação com os outros sujeitos. Compreendemos que tais diferenças estão vinculadas às condições de produção e ressoam no modo como os sujeitos estão inseridos no ciberespaço.

Pensemos no modo de funcionamento dos aplicativos de relacionamento estudados em nosso trabalho: diferentes tipos de *smartphone* e contas que o sujeito pode utilizar em sua navegação, resultam em modos distintos de estar em contato com outros sujeitos. Em uma conta *premium*, o acesso a determinados filtros será uma possibilidade adicional para selecionar parceiros. Incrementos que o sujeito no uso de uma conta gratuita não possui. Outro ponto que pode ser considerado é a distribuição dos usuários desses aplicativos, já que as condições de acesso a um celular *smartphone* e ao ciberespaço, não são as mesmas para os sujeitos-gays em países desenvolvidos e em desenvolvimento, assim como, a concentração de

muitos usuários em determinadas regiões do mundo, quando comparada com outras áreas¹¹⁷. Essa diferença na geografia de acesso às redes interfere no modo como a navegação ocorre relacionada às condições de produção dos sujeitos.

A difusão da internet e o acesso ao ciberespaço são elementos importantes para o entendimento de que vivemos em um mundo com intensa circulação de informações (Augé, 2006). Observamos que as tecnologias produzem pontos positivos e negativos, sendo ingênuas as compreensões que inscrevem a ciência e a tecnologia como capazes de resolverem todos os dilemas da humanidade¹¹⁸, estando os seus principais articuladores, capacitados a resolverem as demandas mais antigas do mundo, sem nem mesmo considerar as vontades dos outros sujeitos, afetados diretamente por tais decisões (Castells, 2006). Esse modo tecnocrata de compreender as questões, silencia que as suas resoluções são afetadas pelo ideológico e o político, que estão presentes nas mais variadas instâncias as quais o sujeito estabelece relações (Pêcheux, 2014), inclusive na filiação a esse discurso tecnocrata, tão em voga nas últimas décadas.

A existência do ciberespaço produz encanto, provoca entendimento de possibilidades de que o sujeito da contemporaneidade é agraciado com as condições de realizar tudo que desejar (Musso, 2006; Wertheim, 2001). O encantamento relatado por Musso (2006) não está distante dos relatos que identificam a tecnologia envolta em sentidos de completude, possibilidades e realização de desejos. O entendimento envolve a compreensão de que o ciberespaço propicia conexões entre os sujeitos, produzindo nós e marcado por trocas contínuas.

O termo ciberespaço aparece pela primeira vez em 1984, no romance *Neuromancer* de William Gibson, compreendido como uma espécie de paraíso que permite que o sujeito se desprenda da carne para realizar suas façanhas. O ciberespaço, como capaz de oferecer aos sujeitos da contemporaneidade à saciedade de seus desejos mais secretos, como um tipo de paraíso passível de ser vivenciado em inúmeras posições, estruturado em *bytes*, construído na esteira da ciência e da tecnologia. O ciberespaço não cessa de expandir-se, como uma rede ou teia sem fim, cada vez com mais fios e que cresce fora do controle dos sujeitos que ali trafegam (Wertheim, 2001).

Um ponto que salientamos é a relação fértil entre o discurso de efusão da ciência e tecnologia e os processos de globalização. Compreendemos que a circulação dos saberes e

¹¹⁷ O número de pessoas sem acesso à internet é de, aproximadamente, 3,7 bilhões, a maioria em países em desenvolvimento, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) (Organização das Nações Unidas, 2016).

¹¹⁸ Giorgenon (2016) analisa o modo como a tecnologia é posta em posição de potência na contemporaneidade, frente a compreensão do corpo sempre em deficiência, em falta. Desse modo, o advento tecnológico seria a solução para o homem obter a potência absoluta.

dos desenvolvimentos resultantes das pesquisas científicas e tecnológicas, não são os mesmos em todos os lugares. Vivenciamos, destaca Castells (2006), um momento histórico produtivo no que diz respeito a essas áreas, no entanto, a concentração das descobertas está centrada em determinadas regiões do planeta geridas por grandes corporações que afetam o modo como tais descobertas integram a realidade sócio-histórica dos sujeitos¹¹⁹. O lucro das empresas regula as relações e o controle das inovações, desse modo, pontos como a propriedade intelectual e a gestão informacional ganham destaque no cenário atual da distribuição de riquezas no mundo (Castells, 2006).

As técnicas possuem papel importante nas relações empreendidas pela humanidade, permitindo o contato entre o homem e a natureza, conduzindo a compreensão das máquinas como objetos indispensáveis para sua sobrevivência e realização de inúmeras atividades. As máquinas são vistas cada dia com mais entusiasmo e necessidade pela humanidade, principalmente com o desenvolvimento do ciberespaço e das TIC, mas isso ocorre desde o século XIX, com artefatos que facilitaram a comunicação a distância, como o telefone e o telégrafo (Lemos, 2010). Os aplicativos de relacionamento ajudam a pensarmos como a popularização da conectividade entre os sujeitos, continua sendo vista como importante. Essas ferramentas afetam a sociabilidade entre os sujeitos-*gays* e inscrevem novos modos de realizar atividades, por exemplo, buscar parceiros sexuais de maneira cômoda, sem precisar sair de casa.

Dias, Barbai e Costa (2014) argumentam que a conectividade afeta a mobilidade dos sujeitos no espaço urbano e na forma como eles estabelecem relações sociais. Vivenciamos uma sociedade conectada, estabelecida no plano do *on-line*, com a organização atrelada ao compartilhamento de informações. A tecnologia permite a conexão entre uma quantidade significativa de pessoas, algo que é identificado como fator para a eficácia da relação de comunicação entre os sujeitos. Nos aplicativos estudados, podemos identificar o modo como a conexão é compreendida como essencial e fator usado para justificar a eficiência das TIC, sua superioridade na promoção dos contatos e das relações entre os sujeitos, o que já produz mudanças na sociedade:

¹¹⁹

Pensem nas disputas e concessões realizadas para a aprovação da Lei nº 12.965, de 23 de Abril de 2014, popularmente conhecida como Marco Civil da Internet. Também, podemos considerar as discussões relacionadas ao que é considerado como uma nova forma de analfabeto que é o digital, aquele que não sabe usar o computador pessoal e acessar a internet.

[R27] **Escritor exalta papel cívico da tecnologia**
Martijn de Waal analisa relação de cidadãos com aplicativos e critica ‘modelo Uber’ (O Estado de S. Paulo – 23/08/2015)¹²⁰.

[R28] **Basta andar** duas estações de metrô para **comprovar a dominação da tecnologia nos habitantes da cidade, quase todos a encarar o pequeno aparelho em suas mãos. Lemos, vemos, linkamos, postamos, curtimos e baixamos sem parar, e isso tem mudado nossa relação com a cidade de maneiras profundas.** (O Estado de S. Paulo – 23/08/2015)¹²¹.

A reportagem publicada na versão *on-line* do jornal O Estado de São Paulo aborda o modo como as tecnologias produzem novas configurações em nossa sociedade, compreensões produzidas tomando como ponto de partida as reflexões do escritor e pesquisador Martijn de Waal. O discurso do especialista é o que configura a base das afirmações de que o mundo está em transformação por conta das novas tecnologias e isso inclui os aplicativos, inclusive, os de relacionamento. As mudanças em curso na configuração dos espaços da cidade são explicadas em decorrência das modificações tecnológicas e as novas relações estabelecidas pelos “cidadãos” em seus processos de conexão. Nesse contexto, os aplicativos de relacionamento estudados nesse trabalho, podem exemplificar essas transformações.

Na relação com a tecnologia, temos a apresentação de sua “dominação” do espaço da cidade e dos seus habitantes, para comprovar essa observação, o discurso jornalístico utiliza uma estratégia que visa a confirmar o que é relatado na reportagem: a observação do cenário urbano e o detalhamento de algo que estaria evidente a todos os sujeitos, no caso, os aparelhos celulares como recurso presente na vida de “quase todos” e como elemento que já compõe a paisagem urbana da atualidade. O aparelho celular é a extensão tecnológica que se faz presente e modifica o tecido e as relações na cidade, afeta o modo como “lemos” e “vemos”, mas também inaugura novas possibilidades de ação, realizadas em um processo que considera o coletivo, já que inscreve as ações no plural (“linkamos”, “postamos”, “curtimos” e “baixamos”), o que ressalta a compreensão de que as mudanças interferem na vida de todos.

O uso do plural para falar sobre as realizações no cenário da cidade, em decorrência das transformações produzidas pelo uso dos aparelhos celulares, produz uma descrição que estabelece a relação dos sujeitos-leitores do texto jornalístico como parte desse processo. Uma estrutura que trabalha com a compreensão de que a cena relatada, com sujeitos produzindo curtidas, *links* e postagens é comum a todos no espaço urbano, aliás, repete-se a identificação da homogeneidade das estruturas das cidades nas mais variadas regiões do planeta, algo que

¹²⁰ Rocha, C. (2015, 23 de agosto). Escritor exalta papel cívico da tecnologia. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://blogs.estadao.com.br/link/escritor-civico-tecnologia/>

¹²¹ Rocha, C. (2015, 23 de agosto). Escritor exalta papel cívico da tecnologia. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://blogs.estadao.com.br/link/escritor-civico-tecnologia/>

analisamos nos recortes discursivos 7 e 13. Esse é o cenário em que os aplicativos de relacionamento se multiplicam e passam a compor a vida dos que ali habitam, proporcionando novos gestos de leitura e sentidos na busca por relacionamentos.

No discurso do pesquisador Martijn de Waal marca-se a caracterização das ações contínuas da tecnologia no espaço urbano, modificando as relações humanas e o modo como o espaço é constituído e construído. O uso da locução adverbial “sem parar”, ressalta o efeito de que são atividades que não possuem fim, são contínuas e já parte do cotidiano, do próprio modo de funcionamento e relações das cidades.

Não existe uma interrupção de uma atividade outra para produzir o gesto de curtir, baixar algo ou postar algum conteúdo, pois são realizadas como práticas cotidianas, parte do que é identificado como atividades rotineiras. Essa mudança se dá em uma relação que já ocorre e é identificada como inquestionável, atestada por provas cabais, passíveis de serem observadas no cotidiano por todos ao “encarar o pequeno aparelho em suas mãos” ou nas mãos dos outros cidadãos. Esse apontamento de uma imagem do cotidiano funciona ilustrando a “influência de novas mídias e tecnologias no espaço urbano”, ressaltando a relevância de pesquisas sobre o assunto produzidas nos espaços jornalísticos e universitários, já que essas alterações impactam a vida das pessoas, seus hábitos e merecem análises detalhadas.

Compreender que existem mudanças em nossas cidades impõe tentar entender de que ordem são essas transformações, elencar e observar quais são as consequências e, propor responder sobre o que acontece no agora e ocorrerá no futuro diante das modificações em curso. Podemos perceber que o discurso jornalístico é compreendido como relevante, não apenas para a descrição do que acontece no hoje, mas também, no estabelecimento de observações que propõe pensar o amanhã, com base nas transformações do agora, nas projeções realizadas com base nos dados disponíveis e na fala do especialista entrevistado. No processo de produção dos relatos sobre o agora, temos a produção de dizeres que, posteriormente, podem ser mobilizados como materiais de arquivo, identificados como provas materiais da história, ajudando a entender situações e alterações do nosso cotidiano no futuro. Desse modo, o discurso jornalístico é muitas vezes mobilizado como testemunho, embasando análises e considerações sobre determinada época ou assunto discutido.

Os processos de mudanças produzidas pelas tecnologias não são compreendidas como da ordem do local, mas sim, como alterações globais, gerais e que estão presentes em outras cidades do mundo. A inferência de que as mudanças são globais é atestada ao observarmos a produção do discurso sobre essas alterações abordado no espaço jornalístico brasileiro,

considerações que foram produzidas no trabalho do pesquisador entrevistado, em outro contexto, mas a compreensão é de uma validade total, inclusive para o Brasil, reforçando o imaginário de um mundo interligado e com poucas variações entre as regiões.

Posteriormente, o pesquisador ressalta que a forma como as tecnologias são mobilizadas são as mesmas no que diz respeito as formas de acesso e as estruturas das máquinas, no entanto, as consequências podem ser distintas. Vejamos outro recorte dessa entrevista:

[R29] O que isso pode mudar na cidade e em nossa relação com ela? Qual é a cidade que a tecnologia está construindo? Como elas influenciam a maneira como a cidade funciona enquanto comunidade? São perguntas que o autor e pesquisador holandês Martijn de Waal, autor do livro *City as Interface* (a cidade como interface), vem tentando responder em sua pesquisa sobre a influência de novas mídias e tecnologias no espaço urbano. (O Estado de S. Paulo – 23/08/2015)¹²².

No trecho selecionado, o pesquisador fornece uma análise sobre as relações do cidadão e das cidades com as tecnologias, com foco no modo como promovem alterações nas vivências, nos campos das relações sociais e do trabalho. Nesse processo, a voz do especialista é mobilizada para pensar as mudanças tecnológicas afetando o tecido social e urbano, os seus dizeres são trazidos e inscritos na posição de quem sabe o que fala e pode ajudar a responder questões que, imaginariamente, são postas como interessantes aos leitores desse espaço e produtoras de inquietação, já que uma mudança é anunciada como em curso. A mobilização da voz do especialista, alguém inscrito na posição de possuidor de conhecimentos aprofundados sobre algo, reforça o efeito de verdade produzido no espaço jornalístico, já que a consulta é realizada com uma fonte que pesquisa sobre o assunto.

O acesso à fala de um especialista produz o efeito de coerência ao que é apresentado na matéria e fornece base para a discussão jornalística, já que as considerações formuladas por esse pesquisador são frutos do seu trabalho de observação, de sua atividade de “pesquisa”, o que coloca sua fala em uma posição de relevância e referência na produção de considerações acerca do assunto abordado, já que são inscritas em uma FD científica, compreendida como região de sentidos de produção de materiais sérios, testados e com resultados verdadeiros.

Ao longo do trabalho com o nosso *corpus*, observamos a recorrência na mobilização do discurso científico nos espaços jornalísticos analisados. Recurso mobilizado para fornecer meios de produzir gestos de legitimação ao que é falado nas reportagens, inclusive, ao dissertar sobre o cotidiano. Em outro excerto do texto jornalístico, são abordadas as diferenças no uso das tecnologias e em como elas interferem na constituição das cidades na atualidade:

¹²² Rocha, C. (2015, 23 de agosto). Escritor exalta papel cívico da tecnologia. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://blogs.estadao.com.br/link/escritor-civico-tecnologia/>

[R30] De Waal explica que de um lado está a visão “libertária”, predominante, onde a cidade é vista como uma porção de camadas a serem exploradas comercialmente (como estacionamento, transporte, entretenimento etc) e “quem paga mais tem o melhor serviço”. O pesquisador cita o aplicativo de caronas Uber como maior exemplo dessa abordagem, “uma empresa central para onde trabalham vários freelancers” e que estaria sabotando direitos trabalhistas conquistados nos últimos cem anos.

No lado oposto, está o que o acadêmico chama de visão “republicana”, termo que ele se apressa em explicar que não tem nada a ver com o partido americano **mas com a origem latina da palavra, a expressão *res publica*, que significa “coisa do povo”. É quando usamos a tecnologia para resolver “questões comuns”.** (O Estado de S. Paulo – 23/08/2015)¹²³.

Em suas análises, o pesquisador compreende dois modos de uso das tecnologias no espaço da cidade: i) a visão dita “libertária”, com a tecnologia utilizada como meio de exploração comercial da cidade, no qual, o poder financeiro determina ofertas e possibilidades, favorecendo e potencializando formas de exploração e negócios dos seus habitantes; e ii) a visão “republicana”, com foco na resolução dos dilemas coletivos, produzindo benefícios para todos.

No texto em questão, os dois modos de usar a tecnologia pelos habitantes são analisados e a conclusão é de que elas não ocorrem da mesma forma nas cidades brasileiras e em cidades da Holanda, país no qual o pesquisador atua. No Brasil, o predomínio seria de um uso “libertário”, com destaque para o crescimento de iniciativas com fins comerciais, exemplificado pelo aplicativo “Uber”. O comparativo entre as diferenças no plano local e global são apresentadas com os usos das tecnologias no Brasil e na Holanda, país europeu que exemplifica o uso “republicano”, no qual o compartilhamento e as iniciativas de um uso social são apresentados, salientando formas distintas de observação das possibilidades de vivência da cidadania por parte dos seus habitantes.

Podemos observar que o pesquisador identifica que as mudanças vivenciadas são apenas o começo das mudanças que a tecnologia irá produzir nas cidades, são o estágio inicial de algo maior, no qual, as tecnologias móveis são parte importante desse processo. A cidade é identificada como “um mercado”, lugar no qual as possibilidades de encontrar o que se busca, diante das ofertas, é uma realidade, inclusive para encontrar pessoas com interesses, vontades e perfis semelhantes aos do interessado, processo que é facilitado pelo uso dos aplicativos de relacionamento:

¹²³

Rocha, C. (2015, 23 de agosto). Escritor exalta papel cívico da tecnologia. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://blogs.estadao.com.br/link/escritor-civico-tecnologia/>

[R31] **Relacionamentos**

Para Waal, só estamos começando a ver as mudanças que a tecnologia móvel está trazendo. “A cidade é um mercado, no sentido comercial, mas também cultural, onde você pode ir a determinados lugares encontrar pessoas semelhantes a você” diz o pesquisador, que acha que a internet agora fornece um “mercado” bem mais eficiente. “As pessoas usam a rede para a conexão inicial, com seus filtros e buscas. Uma vez que o “match” é feito, parte-se para o encontro na cidade de fato”, pondera Waal, para quem aplicativos como Tinder e Grindr são estágios iniciais desse comportamento”. (O Estado de S. Paulo – 23/08/2015)¹²⁴.

O encontro no espaço do digital é inscrito como fundamental, como parte dos processos de realização da relação com o outro. É no encontro no digital que se dá a “conexão inicial” e que pode ir para o plano das relações presenciais. E é nessa relação inicial que os aplicativos ganham destaque e relevância, compreendidos como essenciais na realização dos elos na atualidade. Mudança que faz parte da vivência dos *gays* (“Grindr”), mas também dos heterossexuais (“Tinder”).

Os “relacionamentos” são parte do contexto das mudanças que ocorrem nos espaços da cidade. E nesse processo, o “Grindr” é abordado como exemplo de tecnologia que gera modificações, inscreve sentidos outros acerca das possibilidades de estabelecimento de relacionamentos e passa a ser parte vital dos processos de transformação que interferem no cotidiano.

O pesquisador fala sobre as mudanças nas relações, como transformações que são “culturais”, produzindo uma diferença, desatrelada da concepção de que os aplicativos e os relacionamentos são compreendidos como parte do universo do “mercado”. Interessante que o pesquisador não aborda o modo como iniciativas de negócio são parte dos processos de constituição, estruturação e manutenção dos aplicativos, já que são iniciativas empresariais, em relação com o consumo e processos de comercialização.

A comodidade oferecida pelos aplicativos possui relação com essa idealização das máquinas permitindo que o homem consiga maior praticidade na realização das suas atividades. A conexão, que anteriormente demandava a obrigação do sujeito estar na frente de um computador, não existe mais, já que os celulares *smartphone* são utilizados. Como dito anteriormente, vivenciamos a conexão constante. Aos sujeitos-*gays* que utilizam os aplicativos de relacionamento, o contato com possíveis interessados ocorre em qualquer lugar em que o celular *smartphone* e a conexão com a internet funcionem adequadamente. Temos um sujeito que pode não estar naquele momento navegando naquela rede, mas sua conexão persiste, como se estivesse em modo de espera, aberto a receber alertas e recados de parceiros

¹²⁴ Rocha, C. (2015, 23 de agosto). Escritor exalta papel cívico da tecnologia. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://blogs.estadao.com.br/link/escritor-civico-tecnologia/>

interessados em seu perfil. A volta para a rede é simples, discreta, realizada por meio de um clique na tela do celular.

Compreendemos que as formações imaginárias acerca das possibilidades de enunciar no ciberespaço, são marcadas pela ilusão constitutiva de que os sujeitos podem tudo dizer e que estão seguros, seja no arquivamento das suas informações ou na proteção da sua identidade quando necessário. No entanto, compreendemos que apesar da identificação de sentidos de liberdade total, produzidos e difundidos no uso dessas redes, com a compreensão de que é possível resguardar o anonimato e estar seguro graças à eficiência da estrutura técnica, isso é ilusório. Vejamos alguns excertos provenientes do nosso *corpus*:

[R32] Um **reverendo luterano norte-americano** acostumado a dar declarações **contra homossexuais** e transgêneros foi flagrado usando **aplicativos de relacionamento voltados para a comunidade LGBT**. As **conversas de cunho sexual do pastor Matthew Makela no Grindr**, que **incluíam fotos dele nu**, levaram a Escolha e **Igreja Luterana St. John**, de Michigan, a anunciar nesta segunda-feira (18) que ele **havia se desligado**. (G1 – 20/05/2015)¹²⁵.

[R33] **Senador questionado por foto nu publicada em site gay renuncia TV exibiu imagem que acredita ser do republicano Roberto Arango**. (G1 – 29/08//2011)¹²⁶

Observamos sujeitos que buscam manter relações anônimas nos aplicativos, necessitando dessa condição para encontrarem sexo casual e experimentarem relações homossexuais. O imaginário desses sujeitos está filiado à crença na capacidade técnica da informática de assegurar o ocultamento dos seus rastros, permitindo possibilidades de manutenção de uma vida secreta por meio da tecnologia. O que eles não contavam é com a possibilidade da descoberta e da exposição pública das suas relações nesses espaços, apresentadas por flagras e registros que atestam sua vivência em aplicativos de relacionamento para *gays*.

O “pastor” e o “senador americano” estão atrelados a espaços conservadores, dentro da estrutura religiosa cristã (“Igreja Luterana St. John”) e do partido “republicano”, por isso, passam a ser associados a outros sentidos ao serem ligados ao espaço *gay*, sentidos que são negativos e produzem consequências, punições em decorrência dessa ligação ao universo das relações *gays*, compreendido como inadequado, resultando em consequências como o “desligamento” do religioso e a “renuncia” do político, marcas que estabelecem processos de corte, de separação desses sujeitos do restante do grupo ao qual, até pouco tempo, eram

¹²⁵ G1. (2015, 20 de maio). Flagrado em app de encontros gays, pastor deixa igreja nos EUA. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/flagrado-em-app-de-encontros-gays-pastor-deixa-igreja-nos-eua.html>

¹²⁶ G1. (2011, 29 de agosto). Senador questionado por foto nu publicada em site gay renuncia. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/08/senador-questionado-por-foto-nu-publicada-em-site-gay-pede-demissao.html>

aceitos e celebrados. A relação desses sujeitos com a homossexualidade apaga os sentidos positivos e existentes até então, não importam mais os predicados ou as ações positivas deles para os seus grupos, pois o foco recai apenas em questões da sua sexualidade e na impossibilidade da compreensão da conciliação entre ser *gay* e pertencer a grupos conservadores. Soares (2006, p. 36) aponta que:

Quando alguém é rotulado *homossexual* todos os sentidos se voltam exclusivamente para as questões relacionadas à sexualidade. À palavra homossexual cola apenas um todo dependente dessa abordagem. Não há passado, presente e nem futuro que signifiquem fora das amarras sexuais. O homossexual é seu sexo, nada além disso.

É inscrita a impossibilidade de que o sujeito que ocupa a posição de pastor ou senador em um partido conservador sejam *gays*. Não por problemas que evidenciem sua incapacidade moral ou técnica de exercer essas funções, mas porque a sua sexualidade é exposta e identificada como incompatível com essas posições. Na incompatibilidade das relações de sentidos e posições discursivas, os sujeitos lidam com as consequências por ousarem vivenciar experiências homossexuais, já que nas posições por eles ocupadas, isso não era permitido, tanto que foram punidos.

O sujeito estabelece a relação com os sentidos de forma única, não mensurável, por isso falha, fura e produz outros sentidos, distintos dos esperados de quem ocupa determinada posição, o que leva esses sujeitos a empreenderem a busca no digital pela vivência de experiências que, publicamente, são compreendidas como não autorizadas ou adequadas para eles. O uso dos aplicativos e o imaginário de que ali seria possível resguardar suas identidades e vidas particulares, pareceram saídas racionais para viver as relações homossexuais que desejavam, sem culpa ou peso, imaginariamente, desatreladas do mundo real, no entanto, esse anonimato não foi resguardado e suas identidades foram expostas.

Na continuidade do texto, temos alguns apontamentos sobre a presença das “fotos” com nudez do pastor e do senador nos aplicativos *gays*. A nudez é retirada de um contexto no qual é aceita e integra o processo de trocas realizadas pelos usuários dos aplicativos, para ser exposta na “TV”, internet e para uma congregação de fiéis. Nos aplicativos, não causa estranhamento que haja a troca de imagens em que o usuário esteja nu, inclusive, é ponto importante para muitos sujeitos decidirem por aceitar ou não o encontro presencial. As fotos do pastor e do senador são deslocadas de espaços em que a nudez é aceita e, no qual, acreditavam que poderiam manter contatos sem que suas identidades fossem descobertas, para outros lugares em que elas causam indignação. A não possibilidade de manter a separação

entre a vida pública e os encontros secretos no ciberespaço tornam suas presenças nos aplicativos motivo de escândalo político e religioso.

O choque pela presença do pastor e do senador conservador em um aplicativo de relacionamento voltado para os *gays* inscreve o modo como ainda parece inadequado que quem ocupe essas posições esteja em um universo vinculado à comunidade *gay* e ao campo sexual. É como se fosse incompatível ocupar essas duas posições, ainda mais, no caso do pastor, figura conservadora e “acostumado a dar declarações contra homossexuais e transgêneros”. Existe a ruptura que separa a vida pública e a particular, na qual o sexo está inserido, posto como vinculado ao universo das relações privadas, mas que ao ser divulgado para o público, gera constrangimentos e punições.

Consideramos que ocupando outros espaços de significação que não os aplicativos, a nudez desses sujeitos não possui o foco de produzir a sedução, de assegurar o interesse de possíveis parceiros, mas são apresentadas como “flagra” de algo que revela quem verdadeiramente são aquelas pessoas, expondo algo errado sobre as suas condutas. Outro ponto que nos chama a atenção, é como o senador ainda é “questionado”, o que compreende que seu gesto de buscar por sexo com outros homens, não falar publicamente sobre seu interesse pelo universo *gay* e o fato de enviar fotos do seu corpo nu são compreendidos como assuntos de interesse e, principalmente, condenação pública, como se fossem falhas que tivessem afetado a sua atuação profissional.

Vejamos outro recorte que expõe a questão do anonimato como uma ilusão que envolve o uso dos aplicativos e das estruturas do ciberespaço:

[R34] **Usuários** de aplicativos de relacionamentos amorosos expressaram **preocupações sobre privacidade** após **paqueras terem aparecido como sugestões de amizades no Facebook**.

Os **casos** foram registrados com **integrantes de apps como Tinder e Grindr e foram chamados de “assustadores”**. (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹²⁷.

A questão da privacidade é apresentada como “preocupações” de quem usa os aplicativos de relacionamento, seja no risco do vazamento de informações ou na possibilidade de que algum contato feito em uma dessas redes de sociabilidade apareça em outros espaços que o sujeito utiliza na internet, mas com outros fins, como o “Facebook”. O medo é que a descoberta da ligação dos sujeitos com redes de relacionamento *gay* produza a compreensão de vínculo com essa comunidade, muitas vezes, ocultado do conhecimento público, por receio

¹²⁷ Folha de S. Paulo. (2015, 21 de outubro). Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2015/10/1696576-como-o-facebook-sabe-sobre-seus-encontros-no-tinder.shtml>

de possíveis condenações ou represálias, já que ainda circulam sentidos negativos sobre estar relacionado ao universo *gay*, como observamos nos recortes 33 e 34, mas também, por serem redes ligadas a sentidos do interesse por sexo.

Observamos no trecho selecionado, que os usuários estão preocupados com a possibilidade de que haja a relação entre as várias redes sociais que acessam, com foco no receio da possibilidade de que ocorra a indicação de uma para outra, revelando informações que muitas vezes são ocultadas no uso dos espaços de sociabilidade *gays*. Esse receio de que haja “sugestões” de amigos, advindos dos aplicativos para outras redes, envolve sentidos de que isso é uma invasão de “privacidade”, algo que coloca em risco uma vida outra, fora desse universo. É interessante observarmos como o sujeito compreende sua vivência nas redes da ordem da fragmentação, com possibilidades de estabelecer diferentes tipos de relações e tornar públicas apenas algumas, sempre em uma relação imaginária de capacidade de separar os usos desses diferentes espaços pelos seus objetivos de utilização, crendo controlar, totalmente, quem está autorizado a saber em quais redes ele está.

No recorte discursivo, as redes de sociabilidade são identificadas como espaços que devem ficar separados, restritos aos seus objetivos. Os sujeitos inscritos e que circulam como possíveis contatos nas redes dos aplicativos *gays*, não são os mesmos que devem estar em outros espaços, como o Facebook. São redes diferentes, com focos e objetivos outros, nos quais, as fotos e conversas compreendidas como adequadas e coerentes de circularem são outras. É interessante observarmos o modo como os sentidos são deslocados ao contemplar a potência da tecnologia, já que é por meio dela, que a possibilidade das “sugestões” dos contatos de aplicativos, como o Grindr, passa a ser uma realidade nas outras redes dos sujeitos, o que produz o medo, a preocupação e não mais a felicidade pela eficiência no cruzamento de dados realizados pelas estruturas técnicas e que tantas vezes é celebrado.

O valor do depoimento do sujeito-*gay*, que é usuário dos aplicativos, é mobilizado para promover o efeito de verdade que o discurso jornalístico procura inscrever. Compreendemos que o depoimento do sujeito, reforça a validade da abordagem realizada no texto jornalístico, ressalta seu papel como testemunho e, pensando na noção de discurso sobre, é elemento importante para constituir os efeitos de precisão na abordagem dessa questão, na qual fontes foram ouvidas e balizam o que é apresentado no texto, reforçando a idealização de que temos um retrato da realidade. A seguir, apresentamos recortes discursivos do depoimento de um usuário (“Dale, de 26 anos”), que qualifica como risco a sua “privacidade” as “sugestões” de contatos dos aplicativos como possíveis amizades em outras redes, o que caracteriza uma

experiência definida como “assustadora”. Vejamos, o uso do depoimento do usuário do Grindr no espaço jornalístico, explanando sobre a sua experiência:

[R35] O usuário Dale, de 26 anos, disse que seu perfil no app de encontros Grindr não está ligado à sua conta no Facebook mas que, mesmo assim, recebe sugestões de amizade de pessoas com as quais conversou. (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹²⁸.

[R36] “No Grindr, você controla sua privacidade, você não coloca a sua informação toda ali como no Facebook... você realmente não sabe quem essas pessoas são”. (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹²⁹.

[R37] “Eu já tive experiências ruins com pessoas no Grindr – eu não quero que elas descubram meu sobrenome, minha região... é realmente inconveniente”. (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹³⁰.

Nos recortes, observamos o depoimento relatando a vivência do acontecimento. Seu nome e idade são apresentados (“Dale, de 26 anos”), o que produz o efeito de existência dessa testemunha, algo materializado no discurso e representado por um ser empírico. O usuário está cadastrado em mais de uma rede (“Facebook” e “Grindr”), espaços desvinculados, com focos e interesses distintos, mas que ao produzir o gesto de cruzamento, por meio das “sugestões de amizade” no Facebook, revela o elo com o Grindr, o rastro que leva a apresentação de usuários com os quais ele conversou. Esse processo rompe com a ilusão de espaços demarcados e impenetráveis entre as diferentes redes sociais, onde ocorre o cruzamento de contatos de universos compreendidos como opostos, com objetivos e regras próprias, mas que ao possibilitarem essa aproximação na estrutura digital geram “preocupações”.

O gesto de depor, apresentar o relato da experiência em um texto jornalístico é posto como da ordem da verdade, marcado por sentidos de reprodução de uma experiência empírica, algo que não é questionado, já que é inscrito como da ordem do vivido. Algo que é verdadeiro e atesta o que é apresentado no texto jornalístico de modo que a sensação de invasão de privacidade é uma realidade e produz a sensação de desconforto e medo.

A delimitação do que é esperado em cada rede social marca as relações dos sujeitos com as formações imaginárias e a ideologia. O sujeito crê na separação e na possibilidade de

¹²⁸ Folha de S. Paulo. (2015, 21 de outubro). Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2015/10/1696576-como-o-facebook-sabe-sobre-seus-encontros-no-tinder.shtml>

¹²⁹ Folha de S. Paulo. (2015, 21 de outubro). Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2015/10/1696576-como-o-facebook-sabe-sobre-seus-encontros-no-tinder.shtml>

¹³⁰ Folha de S. Paulo. (2015, 21 de outubro). Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2015/10/1696576-como-o-facebook-sabe-sobre-seus-encontros-no-tinder.shtml>

estruturar as suas relações na materialidade digital em blocos separados, graças à eficiência da estrutura tecnológica, crente de que pode possuir diferentes perfis e, inclusive, manter uma vida dupla. A compreensão de uma diferença entre essas redes é expressa nos depoimentos dos recortes 35, 36 e 37, em que o uso dos aplicativos é destinado a vivência do sexo ocasional, sem vínculos ou expectativas de resultar em alguma ligação séria, possuindo regras de funcionamento específicas, nas quais, alguns sentidos são naturalizados, como a possibilidade de trocar fotos nuas ou apresentar informações referentes aos seus interesses sexuais, o que não cabe em outros contextos e redes, por isso, a importância de manter essa separação.

Ao demandar a necessidade da separação entre as redes, o sujeito marca a compreensão de que determinados espaços, como é o caso do Facebook, estão mais próximos da estrutura de sua vida privada e social. O sujeito demarca diferenças no que é exposto nas várias redes as quais estabelece suas relações, seus processos de constituição e o modo como produz sentidos. Sobre o Grindr, ele enfatiza que é possível o controle da “privacidade”, inserindo apenas as informações que compreende como adequadas e que acha interessantes de expor, preservando sua identidade, diferente do que faz no Facebook, em que cabe “a sua informação toda”. O medo da aproximação de contatos feitos no Grindr e que apareçam como “sugestões de amizade” no Facebook é o da possibilidade de que pessoas que ele não sabe quem são, acessem informações particulares como o seu “sobrenome” ou saibam a “região” em que ele vive na cidade.

O sujeito ocupa diferentes posições em suas mais variadas redes do universo digital. Posições que são identificadas como passíveis de serem separadas, por isso, qualquer relação entre esses universos é compreendida como danosa. Na posição de quem busca por envolvimento rápido, em que o sexo casual é o objetivo em uma rede como o Grindr, o sigilo é elemento valorizado, considerado importante, principalmente entre aqueles que não assumem sua homossexualidade publicamente e demandam do sigilo para resguardar suas vidas. No Grindr não é necessário fornecer o seu nome verdadeiro, sobrenome ou detalhes da sua rotina, pois essas informações não são consideradas tão importantes como, por exemplo, a posição sexual predileta, o objetivo no uso do aplicativo ou dados sobre o seu corpo, como a altura e o peso.

Temos sentidos e significações diferentes para o preenchimento dos perfis nessas redes, o que demanda a mobilização de gestos de interpretação e sentidos sobre si que são outros. No Grindr, o que é importante é atrair o olhar dos outros sujeitos-gays, produzir o efeito do desejo e quanto mais interessados, melhor. O interesse no Facebook é distinto, as relações são

outras, bem como as regras do que pode ou não circular ali como discursos sobre si e seus interesses.

Na reportagem, a empresa que administra o Grindr é questionada sobre o problema da privacidade e temos os dizeres dos seus representantes como parte do texto jornalístico, apresentados em uma área denominada “como se proteger?”, na qual são abordados modos de resguardar o anonimato e a privacidade no uso dos aplicativos. Vejamos a resposta da empresa:

[R38] O Grindr também comentou: “Estamos focados na privacidade de nossos usuários. Porque queremos criar uma experiência segura e confortável para cada usuário. Assim, não compartilhamos informação com o Facebook e o Instagram”.

“Apesar de usuários poderem compartilhar links em seus perfis no Grindr, excluimos a opção de acesso no Grindr através de autenticação pelo Facebook e não pedimos números de telefones em nossa política de ‘sistema fechado’”. (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹³¹.

A resposta do Grindr é a negativa de que existe algum tipo de compartilhamento de informações dos usuários com outras redes sociais. A privacidade e a segurança são enfatizadas como importantes para a empresa na administração do aplicativo, é algo “focado” em suas ações, procurando assegurar que a “experiência” seja agradável e segura para os usuários, livres de quaisquer riscos. Aqui, podemos perceber o modo como a privacidade e a segurança são entendidas como relevantes para o sujeito que está no ciberespaço e quando ocorre o questionamento sobre a existência de falhas nessas áreas, isso produz problemas para a credibilidade de quem administra esse espaço. O sistema do aplicativo é apresentado como seguro, capaz de impedir as falhas relatadas no depoimento do usuário, já que o número de telefone ou a conta do Facebook não seriam solicitados para o uso do aplicativo, impedindo o cruzamento e o compartilhamento de informações.

No excerto analisado, a empresa afirma que é possível compartilhar os *links* para o Facebook e o Instagram no Grindr, mas apenas se os usuários quiserem, a escolha é deles. A ação de “compartilhar links” ganha espaço nas redes *on-line*, reforçando a compreensão sobre a idealização de que a estrutura do ciberespaço é infinita e da necessidade do prolongamento, do acesso a outras estruturas para saber mais informações para melhor conhecer o outro ou acerca de algo. E tudo isso é estruturado no digital, já que o acesso a mais informações é possível pelos *links* disponibilizados e pelo acesso a outras redes. Salientamos que esse movimento de indicação de *links*, em um processo que não tem fim, é uma característica da

¹³¹ Folha de S. Paulo. (2015, 21 de outubro). Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2015/10/1696576-como-o-facebook-sabe-sobre-seus-encontros-no-tinder.shtml>

sociedade da informação, compreendendo que todos possuem as mesmas condições de acesso e que a necessidade da saturação da informação é essencial para o sujeito da atualidade¹³².

Preservar a privacidade é importante e trata-se de uma premissa essencial no ramo das atividades de empresas de tecnologia, como é o caso do Grindr, aspecto indispensável para sobreviver em um mercado que cresce e estabelece parâmetros de competitividade acirrados entre quem oferece esses serviços. Competitividade exposta e mensurada pelos números de acessos, *downloads*, perfis ativos, etc., e que são mobilizados para justificar as vantagens de estar nessa plataforma e não em tantas outras existentes.

A sensação de segurança de que não haverá falhas e que o anonimato é garantido no Grindr é produzida com base em uma explicação técnica, a da exclusão da realização do *login* por outras redes, a não solicitação de “números de telefones” e por uma “política de ‘sistema fechado’”. É pela estrutura técnica do sistema que o sujeito crê que é possível experimentar relações do universo *gay* e não deixar rastros, pistas da sua passagem ou ligação com esse universo, obtendo a privacidade para aproveitar e vivenciar as oportunidades de sexo ali ofertadas, de modo anônimo, sem prejuízos para sua vida privada ou modificando a imagem que ele procura produzir sobre si e sua rotina em outras redes que utiliza.

Não é novo o sonho de eficiência produzido pelas tecnologias, nem a confiança depositada em suas ações e produtos. No século XIX, o progresso econômico e técnico foram compreendidos como molas propulsoras do tecido de construção da modernidade, elementos identificados como pontos inseparáveis para o que é interpretado como um presente e futuro eficientes e, conseqüentemente, melhores (Picon, 1996). Na atualidade, o desenvolvimento da informática passou a indicar essa área como a que irá nos direcionar para um futuro melhor e mais produtivo. Não haveria alternativa a esse projeto de futuro, como se fosse uma sentença dada, já posta e aceita, considerando as promessas de benefícios. Segundo Breton (1991) os avanços tecnológicos estão relacionados a sentidos positivos.

Os sujeitos da contemporaneidade estão ligados à relação com o imaginário da potência tecnológica. Vejamos outro recorte, no qual as relações com as máquinas são compreendidas como cada vez mais presentes no cotidiano dos sujeitos, com a difusão dos aplicativos:

¹³² Citamos, como exemplo, o uso de *links* nos próprios aplicativos para indicar informações sobre as DST para os sujeitos-*gays* direcionando-os para páginas administradas por essas empresas, entidades governamentais ou instituições de saúde. Iniciativas governamentais também adotam essa estratégia em propagandas impressas ou televisivas, nas quais é comum a indicação de que “para saber mais” basta acessar determinado endereço eletrônico, naturalizando a compreensão de que as mais variadas materialidades discursivas estão em relação e de que o sujeito da contemporaneidade está conectado o tempo todo, silenciando os efeitos de contradição, já que existem muitos sujeitos que não possuem acesso às estruturas do ciberespaço por inúmeros motivos.

[R39] Estudo da Flurry, empresa de análise de apps para aparelhos móveis, diz que usuários de serviços de paquera on-line já passam mais tempo usando apps do que navegando em sites do gênero.

Em junho de 2010, a média de uso dos sites era de 8,4 minutos diários por usuário. A dos apps era de 3,7. Um ano depois, a média dos sites diminuiu para 8,3, e a dos apps aumentou para 8,4.

Aproveitando a tendência, empresas antigas se adaptam às novas plataformas. (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹³³.

A produção do discurso jornalístico atua com a mobilização de elementos que referenciam o que é apresentado como fato. O uso de estatísticas, dizeres de especialistas e dos depoimentos de usuários são exemplos de marcas mobilizadas para constituir sentidos de veracidade que envolvem a produção do discurso jornalístico. Elementos constitutivos que são recorrentes ao trabalharmos com o *corpus* do trabalho, como é o caso do “estudo da Flurry” apresentado no trecho selecionado e que indica a medição do tempo gasto nos aplicativos pelos usuários desses “serviços de paquera”, indicando o aumento ao comparar dois anos, no caso, 2010 e 2011.

Desse modo, os aplicativos ganham espaço no mercado, devido a verificação do crescimento do seu uso, inclusive, ao serem comparados com os já conhecidos *sites* de relacionamento. Existe a compreensão que o aumento do uso dos aplicativos de “3,7” para “8,4” minutos marca que existe uma mudança no mercado, nos “serviços de paquera”. A mudança do mercado compreende o universo das transformações tecnológicas, com a popularização dos aplicativos como novas formas de conexão e a adaptação das empresas que administram esses *sites* “às novas plataformas”, possibilitando que atuem com novas iniciativas no mundo empresarial, necessárias para quem deseja crescer e sobreviver nesse mercado.

O desenvolvimento das tecnologias, em especial as relacionadas às TIC, passaram a naturalizar a rapidez como uma necessidade implícita ao homem moderno. O tempo das máquinas é que dita o modo como as relações devem ocorrer. Naturalizam-se sentidos acerca da importância de cada vez sermos mais rápidos para estarmos adequados às demandas sociais. Nesse sentido, destacamos como tem sido usual o acoplamento das tecnologias, por exemplo, no *smartphone* temos o telefone, mas também o rádio, o canal de vídeos, o relógio digital, etc. É multifuncional para poupar o tempo do usuário (Moraes, 2005). Essa idealização da rapidez também interfere na busca por parceiros, como observamos ao analisar a identificação dos aplicativos como espaço de aceleração na realização de contatos e troca de

¹³³

Folha de S. Paulo. (2011, 12 de dezembro). Antigos sites de namoro se adaptam aos smartphones. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/14310-antigos-sites-de-namoro-se-adaptam-aos-smartphones.shtml>

mensagens. Não se perde tempo com flertes, a pessoa vai direto ao que busca, graças às informações ali oferecidas, que permitem a seleção, por meio dos dados dos perfis e da troca de mensagens pelo *chat*.

O sujeito baseia suas buscas com base na estrutura da informação, seja ela no formato de fotos, dados do perfil, distâncias geográficas, etc. As informações regulam o jogo e estipulam as possibilidades, tanto de um parceiro para algo mais duradouro, como para o sexo casual. O perfil é construído visando a atrair a atenção dos outros usuários, de modo que dependendo do interesse do sujeito, determinadas informações são disponibilizadas, destacadas ou ocultadas, identificadas como válidas ou não de estarem ali. Por exemplo, observamos nos aplicativos, o excesso de corpos musculosos, o que instaura a repetição de sentidos que associam o corpo malhado ao que o outro deseja, assim, a exibição do abdômen trincado ou o detalhamento de informações sobre a sua rotina de musculação, podem ser válidos para atrair parceiros.

A comunicação móvel pode ser definida como uma inovação (Castells, 2005; Weissberg, 2010). Ressoa, produzindo sentidos de estrutura de transformação tecnológica e, conseqüentemente, social, pois interfere e modifica formas e modos como as relações são estabelecidas pelos sujeitos na contemporaneidade. Mudanças atreladas às condições de produção atuais, possíveis pelas relações com as TIC. No caso dos sujeitos-gays, observamos como as redes tecnológicas interferem na maneira como eles buscam por encontros, inscrevendo como natural a compreensão de que quem está nessas redes de sociabilidade, possui vantagens frente a quem não está. O sujeito desconectado e não relacionado à tecnologia é posto em condição de falta, de atraso frente aos sujeitos conectados. A máquina é inscrita como modo de elevação do sujeito a outra categoria, já que é ela que assegura a complementação com elementos que garantam a sua superioridade.

Com os aplicativos, os sujeitos-gays idealizam suas possibilidades de relações vinculados à potência das tecnologias, crentes na possibilidade de exploração total do espaço da cidade, do anonimato e da segurança, sentidos que são apresentados nos discursos jornalísticos, na produção de sentidos sobre esses programas. Ao longo dessas relações, esses sentidos podem mudar, já que a potência da máquina pode deixar de ser louvada, quando o coloca em risco ou produz consequências negativas, como a exposição pública de homens que não assumiam suas relações homossexuais e acabaram flagrados ali, o que afetou suas vidas fora dessas redes.

Na próxima subseção do capítulo, apresentaremos considerações acerca do discurso jornalístico, considerando o modo como estão presentes na contemporaneidade e são pontos

de contato importante com as interpretações produzidas no espaço social, na produção da memória discursiva e na constituição dos sentidos.

2.3 Os discursos e os espaços jornalísticos: continuidades e mudanças na atualidade

Nesta seção, discutimos a constituição sócio-histórica dos espaços discursivos do jornalismo, considerando a importância que os lugares, nos quais as notícias são produzidas, adquirem em nossa sociedade, salientando que a consideração da relevância da informação jornalística tem sido constituída no Ocidente desde a invenção da prensa por Johannes Gutenberg.

Consideramos que as facilidades de acesso às notícias no meio *on-line* alteraram o modo como os sujeitos estabelecem relações com os discursos jornalísticos, pois temos modificações nas condições de produção, tanto no que tange à produção dos discursos, como no acesso e difusão dos mesmos. Essas alterações nos modos de acessar, arquivar, difundir e produzir os discursos jornalísticos, marcados pela sua pretensa neutralidade e objetividade, sentidos também associados aos espaços de notícia, demandam uma análise atenta, principalmente por nosso *corpus* ser proveniente desses espaços.

Consideramos que a compreensão da importância do papel da comunicação nas variadas sociedades humanas é antiga. A identificação da necessidade de preservação da memória, para acesso futuro a informações consideradas importantes, tem relação com a invenção da escrita alfabética e de um alfabeto com boa transição do que era falado para a estrutura escrita, o que ocorreu na Grécia Antiga, entre os séculos VIII e IV a.C. A escrita estabelece a possibilidade de o homem preservar e acessar registros sobre acontecimentos em períodos anteriores (Breton & Proulx, 2002; Eisenstein, 1998).

Sabemos que essa preservação é sempre parcial, marcada por furos, esquecimentos e pelo político que constitui a produção dos discursos e dos sentidos (Pêcheux, 2014). A escrita é relacionada a constituição das instituições e dos espaços de poder. Isso é reforçado na atualidade com a frenética produção de novos documentos e informações que mobilizam os materiais escritos para atestar algo.

Na relação ilusória com a produção de gestos que abarcariam o todo e o tudo, é que o sujeito vai constituindo os sentidos da história, produz registros e mobiliza a escrita na tentativa de assegurar a preservação e a plenitude dos sentidos, atuando em uma formação imaginária e ideológica que crê ser possível represar a realidade por meio do seu registro, do testemunho que é produzido e arquivado.

Consideramos que na contemporaneidade, sob os efeitos do imaginário de potência produzidos pelas TIC, o sujeito reforça a sua compreensão de que tudo pode ser acessado, guardado, preservado e registrado por meio da estrutura digital (Faria, 2012, 2016). Ao pensarmos nos espaços de informação *on-line*, compreendemos que eles são identificados como capazes de atuar com a produção contínua dos registros, o que permitiria condições de acessar a história sob todos os ângulos possíveis, de forma plena e total.

Compreendemos que é na relação com a memória metálica (Orlandi, 2004b) que o sujeito vislumbra a possibilidade da plenitude e da totalização dos sentidos pelos usos da estrutura da materialidade digital e das TIC. A memória metálica é compreendida pela via da saturação, de uma idealização de completude ancorada nos grandes bancos de dados, na possibilidade de tudo acessar e compreender, na ilusão de que arquivar tudo, assegura o melhor entendimento das mais variadas questões e que o ato de tudo lembrar, favorece o desenvolvimento dos homens. Pela estrutura das tecnologias é que a produção das notícias é compreendida como sempre disponível, produzida freneticamente e capaz de ser recuperada a qualquer momento, ao toque de uma tela, em um contexto sócio-histórico que valoriza e compreende a informação como insumo essencial para a sociedade.

Os discursos e os espaços jornalísticos enfatizam sua relação como lugares de credibilidade, objetividade, precisão e verdade (Mariani, 1998). São efeitos de sentidos que envolvem a produção das notícias, principalmente das grandes empresas de comunicação e que permitem que circule a compreensão de que a notícia é um fato, verdade que é apenas reproduzida nesses espaços e, na qual, os cidadãos conseguiriam acessar o real da história, os acontecimentos como realmente ocorreram. É nessa ilusão de acesso a verdade, que muitos sujeitos-leitores estabelecem relações com os discursos jornalísticos, compreendendo que o mundo é apenas exposto ali, negando qualquer atividade de interpretação por parte de quem produz as notícias.

Notamos um apagamento interessante sobre o funcionamento das empresas de comunicação e de notícia: existe um silenciamento sobre os sentidos empresariais acerca delas, do modo como a informação jornalística é um produto que é comercializado e que se obtém lucro. A identificação da necessidade da liberdade de imprensa, do valor da informação na atualidade, da relevância dos espaços de imprensa para países democráticos¹³⁴ e da

¹³⁴ No Brasil, esses sentidos ganham destaque, já que o país sofreu com a censura do período referente a Ditadura Militar e a importância da liberdade de imprensa é apontada como uma das marcas do Estado democrático de direito. A Constituição Federal, em seu capítulo V, explana sobre a Comunicação Social e assegura que “nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social” (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988),

importância de estar ciente do que é noticiado, visando estar bem informado, são sentidos recorrentes e atualizados. Esses sentidos inscrevem os espaços jornalísticos como organizações vitais, apagando a compreensão de que são empresas que produzem as notícias e que o mesmo assunto pode ser noticiado de inúmeras formas, já que uma série de fatores, como os interesses econômicos e políticos, influenciam o que será apresentado como resultado.

Pensar a produção do discurso jornalístico como processo, envolve considerar gestos de interpretação e leitura, condições sócio-históricas, questões ideológicas e disputas sobre o que será ou não noticiado, bem como a forma que o produto final, a notícia terá. Deslocamos e problematizamos a noção de que o discurso jornalístico é fato, algo já dado, o que permite questionar e pensar os processos envolvidos em um jogo discursivo complexo, que afeta a produção do tecido da memória social, irrompe no cotidiano dos sujeitos e possui relevância ao pensarmos o modo como os sentidos noticiados no espaço jornalístico circulam e reverberam no processo de constituição histórico.

Os espaços jornalísticos vendem a ilusão de que o registro do social, dos fatos do cotidiano, é apresentado de modo natural, como aconteceram, sem escolhas ideológicas ou políticas interferindo nesse processo e negando a ocorrência da interpretação, já que existiria apenas o retrato do que ocorreu. Pela AD, sabemos que isso não é verdade, que o discurso jornalístico apresenta interpretações e não o retrato da realidade (Mariani, 1998).

Dela-Silva (2011, p. 152) afirma que “enquanto linguagem, o dizer jornalístico não traz consigo o fato, mas um gesto de interpretação do mesmo”, corroborando para desfazer a idealização de que o acontecimento jornalístico é o retrato da realidade. A imprensa não funciona meramente noticiando acontecimentos, como um suporte, mas atuando na produção de sentidos, identificando o que é relevante, ou não, de ser noticiado e apresentando interpretações que constituem o discurso jornalístico.

Fatores ideológicos, retomando Pêcheux (1999, 2014), marcam distinções que afetam o modo como a significação é realizada e as interpretações são produzidas. Os espaços de notícia não são capazes de produzir um único sentido sobre um acontecimento ou assunto, pois é impossível assegurar que o sujeito não interprete de outros modos ou que o mesmo assunto não seja abordado de outras maneiras por inúmeros espaços de notícia.

O acesso ao arquivo, constituído pelos dizeres e materiais do espaço jornalístico é incapaz de promover o contato com o fato em si, como sabemos, o que temos é sempre uma

versão, um testemunho que é uma interpretação produzida e, portanto, incompleto, pois a incompletude é constitutiva desse processo. O acesso aos textos jornalísticos, arquivados pelas empresas de notícias, não são consultados e lidos da mesma forma, os sujeitos estabelecem relações distintas ao longo desses percursos.

Entendemos que os textos jornalísticos são importantes, por apresentarem uma interpretação que circula no espaço social, produzindo sentidos e constituindo a memória sobre determinados assuntos, mas sem a ilusão de que o que foi registrado é a verdade. Temos acesso a uma interpretação, um modo no qual os sentidos foram constituídos e registrados. Fator constitutivo da relação do homem com o mundo, a história e a memória. Essa é a maneira com que empreendemos nossa leitura acerca da produção dos espaços jornalísticos, ancorados no dispositivo teórico-analítico da AD e questionando as ilusões de que a leitura desses materiais é a mesma para todos.

O desenvolvimento da imprensa no Renascimento, marca a observação da importância da comunicação dentro da constituição social (Breton & Proulx, 2002; Briggs & Burke, 2004), produzindo significativos efeitos sócio-históricos ao ganhar espaço a noção da relevância da circulação das ideias pelas instituições de poder, considerando que era possível produzir muitos materiais com essa invenção, já que antes, os escritos eram produzidos por copistas e estavam restritos a determinados espaços, como as bibliotecas monásticas. A prensa móvel é desenvolvida por Johannes Gutenberg, por volta de 1450¹³⁵, mesmo período em que ocorre o desenvolvimento das cidades na Europa. Ressaltamos como, novamente, uma produção tecnológica é capaz de alterar e constituir o modo como os sujeitos estabelecem relações com as informações, a sociedade e os sujeitos, compreendendo a potência da imprensa na capacidade de difundir ideias para um maior número de pessoas.

Houve rápida difusão das oficinas de impressão pela Europa e em 1500¹³⁶, já existia uma em quase todas as importantes cidades do continente. O tamanho territorial e populacional da Europa facilitou a rápida difusão dessa tecnologia. Ao mesmo tempo em que essa inovação é levada para muitas cidades da Europa, os seus aprimoramentos não

¹³⁵ Salientamos que a prensa não era algo novo no Oriente, considerando que países como a China, a Coreia e o Japão já usavam as técnicas de impressão desde o século VIII, mas o método era outro, com a produção de uma única página e o uso de um bloco de madeira. Essa forma de impressão foi nomeada como “impressão em bloco” (Briggs & Burke, 2004, p. 26). Os autores (2004) destacam que na China, no século XI, existiram tipos móveis de impressão, mas foi na Coreia do século XV que surgiu uma prensa parecida com a desenvolvida por Gutenberg, na Europa, séculos depois.

¹³⁶ A estimativa é que a prensa chegou a Roma em 1467 e em Paris no ano de 1469 (Briggs & Burke, 2004).

cessaram¹³⁷. Fatores relacionados ao comércio e à locomoção de pessoas foram importantes para o estímulo aos seus aperfeiçoamentos, considerando que o fluxo comercial, demandava a produção de grandes quantidades de materiais impressos para o controle adequado das atividades mercantis (Briggs & Burke, 2004).

A Revolução Francesa produziu novos significantes acerca das compreensões de nação e território. Ocorre uma transformação histórica, na qual, as relações entre o indivíduo e o coletivo, os espaços privados e públicos, são inscritos como essenciais para os cidadãos. A comunicação social é vista como relevante ao promover a união entre diferentes pessoas, inseridas em realidades distintas de uma mesma área territorial. A informação foi compreendida como elemento chave para o homem consciente, tendo ele, a responsabilidade de estar informado sobre o que acontecia em sua região e país (Breton & Proulx, 2002), aliás, essa naturalização da informação como insumo fundamental foi reafirmada ao longo do tempo e posta na ordem da evidência dos sentidos. Observamos que essa identificação, marca a compreensão de um sujeito que teria acesso à realidade ao estar em contato com o discurso jornalístico e que a informação é inscrita, já nessa época, como ponto basilar para a construção de uma sociedade adequada e informada. Esses traços da memória persistem ainda na atualidade, como observamos em nossas análises.

O jornal, como fonte diária de informações¹³⁸, começa a circular no século XVII, seu surgimento está ligado a determinados fatores, como a possibilidade da realização de grande número de impressões; o desenvolvimento do serviço postal, o que assegurou condições de difusão das informações; o aprimoramento das vias de comunicação e transporte, propiciando a melhoria e a segurança para a realização de contatos; e a comercialização de materiais jornalísticos. Ressaltamos a relação entre o oral e o escrito na discussão das notícias, já que mesmo a circulação sendo escrita, ela era discutida em vários ambientes e servia como base de assunto comum, em espaços variados, como cafés, rodas de amigos e nas residências (Breton & Proulx, 2002).

A representação do que é novidade é ainda prática usual dos espaços jornalísticos, compreendidos como lugares legitimados na abordagem do que é pouco conhecido e na apresentação de informações recentes aos sujeitos-leitores. Vejamos o nosso *corpus* e a discussão sobre o uso dos aplicativos pelos *gays* de modo “pioneiro”:

¹³⁷ Briggs e Burke (2004) citam as melhorias produzidas pela prensa manual de ferro de Stanhope (1804), que dobrou a produção de materiais escritos e os trabalhos de Friedrich Koenig (1811) com a prensa a vapor, que quadruplicou a produção de materiais da inovação de Stanhope.

¹³⁸ No entanto, na Veneza do século XVI, tivemos a primeira forma profissional de distribuição de notícias, com a atuação dos *scrittori d'avvisi* no qual informações de vários tipos eram comercializadas por meio de cópias (Kunczik, 2002).

[R40] **Público gay masculino é pioneiro em apps de paquera.** (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹³⁹.

[R41] **Existem apps específicos para o público gay, como o Grindr, que tem 162 mil usuários no Brasil e 6 milhões no mundo. O produtor de vídeos Daniel Pires usa o aplicativo há quase um e ficou com três pessoas que conheceu lá. "Já fiquei até com um cara que estava bem perto de indo buscar a namorada, mas conseguiu se encontrar comigo antes de pegá-la na faculdade"** afirma Pires. **"Os apps são bons para os gays, porém eles são melhores para os gays não assumidos"**. (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹⁴⁰.

A produção do texto jornalístico marca o pioneirismo na utilização e desenvolvimento dos aplicativos de relacionamento para os sujeitos-gays. O “público gay masculino” fomenta o impacto e a importância dessas tecnologias na procura por parceiros. Trata-se de uma forma contemporânea para promover contatos, para produzir laços e que é possível no contexto atual pelas estruturas do ciberespaço e das tecnologias de comunicação disponíveis.

A especificidade do Grindr é para um “público” restrito, direcionado e é nesse nicho que a empresa desenvolve suas atividades. O Grindr é para os “gays”, para homens que procuram estabelecer relações com outros homens. No trabalho de discussão realizado, o discurso jornalístico mobiliza a quantidade de usuários cadastrados no sistema, não apenas no Brasil, mas também no mundo (“162 mil usuários no Brasil e 6 milhões no mundo”), para destacar a grande quantidade de sujeitos-gays inseridos e utilizando esse programa voltado para a “paquera”.

O quantitativo é mobilizado como elemento de destaque no que diz respeito à atuação de empresas como o Grindr, o Hornet e o Scruff. A quantificação produz gestos que imprimem a existência desses sujeitos como parte do espaço urbano e do universo de consumo, novidade que é ressaltada e obtém lugar nos espaços jornalísticos, como parte das transformações do cotidiano que merecem destaque.

Os aplicativos funcionam como facilitadores para a realização dos encontros dos sujeitos-gays “não assumidos”, que não pretendem expor seus desejos, interesses e orientação sexual publicamente e que encontram nessas ferramentas um lugar para procurar parceiros. Nos aplicativos, o anonimato é compreendido como possível de ser obtido, assim, no depoimento do recorte discursivo 41, o sujeito relata o seu envolvimento com um “cara que estava bem perto” e que foi “buscar a namorada”, mas que graças ao uso do Grindr pode

¹³⁹ Agrela, L. (2013, 10 de junho). Público gay masculino é pioneiro em apps de paquera. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/06/1292045-publico-gay-masculino-e-pioneiro-em-apps-de-paquera.shtml>

¹⁴⁰ Agrela, L. (2013, 10 de junho). Público gay masculino é pioneiro em apps de paquera. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/06/1292045-publico-gay-masculino-e-pioneiro-em-apps-de-paquera.shtml>

encontra-lo, sem que isso atrapalhasse o seu “namoro” com uma mulher ou a sua vida pública como heterossexual.

A facilidade promovida pelos aplicativos é exaltada no depoimento apresentado no recorte discursivo, já que os aplicativos são qualificados como “bons” para os sujeitos-*gays*, sejam os que expõem publicamente sua orientação sexual ou os que vivenciam os encontros de maneira anônima, pelas facilidades dos aplicativos. A conexão assegura saber quem está próximo e facilita encontrar os homens que estejam disponíveis para encontros, como é o caso do sujeito do excerto analisado, que “ficou” com um rapaz que “estava bem próximo”. Essas informações que relatam o funcionamento dos aplicativos são apresentadas como alvo do interesse social e por isso são noticiadas. Em outro recorte, temos o depoimento que apresenta o modo como os encontros entre os sujeitos-*gays* ocorrem:

[R42] Dá para **quebrar o gelo**, mas **há muita propaganda enganosa**: “**Marquei uma vez com um cara que estava muito bonito na foto. Quando ele chegou, não era tão agradável assim**”, brinca o **relações internacionais**. (Folha de S. Paulo – 21/10/2015)¹⁴¹.

Ainda hoje, os espaços jornalísticos são importantes ao colocarem em questão pautas consideradas relevantes para o conhecimento de todos. O imaginário de que a notícia proporciona o contato com o que antes não era conhecido, permeia a produção dos discursos jornalísticos. A novidade é prometida pelos espaços jornalísticos, identificados em uma formação imaginária como capazes de sempre apresentarem algo novo que as pessoas ainda não sabem ou conhecem pouco, por meio deles é possível estar atualizado.

Salientamos que a estrutura digital, oferecida pelo funcionamento do ciberespaço, potencializa essa compreensão por parte do sujeito na contemporaneidade, confiante de que a conexão e a atualização de notícias são capazes de garantir que ele esteja por dentro de tudo o que ocorre no mundo, esquecendo que o que é veiculado faz parte de gestos de interpretação e produz um recorte do social que é oferecido ao sujeito como a realidade, como o que é verdadeiramente importante de ser conhecido e lembrado.

Em um cenário de mudanças no modo de estabelecer relações, as explicações do espaço jornalístico sobre os aplicativos são consideradas fundamentais. Aos que não conhecem o aplicativo em questão, é apresentada essa nova forma de estabelecer contato e que já é popular em meio aos sujeitos-*gays*. A mudança que é produzida resulta em novos sentidos sobre o que pode ser dito de uma vivência *gay* na cidade, não mais restrita a locais

¹⁴¹ Agrela, L. (2013, 10 de junho). Público gay masculino é pioneiro em apps de paquera. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/06/1292045-publico-gay-masculino-e-pioneiro-em-apps-de-paquera.shtml>

delimitados, compreendidos como destinados a eles, mas ao espaço todo da cidade, já que o mapeamento produzido pelos recursos tecnológicos facilita que as relações possam ser estabelecidas a qualquer hora e local, o que ressignifica os sentidos sobre os enlaces desses sujeitos.

A facilidade de “quebrar o gelo” assegura o imaginário de que é mais simples aproximar-se de algum pretendente ao utilizar os aplicativos para estabelecer relações. Uma ferramenta que permite saber mais sobre quem se tem interesse por meio das informações disponibilizadas no perfil e as que são fornecidas ao longo das trocas de mensagens privadas. No entanto, mesmo com as possibilidades de acesso as informações sobre o pretendente, é possível cair em uma “propaganda enganosa”, como o depoimento do recorte destaca, pois não é garantido que as informações ali apresentadas sejam verdadeiras, que o pretendente seja parecido com as imagens das fotos disponibilizadas ou que haja a mesma relação ao dar-se o encontro presencial. Nada assegura que a relação com os sentidos seja a mesma no digital e na estrutura presencial, o que pode resultar em surpresas e quem “era bonito na foto”, pode não ser “tão agradável”.

Na materialidade digital o contato entre os sujeitos é realizado, primeiro, pelo que é informado no perfil e ao longo das conversas, das trocas de mensagens, em um processo que envolve a visualização de fotos, informações pessoais, gostos, hábitos e a localização de onde se está no espaço geográfico. Consideramos que o perfil funciona como o meio que produz a atração, gera o interesse e funciona como forma de representação do sujeito na estrutura digital. Na relação com o que é apresentado, o sujeito estabelece um jogo imaginário, apresentando características e informações sobre si, construindo o seu perfil e a imagem que pretende que o outro tenha dele. O interlocutor, na relação com os sentidos, formula uma imagem desse contato, com base no que é apresentado, mas também com o que não é informado, que falta em algum campo do perfil ou não é respondido ao longo das conversas. O encontro presencial coloca em confronto essas formações imaginárias e, muitas vezes, o resultado é o relatado pelo sujeito do excerto 42: a decepção.

Não existem garantias de que haja a equivalência ou a manutenção da imagem que foi formulada e projetada na relação estabelecida na materialidade digital, seja para algo compreendido como melhor ou pior. Entre o que espera e o que encontra, o sujeito estabelece relações de tensão com a possibilidade de se deparar com algo diferente do que era imaginado, o que destaca como os sentidos sempre estão em movimento, passíveis de serem outros, como defende Pêcheux (2014).

A criação dos jornais está relacionada a sua capacidade de promover a circulação da informação na sociedade. O registro dos primeiros jornais ocorre na Alemanha em 1609, mas foi nos Países Baixos, em especial na cidade de Amsterdã, que eles ganharam força popular, esses espaços de informação apareceram nessa região em 1618. No século XVII, Amsterdã era o mais importante centro de produção de materiais impressos da Europa, principalmente de jornais, com produções em idiomas variados, como o francês, inglês e latim, além da possibilidade de escolha da periodicidade desejada, uma, duas ou três vezes na semana. Podemos pensar os jornais como os grandes exemplos de comercialização e circulação da informação na sociedade ocidental (Briggs & Burke, 2004).

A produção diária de jornais ocorreu em períodos diferentes. Na França, apenas em 1777 surgem os jornais diários, o primeiro foi o *Le Journal de Paris*. Em contrapartida, na Alemanha, os jornais com tiragem diária, como o *Einkommende Zeitung* de Leipzig, apareceram em 1650 (Breton & Proulx, 2002; Briggs & Burke, 2004; Kunczik, 2002). O interesse pela criação dos jornais, marca a compreensão da importância que os espaços jornalísticos passam a ocupar na sociedade ocidental, com papel de destaque e influência na circulação de discursos em momentos importantes, como na Guerra Civil Inglesa, na Independência dos EUA¹⁴² e na Revolução Francesa (Briggs & Burke, 2004). A naturalização de sentidos acerca da importância dos espaços jornalísticos permanece ao observarmos a história e a sua relevância para a estruturação política nas mais variadas épocas e países, com a produção de interpretações que afetam os sentidos e a memória sobre o hoje, lembrando como os discursos jornalísticos são legitimados como capazes de traduzir a realidade e o momento atual.

É no período relativo a 1830 que a imprensa adota um estilo comercial de atuação em países como os EUA, a França e a Inglaterra. Em 1875, a circulação de jornais de grande tiragem já era uma realidade nessas nações. Em 1910, a tiragem média dos jornais franceses e norte-americanos, respectivamente, era de 6 e 24 milhões de exemplares ao dia. Com os jornais de grande circulação, a publicidade passa a ser objeto importante na manutenção das estruturas da imprensa e isso apenas aumentou ao longo dos anos. Observamos essa mudança,

¹⁴²

As considerações de Briggs e Burke (2004) acerca da importância da imprensa para o processo de independência dos EUA são interessantes para pensarmos como a circulação de discursos em espaços jornalísticos constitui efeitos que afetam os sujeitos e a sociedade. No período da Independência dos EUA, em 1775, existiram mais de 42 jornais, entre eles, espaços como o *New York Journal* e o *Philadelphia Evening Post* que difundiram a causa revolucionária e sua validade para os norte-americanos. O discurso jornalístico foi compreendido como importante no processo de formação de uma comunidade de enfrentamento e produção da legitimidade do discurso de oposição ao domínio da Inglaterra.

ao considerar que no ano de 1650, os jornais contaram em média com seis anúncios e em 1750 totalizaram cinquenta (Briggs & Burke, 2004).

No Brasil, apenas após a chegada do príncipe regente D. João VI e da corte portuguesa, é que a imprensa foi autorizada a funcionar no país, o que o coloca em atraso, ao compararmos com outras nações, como os EUA e a França. Ao colonizador português, preocupado com as consequências de estruturar o Brasil e sofrer com tentativas de independência, era justo negar o acesso à palavra, isso não convinha aos moradores da colônia, assim como espaços próprios de produção, como as fábricas, e de conhecimento, como as universidades (Lustosa, 2003).

A vinda da corte portuguesa alterou o *status* do Brasil como país. Houve a abertura dos portos para o comércio com outras nações aliadas dos portugueses; a criação de fábricas de vários tipos de materiais, como o vidro, a pólvora e o ferro; e a implantação da imprensa. No entanto, o primeiro jornal brasileiro, o Correio Braziliense, não foi produzido no país, mas em Londres, Inglaterra, sob a responsabilidade de Hipólito da Costa. Esse jornal, fundado em 1808, encerrou suas atividades em 1822 e teve papel chave na Independência do Brasil. O primeiro jornal impresso no país foi a Gazeta do Rio de Janeiro, em 1808, com publicações autorizadas pela coroa portuguesa abordando, principalmente, assuntos acerca da família real, com a censura de uma série de informações sobre eventos internacionais (Lustosa, 2003).

Ao analisarmos os dados históricos sobre o jornalismo no Brasil (Abreu, 2002; Lustosa, 2003), consideramos significativo que a censura esteja presente desde o momento da sua implantação no país. Silêncio que constitui e integra a memória sobre os espaços jornalísticos e o modo como o jornalismo foi estruturado no país.

Além da censura, outros problemas, como as dificuldades financeiras relacionadas à manutenção dos jornais, com os altos custos referentes às atividades de impressão e o preço do papel, matéria-prima que era importada; o número significativo de analfabetos, o que atrapalhou a formação de uma clientela consumidora desse produto de informação; as precárias redes de transporte; e a pouca profissionalização de quem atuava na imprensa. Esses pontos ajudam a explicar a curta vida de grande quantidade de jornais do século XIX, que desapareceram após uma única edição, mas ao mesmo tempo, é nessa época que as principais cidades do país começam a ter espaços jornalísticos de destaque, inclusive, o desenvolvimento urbano é ponto chave para o crescimento e compreensão da importância da informação e dos jornais no Brasil (Abreu, 2002; Zanchetta Júnior, 2004).

No período de criação do Correio Braziliense, o formato do jornal era diferente do modelo atual, contando com quase 100 páginas, um verdadeiro livro, no qual, o foco foi

a divulgação de documentos que contemplavam acontecimentos importantes e a publicação de informações advindas de jornais que circulavam pela Europa, isso permitiu que os brasileiros que soubessem ler recebessem notícias recentes sobre as ações do imperador francês Napoleão Bonaparte, suas batalhas e o final da sua vida no exílio, assim como notícias sobre as colônias na América Espanhola. O interesse desse jornal era o sujeito-leitor brasileiro, inclusive, com posição crítica às ações dos planos políticos da coroa portuguesa (Lustosa, 2003).

A fase de lançamento da Gazeta do Rio de Janeiro faz parte do que é denominado de primeira fase da imprensa brasileira, em que o objetivo foi realizar uma espécie de panfletagem política. Na segunda fase, temos a abertura de alguns jornais maiores e sólidos, como O Estado de São Paulo¹⁴³ e o Jornal do Brasil¹⁴⁴. A terceira fase da imprensa no Brasil, que vai da República Velha ao Estado Novo, os jornais passam a contar com o suporte financeiro da publicidade e uma estruturação empresarial. É o período em que os grandes prédios das empresas jornalísticas são fundados e famílias abastadas se consolidam como donas de empreendimentos de notícias. As transformações urbanas depois da década de 1950 afetaram os jornais e a compreensão da existência de um público leitor específico. Os governos e as empresas de imprensa passam a investir em propagandas e o impacto da mídia cresceu, com a permanente propagação de seu lugar como espaço de isenção, verdade e defesa da sociedade. Marcas que são inscritas como constitutivas desses espaços e funcionam na produção de efeitos de credibilidade das informações ali veiculadas (Lage, 1979).

O processo de industrialização nacional, iniciado no segundo governo de Getúlio Vargas¹⁴⁵ e ampliado durante o governo de Juscelino Kubitschek¹⁴⁶, produziu impacto na imprensa brasileira e no seu desenvolvimento, visto que com mais empresas, a circulação financeira e a possibilidade da realização de investimentos nesse setor, como os provenientes da área industrial, que identificava um imenso público ao qual seria interessante a oferta de toda a sorte de produtos, compreendendo os espaços jornalísticos como interessantes meios de difusão (Abreu, 2002). Aqui, observamos como a questão do consumo aparece como motor no desenvolvimento do setor jornalístico no Brasil, atrelado aos seus interesses e estruturação, já que desde o início, o acesso aos materiais jornalísticos era restrito a minoria alfabetizada do país, grupo ligado a quem possuía condições de frequentar os espaços educacionais e sabia ler, o que não era uma realidade para grande parte da população brasileira, desse modo, os

¹⁴³ Lançado em 1875.

¹⁴⁴ Lançado em 1891.

¹⁴⁵ Presidente do Brasil de 1930 a 1945 e 1951 a 1954.

¹⁴⁶ Presidente do Brasil de 1960 a 1961.

espaços jornalísticos no país foram moldados para um público que consome (classe média e média alta), que possui condições de acesso à educação e aquisição de produtos de informação, como os jornais¹⁴⁷.

O interesse pelos recursos financeiros provenientes de anunciantes particulares foi fundamental para a decisão de aumentar a tiragem de jornais impressos, visando a atingir o maior número possível de leitores, consequentemente, produzindo maior interesse dos empresários. Antes do aporte financeiro da publicidade, os jornais eram dependentes do Estado, tanto em subsídios de propagandas oficiais e financiamentos, como no acesso ao papel, matéria-prima que era importada e controlada pelo governo federal. O estilo e o formato adotados pelos jornais brasileiros são similares aos encontrados nos EUA, com o foco na pretensa impessoalidade e objetividade na transmissão das informações (Abreu, 2002).

A grande parte da imprensa brasileira apoiou o Golpe Militar de 1964, juntamente com parcela significativa dos grandes empresários do Brasil. O que destaca a relação de aproximação entre os interesses empresariais, jornalísticos e políticos no Brasil. O apoio da imprensa ao Golpe não impediu, posteriormente, a realização da censura dos veículos jornalísticos que anteriormente apoiaram a tomada do poder (Abreu, 2002).

Durante a Ditadura Militar, houve uma série de decisões importantes envolvendo a área de comunicação no Brasil, já que os militares consideravam importante construir uma nação integrada, o que resultou no apoio à modernização das empresas nacionais do setor, com a criação do Ministério das Comunicações, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) e de redes de televisão particulares, também existiu o repasse de dinheiro para a difusão de propagandas favoráveis ao regime. É nesse período, que ocorre a estruturação dos grandes oligopólios de informação do país, principalmente com a popularização da televisão, cada dia mais presente e com importância no cotidiano dos brasileiros. Em contrapartida, houve o desaparecimento de inúmeros órgãos de imprensa escrita, inclusive alguns que haviam sido importantes, afetados por questões políticas e técnicas, como as que envolveram as altas do preço do papel na década de 1970 e a censura política praticada pelos militares (Abreu, 2002).

A tecnologia proporcionou novas formas de acessar, arquivar e disponibilizar as informações. Mudanças nos processos de administração das estruturas midiáticas ocorreram

¹⁴⁷ Ainda hoje, é uma realidade a restrição do acesso de quem não pode pagar aos textos jornalísticos. Observamos essa questão, no trabalho com o arquivo que constitui o *corpus* da pesquisa, ao acessarmos os *sites* dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo, observamos que existe um limite ao acesso de materiais que podem ser lidos ao mês pelos não assinantes. Desse modo, o acesso às informações não é o mesmo para todos os sujeitos da atualidade, já que as condições de acesso aos materiais não é a mesma.

desde o final da década de 1980. Houve transformações na área política, com o processo de redemocratização do país, o que produziu impactos na atuação da imprensa, agora sob a égide do direito à liberdade de imprensa e a livre circulação das informações (Abreu, 2002).

É na década de 1990 que as grandes corporações midiáticas iniciam os processos de fusão entre empresas nacionais e estrangeiras, algo que ocorreu em todo o mundo com o fortalecimento da globalização (Arbex Júnior, 2001). Nessa década, temos o início do destaque dado ao jornalismo no ciberespaço, com modificações na forma como as notícias são consumidas e produzidas, ganha espaço, por exemplo, os processos de participação dos sujeitos-leitores, comentando as notícias e expressando as suas opiniões por meio de críticas e elogios nas caixas de comentários que acompanham os textos jornalísticos (Alves, 2006).

O processo de estruturação do jornalismo no digital exigiu investimentos em nome da modernização das comunicações no país, assim como ações na área de *marketing*. No digital, temos o acesso à informação envolvendo materiais em formato de sons, textos e vídeos, tudo junto na relação com a produção das notícias. O investimento é constante, já que se trata de uma necessidade no processo de acesso e difusão das informações (Abreu, 2002).

A informação circulando no meio digital reforça a idealização de sua importância como meio de constituição da voz da sociedade, funcionando como produtora de nós entre os mais variados segmentos que a constituem, ilusoriamente, unidos por interesses comuns, ignorando as diferenças que são parte das relações entre os sujeitos na história e na sociedade. Existe a ilusão de que o discurso jornalístico será lido, e que a informação que é produzida nesses espaços, será evidente para todos, assegurando a produção das mesmas interpretações, o que sabemos não ser realidade porque as relações com os sentidos não são as mesmas para todos os sujeitos (Orlandi, 2004b).

Diante de uma demanda de nada esquecer e com a atualização sem fim dos espaços jornalísticos na versão *on-line*, é que a produção das notícias é realizada na contemporaneidade, com a promessa da completude na cobertura dos acontecimentos, no momento em que ocorrem, seja aonde for. Sem que nada escape ao olhar atento das equipes e estruturas jornalísticas, imaginadas como capazes de capturar a realidade como ela acontece e expô-la aos olhos dos leitores nas mais variadas telas.

Transformações que não são apenas no suporte da informação, mas na forma como o material jornalístico pode ser acessado, distribuído, refutado ou replicado, processos aos quais os sujeitos da contemporaneidade passam a lidar em seu cotidiano. A informação jornalística é cada vez mais valorizada e ganha outras possibilidades de circulação ao ser inserida em outras redes, replicada e reproduzida para outros sujeitos. A materialidade digital modificou o

modo como os sujeitos estabelecem relações com as notícias, as interpretações e os sentidos ali produzidos (Payer, 2005).

O setor jornalístico entende que as mudanças existem e interferem no modo como a informação é comercializada, difundida e produzida. O ciberespaço e a internet são importantes revoluções tecnológicas, que alteraram o desenvolvimento da imprensa, destacando a quantidade infinita de informações que podem ser acessadas, processadas e trabalhadas na atualidade (Kucinski, 2005). Modificações na própria estrutura dos espaços jornalísticos e do formato das notícias são verificados, ganham destaque e envolvem a necessidade da produção de novos produtos, como infográficos, o investimento em conteúdos para leitura *mobile* e em redes sociais (Longhi & Flores, 2017). O desafio da contemporaneidade é lidar com a quantidade gigantesca de novas informações produzidas, nas mais variadas formas, e disponibilizadas na estrutura digital a todo o momento. É um desafio enfrentado, na atualidade, pelos sujeitos na relação com os espaços jornalísticos (Gitlin, 2003).

A popularização, primeiro do acesso aos computadores pessoais nas décadas de 1990 e 2000, e depois com os celulares *smartphone*, na década de 2010, o barateamento dos valores dos serviços de conexão, no acesso aos equipamentos e a maior popularização da relação com o ciberespaço, permitiu o destaque para outros modos de acessar, compartilhar, consultar e ler os discursos inscritos nos espaços jornalísticos.

A influência da mídia na sociedade é uma realidade, interfere no modo como os eventos são compreendidos e nos processos de circulação dos discursos em nossa sociedade (Moraes, 1999, 2005). O acesso aos espaços jornalísticos não envolve apenas a leitura das notícias, mas a relação com os sentidos, com a filiação ou resistência a eles. Os espaços da imprensa são lugares de ganhos financeiros relevantes e ligados à lógica da produção dos sentidos. Esses dois elementos, são importantes para sustentar nosso argumento acerca dos interesses que afetam a produção das notícias, refutando a idealização de um espaço neutro e que produz materiais que apenas relatam fatos.

A concentração dos espaços midiáticos nas mãos de poucos empresários ainda é uma realidade no Brasil e isso tem relação com os altos custos na produção de materiais midiáticos de qualidade, o que impõe investimentos para que não haja queda na competitividade e no produto oferecido. O momento atual exige altos investimentos para que as grandes empresas jornalísticas consigam atender aos processos de produção atualizada e contínua de novas informações (Dizard Junior, 2005).

Briggs e Burke (2004) apresentam considerações que compreendemos como exemplo do modo como a concentração e a produção dos sentidos são administradas nos espaços jornalísticos: são quatro as agências de informação no Ocidente – *Agence France-Presse* (AFP), *Associated Press* (AP), *Reuters* e *United Press International* (UPI) – elas apresentam como notícias apenas 25% de materiais acerca do mundo em desenvolvimento, quase sempre, notícias ruins, atreladas a fome, desastres e pobreza. Esses sentidos reverberam em inúmeros outros veículos de vários países, reproduzindo imagens acerca do mundo que poucas vezes são questionadas, já que são espaços identificados como legitimados a produzir sentidos. Isso marca como o poder afeta a inscrição do discurso jornalístico e o modo como a sua circulação é desigual.

No *corpus* da pesquisa, observamos o destaque dado aos processos envolvendo as mudanças que interferiram na circulação dos espaços da imprensa, por exemplo, na alteração do segmento pornográfico, já que muitas revistas passam a atuar no digital e isso altera o mercado existente e a forma de consumir pornografia. A abundância da nudez permite sua obtenção sem custos, inclusive, é parte das trocas realizadas pelos sujeitos nos aplicativos de relacionamento e isso é referenciado no texto jornalístico. Aliás, os aplicativos, para gays e heterossexuais, são apontados como importantes espaços que ajudaram a banalizar o nu na atualidade e afetaram a existência dessas publicações. Vejamos como a nudez mais acessível pelo acesso ao ciberespaço é falada no recorte abaixo:

[R43] Mas as **revistas pornográficas tradicionais sofreram** uma pesada **queda**, se tornando **vítimas da vasta quantidade de pornografia disponível online e da queda acelerada de suas vendas em papel**. (Folha de S. Paulo – 26/01/2015)¹⁴⁸.

A comercialização da nudez passa por mudanças diante das possibilidades de acesso a esses materiais de outras formas, não mais restrita ao suporte impresso, pela aquisição das “revistas pornográficas”, mas acessível por meio eletrônico, em “vasta quantidade”. Essa nova forma de circulação das imagens de nudez, inscrevem o sujeito em outra relação de sentidos com o acesso aos corpos nus. Os aplicativos, como tecnologias da contemporaneidade, são responsáveis por mudanças nas relações dos sujeitos, com outros sujeitos, o sexo ou as imagens sobre si, inclusive, as que envolvem nudez e o seu compartilhamento. A nudez é uma possibilidade a ser apresentada ao outro, ofertada em uma

148

Somaiya, R. (2015, 26 de janeiro). Com a decadência da 'Playboy', novas revistas eróticas são mais artísticas. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://m.folha.uol.com.br/mercado/2015/01/1580458-com-a-decadencia-da-playboy-novas-revistas-eroticas-sao-mais-artisticas.shtml>

dinâmica que é naturalizada e ganha espaço nas dinâmicas das trocas possíveis entre os usuários que estão nos aplicativos.

Compreendemos que no ciberespaço, a pornografia e a nudez ganham destaque, diante das facilidades existentes nas práticas de trocas de fotos, permitindo a simplificação na produção caseira e envio de imagens, sejam envolvendo nudez completa ou apenas de algumas partes do corpo, como o abdômen, os pés, o pênis ou as nádegas. Exibir-se é naturalizado, inscrito como da ordem do possível nas relações estabelecidas nas redes, com o compartilhamento e a troca de imagens e vídeos. O que é feito para conquistar o outro e despertar o seu interesse, principalmente quando o foco é o sexo casual. Imagens que circulam, ficam salvas, são replicadas ao longo do dia e ganham lugar no cotidiano, algumas vezes, produzindo efeitos negativos, como no caso do pastor, discutido no recorte discursivo 32, desligado da sua congregação ao ser flagrado no Grindr, ou capturadas e exibidas sem autorização em inúmeros bancos de dados para fins eróticos. Diante da quantidade cada vez maior de pessoas conectadas a essas redes, a circulação de imagens cresce na mesma medida, aliás, no Grindr já foi indicada como na casa dos “2 milhões de imagens” diárias, como analisado no recorte discursivo 18.

O excesso de imagens de nudez grátis, em inúmeros espaços, como *sites* e redes sociais, ajuda a explicar a “queda” na vendagem dos conteúdos editoriais com “pornografia”. A discussão sobre o digital substituindo o papel como suporte de informação afeta o imaginário do que reserva o futuro dos materiais jornalísticos. A tecnologia modifica os hábitos, as relações e os modos como a comunicação e a relação com a informação é realizada, observamos isso nesse recorte discursivo e em outros já analisados, por exemplo, nos recortes discursivos 6 e 7, que abordam o fechamento de estabelecimentos *gays* na cidade de Londres e em campanhas de saúde com foco nas DST, nos recortes discursivos 1, 2, 8 e 9.

Nos recortes analisados também encontramos relatos do cotidiano, reforçando a compreensão dos espaços jornalísticos como locais que produzem narrativas acerca do modo como os sujeitos estabelecem relações e como as tecnologias dos aplicativos alteram esses processos:

[R44] Deve estar entre as **atividades mais antigas da humanidade**, mas, apesar de **séculos de civilização**, na hora de **chegar junto**, muitos **"desafinam"**. Escolher uma pessoa, o jeito, o momento certo de chegar, não parece fácil. A tecnologia já serve também para isso. Aplicativos de celular ensinam as técnicas dessa milenar arte. Na era do smartphone com geolocalização, paquerar ficou mais fácil.

Um dos primeiros aplicativos foi o **Grindr, voltado para gays. Lançado em 2009, tem mais de 2 milhões de usuários em 192 países, inclusive Irã e Arábia Saudita, onde homossexuais são perseguidos.** (G1 – 24/01/2012)¹⁴⁹.

A dificuldade de estabelecer o contato com possíveis parceiros é uma dificuldade antiga para quem procura por relações. É difícil “chegar junto” a possíveis parceiros, seja para sexo casual ou romance, assim como, escolher o “momento certo” para realizar a abordagem não é algo “fácil”, por isso, a tecnologia é compreendida como facilitadora desses processos e os “aplicativos” são exemplos dessas ferramentas desenvolvidas para “paquerar”.

O processo de “paquerar” é posto como um problema, o que representa uma dificuldade que conta com a ajuda da tecnologia para ser superado, facilitado em decorrência do uso do “smartphone com geolocalização”. É na “era” das tecnologias que um problema de “séculos de civilização” é apresentado como passível de ser resolvido, superado, já que “paquerar ficou mais fácil” graças ao desenvolvimento tecnológico, capaz de simplificar os encontros e laços entre os sujeitos.

No recorte é exposto como novos modos de paquerar são possíveis, exemplificando a maneira como as TIC produzem transformações na área dos relacionamentos, facilitando o que antes era identificado como complicado. É na “era” das tecnologias e das máquinas de conexão que flertar atinge o patamar de algo simples, banalizado pela eficiência técnica. O Grindr é citado como exemplo que ilustra a potência e o sucesso dos aplicativos, com a apresentação de números desse programa, já que ele possui “2 milhões de usuários” e está presente em “192 países”, o que inscreve a força da tecnologia para chegar a inúmeros locais e sujeitos, propiciando novos cenários para o estabelecimento de relações *gays* nos mais variados lugares.

Pelo funcionamento da tecnologia, temos a identificação da ausência dos limites geográficos impostos por fronteiras e que são ultrapassados pelo uso dos aplicativos, por meio deles, países com histórico, princípios religiosos e legislações contrárias a homossexualidade, como é o caso do “Irã e Arábia Saudita”, não conseguem impedir que haja o cadastro e o uso dessas ferramentas em seu espaço geográfico. É pelo funcionamento da materialidade digital, que as empresas que administram os aplicativos atuam nesses países e atendem aos sujeitos-*gays* ali residentes. Na lógica da globalização, as fronteiras dos Estados não conseguem fazer frente aos avanços do mercado, ainda mais, na atuação de programas *on-line*.

¹⁴⁹ G1. (2012, 24 de janeiro). Aplicativos de smartphone com geolocalização facilitam paquera. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2012/01/aplicativos-de-smartphone-com-geolocalizacao-facilitam-paquera.html>

Compreendemos que o texto jornalístico, mobiliza o exemplo de dois países para ilustrar o modo como as fronteiras são superadas na atualidade e facilitando que o sujeito-leitor compreenda como essas tecnologias rompem com o imaginário de limites, como o idioma e o território, para funcionarem e atenderem aos usuários interessados em seus serviços, inclusive, nos que convivem com uma realidade em que a homofobia ainda é estrutural e o risco de ser morto por ser associado a sentidos da homossexualidade é uma possibilidade que não importa as instituições desses Estados.

O funcionamento do Grindr permite novas significações pelos espaços das cidades de países em que a homossexualidade é punida, novamente, a facilidade na promoção das relações é apontada como ponto que justifica esse entendimento, em uma ilusão da possibilidade de preservação do anonimato e da segurança desses sujeitos. É na estrutura digital, que a facilidade é compreendida como alcançada e outras possibilidades de vivência são possíveis, inclusive, em contextos nos quais isso seria mais difícil. O rompimento de barreiras pelo ciberespaço permite pensarmos o modo como as tecnologias interferem no tecido urbano, nas relações entre os sujeitos, diante de uma estrutura fechada que é refeita com o seu funcionamento, proporcionando aos sujeitos-*gays* novas conexões e possibilidades de produzir laços.

É com a promessa de facilitar as relações dos sujeitos-*gays*, que empresas desenvolvem e comercializam os aplicativos de relacionamento. É na existência de um público que essas tecnologias são uma realidade, parte de uma estrutura do universo capitalista, com o objetivo central de produzir lucro. A capacidade de facilitar que *gays* consigam parceiros para sexo casual, namoros ou promover a sociabilidade dessa comunidade em países, como a Arábia Saudita, são consequência, efeitos do funcionamento desses programas na prestação de serviços.

Vejamos como são abordadas as mudanças produzidas pelos aplicativos e que são compreendidas como parte de um processo que é qualificado como “bem-sucedido”, reforçando o foco na atuação desses programas como um “serviço” que possui interesses e objetivos empresariais:

[R45] Com a ajuda das redes sociais e da geolocalização, **empresários estão tentando mudar a forma como as pessoas**, muitas vezes de **nichos específicos, encontram amor, sexo casual ou relacionamentos "de fachada" pela internet**. (Folha de S. Paulo – 24/02/2013)¹⁵⁰.

¹⁵⁰ Maia, F. (2013, 24 de fevereiro). GPS e redes sociais turbinam serviços de paquera. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://classificados.folha.uol.com.br/negocios/1235452-gps-e-redes-sociais-turbinam-servicos-de-paquera.shtml>

[R46] Uma das **tendências dos negócios de relacionamento on-line o uso da geolocalização, com aplicativos que usam o GPS de smartphones para fazer com que pessoas que estão próximas se encontrem. Um exemplo bem-sucedido desse tipo de aplicação, inclusive do ponto de vista do faturamento, é o Grindr, voltado ao público gay, que permite conversar com usuários que estão nas redondezas.**

Cerca de 70% da receita do sistema vem da ferramenta paga, com mais recursos. O restante é produto da venda de publicidade, que também pode ser relacionada à localização do usuário. “Queremos mostrar anúncios que sejam relevantes para as pessoas. Não faz sentido mostrar a propaganda de uma festa em Miami para alguém que está em São Paulo, diz Joel Simkhai, 36, presidente-executivo do Grindr. (Folha de S. Paulo – 24/02/2013)¹⁵¹.

As relações humanas são atravessadas e constituídas pela via do tecnológico, o que instaura a reestruturação no modo como as relações são estabelecidas. O atravessamento do tecnológico nas relações humanas é posto como algo da ordem do possível, uma realidade dos nossos tempos e que é narrada como fato do cotidiano nos espaços jornalísticos. O oferecimento desse modo de estabelecer relações é nomeado como um “serviço”, promovido por empresas, com foco na obtenção do lucro com “nichos específicos” de mercado, entre eles, o público *gay*. É no campo empresarial, que temos iniciativas que “estão tentando mudar a forma como as pessoas” estabelecem relações de vários tipos, como o “amor” ou o “sexo casual”.

A inscrição dos sujeitos-gays como sujeitos de consumo permite pensarmos o modo como o funcionamento do capitalismo atua na contemporaneidade e nas relações estabelecidas entre os sujeitos. Consumir é visto como algo natural, as demandas e possíveis desejos dos sujeitos são inscritas como estruturas passíveis de serem exploradas comercialmente e atraem a atenção e os investimentos dos “empresários”, inscritos na posição de empreendedores e executivos (“presidente executivo”), atrelados a sentidos de inovação, conhecedores do mercado e dos interesses dos consumidores. Na atualidade, tudo é passível de ser identificado como capaz de produzir alguma forma de lucro, ser compreendido como “tendência” de negócios, inclusive, as buscas por parceiros pelo uso dos aplicativos de relacionamento.

A “geolocalização” é um dos elementos tecnológicos que asseguram a potência na busca pelo outro nas relações *on-line*, facilitando que seja encontrado quem esteja próximo geograficamente. Nesse processo, o Grindr é apresentado como “exemplo” de uma iniciativa que é adjetivada como “bem-sucedida”, citado no texto jornalístico, como modelo a ser

¹⁵¹ Maia, F. (2013, 24 de fevereiro). GPS e redes sociais turbinam serviços de paquera. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://classificados.folha.uol.com.br/negocios/1235452-gps-e-redes-sociais-turbinam-servicos-de-paquera.shtml>

seguido, não apenas para outros aplicativos ou iniciativas junto à comunidade *gay*, mas por outras ações empresariais que possam ser criadas para públicos específicos. O argumento para justificar o Grindr como exemplo é mobilizado pelo quantitativo, com a indicação da quantidade de usuários no mundo (“4,5 milhões”) e no Brasil (131,2 mil), devidamente registrados no seu sistema, o que é identificado como prova do sucesso desse programa.

A descrição da forma como o Grindr é mantido financeiramente inclui a apresentação do depoimento do “presidente-executivo” e fundador da empresa, o que mobiliza sentidos de validade para o que é informado ali, já que a fonte consultada, é alguém que, imaginariamente, é compreendido como sabedor do que ocorre no funcionamento dessa tecnologia. O representante da empresa argumenta que o Grindr veicula “anúncios” que sejam interessantes para quem resida na região em que é comercializado o produto ou ocorra o evento no qual a publicidade é feita, pois não seria lógico difundir algo que não é oferecido ali.

A lógica do consumo é a da ordem do que está próximo, fácil e rápido de ser realizado, na mesma linha do que observamos no recorte discursivo 41, em que a distância é elemento importante para que haja a decisão do contato com um possível parceiro para algo naquele instante. O comércio, do que é alvo de publicidade no Grindr, mantém relações com o foco na região, no plano local para difundir “anúncios que sejam relevantes” para os membros de uma determinada área.

É pela mediação da tecnologia que o encontro do “amor, sexo casual ou relacionamentos” são possíveis, o que assegura campo fértil para a atuação de empresas como o Grindr. O desenvolvimento tecnológico é permanente, isso proporciona que as alterações contribuam para que os “serviços de paquera” sejam continuamente atualizados e melhorados, de acordo com os interesses e necessidades do público ao qual esses serviços prestam assistência, inclusive com alterações permanentes, possíveis pela atualização do sistema operacional.

Nossa leitura acerca da imprensa é discursiva. Não consideramos o espaço jornalístico como lugar de produção do retrato fiel da realidade, mas como interpretações acerca de uma época determinada e produzidas por instituições que ocupam espaços de poder (Romão, 2002, 2005a, 2005c). A imprensa está atrelada a produção de discursos e é valorizada por seu impacto no cotidiano das pessoas, por isso, é compreendida como setor estratégico por empresários e políticos. Na América Latina, observamos a força das estruturas midiáticas frente às ações progressistas de governos de esquerda, atuando como reais partidos de

oposição (Moraes, 2013), mas insistindo na inscrição dos seus dizeres como factuais, objetivos e técnicos, negando a influência do político nos textos que publicam.

É importante ressaltar que a imprensa, usando a prerrogativa de liberdade de imprensa, comete(u) todo tipo de ação sem receber punições cabíveis. A mídia mente, conspira, destrói a imagem de quem se opuser as suas ideias e a dos que comandam seus grupos. O que pode afetar os privilégios dos grupos empresariais ou de seus aliados vira um assunto de guerra, como por exemplo, a batalha contra governos latino-americanos que concederam concessões públicas de rádio a grupos sociais ou iniciativas de leis que obrigam a comprovação da veracidade das informações publicadas. Quando grupos recorrem à justiça e ganham ações contra grandes grupos jornalísticos, as empresas acusam os governos de quererem atentar contra a liberdade de expressão. A mídia, e o jornalismo, em especial, não possuem uma estrutura de contraponto (Moraes, 2013).

De acordo com Silva (2011), o jornalismo enfrenta mudanças provocadas pela materialidade e a tecnologia digital. O jornalismo realizado no espaço *on-line* tem promovido transformações na forma de atuar com o trabalho, a produção e a leitura das notícias. Temos diferentes formas de circulação da notícia, afetadas pela existência de suportes diferentes, por exemplo, a Folha de São Paulo é um jornal que pode ser lido na versão impressa ou *on-line*, seja no computador, *smartphone* ou *tablet*. Também é possível imprimir as matérias do *site* do jornal *on-line*, como foi feito com o *corpus* dessa Tese para a nossa segurança.

A imprensa está associada a sentidos de liberdade, modernidade e urbanidade¹⁵². O sujeito do espaço urbano contemporâneo é cobrado na sua relação com a informação, por isso, a importância desses espaços no agora e, principalmente, com o advento das TIC. Silva (2011) destaca que a circulação das notícias está vinculada à noção de cidadania, ao acesso dos cidadãos ao que ocorre no plano total, o que afeta a vida de todos e demanda do sujeito atenção para compor adequadamente seu lugar na atualidade. É nos espaços de notícia que o sujeito encontra o que é identificado como de interesse de todos e compreendido como necessário que ele saiba para estar atualizado. Nesse sentido, o ciberespaço atua com a potencialização das formas de acesso ao que circula como a última novidade, de forma fácil e rápida, dois adjetivos imprescindíveis nesse contexto, por isso, o uso da palavra “nova” ou “novidade” na produção das notícias desperta a atenção e o interesse dos leitores.

¹⁵² Consideramos que as informações acerca do processo de implementação da imprensa no Brasil é um exemplo da identificação da circulação desses sentidos. A chegada da Corte Portuguesa demandou a construção de um país novo, moderno, para tanto, a permissão para a atuação da imprensa foi elemento considerado essencial nesse processo (Lustosa, 2003).

Retomando a análise de alguns recortes discursivos, observamos como os discursos jornalísticos são produzidos e compreendidos como capazes de atuar com a adequada orientação dos sujeitos, indicando, por exemplo, saídas caso o sujeito-gay esteja “cansado da solteirice”. A solução é ligada ao uso dos aplicativos, eles são identificados como capazes de resolver essa questão:

[R47] **Cansado da solteirice? Veja 8 aplicativos de relacionamentos para gays**
Com **inúmeras funções e feitos** para diversos **tipos de público**, os apps podem ser a **ferramenta perfeita para você encontrar um parceiro seja para um romance longo ou algo casual**. (IG – 24/02/2013)¹⁵³.

A praticidade é relatada como uma realidade dos dias atuais. A “solteirice” pode ser resolvida de modo prático pela materialidade digital. Esses programas são apresentados no texto jornalístico como capazes de promover e mobilizar a produção de elos no universo *gay*.

A utilidade dos “aplicativos” resulta em uma “ferramenta perfeita” para os mais variados objetivos, seja “um romance longo ou algo casual”, assegurando aos “diversos tipos de público” a realização do que desejarem. As especificidades existem, mas a circulação do discurso sobre essas tecnologias é relacionada à potência na sua capacidade de promover os encontros desejados, sem limites ou impossibilidades, visto sua existência assegurar as determinações dos mais diferentes públicos, no entanto, existe a dependência do uso dessa “ferramenta” para alcançar o fim desejado.

As “inúmeras funções” e o fato de existir mais de um tipo de aplicativo marcam o modo como o desenvolvimento dessas tecnologias ocorre e uma compreensão de seu funcionamento em uma lógica do mercado, com o interesse no atendimento dos mais variados interesses e públicos. É um universo que estabelece laços com a FD do mercado financeiro, das transações do universo econômico e da possibilidade de obter aquilo que é desejado. Diante de tantos aplicativos a escolher, o sujeito-gay é incentivado a usá-las, mas é auxiliado no processo de escolha da que é mais adequada para o que ele deseja. Vejamos outro recorte:

[R48] **Veja a avaliação que o iGay fez de oito aplicativos de relacionamento para gays, faça o download do que mais combina com você e se jogue na paquera**. (IG – 24/02/2013)¹⁵⁴.

¹⁵³ Aguiar, M. (2015, 17 de setembro). Cansado da solteirice? Veja 8 aplicativos de relacionamentos para gays. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-09-17/cansado-da-solteirice-veja-8-aplicativos-de-relacionamentos-para-gays.html>

¹⁵⁴ Aguiar, M. (2015, 17 de setembro). Cansado da solteirice? Veja 8 aplicativos de relacionamentos para gays. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-09-17/cansado-da-solteirice-veja-8-aplicativos-de-relacionamentos-para-gays.html>

A produção da “avaliação” pelo espaço jornalístico visa a facilitar a escolha do aplicativo que “mais combina” com cada um, o que inscreve o lugar das notícias como capaz de esclarecer dúvidas, auxiliar e permitir a seleção pela melhor opção de programa seja realizada, considerando a existência de tantas opções disponíveis para o uso e aqui reduzidas a “oito aplicativos” voltados para os “gays”.

No recorte discursivo 48, existe uma seleção de “oito aplicativos” existentes, que são apresentados, resumidos em seus objetivos e especificidades ao sujeito-leitor, facilitando o conhecimento sobre eles e produzindo discursos sobre, nos quais, a interpretação é a de que qualquer dúvida será esclarecida com a leitura desse material, verdadeiro tutorial, capaz de simplificar a escolha para que o sujeito-gay “se jogue na paquera”, sem nenhum tipo de dúvida, caberá apenas a realização do “download” para que o contato com quem mais combina com esse sujeito aconteça, contemplando seus interesses e vontades.

O uso dos verbos no infinitivo “faça” e “veja”, marcam a posição de autoridade do discurso jornalístico para determinar o que o sujeito-leitor dessa reportagem deve realizar para utilizar essas tecnologias. É algo direto, considerando que o sujeito-leitor desse texto é identificado como o sujeito-gay, ele é projetado como interessado nesse tipo de informação e o uso do pronome pessoal “você” reforça esse indício. O que sustenta a relação imaginária do texto jornalístico com os possíveis usuários desses aplicativos é o fato dessa “avaliação” ser apresentada em uma parte do *site* IG destinada ao público gay (“iGay”)¹⁵⁵, o que coloca em jogo, a relação de sentidos entre esses sujeitos e o interesse no uso e compreensão do funcionamento desses programas. Vejamos o modo como são definidos os três aplicativos de relacionamentos (“Scruff”, “Grindr” e “Hornet”) selecionados para esse trabalho em meio às oito opções analisadas no texto jornalístico pelo Portal IG:

[R49] Scruff - utilizando a localização do usuário via GPS, ele mostra o perfil dos 'scruffers' que estão mais próximos de você. Inicialmente, o app tinha um apelo maior entre a comunidade urso – gays com um porte corporal maior e normalmente peludos –, mas hoje em dia já é possível encontrar pessoas de todas as tribos. É bem utilizado no Brasil, mesmo que a interface do app deixe a desejar. (IG – 24/02/2013)¹⁵⁶.

¹⁵⁵

O uso da junção das palavras IG e *Gay* resulta na palavra “iGay” e nomeia a seção voltada para as discussões sobre os *gays* e a comunidade LGBT de modo amplo. Observarmos o modo como são constituídos, como evidentes, os sentidos de que todos os leitores do *site* saberiam que ali, são discutidos assuntos e questões atreladas aos sujeitos da comunidade LGBT. O símbolo da página, o arco-íris, é mobilizado para reforçar essa relação sustentada pelo já-lá e que seria posta no plano da obviedade, de que todos saberiam que esse ícone possui relação histórica com esse grupo.

¹⁵⁶

Aguiar, M. (2015, 17 de setembro). Cansado da solteirice? Veja 8 aplicativos de relacionamentos para gays. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-09-17/cansado-da-solteirice-veja-8-aplicativos-de-relacionamentos-para-gays.html>

[R50] **Grindr - o mais conhecido de todos os apps de relacionamento é exclusivamente gay e o mais usado no País.** Por meio da **localização do usuário via GPS**, ele mostra o perfil dos caras que estão mais perto de você. O Grindr é o app mais indicado para quem busca por um encontro mais casual – já que grande parte dos usuários não procura por relacionamentos sérios. (IG – 24/02/2013)¹⁵⁷.

[R51] **Hornet - bastante parecido com o Grindr, o app tem a vantagem de permitir que o usuário tenha mais que uma foto no perfil.** Ele é também bastante utilizado no Brasil, mas ao contrário do Grindr, o público parece um pouco mais interessado em manter conversas e também em um namorado. (IG – 24/02/2013)¹⁵⁸.

A abordagem sobre os três aplicativos apresenta aproximações e distanciamentos acerca do seu funcionamento. Os três aplicativos são compreendidos como empreendimentos que são sucesso no Brasil, com destaque para o Grindr, que é o “mais usado” entre todos eles. Essas ferramentas funcionam por uma estrutura que é ancorada no tecnológico, com os recursos do *Global Positioning System* (GPS) e que propiciam a “localização do usuário”, mapeando e ordenando aqueles que “estão mais perto”.

No funcionamento dos aplicativos, o sujeito está imerso na constituição do tecnológico, no modo como administra essas redes e produz uma ilusão de mapeamento completo da estrutura da comunidade *gay* que está cadastrada ali e próxima, silenciando que fatores financeiros, geográficos, históricos, sociais e tecnológicos interferem nesses processos de filiação. Não é qualquer sujeito-*gay* que pode se inscrever ali, já que o acesso não é igual para todos, assim como a identificação de que é possível localizar todos os *gays* que estão próximos, pois o que se tem é a reunião de quem está cadastrado no sistema de determinado aplicativo.

Particularidades são apresentadas sobre cada um desses aplicativos, e permitem considerarmos, que os objetivos envolvidos em seus usos também são. Vejamos algumas dessas distinções postas nos recortes discursivos. O Scruff é um aplicativo que passou por mudanças, considerando que no início seu “apelo” era centrado em um grupo, na “comunidade urso”, mas isso mudou e atualmente a sua utilização se dá por outros grupos, de forma mais ampla, o que propicia que “todas as tribos” estejam ali. O Grindr é onde estariam os usuários que preferem “um encontro mais casual”, um aplicativo em que o foco seriam as relações com interesse em encontros para o sexo rápido, não é indicado para quem pretende algo sério, considerando que “parte dos usuários não procura por relacionamentos sérios”. O

¹⁵⁷ Aguiar, M. (2015, 17 de setembro). Cansado da solteirice? Veja 8 aplicativos de relacionamentos para gays. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-09-17/cansado-da-solteirice-veja-8-aplicativos-de-relacionamentos-para-gays.html>

¹⁵⁸ Aguiar, M. (2015, 17 de setembro). Cansado da solteirice? Veja 8 aplicativos de relacionamentos para gays. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-09-17/cansado-da-solteirice-veja-8-aplicativos-de-relacionamentos-para-gays.html>

Hornet seria o lugar no qual é possível “encontrar um namorado”, algo sério, com o foco em relações duradouras. Essa plataforma possui uma vantagem técnica que é “permitir que o usuário tenha mais que uma foto no perfil” o que é valorizado, por assegurar o contato com mais informações dos outros usuários pelas imagens ali disponibilizadas.

O texto produzido pelo “iGay”, destaca sentidos rígidos para os três aplicativos, cada qual é identificado como responsável por determinados tipos de relações no universo *gay*. Existe a demarcação do que cada aplicativo pode oferecer como serviço ao seu público, não considerando possibilidades outras que são estabelecidas nessas redes, já que dentro delas, os sujeitos movimentam sentidos, rompem com o que é posto como possibilidades, estabelecem outros laços ou não são bem-sucedidos no encontro de parceiros. Não é possível assegurar a produção do elo ou que uma rede forneça exatamente o que o sujeito procura, essa repetição de que a satisfação será obtida e vivenciada nesses universos tecnológicos é produzida com base na sua atuação como serviço, atrelada ao funcionamento de uma FD do mercado, em que o atendimento das necessidades do consumidor é sempre uma promessa.

Observamos a construção de imagens sobre cada um desses aplicativos de relacionamento e seus usuários, o que compreende formas de identificação sobre eles. Identificações que envolvem o entendimento da existência de determinações sobre o que é possível esperar encontrar como parceiros disponíveis e espaços de interação nessas redes. A produção de um discurso sobre os aplicativos e seus usuários envolve considerar a projeção de uma imagem sobre os interlocutores que estão ali. Pensemos nesses recortes de modo mais atento: enquanto o Grindr é o local para quem procura sexo casual e seu público são sujeitos-*gays* que desejam isso, qual a lógica de procurar uma relação séria ou obter um “namorado” nessa rede? O espaço para isso seria o Hornet, de acordo com a lógica das definições do texto em questão. Nesse processo, o discurso jornalístico atua com a pretensão de apresentar uma lógica fechada de funcionamento dessas redes, uma estrutura com sentidos cristalizados que não valeria a pena tentar romper, pois ela já é dada. Como lugar de produção de uma referência sobre os mais variados assuntos, o discurso jornalístico sobre essas redes apresentaria um mapeamento prévio das opções que ali existem e esperam quem utiliza, ou utilizará, esses programas, essas imagens que circulam e produzem sentidos sobre essas tecnologias não dão conta de representar com precisão o que ocorre ali, pois sentidos outros, são formulados e escapam dessas diretrizes o tempo todo.

Em meio à produção de diretrizes por parte do discurso jornalístico, visando à orientação dos sujeitos-*gays*, observamos a profusão de materiais nessa linha, com sentidos sobre a necessidade de promover modos de orientá-los em como estabelecer uma imagem

sobre si em seu perfil e as maneiras de evitar homens inadequados, como o próximo recorte destaca:

[R52] Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr. Usuários dão dicas de como evitar situações constrangedoras e criar um perfil interessante. (IG – 05/03/2013)¹⁵⁹.

Observamos, assim como no recorte discursivo 48, a formulação de que esse texto é para os sujeitos-*gays*, interessados em compreender e saber como escapar de possíveis “ciladas” ao aproveitar as experiências ruins de outros “usuários” do Grindr. A formação imaginária é a de que os interessados na leitura dessa reportagem são usuários desse aplicativo, por isso, o interesse no contato com os relatos de experiências divulgados pelo portal IG dentro do seu espaço LGBT, o iGay.

É pelo relato dos “usuários” sobre “situações constrangedoras” que é possível traçar outro modo de utilizar o Grindr e evitar problemas, aliás, não apenas esse aplicativo, já que a compreensão é que essas situações são repetidas em outras plataformas do mesmo tipo, por isso, a validade de compreendê-las e saber como fugir das “ciladas” nos processos de estabelecer relações na estrutura digital.

As “dicas” são apresentadas no texto como resultado do trabalho jornalístico de reunião das principais “situações constrangedoras” vividas no Grindr, um compilado que é produzido após o trabalho de pesquisa e reunião das impressões de vários “usuários” que estão habituados a usar esse aplicativo. Esse trabalho apresentado no texto jornalístico segue a lógica de que, ali, temos os acontecimentos e situações que são necessários para que o leitor/usuário saiba, como algo evidente, produzindo o silenciamento sobre tantos outros casos que produzem constrangimentos nas relações com os usuários desse programa e que não foram apresentados ali.

Em meio ao trabalho de orientação dos usuários dos aplicativos, a reportagem também apresenta “dicas” com o foco na produção de “um perfil interessante”, que seja capaz de resultar no uso bem-sucedido do Grindr. Orientação que também seria válida para outros aplicativos do tipo, voltados para o público *gay*. Orientar a construção do perfil, marca a compreensão da existência de uma naturalização dos sentidos que são ou não adequados de ser expostos aos olhos dos interlocutores, no espaço dos aplicativos de relacionamento, o que pode resultar no fracasso ou sucesso na conquista dos sujeitos-*gays* ali presentes. É na relação

¹⁵⁹ Aguiar, M. (2013, 05 de março). Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/fuja-de-ciladas-na-hora-de-se-encontrar-com-alguem-do-grindr.html>

com os sentidos estabilizados, estruturados pela relação com a memória discursiva, compreendidos como da ordem da repetição, que o texto jornalístico atua com a produção de um guia, com “dicas” para evitar erros na construção do perfil do Grindr, estruturado com base em experiências anteriores de outros usuários, o que inscreve essa produção atrelada a quem entende do uso dessa tecnologia.

A compreensão da possibilidade de estabelecer um modelo de perfil adequado para todos os sujeitos ignora fatores como as condições sócio-históricas nas quais os sujeitos estão inseridos e a impossibilidade de que os sentidos sejam os mesmos para todos. A pretensão de produzir indicações que assegurem o caminho adequado para a constituição de um perfil que seja padrão para todos os sujeitos esbarra na impossibilidade de produzir essa simetria, pois não é da ordem do alcançável essa fôrma pronta na qual caberiam todos, no entanto, é comum encontrarmos essas “dicas” nos discursos jornalísticos, crentes na possibilidade de mapeamento e produção do fechamento dos sentidos, ancorados nos processos de repetição que produziriam as condições de formular “um perfil interessante” para todos, na ilusão de que o que é “interessante” para determinados sujeitos é uma regra. O destaque dado à construção do perfil marca a sua relevância para os sujeitos que estão inseridos na estrutura digital, lembrando que é ele que apresenta e representa o sujeito no primeiro contato com o outro, portanto, sua elaboração deve ser cuidadosa.

Compreendemos que os textos jornalísticos atuam com a idealização de que existe um ciclo de repetições que não cessam e produzem os mesmos gestos de interpretação e sentidos para todos, assegurando a constante produção de materiais jornalísticos que enfatizam a possibilidade de apresentar modelos no modo como os sujeitos devem e podem agir, calcado na idealização da repetição dos sentidos como algo factual e lógico. Trabalhar com essa difusão de compilados de experiências empíricas, apresentados como aquilo que é necessário saber, reforça a idealização no campo social, da capacidade de produção de conhecimento por parte das instituições de imprensa, em que acompanhar o que é publicado asseguraria ao sujeito-leitor compreender melhor assuntos que o interessam e obter “dicas” que contribuam para a sua vida.

No processo de trabalho com os “usuários” do Grindr, o texto jornalístico apresenta dizeres dos sujeitos-*gays*, com base no que é experimentado, vivenciado e que é posto como capaz de “ajudar” aos leitores e usuários dessa ferramenta a “fugir de roubadas” e “se sair bem”. Os depoimentos compilados, organizados e reunidos pelo texto jornalístico são postos como “conselhos” que devem ser levados em conta por quem pretende usar ou melhorar os resultados obtidos:

[R53] **Para ajudar você a fugir de roubadas** deste tipo, o **iGay** conversou com alguns usuários do Grindr para saber quais as táticas que eles usam para se sair bem no aplicativo. Os cuidados começam desde o momento em que você instala o programa. Veja alguns conselhos. (IG – 05/03/2013)¹⁶⁰.

Este texto, do qual o excerto é proveniente, foi publicado na seção “iGay” do *site* IG. Observamos que existe uma formação imaginária que inscreve os leitores dos textos ali publicados como relacionados ao universo *gay*. A publicação de reportagens acerca dos aplicativos destaca a compreensão de que as informações sobre essas tecnologias interessam aos leitores dessa seção do portal de notícias, bem como de textos que apresentem indicações de como um melhor uso dessas ferramentas pode ser realizado. Novamente, o uso do pronome de tratamento “você”, reforça a relação entre a posição de sujeito-leitor do texto e ser usuário desse aplicativo. É no jogo das formações imaginárias que esse tipo de texto é compreendido como interessante e relevante aos interesses dos sujeitos-leitores que acessam os materiais ali disponibilizados.

O lugar de referência é constantemente marcado nas produções envolvendo os discursos jornalísticos, observamos o verbo “ajudar” como exemplo dessa relação. Quem está ajudando o leitor e usuário do aplicativo é a seção “iGay”, que é parte da página de notícias IG, possibilitando que ele tenha contato com registros de “alguns usuários do Grindr” sobre o uso desse aplicativo, o que supostamente, assegura “os cuidados” necessários na sua utilização desde o início, quando se “instala o programa”, passando pela construção do perfil, uso da rede e alertas sobre as possíveis “roubadas”. Como base para encontrar informações e respostas, o discurso jornalístico fornece meios para satisfazer os seus leitores, com destaque para os que estão interessados em usar o Grindr ou aperfeiçoar o modo como utilizam esse ou outros aplicativos do gênero. As dicas fornecidas no texto da reportagem são identificadas como capazes de fornecer os meios para que os usuários obtenham sucesso desde o começo do uso da ferramenta, sem erros, riscos de fracasso ou a possibilidade de que aquelas diretrizes não contemplem todas as situações existentes ou que não sejam identificadas como problemáticas para todos.

A compreensão é que para “se sair bem no aplicativo” não é possível crer na aleatoriedade de um processo, mas em algo que possui uma lógica, um caminho para o sucesso e que agora é compartilhado de modo público para os leitores do portal de notícias IG, com a apresentação das “táticas” dos sujeitos que são bem-sucedidos no uso desse

¹⁶⁰ Aguiar, M. (2013, 05 de março). Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/fuja-de-ciladas-na-hora-de-se-encontrar-com-alguem-do-grindr.html>

aplicativo, obtidas após o trabalho jornalístico de investigação com usuários dessa rede. Seguir as diretrizes apresentadas é posto como o segredo para “fugir de roubadas”, “ciladas” e saber as “táticas” para “se sair bem no aplicativo”, tudo com base na experiência reunida e compartilhada de outros “usuários” nesse texto. Vejamos alguns dos conselhos apresentados pelos “usuários” para a constituição do perfil:

[R54] 2. **Preencha seu perfil com o máximo de informações sobre você, como idade, etnia, altura e interesses.** Isso **aumenta as chances** de alguém **entrar em contato**. (IG – 05/03/2013)¹⁶¹.

Conceber o “perfil” como modo de promover o “contato” entre os usuários do Grindr exige o uso de marcas que atraiam a atenção e façam sucesso com os possíveis parceiros. O sucesso é definido pelo quantitativo, vinculado às quantidades de acessos ao “perfil” e ao número de usuários que entram em contato, os outros sujeitos é que definem se determinado perfil é ou não valorizado ali. O quantitativo funciona como rastro que embasa as formas como se é visto no universo das relações *on-line*. O “perfil” possui importância e o cuidado com o que é publicado é necessário. O contato se dá pelas trocas e os perfis são importantes em produzir uma representação de si, o que salienta a necessidade de produzir uma imagem que agrade ao outro. É pelo perfil que é possível falar sobre si, apresentar “informações” e marcar sua presença na materialidade digital.

A atividade de preenchimento do perfil deve ser realizada com cuidado e ser minuciosa, apresentando o “máximo de informações”, no caso, as que são de interesse de quem usa o Grindr, referentes a “idade, etnia, altura e interesses”. Anteriormente, nos recortes 35, 36 e 37, analisamos como as diferentes redes sociais inscrevem a necessidade de diferentes informações, por exemplo, o Facebook e o Grindr são espaços de socialização com focos e abordagens distintas, o que reflete na naturalização de que os dados do perfil não sejam os mesmos. A especificidade e a saturação de informações no perfil do Grindr são identificadas como uma exigência para assegurar o aumento das “chances de alguém entrar em contato” com o dono do perfil.

Em outros recortes discursivos, observamos mais conselhos sobre o comportamento no aplicativo Grindr, com a ênfase no que é compreendido como adequado na abordagem dos pretendentes e na sua exposição:

¹⁶¹ Aguiar, M. (2013, 05 de março). Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/fuja-de-ciladas-na-hora-de-se-encontrar-com-alguem-do-grindr.html>

[R55] 4. **Não se assuste com a quantidade de fotos de abdomens e bíceps que você encontrará nos perfis.** "O meu primeiro pensamento quando instalei foi: 'Preciso aumentar o peso na academia'", brinca Bruno Larios, de 26. (IG – 05/03/2013)¹⁶².

[R56] 5. **Mantenha a simplicidade na hora de abordar alguém.** "Muita gente já vem com perguntas pesadas. Para mim, espero apenas um 'Oi' Tudo bem?!", conta o **analista de marketing** Guilherme Vilela, de 25 anos. (IG – 05/03/2013)¹⁶³.

A recorrência do corpo forte, sarado, está em excesso nos aplicativos de relacionamento, inclusive no Grindr. Os “abdomens e bíceps” são parte das “fotos” que circulam nos aplicativos e chamam a atenção por sua “quantidade”, conforme destaca o discurso do usuário do recorte discursivo 55. É esse corpo musculoso que é posto como o ideal a ser atingido por todos, interpretado como bonito, másculo e viril, digno de ser exposto, atrair os olhares e o desejo dos homens que estão nessas redes de sociabilidade. O corpo não é apenas a estrutura de carne, osso e pele, mas também é produtor de sentidos acerca do que é identificado como capaz de produzir o desejo e o prazer, mobilizando o interesse do outro, desse modo, práticas objetivando a obtenção do corpo musculoso, como o ato de “aumentar o peso na academia”, são realizadas para esse fim, visando a expor o corpo que é desejado por todos que estão ali.

A abordagem do interlocutor também é atrelada às formações imaginárias, ao que é compreendido como modo adequado de estabelecer contato. No trecho analisado, é revelada a compreensão da inadequação quando são feitas “perguntas pesadas” no momento de “abordar alguém”, salientando a identificação de que existem formas adequadas para iniciar o contato nesse espaço, mesmo que ali seja compreendido como lugar no qual o sexo existe e é intermediado, a forma direta de solicitá-lo e iniciar uma abordagem produz incomodo, resulta em um comportamento considerado inadequado. As “perguntas pesadas” não são especificadas no depoimento do entrevistado ou ao longo do texto jornalístico, aqui temos um imaginário de que é evidente que todos sabem o que isso significa, quais as temáticas envolvidas e identificadas como “pesadas”, em uma relação que compreende que a memória e os sentidos são compartilhados. O discurso jornalístico apresenta como “dica” que esse comportamento incomoda e é inadequado.

¹⁶² Aguiar, M. (2013, 05 de março). Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/fuja-de-ciladas-na-hora-de-se-encontrar-com-alguem-do-grindr.html>

¹⁶³ Aguiar, M. (2013, 05 de março). Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/fuja-de-ciladas-na-hora-de-se-encontrar-com-alguem-do-grindr.html>

A participação dos sujeitos é identificada como relevante na construção dos textos jornalísticos, como parte da constituição desses discursos, de modo que essa demanda é oficializada na parte final da publicação do texto do portal IG:

[R57] Você já passou por alguma situação inusitada em aplicativos como o Grindr? Mande um e-mail para siteigay@ig.com.br (IG – 05/03/2013)¹⁶⁴.

A demanda pela participação do outro, com a possibilidade de compartilhar “alguma situação inusitada em aplicativos como o Grindr” estabelece uma relação marcada pelo imaginário de que as vivências nesses aplicativos produzem inúmeros relatos, capazes de interessar aos leitores da seção *gay* desse *site* de notícias. É para esses sujeitos que essas narrativas importam e são interessantes, eles são os sujeitos com os quais o espaço jornalístico fala ao utilizar o pronome pessoal “você”.

A facilidade de comunicação também envolve a relação entre os espaços jornalísticos e os sujeitos-*gays*, capazes de comunicar “alguma situação inusitada” ao portal de notícias IG, que pode produzir mais materiais jornalísticos, dependendo do seu interesse. Assim, a possibilidade que haja a produção de outros textos com base no que é relatado pelos sujeitos-*gays*, os inscreve na posição de fontes de experiências que podem ser usadas para futuros textos jornalísticos. A solicitação por depoimentos com situações consideradas inusitadas, não apresenta alguma definição sobre o que elas são, o que compreendemos, estabelece relações com o já-lá e a identificação de que todos sabem o que é ou não alguma ocorrência que é diferente das vividas normalmente nesses aplicativos. É pela relação com o imaginário e os sentidos que os sujeitos decidem se algo que ocorreu com eles nos aplicativos pode ser considerado inusitado e interessar ao portal de notícias.

Ao trabalharmos com o *corpus* composto por materiais jornalísticos, interessou-nos compreender melhor a circulação e a produção dos textos jornalísticos, para tanto, observamos o lugar no qual eles foram publicados, analisando a seção jornalística escolhida para a publicação de alguns materiais:

¹⁶⁴ Aguiar, M. (2013, 05 de março). Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/fuja-de-ciladas-na-hora-de-se-encontrar-com-alguem-do-grindr.html>

Tabela 1 - Relação entre textos jornalísticos e seção de publicação

Texto jornalístico	Seção em que o texto foi publicado
Aplicativo de relacionamentos GLS 'Scruff' investe no Brasil (G1 – 29/11/2013)	Tecnologia e Games
Apps de paquera viram hit entre pessoas que buscam relações casuais (Folha de S. Paulo – 24/02/2013)	F5 – O site de entretenimento da Folha
GPS e redes sociais turbinam serviços de paquera (Folha de S. Paulo - 20/11/2010)	Negócios
Governo cria perfis falsos em aplicativos para combater a Aids (Portal G1 – 09/02/2015)	Ciência e Saúde
Por que bares gays estão fechando as portas em Londres? (Portal IG – 31/08/2015)	IGay

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

Observamos a pluralidade de espaços nos quais são noticiadas as matérias sobre os aplicativos de relacionamento e os sujeitos-*gays* dentro da estrutura jornalística. As designações sobre o que são essas ferramentas, os sujeitos que utilizam esses serviços e como ocorre essa relação são apresentadas em inúmeras áreas. A inscrição ocorre no lugar de discussão de Ciências e Saúde, Economia, Entretenimento, Tecnologia e assuntos LGBT, o que coloca em jogo a multiplicidade de possibilidades da abordagem acerca dos assuntos atrelados ao universo *gay* nos espaços jornalísticos do Brasil.

A memória sustenta determinadas abordagens acerca dos aplicativos, como a produção de materiais que envolvam a questão dos riscos relacionados à contaminação com as DST, principalmente a infecção pelo HIV e o desenvolvimento da AIDs. A associação entre doenças sexuais, a homossexualidade e os sujeitos-*gays* não é uma novidade (Soares, 2006, 2007), trata-se de uma memória que resiste, com diferenças nas abordagens realizadas em períodos anteriores, mas que ainda está presente.

Mott (1996) e Soares (2006) ressaltam como os sentidos acerca dos homossexuais na imprensa brasileira, na década de 1980, eram negativos, restritos as discussões do campo médico e policial. Essas eram as seções nas quais os dizeres sobre os *gays* e a homossexualidade apareciam para o público leitor dos espaços de imprensa do Brasil, produzindo abordagens e sentidos negativos sobre eles e sua orientação sexual, inscritos como criminosos, desviados e doentes. Compreendemos que isso mudou, ao pensarmos nas abordagens realizadas na atualidade e observadas no nosso *corpus*, alterações que

compreendemos que são relacionadas às novas posições e relações do sujeito-gay na sociedade.

Atualmente, o *gay* é falado em uma infinidade de áreas dos espaços jornalísticos, abordado em sua capacidade de consumo, como grupo que possui renda, vinculado às inovações técnicas e às TIC, inscrito de forma positiva em inúmeros textos jornalísticos. Também temos a possibilidade de um lugar exclusivo para assuntos e matérias para os homossexuais, algo que inscreve marcas de importância, compreendendo que não é qualquer público ou grupo que possui um espaço segmentado dentro de um grande espaço de notícias, como é o caso do portal IG, com o “iGay”. Novos discursos e sentidos sobre os *gays* são produzidos na relação com as mudanças das condições de produção sócio-históricas vividas nas últimas décadas e que são refletidas nas abordagens dos espaços jornalísticos do país e do mundo.

Algo, ao ser enunciado como acontecimento jornalístico, passa a ser considerado de interesse do nós, da população em geral. É interessante pensar esse efeito produzido pelo que é inscrito nos espaços da imprensa, com a obtenção da condição de algo com *status* de interesse de todos (Dela-Silva, 2011). Salientamos, conforme estabelecem Romão & Pacífico (2007), que temas polêmicos são silenciados nos espaços de produção das notícias no cotidiano, por serem identificados como de pouco interesse por parte da população ou do próprio espaço jornalístico. Essa antecipação do que pode ou não ser falado no espaço jornalístico é atravessado pelas formações imaginárias, por movimentos de antecipação formulados por esses espaços sobre eles e os seus leitores, bem como de interesses econômicos e políticos ali envolvidos. O discurso jornalístico procura evidenciar um processo de inscrever as informações que são apresentadas como verdades absolutas, mas isso é ilusório, já que a neutralidade e a transparência da linguagem não são possíveis (Mariani, 1998; Soares, 2006, 2007). Assim, materiais que abordam os sujeitos-gays e os aplicativos de relacionamentos por eles utilizados são identificados como interessantes para serem expostos nos espaços jornalísticos. Vejamos outros excertos do nosso *corpus*:

**[R58] Aplicativos de relacionamento no celular viram febre entre os jovens
Nova modalidade de paquera está na palma da mão. (IG – 07/09/2013)¹⁶⁵.**

[R59] Está difícil sair da 'seca'? Não há motivo para desespero: sem axé, trio elétrico ou multidões pulando freneticamente, uma verdadeira micareta digital pulsa mundo afora no ritmo da revolução tecnológica. Mais moderninho do que nunca, o cupido, agora, lança as

¹⁶⁵ O Dia. (2013, 07 de setembro). Aplicativos de relacionamento no celular viram febre entre os jovens. *O Dia*. Recuperado de https://odia.ig.com.br/_conteudo/diversao/2013-09-07/aplicativos-de-relacionamento-no-celular-vm-febre-entre-os-jovens.html

flechas em direção aos celulares dos candidatos a pombinhos. É a febre dos aplicativos de relacionamento como Tinder, Grindr, WeChat e Skout. (IG – 07/09/2013)¹⁶⁶.

Ao enunciar que os aplicativos de relacionamento são uma “febre entre os jovens” a reportagem destaca o modo como essa “nova modalidade de paquera” instaura outros gestos de promoção de relacionamentos, com o foco nos “jovens”. Esse modo de entender os aplicativos de relacionamento como lugar dos “jovens” é recorrente em nosso *corpus*, não apenas entre o público *gay*, mas também nas plataformas muito usadas pelos heterossexuais, como o “Tinder”. Um lugar de pertencimento em que os jovens seriam, por direito, os legítimos sujeitos desses espaços da materialidade digital, nos quais, a paquera é uma realidade, acontece continuamente e marca uma forma do laço com o outro ser produzido na contemporaneidade, com foco na obtenção do amor, amizades e do sexo casual.

Com a sustentação de um discurso que entende os aplicativos de relacionamento como lugar dos jovens, a temática da possibilidade de encontrar parceiros ganha destaque. Um lugar para encontrar o que se deseja, no qual a certeza do encontro do que se quer é uma realidade, em que “sair da ‘seca’” é algo certo, preciso. Estabelecer relações é postulado como algo simples, não é mais necessário entrar em “desespero”, já que a tecnologia é compreendida como lugar de resolução desse tipo de questão, basta acessar os aplicativos e aproveitar as oportunidades oferecidas. A solução “está na palma da mão”, literalmente, já que ao toque da tela as opções são dispostas e a interação ocorre.

Neste discurso, o comparativo é mobilizado para pensar os aplicativos de relacionamento e é pela via da memória que a significação é apresentada: a eficiência para encontrar alguém é tamanha, que cabe a comparação com a festa do Carnaval e a facilidade com que é possível encontrar um parceiro para algo ocasional e rápido. No espaço do “axé”, “trio elétrico” e “multidões pulando freneticamente”, relacionados ao Carnaval, é que as relações são identificadas como facilitadas e a possibilidade de encontrar parceiros para algo casual é uma realidade. A memória permite a sustentação dessa inscrição.

É a saturação que assegura a possibilidade das escolhas nos aplicativos, pela estruturação em bancos de dados é que é possível encontrar muitas opções, uma verdadeira multidão está ali, organizada e estruturada de modo prático, ao toque da tela. Com as redes do ciberespaço, não existe a limitação de ter de esperar por uma data específica, como o

¹⁶⁶ O Dia. (2013, 07 de setembro). Aplicativos de relacionamento no celular viram febre entre os jovens. *O Dia*. Recuperado de https://odia.ig.com.br/_conteudo/diversao/2013-09-07/aplicativos-de-relacionamento-no-celular-viram-febre-entre-os-jovens.html

Carnaval, ou ir a um local demarcado para assegurar o contato com uma quantidade significativa de sujeitos interessados em relações, sejam elas heterossexuais ou homossexuais.

As transformações em decorrência da “revolução digital” marcam novas formas para estabelecer relações amorosas, nas quais, a rapidez é elemento essencial. Trata-se de algo que passa a constituir os processos e as relações do campo amoroso, algo compreendido como parte da modificação da nossa sociedade e que produz alterações no modo como os “candidatos a pombinhos” encontram romance e sexo. Como espaço de “paquera”, os aplicativos são atrelados a símbolos relacionados ao universo do amor, como “o cupido” com as suas “flechas” e os “pombinhos”, o que enfatiza essas ferramentas como lugares vinculados à promoção dos encontros, mas modernizados pelas estruturas das redes de sociabilidade, o que torna a atualizar os sentidos sobre esses significantes, inseridos em uma estrutura considerada moderna, na qual, a disponibilidade é dada pela presença *on-line*. Outra praticidade envolvida, é que não é necessário estar *on-line* o tempo todo para receber mensagens, pois elas podem ser enviadas e respondidas posteriormente, o que insere o sujeito em uma conexão constante, na qual, sua presença é posta em cena por meio do seu perfil e é contínua, permanecendo ali até que a conta seja desativada completamente.

Pensar a rapidez envolve considerar as novas dinâmicas no contexto sócio-histórico e as condições de produção outras as quais os sujeitos estão relacionados com as TIC. O sujeito estabelece novas relações com o tempo e com a velocidade. A demanda e a dinâmica da agilidade, presentes nos processos de produção das mercadorias, do consumo e do descarte, também são observadas nas relações possíveis do universo dos encontros amorosos e sexuais. É pela rapidez que “sair da seca” é uma realidade que proporciona ao sujeito encontrar parceiros de modo prático, de acordo com os seus interesses. Também é simples e prático romper qualquer elo com algum contato indesejado ou usuário que não atraia o seu interesse, pois basta bloquear o contato, descartando qualquer possibilidade de relação com aquele indivíduo.

Diante das facilidades na produção de relações entre os sujeitos, o espaço jornalístico destaca como o sexo ganha espaço e é apresentado como algo banal nas relações presentes entre os usuários dos aplicativos, inclusive, na realização do que é compreendido como “fantasias”. Vejamos o material do *corpus*:

[R60] **Apps ajudam a realizar fantasias como ménage, swing e sadomasoquismo** (IG – 07/09/2013)¹⁶⁷.

O trecho selecionado corresponde ao título do texto publicado na página do *site* de notícias IG. O substantivo feminino “fantasias” é utilizado e marca o sexo como plural, passível de ser pensado de forma múltipla, identificado como capaz de produzir prazer e desatrelado de uma compreensão romântica. São os aplicativos que “ajudam” a tornar o que é fantasia em realidade, com práticas como o “ménage, swing e sadomasoquismo”, compreendidas como conjunto de possibilidades alcançadas em um universo amplo, com uma série de práticas sexuais existentes e possíveis, mas que não eram tão simples de serem obtidas antes dos aplicativos.

Em nosso *corpus*, o sexo é continuamente classificado. Classificações produzidas entre o que é o sexo compreendido como seguro, resguardado pelo uso do preservativo e outros recursos tecnológicos, e o não seguro, com práticas compreendidas como perigosas em interpretações produzidas por órgãos institucionais vinculados a espaços da saúde. No entanto, outras divisões são produzidas na abordagem do sexo, como podemos pensar com o próximo recorte discursivo, em que temos aquele que é compreendido como “ousado” e que é da ordem das “fantasias”, difícil de ser realizado e que os aplicativos têm facilitado o encontro de interessados, sexo que não ocorre sempre ou não é inscrito como da ordem do rotineiro, por isso, é posto na ordem do imaginário, do que pode ocorrer, mas que não é algo do gosto de todos, por isso, específico, difícil de ser obtido. Práticas como o “ménage, swing e sadomasoquismo” são definidas como “práticas sexuais mais ousadas”. No próximo recorte diz que:

[R61] **Dificuldade de encontrar parceiros para práticas sexuais mais ousadas foi reduzida com surgimento de aplicativos; ferramentas tornam a busca mais objetiva e discreta.** (IG – 07/09/2013)¹⁶⁸.

Questionamos como é naturalizado que determinadas práticas no campo sexual sejam classificadas como “ousadas”, enquanto outras não, identificadas como comuns, rotineiras. A reportagem aborda um novo aplicativo, o “3nder”, que “reúne casais e solteiros interessados em se divertir em trio”, a diversão é possível pelo sexo a três, por um tipo de relação que é compreendida como incomum e que não é realizada diariamente. Não trabalharemos com a

¹⁶⁷ IG. (2015, 15 de abril). Apps ajudam a realizar fantasias como ménage, swing e sadomasoquismo. *IG*. Recuperado de <http://delas.ig.com.br/amoresexo/2015-01-27/apps-ajudam-a-realizar-fantasias-como-menage-swing-e-sexo-em-publico.html>

¹⁶⁸ IG. (2015, 15 de abril). Apps ajudam a realizar fantasias como ménage, swing e sadomasoquismo. *IG*. Recuperado de <http://delas.ig.com.br/amoresexo/2015-01-27/apps-ajudam-a-realizar-fantasias-como-menage-swing-e-sexo-em-publico.html>

análise desse aplicativo, mas chama nossa atenção, como os aplicativos de relacionamento são falados e o Grindr também é retomado ao longo dessa reportagem, mobilizado e apresentado como exemplo de ferramenta voltada para os *gays* e que facilita a possibilidade do sexo rápido, mas também, do “ousado”.

Promover a facilitação do encontro é um sentido recorrente nas abordagens sobre os aplicativos de relacionamento, principalmente no que diz respeito ao sexo casual. A praticidade para “encontrar parceiros” é apresentada como uma vantagem oferecida por esse invento tecnológico, permitindo uma “busca mais objetiva e discreta”, o que facilita a vida de quem procura por relações sexuais, inclusive, os que desejam realizar “fantasias” e práticas “ousadas” no campo sexual.

A discrição e a sua necessidade são marcas recorrentes ao analisarmos os textos sobre esses programas, considerando que a sua valorização se dá pela sua identificação como capaz de permitir o sigilo de quem procura por sexo, inclusive as práticas consideradas “ousadas”, proporcionando que haja a idealização da proteção da identidade dos sujeitos que procuram por esse tipo de sexo. No entanto, sabemos que essa compreensão é meramente ilusória, já que o anonimato não pode ser assegurado e a descoberta do que o sujeito faz ou procura ali é sempre possível e pode ser até divulgada. O tecnológico permitiria a realização das vontades dos sujeitos, por meio de uma estrutura que promove a facilitação no encontro do que se deseja, com a objetividade necessária para evitar percalços ou no investimento em parceiros que não atendam aos interesses das suas fantasias.

No espaço jornalístico *on-line*, observamos a valorização do processo de relação entre os textos ali publicados por meio do uso de *links*, relacionando materiais e direcionando os sujeitos para outros textos identificados como passíveis de despertarem o seu interesse de leitura. Esse processo estabelece diálogo com os discursos sobre o ciberespaço, sua compreensão como ausente de furos e a possibilidade de não saturação dos espaços ali existentes, como se sempre fosse possível um novo *link* ou nó, em uma estrutura identificada como sem fim. Aqui, exemplificamos esse ponto com o recorte discursivo abaixo, obtido da página na qual o texto “Apps ajudam a realizar fantasias como ménage, swing e sadomasoquismo” foi publicado, marcando como as relações de conexão de *links* são constantes na materialidade digital, principalmente ao pensarmos na constituição dos espaços jornalísticos, no qual esse recurso é usual:

[R62] **Mais: Transar com estranho e em lugares ousados:** pesquisa mostra **fantasias populares**. (IG – 07/09/2013) ¹⁶⁹.

O recorte discursivo constitui um *link* no texto da reportagem, permitindo o acesso a outros materiais que são compreendidos como relacionados a esse e postos ali por compreenderem que podem interessar aos leitores. Em construção, uma rede de *links* que propicia a conexão e a costura entre os textos que versam sobre temáticas compreendidas como próximas, já que essa relação não é automática, mas fruto de uma interpretação.

Foi recorrente observarmos nos textos analisados marcas como “leia também”, “saiba mais” ou “mais”, como no excerto acima. O uso do advérbio “mais” ressalta a noção de que é possível encontrar outros textos jornalísticos capazes de interessar aos que tenham gostado do assunto ali abordado, o que inscreve a possibilidade de obter mais informações, em um processo que conecta os textos de acordo com os assuntos discutidos e expõe como o espaço jornalístico marca sua identificação como lugar sem fim para a produção e acesso a reportagens produzidas sobre os mais variados assuntos.

No texto analisado, a discussão sobre práticas sexuais consideradas “ousadas” e fantasias sexuais leva a indicação de um texto que aborda o sexo com “estranhos” e em “lugares ousados” como parte das “fantasias populares”, o que estabeleceria a relação com o texto em questão, inscrevendo sua leitura como possível de interessar ao sujeito-leitor, relação constituída pelas formações imaginárias e a identificação da naturalização de que esses assuntos possuem leitores similares, por isso, seria lógico indicar como leitura o *link* desse texto.

Diante do sucesso dos aplicativos de relacionamento, os espaços jornalísticos produzem textos que visam a auxiliar os sujeitos na utilização dessas ferramentas, com uma série de dicas que prometem ajudar no sucesso na busca por parceiros e evitar riscos ou erros na abordagem dos possíveis pretendentes, como nos recortes discursivos 53, 54 e 59. Nos chama a atenção o modo como os espaços jornalísticos preocupam-se com a produção desse tipo de material para os sujeitos-*gays*, identificados em uma posição de necessários no contexto atual e capazes de orientar quem os acessa.

Continuamos nossa atividade de trabalhar com recortes discursivos que refletem sobre esses direcionamentos por parte dos textos jornalístico, analisando uma publicação jornalística que apresenta a elaboração de uma lista de tipos de homens *gays* que devem ser evitados ao

¹⁶⁹ IG. (2015, 15 de abril). Apps ajudam a realizar fantasias como ménage, swing e sadomasoquismo. *IG*. Recuperado de <http://delas.ig.com.br/amoresexo/2015-01-27/apps-ajudam-a-realizar-fantasias-como-menage-swing-e-sexo-em-publico.html>

longo das relações estabelecidas na “paquera online”, que incluem os aplicativos de relacionamento, caso o foco seja “um parceiro para a vida”. Vejamos:

[R63] **10 caras para evitar se você procura sua alma gêmea em sites de relacionamento** (IG – 22/03/2015)¹⁷⁰.

[R64] O **Kindagay blog** (“blog meio gay”, ou algo assim), americano, fez uma **lista de motivos para desistir de uma paquera online**. Já sabemos que o mundo dos **relacionamentos virtuais é habitado por muitos gays, em busca do verdadeiro amor – ou de pura e descomprimissada diversão**. Se o seu caso é o segundo, pode desconsiderar das dicas, ou todas elas. **Mas se você está procurando um parceiro para a vida, é importante reconhecer os sinais de que sua busca ainda não chegou ao fim.** (IG – 22/03/2015)¹⁷¹.

No título da reportagem a indicação de que ali teremos a apresentação de um direcionamento com os “10 caras para evitar se você procura sua alma gêmea em sites de relacionamento” em que são apresentados os tipos de homens aos quais cabe “evitar” para que não haja problemas no encontro do homem adequado para iniciar uma relação séria. A apresentação de um número exato (“10 caras”) trabalha com a idealização de um limite que assegura ao sujeito-leitor a certeza de que existe uma quantidade exata a ser considerada de homens aos quais não vale a pena insistir e investir, o que permite delimitar e saber exatamente quais devem ser descartados de qualquer iniciativa de aproximação, evitando riscos de decepções ou relações com homens que não são identificados como cabíveis de serem classificados como “alma gêmea”, já que o interesse é por algo sério. Novamente, o discurso e os espaços jornalísticos inscrevem seus dizeres e estabelecem marcas de referência e conhecimento sobre a abordagem de um assunto, no caso, capazes de orientar no encontro do homem que é ou não adequado para quem busca por algo sério, como casamento ou namoro.

A reportagem reproduz elementos da postagem de um texto de um *blog*, o “Kindagay”, no qual são listados os “motivos para desistir de uma paquera online”, compreendendo que existem “sinais” que permitem que se saiba se é o momento para continuar a investir ou não em um rapaz encontrado nos aplicativos, caso o interesse seja no encontro do “verdadeiro amor”. A produção de um texto jornalístico, com base na postagem de um *blog gay*, compreende uma estrutura que liga os diferentes espaços discursivos no contexto do ciberespaço, com a identificação da posição de referência do *blog* ao abordar esse assunto e

¹⁷⁰ IG. (2015, 22 de março). 10 caras para evitar se você procura sua alma gêmea em sites de relacionamento. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-03-22/10-caras-para-evitar-se-voce-procura-sua-alma-gemea-em-sites-de-relacionamento.html>

¹⁷¹ IG. (2015, 22 de março). 10 caras para evitar se você procura sua alma gêmea em sites de relacionamento. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-03-22/10-caras-para-evitar-se-voce-procura-sua-alma-gemea-em-sites-de-relacionamento.html>

de sua validade para ser fonte da construção de uma reportagem de um grande portal de notícias do Brasil.

Os direcionamentos e dicas sobre relacionamentos *gays* estabelecidos na estrutura digital ocupam lugar nos interesses dos espaços jornalísticos. Esses direcionamentos são identificados como válidos de serem abordados e esmiuçados na contemporaneidade, fornecendo um verdadeiro guia das características que o possível parceiro não pode possuir, pois não correspondem as marcas de quem é apto a ser o “verdadeiro amor”. A busca pelo “amor”, por encontrar a “alma gêmea” estaria atrelada a homens que se encaixam em padrões que, supostamente, asseguram a sua identificação como candidatos adequados para algo sério, marcas que são produzidas pela relação com a memória e com o imaginário de que é possível pré-definir quais os requisitos necessários para que um homem seja considerado ou descartado para essa posição.

Pela indicação do que o homem não pode ser, é que a reportagem expõe aquele que pode ser identificado em uma categoria de relação séria, na qual, o campo do amor pode ser pensado, projetado, com a tecnologia ocupando o papel de promotora de encontros e relacionamentos sérios. A apresentação das diretrizes e recomendações por parte do espaço da imprensa visa a dar um norte para os sujeitos-leitores e que são usuários dos aplicativos, com indicações sobre os meios para encontrar o par exato para a vivência do “verdadeiro amor”.

O texto jornalístico não circula de modo aleatório no espaço jornalístico, há a interpretação e o imaginário do interesse que determinado assunto possui para que seja publicado. Um jogo entre o que pode ou não ser dito. Nesse sentido, falar sobre como empreender adequadamente a busca por relações sérias no universo *gay*, no uso das estruturas do ciberespaço, o que inclui os aplicativos de relacionamentos, é algo que circula como uma necessidade no espaço jornalístico, compreendido como relevante e que possui um nicho, um público ávido por esse tipo de informação e crente em sua utilidade. O valor dado à informação na atualidade permite pensar a relevância do espaço jornalístico nas relações cotidianas dos sujeitos e na produção de uma série de listagens, como as analisadas ao longo do trabalho.

A produção de direcionamentos está ligada ao fato dos aplicativos de relacionamento, como parte dos mecanismos de promoção de encontros na materialidade digital, ser um local “habitado por muitos gays” o que marca uma série de interesses envolvidos na procura por parceiros, seja para “pura e descompromissada diversão” ou na busca pelo “verdadeiro amor”, essa grande quantidade de usuários é inscrita como capaz de produzir dificuldades no

encontro desse parceiro que procura por algo sério, por isso, a justificativa para a publicação desse tipo de texto.

O texto em questão trata do oferecimento de ajuda que permita ao sujeito-*gay* que lê essa reportagem investir em algo certo para conseguir o tipo de relação que deseja, ou seja, “séria”. A função da imprensa permitiria a economia de tempo por parte de quem quer um norte, evitando que haja erros ao consultar esses direcionamentos. É na naturalização da sua posição de detentora e produtora do conhecimento, que a imprensa atua com a produção dos textos jornalísticos como o do recorte discursivo 64, em que reafirma essa relação imaginária de referência na condução do sujeito com base nas informações ali apresentadas.

Estabelecemos um recorte de dois trechos sobre esses homens identificados como não capazes de serem considerados donos de um perfil de parceiro interessante para estabelecer relações a longo prazo, são os pontos: 1, com o subtítulo “ele destrói o português” e 3, intitulado “o cara só pensa em sexo”. Outros pontos como os *gays* homofóbicos, homens que não são independentes financeiramente e que interagem pouco também são apresentados entre esses dez pontos listados e discutidos ao longo do texto. Esses são os homens identificados como não adequados para que haja o investimento em algo que pretenda um vínculo romântico e com o foco em uma relação séria, de modo que a interpretação apresentada inicialmente em um *blog*, e agora, traduzida e replicada no texto jornalístico é posta como verídica, acertada e identificada na posição de capaz de assegurar ao sujeito uma escolha adequada, caso esteja em busca de uma relação séria. Salientamos que o recorte de dois tópicos se justifica em decorrência da extensão do material. Vejamos o ponto 1:

[R65] **1. ELE DESTRÓI O PORTUGUÊS**

Seu pretendente diz "concerteza" ou vai direto demais ao assunto e diz tudo pela metade, tipo "vm encontrar para fd"? Sinal de alerta! No mínimo ele não está sendo cuidadoso e levando a sério a possibilidade de que o encontro resulte em um relacionamento sério. No máximo ele é grosseiro e ignorante. (IG – 22/03/2015)¹⁷².

No ponto 1, o domínio da norma culta é condição essencial para caracterizar a adequação do possível pretendente como alguém que seja identificado em uma relação séria. O uso do que é compreendido como inadequado no campo da gramática é justificativa para eliminar o outro homem para um compromisso sério. A inadequação no uso da norma culta (“concerteza”) ou a mobilização de abreviações de palavras inteiras (“fd” e “vm”) são

¹⁷² IG. (2015, 22 de março). 10 caras para evitar se você procura sua alma gêmea em sites de relacionamento. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-03-22/10-caras-para-evitar-se-voce-procura-sua-alma-gemea-em-sites-de-relacionamento.html>

apresentados como indícios de “alerta” para o interlocutor, compreendidos como sinais de um homem que é incapaz de estar comprometido para viver um “relacionamento sério”.

A idealização de uma língua correta, marca a naturalização dos gestos de separação entre os que dominam a norma identificada como adequada para a Língua Portuguesa e o restante que inclui o pretendente que “destrói o português”, por isso, identificado como “grosseiro” e “ignorante”. Percebem-se algumas observações sobre o modo como o não domínio dessa língua idealizada como correta, precisa e pura inscreve o possível pretendente como não digno do amor, incapaz de ser levado a sério ou ser a “alma gêmea”. Não importa os possíveis outros predicados desse homem, já que o fato de, supostamente não saber usar adequadamente a língua portuguesa o coloca como incapaz, já descartado como alternativa para um “relacionamento sério”, em um processo que associa o domínio da norma culta da língua, sua polidez e o grau de instrução formal.

A rapidez que constitui os processos de troca de mensagens é uma característica dos processos de interlocução no ciberespaço, inclusive, o uso de abreviaturas de palavras e do internetês ganham destaque, mas no trecho analisado, são apresentados outros sentidos para esses processos que são relacionados ao não comprometimento e a falta de interesse em algo sério.

O domínio das regras gramaticais é significado como elemento de mensuração do grau de inteligência do possível parceiro. É pelo uso da escrita que o contato é estabelecido nos aplicativos, desse modo, é posto como fácil descobrir se o sujeito com o qual se está em contato é capaz de ocupar essa posição imaginária de sujeito que domina a língua portuguesa, seja nas trocas de mensagens ou no texto apresentado no seu perfil. O próximo ponto analisado abarca a questão do sexo:

[R66] 3. O CARA SÓ PENSA EM SEXO

Claro que sexo é uma parte importantíssima das relações, mas se todos os comentários do seu pretendente têm a ver com sexo, tudo o que ele posta é erótico e explícito, tudo indica que ele está procurando apenas diversão. Se ele te perguntar suas preferências sexuais já na primeira conversa, passa para o próximo. (IG – 22/03/2015)¹⁷³.

O sexo é apresentado de forma negativa, marcas atreladas ao “erótico” ou ao que o deixe “explícito”, funcionam como alerta de que o interlocutor não merece ser considerado como possível pretendente, já que o seu foco não é algo sério, mas sim, apenas “diversão”, pois “só pensa em sexo”. Existe a identificação da necessidade do desligamento do interesse

¹⁷³ IG. (2015, 22 de março). 10 caras para evitar se você procura sua alma gêmea em sites de relacionamento. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-03-22/10-caras-para-evitar-se-voce-procura-sua-alma-gemea-em-sites-de-relacionamento.html>

sexual para que o pretendente seja considerado apto, qualificado para uma relação séria. Nesta direção, temos outros significados sobre o sexo e tornar explícito o interesse por parceiros para esse fim. O parceiro que busca o sexo é posto em uma categoria de inadequação e deve ser descartado. Os próprios aplicativos usados pelos *gays* deixam de ser valorizados por assegurarem a facilidade na exploração do sexo, dos mais variados tipos, já que o seu uso passa a ser direcionado apenas para o fim romântico.

O foco não é o sexo como “diversão”, algo possível e relatado em inúmeros recortes do nosso *corpus* no uso dos aplicativos pelos sujeitos-*gays*. Temos uma deriva que marca a impossibilidade de um homem que procura o sexo como divertimento ser considerado adequado para uma relação séria. Novamente, o ideológico e seu funcionamento marcam a idealização de uma naturalização do que pode ou não ser dito para um homem ser identificado como apto para uma possível relação amorosa. Aqui, o sexo fácil funciona como meio de desqualificação do sujeito.

Observemos que a negatividade do/sobre o sexo perpassa a constituição dos sentidos sobre o par ideal nessa reportagem. Uma compreensão que identifica a inadequação sobre o sexo, com julgamentos morais que levam a sugestão do descarte de um homem que “só pensa em sexo” ou que aborda as “preferências sexuais já na primeira conversa” em decorrência de uma identificação da impossibilidade que esse sujeito deixe esse lugar e ocupe o espaço romântico, com o foco no amor. Uma cisão que inscreve o amor e o sexo como pontos distintos e os que estão filiados na busca de sexo não poderiam ocupar o lugar de quem deseja o amor. O sexo é apresentado como parte “importantíssima das relações”, mas ele possui momento adequado para ser vivenciado, que é apenas em relações sérias.

A facilidade em estabelecer conexões nos aplicativos assegura a simplicidade em abandonar o contato com o usuário que não esteja interessado em algo sério e passar “para o próximo”. É na conjuntura do excesso, da quantidade de usuários disponíveis nos aplicativos que a lógica da possibilidade de descartar os contatos que não satisfaçam os critérios para encontrar uma relação séria é realidade.

A produção jornalística passa por mudanças importantes nas últimas décadas, relacionadas aos processos envolvendo o seu funcionamento no ciberespaço, modificando os modos como o acesso, arquivamento, compartilhamento, leitura e a produção das informações ocorrem. Mudanças que não são apenas de suporte, mas envolvem outras condições de produção e sentidos (Payer, 2005; Romão, 2005a, 2005c, 2006). Na contemporaneidade, a relevância dos espaços jornalísticos cresce com a valorização da informação e sua identificação como insumo essencial aos sujeitos da nossa época, o que naturaliza sentidos da

importância de estar atualizado, o que demanda a conexão e o contato contínuo com os materiais jornalísticos, em especial, os produzidos no ciberespaço.

Consideramos que os espaços jornalísticos (con)textualizam o presente e produzem efeitos no modo como os sujeitos significam na contemporaneidade e a memória é produzida. Trabalhar com os textos jornalísticos nos permite atuar com esses sentidos e observar que a produção dos seus materiais funciona como indicio das mudanças que acompanham o contexto sócio-histórico, por exemplo, ao pensarmos na abordagem realizada sobre os sujeitos-*gays* na atualidade nesses espaços e suas diferenças com outras abordagens ao longo da história, por exemplo, na realizada por Soares (2006) ao focar sua análise em recortes de publicações da década de 1980.

Nesse sentido, a produção de materiais jornalísticos funciona como indicio das mudanças que acompanham o contexto sócio-histórico. Identificamos que o enfoque dado aos sujeitos-*gays* e a abordagem dos aplicativos usados por eles para encontrar relações não são aleatórios, estabelecem diálogo com as mudanças inscritas nas condições de produção atuais, em que esses sujeitos são importantes para a estrutura do capitalismo, como grupo privilegiado de consumo, o que interfere na produção de sentidos e nas abordagens realizadas sobre eles.

A abordagem dos discursos e espaços jornalísticos sobre a relação dos sujeitos-*gays* e essas tecnologias destaca os modos como esses contatos ocorrem, fornecem uma série de direcionamentos ao sujeito e relatam a importância desses aplicativos dentro de um contexto econômico e de inovação. Um sujeito em mudança nas formas como realiza processos de sociabilização, por meio de três programas criados para eles e que funcionam estabelecendo a facilidade na produção de contatos, resultado da atuação de empresas que prestam esse serviço e lucram com a sua realização.

No próximo capítulo, temos a apresentação de algumas considerações acerca das nossas leituras sobre a homossexualidade e os aplicativos estudados. Procurando entender o modo como determinados sentidos são postos em circulação e o modo como a memória afeta esse processo. Identificamos a necessidade de abordar e pensar a historicidade envolvida nesse processo, salientando que atuamos com alguns pontos que ressoam na constituição da memória e dos sentidos sobre esses sujeitos.

Capítulo 3

A memória do/para dizer: o sujeito-gay e os aplicativos de relacionamento em discurso

Desenho do artista Jean Julien

Fonte: <https://www.jeanjullien.com/work-168-secret-7.html>

O solo da paixão não dura mais
que um dia antes de afundar, não mais
que esta noite ou esta noite e um dia
e o clarão da noite antes de amargar.

Um dia solar eu vou lhe entregar:
Que ela seqüestre o mundo por um dia
(um dia só será que já vicia?)
Depois devolva tudo: terra céu e mar.
(Cicero, 1997, p. 45).

Neste capítulo, apresentaremos considerações acerca da memória sobre a homossexualidade e os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays*. Consideramos relevante abordar como os sentidos são constituídos sócio-historicamente, o que permite pensar nos processos de circulação dos discursos nos espaços jornalísticos *on-line* acerca dos sujeitos-*gays* e dos aplicativos de relacionamento utilizados por eles.

Dividimos este capítulo em duas partes: i) com o foco na abordagem acerca da homossexualidade e do modo como o sujeito-*gay* tem sido identificado ao longo do tempo, observando, na atualidade, mudanças que compreendemos como atreladas ao seu espaço na sociedade de consumo. Não nos ocupamos com a mera historiografia de dados históricos. Nosso interesse é pensar as relações entre os discursos na formação da memória; e ii) no trabalho com uma apresentação acerca do que são os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays*, interessados em produzir uma revisão bibliográfica acerca desse assunto no campo científico nacional e internacional.

3.1 A memória sobre o sujeito-gay: inscrições sócio-históricas

Compreendemos que a sexualidade não é um assunto restrito ao plano das discussões biológicas ou das questões privadas, pois interfere nas transformações históricas e sociais, por isso, também é uma questão da ordem do discurso. A sexualidade é uma construção discursiva e sócio-histórica, algo muito além de uma observação de meros estímulos biológicos ou capaz de ser estudada, em sua complexidade apenas por áreas do campo biológico ou da saúde. O termo sexualidade começa a ser usado no século XIX, compreendida como uma questão de interesse coletivo, do político e das estruturas governamentais (Foucault, 1984; Giddens, 1993).

A sexualidade é uma questão discursiva, com processos que envolvem aquilo que é ou não possível de ser falado, as práticas aceitas e os processos de censura e silenciamento que envolvem as relações dos sujeitos com esse campo. Dizer e não dizer relacionado aos diferentes contextos sócio-históricos, as variadas FDs às quais os sujeitos estão filiados ao/para dizer e as condições de produção possíveis em cada período.

O discurso é lugar de poder, marcado por diferenças nos processos de produção e relação com os interlocutores, em que o sujeito é afetado pela ideologia e vinculado a constituição e produção dos sentidos. Pêcheux (2014) marca que o discurso e a língua não permanecem indiferentes às questões das classes sociais, da história e da relação com o

ideológico, já que o indivíduo sempre é interpelado pela ideologia, não existe condição possível de termos o sujeito desatrelado dela. É uma união sem fim.

Em uma relação contínua com os processos de interpretação e produção dos sentidos, o discursivo se impõe como parte do modo com que o sujeito se relaciona com o mundo e isso inclui a compreensão sobre a sexualidade, como ela é e foi interpretada ao longo da história, inclusive, considerando as relações entre pessoas do mesmo sexo. No processo de explicar e nomear as relações entre os homens, são mobilizados sentidos e significações variadas, entre eles, a compreensão de que trata(va)-se de crime, doença, pecado ou, mais recentemente, um direito legítimo. Interpretações distintas atreladas a variadas FDs e momentos históricos que passa(ra)m pela conjuntura do discursivo e nos permitem refletir sobre o modo como essas relações foram significadas ao longo do tempo, processo que une a linguagem, o sócio-histórico, a ideologia e o político (Orlandi, 2004b).

As interpretações produzidas sobre os *gays* são possíveis pela relação com o já-lá, com a inscrição em sentidos disponíveis na relação com a memória do dizer e compreendidos como adequados ou inadequados em determinada FD. Ao interpretar que ser *gay* é pecado, são produzidos sentidos que inscrevem a compreensão de que é algo inadequado e não natural, posto não como sentidos produzidos pelo sujeito, mas como fato inquestionável, cabendo entender essa relação como lógica e óbvia. Nega-se que esse processo seja uma interpretação, já que é naturalizada essa forma de produzir sentidos em determinada FD, tomando como fato evidente essa compreensão de que se realiza uma constatação lógica, não uma interpretação, o que compreende o jogo no qual “o dizer é o próprio fato” (Orlandi, 2007, p. 20).

Não temos o sentido pronto, dado a priori, fixo, nem tampouco é qualquer um (Orlandi, 2004b). Por meio dos rastros deixados, no trabalho com os discursos que nos propomos a pensar os sujeitos-*gays* e os aplicativos de relacionamento por eles utilizados. Pensemos um pouco mais sobre a sexualidade e o modo como alguns sentidos foram mobilizados na abordagem das relações entre homens para estabelecermos nossas reflexões acerca dos sujeitos-*gays*.

Segundo Foucault (1984), o termo sexualidade aparece relacionado ao desenvolvimento de distintos campos do conhecimento, desde os que dizem respeito aos saberes sobre reprodução até aqueles que tratam dos comportamentos sociais, bem como o surgimento de uma série de normas ancoradas em pressupostos variados, desde religiosos até os da área médica. A sexualidade é identificada como constitutiva dos sujeitos nas sociedades modernas do Ocidente.

Desde o século XVIII temos pesquisas tomando o sexo como assunto central, produzindo investigações científicas variadas. Os primeiros pesquisadores começam a discutir a homossexualidade no século XIX, mas era um assunto considerado problemático, tanto, que era comum que pedissem desculpas por abordá-lo. São criados dispositivos para apurar, interrogar e ouvir questões relacionadas ao campo sexual. É por meio dos discursos que ocorre a sua materialização, trabalhado em várias áreas (econômica, jurídica, médica, etc.), permitindo a produção de documentação sobre o tema. Mas é no século XX que o sexo é falado de modo abundante nas mais diferentes áreas, como na Biologia, Demografia, Psicologia, Religião, etc. (Foucault, 1988).

O surgimento da palavra sexualidade possui relação com normas estabelecidas por instituições variadas, como as educacionais, filosóficas, médicas e religiosas, nas quais, os sujeitos são levados a avaliar suas condutas, assim como é atribuído valor aos seus desejos, prazeres e sentimentos. O campo da sexualidade ocidental foi ancorado em sistemas de limites e regras estabelecidos por espaços institucionais, interessados na sua classificação e organização (Foucault, 1984).

Compreendemos que o ato de nomear, com o surgimento de uma palavra específica para o campo do sexual e ligadas a FDs distintas, marca um exemplo do discurso na relação com o sócio-histórico (Pêcheux, 2014). Durante os séculos XVIII e XIX é que o sexo ganha lugar de discussão e possibilidade de ser pensado, produzindo sentidos que resultam na elaboração de documentos em áreas específicas, gerando discursos sobre a sexualidade em campos institucionais diversos, sentidos e gestos de interpretação promulgados como verdadeiros, amparados nos espaços de poder, no que é possível dizer em determinada FD e na relação com a memória, produzindo deslocamentos, mas também repetições. Mudanças que também resultam em alterações nas discussões sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo.

A dominação da sexualidade nas diretrizes impostas pela burguesia é acompanhada de um interesse em falar sobre o sexo, o que produz a contradição entre o ato de falar e de reprimi-lo (Souza, 1997). A repressão afeta, em especial, as condutas sexuais identificadas como erradas e a possibilidade do controle do prazer. Falar de uma forma livre sobre o sexo é algo que produz estranhamentos, principalmente por existir, historicamente, uma compreensão da inadequação de tais processos na linguagem, por isso, a censura e a repressão são usualmente mobilizadas para tentar estabelecer o controle e manifestar o poder institucional (Foucault, 1988).

Na contemporaneidade ocorrem mudanças no modo como a sexualidade é compreendida, inclusive, com novos sentidos sobre a homossexualidade e outras

compreensões sobre os sujeitos-*gays* que inscrevem possibilidades de vivência e relação com a abordagem da sexualidade, novos capítulos na história e demarcações sobre o seu papel (Giddens, 1993). Limites que influenciaram no modo como é possível abordar o assunto sexualidade, como é esperado que seja o comportamento em determinados espaços e/ou situações, como na escola e no trabalho (Weeks, 2015). Pontos como a globalização e as transformações em campos variados, como o comportamento, o consumo e a urbanização, produziram modificações no modo como o sujeito-*gay* é identificado ao longo do tempo (Parker, 2002).

O imaginário sobre o sujeito-*gay* não é o mesmo de outras épocas¹⁷⁴, já que as condições de produção atuais são outras. Atualmente, compreendemos que sua posição privilegiada como consumidor permite outras inscrições de sentidos sobre o *gay* e sobre ser *gay*. O sujeito-*gay* consome e isso é ponto chave na valorização por parte do sistema econômico atual, o que corrobora na constituição e produção dos sentidos. Repetimos que nossa compreensão sobre o sujeito-*gay* está atrelada às classes média e média alta, inserido nas tramas de consumo e pertencente ao universo urbano. Isso faz diferença e permite que esses sujeitos inscrevam outros sentidos que, em diferentes (e outras) condições de produção, não pode(ria)m emergir, já que o modo de inscrever esse sujeito também tem relação com o que é possível no contexto da globalização. A homofobia e os sentidos negativos ainda possuem força e são dominantes em inúmeros espaços, mas mudanças já são passíveis de serem observadas, permitindo a produção e a recorrência de outros sentidos para os sujeitos-*gays* e a homossexualidade.

São muitos os sentidos observados ao longo da nossa relação com o *corpus* analisado. Apresentaremos mais alguns recortes discursivos ao longo deste capítulo. O desejo e o sexo aparecem de inúmeras formas em nosso material. Ao pensarmos o material do *corpus*, observamos como a questão do fetiche, das “fantasias” e das práticas sexuais “ousadas”, discutidos nos recortes discursivos 60 e 61, são retomadas nas abordagens acerca dos

¹⁷⁴ Compreendemos que essa questão também é discursiva, já que as nomeações e os sentidos sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo são deslocados ao falarmos sobre o sujeito-*gay* e o sodomita da Idade Média, falado no campo religioso cristão. São FDs distintas, com outras relações de significação e sentidos, mas que não deixam de estabelecer uma relação de memória que produz repetições e deslocamentos nos processos de significação em condições de produção distintas. O que não impede que haja uma impossibilidade de circulação de sentidos que atrelem o sujeito-*gay* ao campo religioso, marcado como pecador e necessitado de cura espiritual, não compreendendo a sexualidade como múltipla, mas sim, uma única possível (heterossexual) que seria a já-dada, natural, imposta pelo biológico e pelo elemento religioso (Deus). Não raro, enunciados alertando para o pecado da homossexualidade e da condição de erro que os *gays* vivem são apresentados em diferentes espaços e materialidades discursivas, por sujeitos em posições discursivas variadas.

aplicativos de relacionamento voltados para os *gays*. O fetiche é parte de um universo de possibilidades ali existentes, conforme observamos no recorte discursivo:

[R67] Heterossexuais que acessam o Tinder e **gays que tem contas no Grindr ou Scruff**, três aplicativos para celular ou tablets **recomendados** para pessoas que, na maioria das vezes, **procuram por sexo rápido, sabem que a podolatria voltou com tudo**. Mas esses **aplicativos são só um arranhão na superfície** – ou uma cosquinha para fazer as falanges se moverem. Os **verdadeiros fetichistas de pé** estão por toda parte nas **grandes cidades americanas, organizando festas semanais para os prazeres desse tipo especial de adoração**. (Folha de S. Paulo – 25/03/2015)¹⁷⁵.

Na atualidade, as TIC são mobilizadas pelos sujeitos-*gays* e produzem distinções nos modos de estabelecer relações amorosas, sexuais e sociais. Mas não é só isso. As possibilidades de experimentação das fantasias e dos fetiches sexuais também são dimensionadas de novas formas, isso aparece atrelado aos usuários e ao uso dos aplicativos de relacionamento estudados nessa pesquisa (“Grindr” e “Scruff”). Na relação com o fetiche, retomamos os recortes discursivos 60 e 61, nos quais as possibilidades de viver relações compreendidas como “mais ousadas” são facilitadas em decorrência do uso dos aplicativos pelos sujeitos-*gays*, essas ferramentas tecnológicas funcionam como formas de ligação e simplificação do encontro dos que procuram por sexo de todos os tipos, inclusive a “podolatria”, como indicada no trecho analisado.

No excerto, o discurso jornalístico identifica os aplicativos como lugares relacionados ao sexo, a vivência de experiências variadas em que o “sexo rápido” é o grande ponto de atração para os que procuram utilizar essas redes e encontrar parceiros interessados. Desse modo, os sujeitos-*gays* que estão nos aplicativos são postos em uma posição imaginária de que “sabem” sobre as novidades do campo do sexo, o que inclui as “fantasias” e os “fetiches”, entre eles, a “podolatria”.

Ao relacionar os aplicativos de relacionamento e os sujeitos-*gays* que os utilizam ao universo do sexo, a formação imaginária produzida no discurso jornalístico é a de que, ali, as novidades sobre esse tema podem ser encontradas, assim como adeptos das mais diferentes práticas sexuais, o que garante que quem possui interesse em algum tipo particular de experiência pode encontrar interessados entre os usuários dessas redes. Os aplicativos são verdadeiros parques de diversões disponíveis ao toque da tela do celular *smartphone* do sujeito-*gay* que esteja interessado em busca de “prazeres” com outros homens.

¹⁷⁵

Folha de S. Paulo. (2015, 25 de março). Artistas fetichistas ganham exposição em Los Angeles. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1608193-baixo-manchhantan-artistas-fetichistas-ganham-exposicao-em-los-angeles.shtml>

A “podolatria” é identificada como uma prática que está na moda, presente nos aplicativos, visto que sua classificação no campo do “fetiche” inscreve essa realização como atrelada às regiões de sentido que estejam vinculadas ao campo dos “prazeres” e do “sexo rápido”. As práticas sexuais, inclusive as fetichistas, são identificadas como parte do que constitui o espaço urbano, presentes tanto nos aplicativos, como na estrutura *off-line*, presencial, já que acontecem “festas semanais”, em algumas cidades, com o foco na reunião dos “verdadeiros fetichistas de pés”.

Os fetiches fazem parte das práticas sexuais possíveis, sua visualização e publicidade marcam a validade do sexo e as atividades sexuais, como partes do território urbano, das possibilidades de vivência dos prazeres por parte dos sujeitos, seja por meio da estrutura *on-line* ou *off-line*.

Na relação com os aplicativos de relacionamento, observamos a inscrição das atividades sexuais como possibilidades apresentadas no plural, passíveis de serem múltiplas, marcadas pelo ineditismo de novos encontros a cada nova atualização das telas e das diferentes redes, já que o sujeito pode estar no Grindr, mas também no Hornet e no Scruff. A cidade é palco das possibilidades da sexualidade, da vivência do que o sujeito acredita ser do seu interesse, frente a um universo apresentado como sem fim e limites, facilitado pelo uso das tecnologias.

A possibilidade de segmentar buscas nos aplicativos, com o recurso dos filtros serve para produzir a sensação de maior sucesso na realização da procura por um parceiro. Imaginariamente, esses recursos funcionam produzindo os gestos da facilidade, da promoção de que é possível encontrar o que se quer em uma estrutura *on-line*, sem riscos de que nada fique de fora. Diante do imaginário da eficiência da tecnologia e sua ligação com o espaço urbano, do seu funcionamento relacionado às tendências, circulam como sentidos óbvios de que ali, novidades e possibilidades do campo sexual existem, bem como usuários interessados em práticas de todos os tipos.

O processo de anunciar o sexo, com especificações do interesse por um tipo de prática, como é o caso da “podolatria”, seja nos aplicativos ou no espaço dos textos jornalísticos constitui uma outra forma de relação com o sexo e a sexualidade. Trata-se de uma possibilidade de inscrição discursiva que é vinculada à contemporaneidade, ao que é interpretado socialmente como aceito, passível de ser dito e vivenciado. Diferente de outros períodos históricos, em que, a mera enunciação de um fetiche sexual como a “podolatria” ou de práticas que envolvessem relações entre dois homens, seriam motivo de punições severas, já que as relações com a memória e os sentidos e a memória eram distintas das atuais.

Ao elegermos como nosso objeto de observação os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays*, consideramos que é fundamental tocar na espessura do modo como a memória acerca dos *gays* e da homossexualidade circula em nossa sociedade, como sócio-historicamente o sujeito identificado nessa posição foi compreendido como inadequado ao caminhar na oposição de uma identificação de sexualidade que é inscrita como natural, no caso, a heterossexualidade. Sentir desejo pelo sexo oposto foi inscrito como aquilo que é o natural, compreendido como já-dado pela natureza, interpretação que é comumente mobilizada para recriminar relações homossexuais. Soares (2012) ressalta que ser homossexual não é posto como uma opção, mas uma orientação da qual não se pode escolher, já que o desejo e o interesse sexual não são passíveis de serem controlados pelos sujeitos.

Em nosso trabalho, apresentamos o modo como os sentidos sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo, foram constituídos de diferentes formas, com interpretações variadas ao longo do tempo e que isso ressoa na produção de uma memória que constitui os sujeitos-*gays*, seus espaços, as tecnologias utilizadas para e por eles e o modo como isso é significado e representado nos espaços jornalísticos. Sentidos que foram constituídos na relação com o discurso, a história e a memória discursiva.

Sabemos que pensar a história é trabalhar com os equívocos e com uma área que apresenta inúmeras suposições, como salienta Henry (2010). Nos campos das Ciências Humanas e Sociais existe a tentativa de reduzir a história a uma capacidade de representação total dos acontecimentos, funcionando como pano de fundo contextual para ajudar a produzir explicações disciplinares para várias áreas, muitas vezes, com a ilusão de que é possível trabalhar com a história de modo linear. Ledo engano, já que a história, como campo do conhecimento, é área que reproduz interpretações atravessadas pelo ideológico, por cortes e esquecimentos que visam produzir essa aparência de estrutura linear, capaz de apresentar os acontecimentos como fatos naturalmente encadeados, silenciando a tensão do político e do ideológico que são parte dos discursos, sentidos e, também, da história.

É pela ideologia que a história estrutura e atrela suas definições a compreensões definitivas, apresentadas como interpretações legítimas. A história é estabelecida nas relações dos sujeitos com a linguagem, a sociedade e os sentidos, por isso, ela é processo e produto. O sujeito está relacionado ao fazer histórico de maneira inseparável, como também está na produção dos sentidos. A história constitui o homem e ele a história, por isso, ela é pensada em relação ao processo de interpretação e a produção dos sentidos, pois “nisso que consiste para nós a história, nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em

cada caso. Isso vale para nossa história pessoal, assim como para a outra, a grande História” (Henry, 2010, p. 47).

Ao apresentarmos marcas relacionadas à historicidade dos sentidos sobre os *gays* e a homossexualidade, pretendemos destacar o modo como a memória constitui os sentidos, os processos de retomada e esquecimentos que afetam os discursos, os sujeitos e as instituições. Consideramos que as identificações não são já-dadas à priori, mas frutos de interpretações e de sentidos sócio-historicamente constituídos. Tais sentidos ainda estão presentes em nosso cotidiano, mas acreditamos, considerando o trabalho com o material da pesquisa sobre os aplicativos, que mudanças na forma como os sujeitos-*gays* são interpretados já são apresentadas, apesar do preconceito ainda ser uma realidade. Identificamos que essas mudanças de identificação são produzidas a partir das considerações acerca da entrada do sujeito-*gay* como parte importante na estrutura do universo de consumo, desde a década de 1990¹⁷⁶, o que interfere na forma como os sentidos são produzidos acerca desses sujeitos e da homossexualidade.

No Ocidente, a homossexualidade foi nomeada de diferentes maneiras durante a história, como aponta Mott (2001, p. 41): “abominação; crime contra a natureza; pecado nefando; vício dos bugres; abominável pecado de sodomia; velhacaria; descaração; desvio; doença; viadagem; frescura”. O contato com essas denominações nos permite o gesto de interpretação da reprovação da homossexualidade ao longo da história, sentidos que ainda são reproduzidos nas falas de inúmeros sujeitos¹⁷⁷. Os *gays* foram submetidos a uma série de condenações ao longo do tempo, por exemplo, com a adoção da decapitação nas normativas do Imperador romano Constantino; a morte na fogueira ou por afogamento durante a Inquisição Católica; e a morte nos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (Mott, 2001).

Ao longo da história, a homossexualidade foi identificada de inúmeras maneiras. Apresentamos observações acerca dessa constituição de sentidos, que produzem a memória acerca dos sujeitos-*gays*, o modo como podemos pensar os inúmeros sentidos que circulam acerca deles, marcados em sua relação com a historicidade.

¹⁷⁶ Salientamos que no século XX já existiam espaços comerciais específicos para os sujeitos-*gays*, mas foi à partir da década de 1990 que esses sujeitos são compreendidos como importantes peças no mercado consumidor e isso tem papel decisivo na produção de outros sentidos sobre eles.

¹⁷⁷ Os sujeitos-*gays* são reprimidos e objetos de punições variadas em diferentes países do mundo ainda hoje. Destacamos a existência de inúmeras nações nas quais as práticas de multas, prisão, tortura e morte ainda são aplicadas aos homossexuais. Práticas autorizadas na esfera jurídica em 73 países, muitos deles membros da ONU (ILGA, 2016).

Na Antiguidade, especificamente, na Grécia Antiga, a homossexualidade foi compreendida como uma fase de iniciação a vida adulta dos homens, inclusive no aspecto sexual (Borrillo, 2012). Foi uma forma de relação legítima, mas isso não significava que fossem livres, realizadas de qualquer modo, já que existia a regulação dessas práticas de relacionamento, o que nos permite compreender que as tentativas de controle e organização das relações sexuais humanas não são recentes. Bremmer (1995) destaca que não tínhamos casais *gays*, no sentido moderno do termo, mas sim, relações entre homens adultos e rapazes mais jovens, com limites claros entre quem poderia ocupar quais posições no ato sexual, como ativo ou passivo.

Os gregos não atuavam com a categorização de determinadas práticas como normais e outras tantas como anormais, ou patológicas, o interesse não era esse, mas sim, na compreensão da utilidade da sexualidade, a razão para sua realização e a identificação de sua necessidade para o bem-estar do corpo e saúde do homem (Foucault, 1984).

De fato, a noção de homossexualidade é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso. Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. As linhas de demarcação não seguiam uma tal fronteira. A oposição entre um homem temperante e senhor de si e aquele que se entregava aos prazeres era, do ponto de vista moral, muito mais importante do que aquilo que distinguia, entre elas, as categorias de prazer às quais era possível consagrar-se mais livremente. Ter costumes frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que este último caso fosse mais grave do que o outro (Foucault, 1984, p. 167).

A relação sexual, entendida da perspectiva de polaridade entre ativo e passivo, reflete uma dinâmica de funcionamento hierarquizada da sociedade: ser ativo é um papel honrado, valorizado socialmente, marca o domínio do outro, enquanto ser passivo é degradante, pois envolve ser subjugado a outro homem. A posição sexual representava um lugar de poder e prestígio na relação entre os homens, com limites sociais e significados envolvidos nessas relações sexuais. Mobilizamos a noção de ideologia (Pêcheux, 2014) para refletirmos como parece natural essa separação entre os papéis sexuais, das posições possíveis na cama, vinculados a uma lógica divisória: ou se é ativo ou se é passivo. Uma compreensão na qual a penetração seria o ponto alto do ato sexual, demarcando os limites do que se é na relação: homem dominado ou homem dominante.

O papel do passivo era executado pelos escravos, vistos como objetos sexuais de seus senhores, as mulheres e os rapazes livres¹⁷⁸. O homem livre, compreendido como cidadão, era

¹⁷⁸

Foucault (1984) compreende que na estrutura Greco-Romana a posição de rapaz livre era complexa, já que por um tempo ele poderia ser fonte de prazer, mas ao tornar-se homem adulto ele só poderia ser ativo,

autorizado a ocupar a honrada posição de ativo, mas unicamente ela, independente do seu prazer ou vontade. O homem livre que se sujeitasse à atividade sexual de modo passivo era visto como produtor de vergonha sobre si, submetendo-se à condição de inferioridade, a uma posição não autorizada de ser ocupada, já que foi compreendida como mero lugar de fornecimento de prazer para o homem ativo (Foucault, 1984; Veyne, 1985). Posteriormente, apresentaremos a discussão acerca de como essa compreensão da superioridade do ativo frente ao passivo ainda persiste no contexto do Brasil, permitindo observarmos como os sentidos não são restritos a períodos datados historicamente, mas estão em movimento, deslocados e repetidos de formas distintas, já que os efeitos produzidos pela memória são constantemente retomados, como esclarece Pêcheux (2010, 2014).

Existiram regras na estrutura grega que pretendiam impedir a sedução de rapazes livres com menos de 12 anos e maiores de 15 anos. Havia a corte, a aceitação da família e o rapaz era submetido ao coito anal na posição passiva. A passividade do parceiro jovem poderia durar até ele completar os 18 anos, mas não foram raros os casos de jovens que permaneceram nessa condição por muito mais tempo, burlando as regras. A idade adulta era alcançada aos 25 anos, onde era possível ser ativo e casar com uma mulher (Spencer, 1999). Tentar controlar os sujeitos e o que é ou não adequado em determinada posição e situação, como no caso das relações dos rapazes e homens livres, é algo recorrente. As regras morais são inúmeras vezes infringidas, já que o controle nunca é total, sempre é passível de ser burlado, apesar dos efeitos ideológicos que inscrevem sentidos de dominação absoluta dos sujeitos, submetidos aos discursos e sentidos dessas diretrizes, o que também acontece com outras normativas, como a gramatical e jurídica. É impossível assegurar, mesmo com ameaças de punição e tentativas de controle, que os sujeitos não escapem e produzam outros sentidos.

A relação sexual entre um jovem e um homem mais velho foi identificada como uma prática ritualizada de transição para a maioridade. O homem mais velho seria um modelo para o rapaz. As relações entre dois homens eram identificadas com uma função na estrutura social grega. Podemos citar como exemplo, a tradição da ilha grega de Creta, em que os rapazes mais inteligentes, considerados os mais desejáveis, eram levados para as regiões de floresta e montanha para viverem por dois meses com um amante mais velho, aprendendo a caçar e tornar-se um homem honrado. Havia a iniciação sexual com a penetração do rapaz e a

respeitando a determinação social e mostrando a sua superioridade, já que passava a ser cidadão e homem livre, o que era inconcebível com a posição de passivo, algo considerado escandaloso. Não existia desonra ou reprovação em um homem amar um rapaz, ter desejos e relações com ele, mas deveria haver respeito as regras sociais estabelecidas. Aos rapazes, caberia entender que ser passivo era uma fase com começo e fim, parte do seu desenvolvimento para ser um homem horado que só poderia ser ativo, portanto, era necessário o cuidado em não identificar na posição passiva um lugar de obtenção de prazer.

compreensão de que era um ato que simbolizava a passagem para a vida adulta (Spencer, 1999).

Nesse contexto, o fato de não existirem proibições legais para amar rapazes, não impedia atitudes desabonadoras no âmbito social ou institucional, como a adoção de reprimendas, o desprezo público pelos jovens considerados mais fáceis de serem seduzidos ou pelos afeminados, alvos de constantes zombarias. Os gregos não compreendiam como necessário enquadrar em outra categoria a relação entre parceiros do mesmo sexo, isso ocorreria após o século XIX. O desejo era dirigido a tudo que pudesse ser desejado, tanto rapazes como mulheres (Foucault, 1984).

Observamos como a sexualidade é ligada a uma organização, ao próprio funcionamento das cidades desde o período da Antiguidade. Aos sujeitos foram impostos sentidos sobre o que estava autorizado no campo sexual, atrelados a divisões de gênero e sociais, com limites específicos e passíveis de punição quando rompidos. As experimentações e os sabores do sexo são restritos a posições prévias, considerando idade, função e posição social. Romper essas delimitações apresentava a possibilidade de punições e da execração pública. Esse processo estava relacionado a própria constituição da sociedade, visando a sua proteção e assegurar que os homens, os reais cidadãos, não rompessem limites e maculassem a sua honra.

Nossa compreensão é que a organização da sexualidade ainda é uma realidade, algo que é feito cotidianamente, com outros sentidos e restrições, mas sempre com a imposição de diretrizes, limites apresentados sobre o que é ou não adequado no campo da sexualidade e, principalmente, das relações possíveis aos sujeitos. Exemplificamos essa observação, com um ponto que aparece ao longo das nossas análises do *corpus*: o modo como espaços institucionais identificam a necessidade do uso do preservativo como uma medida de segurança, algo necessário para a vivência do sexo que é compreendido como limpo, mobilizando pesquisas científicas e dados estatísticos para atestar os riscos envolvidos no não uso do preservativo e deslegitimando práticas sexuais consideradas perigosas e sujas, como o *barebacking*¹⁷⁹. O sexo é dividido, de um lado, o sexo seguro, preservado pela tecnologia do preservativo; e de outro, o sexo inseguro e irresponsável, realizado sem o uso do preservativo. Discursos e sentidos são produzidos nesse processo, mobilizando especialistas, pesquisas realizadas e a produção de campanhas de saúde para marcar o tipo de sexo o qual os sujeitos

¹⁷⁹ Prática do sexo sem preservativo.

estão autorizados a praticar. Assim, as divisões, os processos de administração e organização da sexualidade, constantemente revistos e atualizados são permanentes.

Em Roma, a lógica das relações entre dois homens era a mesma da Grécia Antiga. Ao homem livre a posição obrigatória era a de ativo na relação sexual, fosse com rapazes livres, escravos ou mulheres. Isso não era identificado como um problema. O ponto era que ele deveria penetrar, ser o ativo da relação. O descumprimento dessa norma era passível de punição. Havia legislação própria acerca do tema, a *Lex Scantinia*, de 149 a.C., visando a proteção de adolescentes e virgens livres, resguardados de possíveis ações de homens ativos, assim:

[...] não se classificavam as condutas de acordo com o sexo, amor pelas mulheres ou pelos homens, e sim em atividade e passividade: ser ativo é ser másculo, seja qual for o sexo do parceiro chamado passivo. Ter prazer de modo viril, ou dar prazer servilmente, tudo está nesse ponto (Veyne, 1985, p. 43).

Na Roma Antiga, novamente, temos a posição do homem dominador valorizada, enquanto os homens adultos passivos¹⁸⁰ eram motivo de escárnio e punição. A passividade era vista como ato inferior. O homem livre que fosse identificado como passivo estava desonrado. Não poderia, por exemplo, pertencer ao exército romano, pois era identificado como não viril (Veyne, 1985). As histórias envolvendo relações de imperadores com escravos e jovens rapazes são inúmeras, citamos os exemplos de Calígula, Júlio César¹⁸¹ e Nero (Spencer, 1999).

Em 342 d.C., a pena de morte foi introduzida em Roma, voltada para a punição dos homens passivos, isso pelas ações dos imperadores cristãos Constantino e Constâncio. Em 438 d.C., foi a vez da inclusão dos homens ativos no rol dos criminosos. Os romanos implementaram, ao longo do tempo, punições como a castração e a morte na fogueira aos homens que estivessem envolvidos sexualmente com outros homens (Spencer, 1999).

É possível compreender a existência de regras nas relações entre pessoas do mesmo sexo na Antiguidade, ao pensarmos nos exemplos da Grécia e de Roma. No entanto, ao considerarmos as indicações de Fry (1982), compreendemos que essa identificação do ativo na posição de dominador ainda reverbera na memória e afeta a produção dos sentidos nas atuais condições sócio-históricas. Nos trabalhos de Fry (1982), Fry & MacRae (1985),

¹⁸⁰ A felação também era identificada como ato sexual inferior, quando o homem livre realizava essa prática em um escravo ou jovem rapaz. O contrário não era compreendido como um problema (Veyne, 1985).

¹⁸¹ Otávio, publicamente, zombou de Júlio César pelo caso que ele manteve com o rei Nicomedes, chamando o general de ‘rainha da Bítínia’. Júlio César foi conhecido por suas relações com homens e mulheres. O fato de ser um general e guerreiro premiado foi um ponto de defesa importante da sua honra (Spencer, 1999).

MacRae (1990) e Parker (2002), a posição do sujeito-gay como ativo ou passivo é identificada como produtora de distintas compreensões e sentidos sobre ele.

Observamos o universo masculino brasileiro ligado a questões de dominação, no qual o gênero e o poder são constitutivos, estão relacionados na produção de sentidos de superioridade. A preferência por ser ativo ou passivo coloca em jogo sentidos que marcam o campo sexual como lugar de prazer, mas também de poder frente ao outro, de afirmação da própria masculinidade, em que o macho é o ativo (Fry, 1982). Sentidos inscritos anteriormente são retomados, marcam a compreensão do papel na cama relacionado ao *status* e à virilidade dos sujeitos-gays na sociedade brasileira. O sexo é vinculado, e reduzido, a especificações que o compreendem restrito ao ato da penetração.

Nessa lógica, as divisões dos papéis sexuais estão atreladas ao universo das relações heterossexuais tradicionais, em que o homem penetra e a mulher é penetrada, nessa lógica, ao ser penetrado, o sujeito-gay passivo é associado ao feminino, o que impõe a discriminação. Romper com essa estrutura de papéis, impostos socialmente, produz confusões e gera discussões na sociedade¹⁸², como se não fosse possível inscrever relações fora de uma estrutura binária, considerada fixa. Apesar do relato de MacRae (1990) de que, na atualidade, as relações entre os sujeitos-gays são postas em outros termos, com ambos identificados como homens, independentemente da posição preferida na cama, observamos que ainda estão presentes discursos e sentidos que retomam tais compreensões, já que essa memória existe e persiste.

O modo como os parceiros são vistos, classificados e compreendidos dentro do universo das relações gays é explorado no *corpus* da pesquisa, com destaque para os preconceitos existentes dentro da comunidade gay. Vejamos:

[R68] Outro típico usuário dos apps que incomoda não apenas o Matheus, mas muita gente, é o do perfil ‘**Macho x Macho**’. “São perfis que **intimidam sem você nem conversar**. É ‘**não curto afeminado, não curto morenos, brancos, magros, gordos, não curto isso e não curto aquilo. É totalmente desrespeitoso**” (IG – 09/02/2015)¹⁸³.

[R69] Não são poucos os perfis no Grindr que **segregam homossexuais**. A grande maioria diz “**Não aos afeminados**” e usa até mesmo o argumento do “**Nada contra, apenas não curto**” tão usado pelos **preconceituosos** para se referir à parcela gay da população. Da mesma maneira, há os ainda mais xiitas, que usam frases como “**Odeio quem mia**”, “**Se quisesse**

¹⁸² Pensemos no modo como exercer as duas posições no momento do ato sexual, ser versátil (ativo e passivo), ou não ter um interesse definido, dependendo da situação ou do parceiro, ainda produz dúvidas. Práticas como o *gouinage*, que envolve a relação sem penetração, produzem questionamentos sobre a sua classificação como ato sexual por não envolver penetração.

¹⁸³ Aguiar, M. (2015, 09 de fevereiro). “Falei que ia ao banheiro e vazei”: dicas para não cair em cilada nos apps. *IG*. Recuperado de 2015, de <http://igay.ig.com.br/2015-02-09/falei-que-ia-ao-banheiro-e-vazei-dicas-para-nao-cair-em-cilada-nos-apps.html>

afeminados curtiria mulheres” ou estende suas **restrições a critérios de raça, status social, físico ou até mesmo cultural**. Não muito longe de minha casa, há um rapaz que usa em sua descrição: **“Não a quem curte Madonna”**. Outros afirmam que **não curtem negros, gordos, asiáticos, nordestinos, quem mora no Centro ou na Zona Leste**. (IG – 11/06/2013)¹⁸⁴.

Identificamos a questão do preconceito como presente em espaços vinculados aos *gays*. O preconceito contra o que escapa ao que é identificado como desejado. A discriminação por questões atreladas à raça, corpo e posição sócio-econômica está presente nas relações existentes nesse processo (“não curtem negros, gordos, asiáticos, nordestinos, quem mora no Centro ou na Zona Leste”). O preconceito ocorre nas relações entre os sujeitos-*gays*, mesmo que quem pratique a discriminação no aplicativo, também possa ser afetado pela homofobia na sociedade. Observamos a homofobia presente nas relações entre os sujeitos-*gays*, com o foco especial para os sujeitos-*gays* afeminados. A produção dos sentidos não ocorre de maneira óbvia, mas marcada por fatores ligados ao ideológico e às FDs nas quais os sujeitos estão inscritos (Pêcheux, 2014), isso auxilia na compreensão da ocorrência do preconceito praticado por parte de sujeitos-*gays* nas análises do nosso *corpus*.

Ideais de masculinidade são postos em discurso e marcam aquilo que é compreendido como desejado pelos sujeitos-*gays*, o padrão do que é interpretado como masculino, posto na categoria de “macho”. Ser “macho” implica não ser o seu oposto, o “afeminado”. Os discursos jornalísticos apresentam as narrativas da discriminação integrando as relações entre os sujeitos-*gays* nos aplicativos, aos quais, os homens que são machos só teriam interesse por iguais, como é narrado por um entrevistado no recorte discursivo 68. A negação do outro é repetida e é apresentado o sujeito-*gay* que seria desejado por todos: branco, másculo, malhado e próximo de uma imagem do heterossexual. Aquele que está longe da imagem desse “macho” é rechaçado, identificado como inferior.

A negação no discurso funciona demarcando aquilo que não se tem interesse em ser, ao grupo ao qual não se quer pertencer. A questão para esses sujeitos não é ser *gay*, mas ser afeminado ou ser identificado dessa maneira. O sujeito-*gay* afeminado é posto em posição de inferioridade, do que não se deseja ser ou com quem não se quer manter relações. Esses sentidos são possíveis pela relação com a memória do que pode ou não ser inscrito como másculo, relacionado à figura do “macho”. A identificação parece lógica sobre o que é ser “macho”, “afeminado”, “negro” ou “gordo”, sentidos já-dados nos quais não são admitidos questionamentos ou interpretações equivocadas por parte do sujeito, ao se identificar como pertencente a determinada categoria dentro dos aplicativos de relacionamento, já que existe a

¹⁸⁴ Pajubá – o blog gay do iGay. (2013, 11 de junho). “Straight Acting Only”: o machismo gay. IG. Recuperado de <http://pajuba.ig.com.br/index.php/2013/06/11/straight-acting-only-o-machismo-gay/>

ilusão de que as interpretações e os sentidos são os mesmos para todos os sujeitos. Assim, é posto como lógico, que todos saibam em qual categoria podem afirmar pertencer.

Restringir o outro por critérios de “raça, status social, físico ou até mesmo cultural” encontra eco na tecnologia com elementos presentes nos aplicativos, como os filtros, por meio deles, é possível delimitar e indicar o que é desejado pelo sujeito no momento da busca nessas redes, recuperando perfis que estejam enquadrados nas categorias indicadas como do seu interesse, o que asseguraria o contato apenas com o que é desejado.

O uso dos campos nos espaços dos perfis dos aplicativos demanda do sujeito que ele os preencha considerando o modo como produz sentidos sobre si, indicando informações e escolhendo as categorias que compreende que o apresentam adequadamente para os outros usuários. No processo de formular sentidos sobre si, os sujeitos lidam com questões como o imaginário (formulado por ele e pela maneira com que imagina que os outros sujeitos o compreendem), a naturalização de determinados sentidos e a memória, assim, é compreendido como do lugar da evidência quem pode ou não ser compreendido como “discreto”, “magro” ou “macho”.

Em nosso *corpus*, observamos a repetição de que existem fragmentações na comunidade *gay*, com tipos específicos, marcados por identificações relacionadas aos seus corpos, gostos e hábitos. Esse fracionamento da comunidade *gay* marca presença nos aplicativos de relacionamento, além das possibilidades de apresentação do sujeito como parte de um grupo específico ou declarando seu interesse por um grupo determinado, também são recorrentes dizeres que destacam a negação da vontade do/pelo outro que é compreendido como parte de determinado grupo. Nos dois últimos recortes analisados, identificamos sentidos de preconceito, inclusive contra os “afeminados”, grupo que iremos trabalhar nas próximas análises.

Se a posição do homem passivo foi identificada como negativa durante a Antiguidade, no mundo Greco-Romano, posta em uma posição servil, como mera função de prazer, atualmente, outras formas de não aceitação, identificadas como discriminatórias, aparecem dentro do universo de relações dos sujeitos-*gays*. Preconceito que aparece como realidade, presente nas relações estabelecidas nos aplicativos, mas que passa a ser alvo de questionamentos.

No *corpus*, observamos o preconceito apresentado como uma realidade, mas que passa a ser denunciado e questionado por sujeitos-*gays*, reverberando nos espaços jornalísticos, com a inscrição do absurdo que é a existência da discriminação dentro da própria comunidade *gay*,

por quem, imaginariamente, ocuparia a mesma posição, com desejos, interesses e reivindicações equivalentes.

Existe a relação ilusória de que ser *gay* é ocupar a mesma posição por todos os sujeitos que se identifiquem dessa maneira, com a capacidade de apagar diferenças e promover, de forma automática, as mesmas relações de sentidos, o que asseguraria a união desses sujeitos como grupo. Mas as relações entre os sujeitos não são dispostas de modo automático ou lógico, pois ele é afetado por fatores ideológicos, sócio-históricos e inconscientes que produzem diferenças no modo como estabelecem relações com definições, sentidos e a subjetividade, como veremos:

[R70] **Gays criticam preconceito dos próprios LGBTs: “Sou afeminado sim”** (IG – 29/04/2014)¹⁸⁵.

[R71] **Homossexuais criam página em rede social para combater discriminação contra gays com trejeitos femininos.** (IG – 29/04/2014)¹⁸⁶.

O preconceito é posto em crítica pelos “próprios LGBTs” ao questionarem o modo como os “afeminados” são identificados e tratados por outros membros dessa comunidade. Ser afeminado é compreendido como algo negativo, demérito que é alvo de ataques, zombarias e dizeres preconceituosos vivenciados em nossa sociedade. Dizeres que também estão presentes na própria comunidade *gay*.

A observação do preconceito contra os sujeitos-gays não é apenas exterior a essa comunidade, pois é observado dentro dela, a constitui e coloca em evidência o modo como diferentes identificações e sentidos sobre o que é ser *gay* permeiam essa comunidade. A não aceitação dos “afeminados” é exposta como marca da existência de rupturas na comunidade *gay*, com suas fragmentações, desavenças e gestos de não aceitação de sujeitos que são identificados como pertencentes a mesma comunidade.

Postulamos que é pelo efeito da ideologia que o estranhamento acerca desses processos de não aceitação ganha força e é exposto nos discursos jornalísticos, já que é compreendido como da ordem da contradição pela qual sujeitos que sofrem e vivenciam o preconceito, assumam essa posição discriminatória com membros da sua comunidade. No entanto, sabemos que é sempre ilusória a identificação de que pertencer a um grupo permite a

¹⁸⁵ Giusti, I. (2014, 29 de abril). Gays criticam preconceito dos próprios LGBTs: “Sou afeminado sim”. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2014-04-29/gays-criticam-preconceito-dos-proprios-lgbts-sou-afeminado-sim.html>

¹⁸⁶ Giusti, I. (2014, 29 de abril). Gays criticam preconceito dos próprios LGBTs: “Sou afeminado sim”. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2014-04-29/gays-criticam-preconceito-dos-proprios-lgbts-sou-afeminado-sim.html>

identificação plena dos sujeitos com os mesmos sentidos e produza a equivalência entre os seus membros. A diferença é marca que constitui as relações dos sujeitos (Pêcheux, 1999). Em um grupo, as posições dos sujeitos nunca são as mesmas, por isso, a não aceitação, a existência do preconceito e a desvalorização de determinadas posições são parte das relações estabelecidas na comunidade *gay*.

Ao se afirmar como “afeminado”, temos sujeitos que estabelecem a particularização no modo de ser *gay*, rompendo com a compreensão de uma única forma possível para vivenciar a homossexualidade e que a comunidade desses sujeitos é homogênea. A relação com a comunidade *gay*, com a noção de que se é parte dela persiste, mas passa a circular a identificação de que se é parte de um grupo dentro dessa comunidade, com características e peculiaridades que são importantes.

Ao longo do nosso trabalho com o *corpus*, observamos que é comum a realização desses processos de agrupamento de sujeitos-*gays* que compreendem possuir pontos específicos que os unem, temos os “afeminados”, “barbies” e “ursos”, por exemplo. Outro grupo, outros gestos de significação, mas em comum, a busca de marcar esse lugar outro na comunidade *gay*, com suas peculiaridades.

O interessante é que a fragmentação constitui e possibilita a estruturação dos variados grupos, de modo que o rompimento produz novos sentidos, possibilidades de resistência e de representação. Permanecem pontos que unem os grupos a uma comunidade maior, mas, as diferenças estão presentes e são cruciais, inclusive, nos processos de significação e subjetividade.

É pelo uso do ciberespaço, com a criação de uma “página em rede social para combater discriminação contra gays com trejeitos femininos” que gestos de resistência e afirmação aparecem e ganham destaque nos espaços da imprensa. Movimentos que procuram estabelecer outros sentidos sobre ser “afeminado”. O ciberespaço funciona como lugar de resistência, da possibilidade de apresentar outros sentidos sobre os afeminados, mas é também ali, que dizeres de preconceito são produzidos e repetidos diariamente, como observado nos textos jornalísticos sobre os aplicativos que apresentam depoimentos de *gays* entrevistados por esses espaços de notícias, como o que aparece na reportagem do portal IG:

[R72] Após terminar um namoro de um ano e meio, o **produtor cultural cearense Thomas Saunders, 24, voltou a paquerar e se decepcionou com o que viu.** Em conversas com amigos e conhecidos, **Thomas percebeu que o preconceito entre os próprios homossexuais contra os gays afeminados como ele estava mais forte do que nunca.** “**Nos aplicativos de encontro é sempre aquele texto de perfil: ‘não fico com afeminado’.** Alguns conhecidos já me disseram que eu preciso ser mais discreto”, reclama Thomas.

Incomodado com a situação, o produtor cultural desabafou no Facebook. **“Sou Afeminado sim, curto afeminado sim. Mas além de tudo, sou humano”**, escreveu ele, que também postou uma placa com a frase: **“Sou/Curto afeminado”** (IG – 29/04/2014)¹⁸⁷.

Pela força da palavra é que a aversão é apresentada, exposta aos outros sujeitos, o gesto de recusa marca um limite nos perfis e conversas estabelecidas nos aplicativos, indicando com quem se quer, ou não, relacionar. Explicitar a recusa ao afeminado é rotina nos aplicativos de relacionamento para *gays*, recorrência que produz o gesto de indignação por esses sujeitos que procuram estabelecer a afirmação como “afeminado” como algo positivo.

O preconceito ao “afeminado” não começa nos aplicativos de relacionamento, já que antes da sua popularização a discriminação já existia, mas é na atualidade que está “mais forte do que nunca”, presente de modo recorrente nas relações estabelecidas pelos sujeitos-*gays*. Ser afeminado ou ser identificado dessa forma ao longo das interações com outros sujeitos resulta em uma interpretação que produz consequências no cotidiano dos sujeitos-*gays*, como presente no depoimento do sujeito do recorte discursivo 72, em que é explicitada a não aceitação dos afeminados nos aplicativos, encontrando a repulsa em “textos de perfil”, mas também, nas falas de pessoas “conhecidas” que o aconselharam a “ser mais discreto”.

O uso do “não” marca a delimitação do que é estabelecido como apropriado aos interesses do sujeito, demarcar o limite ao afeminado com a negativa impõe uma barreira ao que não se quer como possível parceiro ou interlocutor. O uso da negativa envolve a compreensão da evidência dos sentidos para o outro, sobre o que é ser afeminado, quais são suas características e o seu comportamento, também inscreve esse sujeito que refuta o afeminado como não pertencente a esse grupo. Ao interlocutor que lê o enunciado em questão, é compreendido que ele saberá exatamente se é ou não afeminado e, caso seja, não entrará em contato. Essa relação pelo discursivo estabelece tensões e envolve processos de subjetividade, do entendimento de si e da constituição dos sentidos sobre ser ou não ser afeminado e, principalmente, ser compreendido desse modo pelo outro.

Ser “discreto” é posto como desejável e marca a oposição com “ser afeminado”. Uma relação inconciliável de dois polos opostos, duas formas diferentes de “ser” sujeito-*gay*. Observamos que o afeminado incomoda por estabelecer uma relação de inscrição do homem na posição de subjugado, de figura que é inferiorizada e na relação com o feminino, o que coloca em questão sentidos de masculinidade e virilidade que são valorizados por muitos *gays*.

¹⁸⁷ Giusti, I. (2014, 29 de abril). Gays criticam preconceito dos próprios LGBTs: “Sou afeminado sim”. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2014-04-29/gays-criticam-preconceito-dos-proprios-lgbts-sou-afeminado-sim.html>

No discurso jornalístico, a aversão ao sujeito-gay que é afeminado é posta como uma realidade que agora é combatida, que produz incômodo, identificada como danosa para a comunidade *gay* como um todo. Esse grupo, ao declarar o seu orgulho em afirmar-se como afeminado, desloca sentidos e produzem novos gestos de interpretação e significação, o que afeta a história, já que ela é constituída juntamente com os sujeitos e os sentidos (Henry, 2010).

É pelo uso das redes do ciberespaço que o desabafo sobre a situação dos afeminados ganha destaque, chama a atenção e produz eco, seja com outros sujeitos-gays que se sentem representados por esse discurso ou pelo compartilhamento do texto jornalístico que destaca a existência do preconceito na comunidade *gay*. No recorte discursivo, o desabafo apresentado na rede social “Facebook” é reproduzido e ressalta como o preconceito para com os afeminados é nocivo, deslegitimando as lutas da própria comunidade *gay* e excluindo os sujeitos que são parte desse grupo, vítimas de quem também sofre com a homofobia. Vejamos outro recorte discursivo, com outro depoimento reforçando a compreensão das dificuldades enfrentadas pelos sujeitos-gays afeminados:

[R73] Assim como Thomas, o estudante carioca **Igor Rocha, 22, sofre preconceito por conta de sua maneira de ser. “Tenho trejeitos, minha voz é muito fina e sempre fui delicado, desde pequeno”, explica ele. (IG – 29/04/2014)¹⁸⁸.**

Neste excerto, ser afeminado é posto como algo já dado, já que o corpo possui características das quais não é possível escapar. Não seria possível escolher não ser afeminado, pois é algo presente nos “trejeitos” e na “voz” que é “muito fina”. O corpo produz significações e sentidos que filiam o sujeito-gay a posição de afeminado, já que ter “trejeitos”, por exemplo, é relacionado a sentidos que o relacionam a essa posição “desde pequeno”. Marcas que funcionariam na ordem da evidência, impedindo questionamentos sobre a sua identificação como parte do grupo dos “afeminados”. Evidência que asseguraria que qualquer um saiba o que é um afeminado e se, como sujeito-gay, se é ou não pertencente a esse grupo. Como fugir de algo que seria parte de quem se é? Componente compreendido como biológico e natural, presente “desde pequeno”, algo que é parte da estrutura corporal, já-dado a ele.

O sujeito compreende marcas do seu corpo, como as características vocais, atrelados ao que ele é. A identificação como sujeito-gay é ainda vaga, já que é necessário estabelecer uma maior especificação, uma filiação dentro dessa comunidade e é pelo que ele compreende de si,

¹⁸⁸ Giusti, I. (2014, 29 de abril). Gays criticam preconceito dos próprios LGBTs: “Sou afeminado sim”. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2014-04-29/gays-criticam-preconceito-dos-proprios-lgbts-sou-afeminado-sim.html>

ligado aos sentidos que interpreta como associados aos afeminados que ele identifica pertencer a esse grupo, bem como pesa, o modo como os outros sujeitos produzem sentidos sobre ele, por exemplo, no recorte discursivo 72, a interpretação dos “conhecidos” pesa na compreensão sobre si que aquele sujeito elaborou. Gestos de interpretação perpassados pelas formações imaginárias que interferem nas compreensões sobre o que é ou não o *gay* afeminado.

Em outro recorte discursivo, observamos a naturalização do preconceito contra o afeminado como “algo cotidiano”, inclusive, reforçando sua existência nos espaços de relacionamento *on-line*:

[R74] O **relações públicas Uriel Ricachenevsky** percebe este **preconceito dentro da própria comunidade LGBT** como algo cotidiano.

“Em qualquer site de relacionamento gay, a primeira pergunta é sempre: ‘Você é afeminado?’. Quando **você diz sim**, ouve imediatamente a **resposta: ‘Desculpa, cara, mas eu sou discreto’**. Quer dizer, **existe um preconceito entre pessoas que lutam pelos mesmos direitos**”, constata.

Thomas diz que muitos afeminados mentem sobre sua maneira de ser, contando que só relacionam com parceiros mais masculinos. (IG – 29/04/2014)¹⁸⁹.

O preconceito aos afeminados existe e é vivido dentro da “própria comunidade LGBT” e é “algo cotidiano”, uma realidade que é constitutiva e expõe o modo como o universo *gay* é múltiplo, mas marcado por rupturas que destacam as diferenças e envolvem a discriminação dos afeminados, identificados como inadequados. Esses processos marcam gestos que inscrevem a identificação de como a comunidade *gay* é marcada por relações que são de preconceito.

É ilusória a ideia de que ser *gay* produziria, automaticamente, gestos de filiação e união dos sujeitos dessa comunidade, mas o estranhamento persiste, já que, teoricamente, o preconceito não deveria existir “entre pessoas que lutam pelos mesmos direitos”. O imaginário é de que as mesmas lutas, pautas e reivindicações são desejadas igualmente por todos, o que, ilusoriamente, impediria que houvesse divergências e tensões. As relações com os sentidos sempre podem ser outras, de modo que ser sujeito vinculado a uma comunidade, como é o caso dos *gays*, não impede que haja a produção de discursos preconceituosos contra membros desse grupo.

O depoimento destaca que é comum que a “primeira pergunta” nos espaços *on-line* de relacionamento, seja: “Você é afeminado?”, o que ressalta a relevância dessa questão no

¹⁸⁹ Giusti, I. (2014, 29 de abril). Gays criticam preconceito dos próprios LGBTs: “Sou afeminado sim”. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2014-04-29/gays-criticam-preconceito-dos-proprios-lgbts-sou-afeminado-sim.html>

universo das relações *gays*, funcionando como informação essencial para saber, e definir, se a conversa continua ou termina. Assumir-se como sujeito-*gay* afeminado, no perfil ou na troca de mensagens, pode produzir, muitas vezes, a recusa, com a justificativa de que se quer um homem que seja “discreto”.

Temos uma separação entre os “afeminados” e os “discretos”, em que, pelas relações com os sentidos, os sujeitos já saberiam, naturalmente, em qual grupo estão inscritos. Assumir-se na posição de sujeito-*gay* afeminado, ou ser identificado dessa forma, produz um sentido que é o que sobressai, que apaga qualquer outro e, muitas vezes, reduz a nada quem se apresenta ou é inscrito nessa posição.

No depoimento, a negação de que se é afeminado, praticada por muitos sujeitos, seria uma “autodefesa”, uma forma de não ser desprezado e sofrer com a rejeição, já que o sentido sobre ser afeminado é muitas vezes negativo. Produzir dizeres sobre suas relações com “parceiros mais masculinos” é um recurso usado e que marca a tentativa de evitar qualquer ligação com o grupo dos afeminados.

Com o desenvolvimento do cristianismo no mundo ocidental as relações entre dois homens passaram a ser significadas de outros modos (Borrillo, 2010). Houve a ruptura do modo como os gregos antigos e os romanos compreendiam essa prática¹⁹⁰. A relação entre dois homens passa a ser compreendida não mais como uma forma de relação sexual possível, em que os sentidos de dominação são os pontos essenciais, pois os sentidos de pecado¹⁹¹ passam a predominar¹⁹² e é desenvolvida a noção de sodomia.

O termo sodomia é proveniente do relato bíblico do livro do Gênesis acerca das cidades de Sodoma e Gomorra. É importante ressaltar que houve uma leitura que relaciona a destruição dessas duas cidades como símbolos da fúria de Deus, frente às relações homossexuais ali praticadas. Fúria frente a um pecado que é qualificado como nefando, considerado grave e condenado em outras passagens da Bíblia, como no livro de Levítico e nas reflexões teológicas de pensadores cristãos, entre eles, São Paulo (Mott, 2001; Spencer, 1999; Vainfas, 1997).

No entanto, houve erros de tradução da Bíblia e isso interferiu na compreensão da noção de sodomia, já que esse termo não estava relacionado, exclusivamente, ao envolvimento entre

¹⁹⁰ No mundo romano, as coisas mudaram com as normativas legais iniciadas pelos imperadores convertidos ao Cristianismo e contrárias as relações entre homens (Spencer, 1999).

¹⁹¹ Segundo Foucault (1988), a identificação do sexo como pecado é algo antigo no Ocidente, diferente do modo que é observado no Oriente.

¹⁹² Os homossexuais, como uma categoria, só foi vislumbrado no século XIX (Foucault, 1984), período em que novas identificações sexuais foram apresentadas e estudadas no campo das *sciencia sexualis* no Ocidente, junto com outras sexualidades vistas como desviantes (Vainfas, 1997).

dois homens, mas dizia respeito às relações sexuais que envolvessem homens e mulheres e o foco não estivesse unicamente na penetração vaginal. Na Renascença, o problema da destruição de Sodoma e Gomorra deixou de envolver orgias e bestialidades, para ficar vinculado, exclusivamente, às relações entre dois homens. Os primeiros sacerdotes católicos identificavam a história da destruição dessas duas cidades a outros fatores. Na tradução da Bíblia, empreendida pelos judeus no século II e III a.C., do hebraico para o grego, não houve condenação da homossexualidade (Spencer, 1999).

Usar a destruição das cidades da planície como um texto dogmático contra a homossexualidade não sobrevive a um exame apurado do léxico da época. É o primeiro exemplo de um mito cuja interpretação reflete os preconceitos mutantes de sociedades que se sucedem (Spencer, 1999, p. 63).

A condenação da relação entre dois homens no Cristianismo está atrelada com sua visão natalista, o que ajuda a entender a reprimenda dos métodos contraceptivos ainda hoje pelos postulados católicos e de inúmeras instituições protestantes. Práticas relacionadas à sexualidade que não visam à reprodução são identificadas como proibidas nas descrições bíblicas, já que envolvem o desperdício das possibilidades de procriação, fato que atrapalharia o desenvolvimento do povo de Deus, já que o tamanho da população é elemento essencial para isso (Mott, 2001). Segundo Mott (2001, p. 48), houve certa tolerância com a homossexualidade no primeiro milênio pelo Cristianismo, mas isso mudou no século XIII d.C., com concepções que relacionavam a sodomia como “*peccatum contra naturam*, e os sodomitas confirmados como provocadores de castigos divinos e toda sorte de calamidades à cristandade”. Assim:

Ser negro, índio ou mulher jamais foi crime. Mesmo ser judeu ou protestante, nos reinos católicos, era tolerado dentro de certos limites e desde que não houvesse apostasia. Ser sodomita, porém, sempre foi crime gravíssimo, tanto que três alçadas, a justiça real, o tribunal do Santo Ofício e a justiça episcopal se articulavam para descobrir, perseguir, prender, seqüestrar os bens, açoitá-lo, degredar e executar os réus deste crime abominável (Mott, 2000, p. 144).

Nos séculos seguintes, XII e XIII¹⁹³, são adotadas ações punitivas pesadas contra os sodomitas, determinadas durante as edições do Concílio de Latrão, especificamente o terceiro, em 1179, que definiu que práticas de sodomia deveriam ser punidas¹⁹⁴, por serem

¹⁹³ Uma das explicações para o surgimento da Peste Negra, que dizimou 40% da população da Europa, foi relacionada a uma forma de punição divina, decorrente do descontentamento de Deus com os sodomitas (Mott, 2001).

¹⁹⁴ As relações homossexuais eram tão malditas que não podiam nem ser pronunciadas, pois já colocavam os que falavam sobre elas na posição de pecadores, atentando gravemente contra Deus (Spencer, 1999).

consideradas não naturais, conforme argumentam Spencer (1999) e Vainfas (1997). No século XIII temos o aumento das legislações contra a sodomia, considerando que na Europa essa prática crescia, identificada nas cidades e nas vilas. Em 1300, praticamente toda a Europa possuía leis específicas contra a sodomia, de multas até a adoção da pena de morte (Spencer, 1999). Vejamos uma representação produzida no século XIV, parte de um afresco de Taddeo di Bortolo, intitulado *Last Judgment*¹⁹⁵, localizado na *Collegiate Church of San Gimignano*, na cidade da Toscana, Itália:

Figura 9 – Last Judgment de Taddeo di Bortolo

Fonte: Puff (2006, p. 78).

No afresco de Taddeo di Bortolo, observamos um sodomita condenado e punido no inferno, torturado por demônios, no mesmo espaço em que mulheres adúlteras são atormentadas. A identificação de que o homem empalado é sodomita é possível por uma etiqueta em seu chapéu, o que indica o motivo da sua punição, atrelado ao que se é, aos seus interesses sexuais por outros homens.

¹⁹⁵

A imagem foi retirada do texto de Puff (2006).

Representações destacando as punições aos sodomitas foram recorrentes ao longo da história, apresentadas como formas didáticas de exemplificar o que a desobediência à palavra de Deus reservava aos praticantes do pecado nefando. Na literatura mundial, a obra clássica “A Divina Comédia” de Dante Alighieri¹⁹⁶, retrata os sodomitas como pecadores, condenados a arder no sétimo círculo do inferno, castigados por suas ações contra a natureza criada por Deus, juntamente com os blasfemos e os usurários (Puff, 2006).

No século XVI, a autoridade cristã utilizou argumentos teológicos para justificar a perseguição e a importância de combater a sodomia, usando passagens bíblicas, com destaque para a destruição de Sodoma e Gomorra, e produções de religiosos versados nos estudos teológicos. A sodomia não era vista apenas como grave transgressão da ética sexual, mas também, uma desordem na própria estrutura social (Puff, 2006).

Em nosso *corpus*, a questão envolvendo a fé cristã e a incompatibilidade com o fato do sujeito ser *gay* ou estabelecer relações com o universo homossexual aparece, retomando sentidos de condenação do universo religioso ao que é associado a uma vida em pecado. Os aplicativos de relacionamento são compreendidos como facilitadores de uma vida pecaminosa, desvirtuada e condenável aos olhos de Deus, inserindo seus usuários em um universo ligado à homossexualidade.

O receio da descoberta das relações com outros homens, o medo das consequências que isso pode acarretar para a “vida pública” de quem está inserido em uma FD religiosa, mas ao mesmo tempo, estabelece contatos e relacionamentos por meio dos aplicativos com outros homens aparecem no nosso *corpus*:

[R75] **Pastor antigay é flagrado em aplicativo para encontros gays procurando parceiro** No perfil do pastor, que é casado e pai de cinco filhos, ele se descrevia como alguém que “gosta de transar pelado, fazer sexo oral, massagem e dormir de conchinha” (IG – 20/05/2015)¹⁹⁷.

[R76] **Reverendo de Michigan, nos EUA, que se dizia contra os homossexuais e transexuais, foi flagrado** utilizando o aplicativo para encontros gays Grindr. (IG – 20/05/2015)¹⁹⁸.

¹⁹⁶ As ilustrações do pintor Gustavo Doré para a obra “A Divina Comédia” de Dante Alighieri, produzidas no século XIX, são famosas e incluem o retrato da punição dos sodomitas no inferno.

¹⁹⁷ IG. (2015, 20 de maio). Pastor antigay é flagrado em aplicativo para encontros gays procurando parceiro. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-05-20/pastor-antigay-e-flagrado-em-aplicativo-para-encontros-gays-procurando-parceiro.html>

¹⁹⁸ IG. (2015, 20 de maio). Pastor antigay é flagrado em aplicativo para encontros gays procurando parceiro. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-05-20/pastor-antigay-e-flagrado-em-aplicativo-para-encontros-gays-procurando-parceiro.html>

[R77] O **blogueiro evangélico Matt Moore**, 24 anos, **virou alvo de uma polêmica** nos Estados Unidos **ao ser flagrado num aplicativo de paquera gay, o Grindr**. (IG – 03/05/2013)¹⁹⁹.

Anteriormente, analisamos o recorte discursivo 32, sobre o “pastor” flagrado no aplicativo de relacionamento e que foi “desligado” da sua congregação. Mas, observamos outros recortes sobre esse religioso que permitem aprofundarmos nossas observações, inclusive, com novos detalhes. Problemizamos o caso de um “blogueiro evangélico” dos EUA.

A presença nos aplicativos de relacionamento do “pastor antigay” e do “blogueiro evangélico” produz “polêmica”, resulta na incompreensão de que seja possível ser sujeito-gay e ao mesmo tempo cristão, ainda mais, ocupando espaço de destaque no contexto religioso e defendendo, publicamente, ideias contrárias aos direitos da “comunidade LGBT”, como era o caso do “reverendo”.

São os rastros deixados nos aplicativos de relacionamento que permitem a exposição pública desses sujeitos, a presença e o uso dessas ferramentas levam ao flagrante e os colocam em posição de contradição entre o que acreditam e falam publicamente, e o que fazem em particular. No caso do pastor, o seu “perfil” no Grindr, revela seus interesses sexuais em detalhes (“gosta de transar pelado, fazer sexo oral, massagem e dormir de conchinha”), o que destoa do que ele pregava publicamente na posição de “reverendo” e da imagem que projetou ao longo da sua atuação na igreja.

No caso do blogueiro evangélico, que afirma ser *ex-gay*, apenas a sua presença no Grindr já foi suficiente para questionar suas afirmações e identificá-lo, novamente, como *gay*, já que estar em uma rede voltada para esse público é posto como prova inquestionável da sua verdadeira sexualidade, mesmo ele negando que estivesse ali procurando algum envolvimento sexual, já que no texto jornalístico ele destaca que procurava apenas por “amizades”. Destacamos como a presença no aplicativo, já produz a formação imaginária de vínculo do sujeito com sentidos relacionados à homossexualidade.

Observamos como o deslocamento de uma foto ou enunciados, inscritos nos aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-gays, produzem outros sentidos e reações ao serem expostos em outros contextos, como na “blogosfera” ou nos espaços jornalísticos. Se nos aplicativos, a apresentação das preferências sexuais do pastor não produzia estranhamentos, o deslocamento para outros espaços e aos olhos de outros sujeitos, produz a

¹⁹⁹ IG. (2013, 03 de maio). Blogueiro evangélico vira alvo de polêmica ao ser flagrado em app de paquera gay. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-05-03/blogueiro-evangelico-vira-alvo-de-polemica-ao-ser-flagrado-em-app-de-paquera-gay.html>

“polêmica”, pois mobiliza uma memória que marca como contraditório esse tipo de texto ser produzido por um pastor que se apresentava publicamente como uma pessoa conservadora, ligada a valores religiosos.

As possibilidades do vazamento de informações dos aplicativos de relacionamento para outros espaços coloca em questão os limites entre o que é privado e o que é público, uma relação que é tensa, já que a exposição desses sujeitos foi produzida por quem estava nessas redes e os identificaram, o que altera o modo como sentidos sobre eles passam a ser produzidos:

[R83] Mas **antes que Moore pudesse conhecer alguém, as imagens suas no aplicativo foram publicadas na web** pelo blogueiro Zinnia Jones, o **rotulando-o** em toda a blogosfera como o **“ex-gay” no Grindr**. (IG – 03/05/2013)²⁰⁰.

[R84] Segundo o reverendo Kempin, **“os detalhes do pecado que foram mantidos confidenciais estão sendo postados on-line por aqueles que querem atingir a família Makela e a St. John.”** A igreja apagou sua página no Facebook. (G1 – 20/05/2015)²⁰¹.

[R85] **Exposição**

A revelação da identidade sexual de Makela faz parte de um movimento nos EUA de expor homens públicos que se manifesta, contrários aos direitos da comunidade LGBT, mas possuem, em sua vida particular, relações homossexuais.

Isso ocorreu com o deputado Randy Bochning, de 52 anos, que, apesar de trabalhar para minar um projeto de lei para proteger gays de discriminação, possuía perfil no Grindr. (G1 – 20/05/2015)²⁰².

[R86] Enquanto isso, **no seu perfil do Facebook, Makela distribuía mensagens antigay aos seus fiéis e chegou a comparar a homossexualidade ao alcoolismo e transexuais a pedófilos.** (IG – 20/05/2015)²⁰³.

Ao ser descobertos no Grindr, os dois sujeitos são expostos e alvos de julgamento público. Interessante pensarmos que, ao mesmo tempo em que são as redes do ciberespaço que facilitam os processos de busca por parceiros sexuais e produzem o imaginário de que é possível vivenciar relações *gays* de modo anônimo, também é por elas que ocorre a descoberta do segredo desses sujeitos, a sua exposição pública e canal no qual são alvo de

²⁰⁰ IG. (2013, 03 de maio). Blogueiro evangélico vira alvo de polêmica ao ser flagrado em app de paquera gay. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2013-05-03/blogueiro-evangelico-vira-alvo-de-polemica-ao-ser-flagrado-em-app-de-paquera-gay.html>

²⁰¹ G1. (2015, 20 de maio). Flagrado em app de encontros gays, pastor deixa igreja nos EUA. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/flagrado-em-app-de-encontros-gays-pastor-deixa-igreja-nos-eua.html>

²⁰² G1. (2015, 20 de maio). Flagrado em app de encontros gays, pastor deixa igreja nos EUA. *G1*. Recuperado de <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/flagrado-em-app-de-encontros-gays-pastor-deixa-igreja-nos-eua.html>

²⁰³ IG. (2015, 20 de maio). Pastor antigay é flagrado em aplicativo para encontros gays procurando parceiro. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-05-20/pastor-antigay-e-flagrado-em-aplicativo-para-encontros-gays-procurando-parceiro.html>

chacota. Essa exposição desperta interesse e resulta, inclusive, na produção de textos jornalísticos que destacam como esses sujeitos estabeleciam vivências distintas publicamente e dentro dos aplicativos, além de abordar as consequências dessas revelações.

O “blogueiro evangélico” é criticado e passa a ser rotulado na “blogosfera”, como o “o ‘ex-gay’ no Grindr”, produzindo críticas acerca da sua postura pública de negação da sua orientação sexual, já que ele era conhecido por se afirmar como *ex-gay* graças a fé cristã e propagar a importância da abstinência sexual para não pecar. O blogueiro vira alvo de piadas e sua vida pública passa a ser questionada com a descoberta da sua presença em uma rede na qual o foco é o encontro com outros homens, principalmente, visando relações sexuais. Mesmo sem fotos consideradas comprometedoras ou registros de conversas, o simples fato da presença do blogueiro no aplicativo já é identificada como prova que ele estava procurando por sexo, esses sentidos são sustentados por uma memória que estabelece a relação dessas tecnologias como lugares para aventuras sexuais.

O caso do pastor é considerado mais grave, já que ele é exposto com a exibição de vários materiais, como fotos, seu perfil e mensagens trocadas, que funcionam como documentos que registram sua passagem e sua busca por sexo com outros homens nos aplicativos. No seu caso, sua “família” e a congregação da qual faz parte (“a St. John”) também são alvos de ataques, sofrem com a aproximação de um dos seus membros com o que é classificado como “pecado”, identificado como algo que desagrada a Deus. O pastor passa a ocupar outra posição discursiva ao ser descoberto no Grindr, a de pecador, pois mente, dissimula, trai e vivencia uma sexualidade compreendida como equivocada e contrária aos princípios da sua religião.

É pelos registros expostos no ciberespaço que a vida do pastor é posta em contradição, com o comparativo do seu perfil no Grindr, em que relatava os seus gostos e hábitos sexuais, e sua imagem pública, apresentada no “Facebook”, por meio do seu perfil, com os discursos preconceituosos que ele proferiu ao longo da sua trajetória como pastor, associando a comunidade LGBT aos campos da doença (“alcooolismo”) e criminalidade (“pedófilos”). Essa contradição marca um lugar de mentira ao expor o que é compreendido como uma vida dupla. O valor material das provas, principalmente das fotografias, funciona como argumento que impediria qualquer forma de contestação de que não é ele que está ali.

Os processos de “exposição” do “pastor” e do “blogueiro evangélico”, não são aleatórios, mas marcados por um gesto que é político. O ato de praticar a “exposição” de quem não é assumido como *gay*, mas vivencia “relações homossexuais” de forma secreta, não acontece com qualquer pessoa que não torna pública sua homossexualidade, mas com

“homens públicos” que utilizam do seu espaço de fala, do poder que o lugar que ocupam possui para atacar os “direitos da comunidade LGBT”, mesmo que na “vida particular” vivenciem e estejam interessados em relações *gays*. Outros sujeitos já foram expostos, como é o caso do “deputado Randy Bochning” que atuava publicamente contra projetos de lei que beneficiassem os *gays*, mas que possuía uma conta no Grindr que foi descoberta e exposta. Revelar que esses sujeitos mantêm relações homossexuais funciona como uma forma de ataque e de vingança, o que produz efeitos nas suas vidas.

Até o século XVIII, três códigos exerciam posição central no que dizia respeito às diretrizes relacionadas às questões sexuais: “o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito” (Foucault, 1988, p. 38). Tais diretrizes estavam voltadas para o matrimônio e a o cumprimento dos deveres matrimoniais, os procedimentos relacionados à fecundação, gravidez e aos períodos nos quais o sexo era contraindicado, como durante a quaresma, desse modo, as prescrições acerca do sexo eram muitas e indicavam a sua vigilância constante.

Na Idade Média, durante a Inquisição Católica, quem fosse identificado como praticante de sodomia era encaminhado ao tribunal do Santo Ofício. Nas nações protestantes, punições também foram adotadas²⁰⁴. O discurso religioso inscreveu a punição e a eliminação, primeiro do sodomita, posteriormente do homossexual. Inscrevendo essa prática sexual e os comportamentos vinculados a ela como perversas, associadas à banalidade do prazer carnal, sem função reprodutiva, algo inadmissível para os cristãos (Borrillo, 2010). A ojeriza seria justificada e pautada no próprio documento máximo do Cristianismo, a Bíblia, apresentada como a palavra de Deus, não passível de questionamentos por parte dos seus fiéis na sua suposta marca de não aceitação das relações entre dois homens (Mott, 2001, 2006).

Inúmeros outros documentos foram produzidos ao longo dos anos, justificando e retomando esse entendimento da condenação das relações entre dois homens, amparados nas interpretações produzidas com base no texto bíblico. Na relação com os discursos e as interpretações difundidas sobre os *gays*, com base na FD religiosa, é que são sustentados, ainda hoje, dizeres de condenação e negação da validade de direitos aos sujeitos-*gays*, propagados e defendidos como adequados por estarem embasados em textos religiosos que apresentariam a compreensão divina sobre essa prática.

²⁰⁴ Segundo Vainfas (1997) em países de tradição calvinista, como a Holanda e a Suíça, as perseguições e mortes dos sodomitas foram, muitas vezes, piores que as praticadas pela Inquisição Católica em países como a Espanha e Portugal. Na Inglaterra, país de tradição protestante, uma das punições possíveis aos sodomitas era o afogamento e o sepultamento vivo.

Destacamos, entre tantos documentos, os trabalhos do apóstolo Paulo²⁰⁵, nos quais, o sodomita é inscrito como pecador. Aliás, praticante de um pecado considerado grave dentro de uma hierarquia que mensura os pecados, pois envolve o não respeito ao corpo²⁰⁶, à própria carne, o que é inadmissível, já que o corpo é visto como templo, lugar no qual o Espírito Santo habita, portanto, deve ser preservado e respeitado, porque é sagrado (Ariès, 1985). Citamos também, o *Liber Gomorrhianus* de São Pedro Damiani de 1049, no qual, temos uma norma especificamente direcionada para o pecado da sodomia, com a apresentação de indicações de punições e diretrizes específicas para o abandono de tal prática, considerada imperdoável²⁰⁷ (Mott, 2001).

No século XIII, temos a discussão acerca dos quatro pecados da luxúria, relacionados a uma identificação de comportamentos sexuais não naturais e ofensivos a Deus. É importante entender que durante a Idade Média, as pessoas não eram divididas entre heterossexuais e homossexuais, mas entre as que estavam de acordo com práticas naturais ou não naturais. Envolver-se sexualmente com outro homem era ir contra as leis da natureza. Práticas como o sexo oral ou anal não eram aceitas e existem vários relatos, do século XV, de mulheres que denunciaram seus esposos por desejarem ou realizarem tais práticas. Os crimes contra a natureza mais relatados eram os que envolviam as relações entre dois homens, processados como sodomia (Hergemöller, 2006).

A Inquisição Católica foi criada para trabalhar com a supressão de heresias, mas atuou muito com aspectos relacionados à moralidade sexual, inclusive, com o trato com os sodomitas, algo facilitado pela forma como muitas cidades buscaram descobrir os sodomitas que ali residiam, com a punição dos que fossem descobertos ou simplesmente acusados como praticantes desse pecado, já que a prática da denúncia era comum e amplamente aceita, mesmo que sem provas. Penas contra relações entre pessoas do mesmo sexo eram aplicadas em partes do que hoje é a Itália, já no século XIII. Punições como a castração, o açoitamento, a cegueira, a amputação de mãos e pés, o confisco de bens, o banimento do país ou trabalhos forçados foram comumente adotados. A condenação à morte era restrita aos sodomitas

²⁰⁵ De acordo com Spencer (1999), São Paulo identificava as relações entre pessoas do mesmo sexo, como pecado relacionado aos pagãos, pessoas sem relação com o Deus dos cristãos. Essa identificação de um ato que não possui a anuência de Deus é, ainda hoje, mobilizado por inúmeros líderes religiosos cristãos e fiéis para justificar a não aceitação dos *gays* e da homossexualidade.

²⁰⁶ Na Divina Comédia de Dante Alighieri, o círculo ao qual os sodomitas são condenados diz respeito aqueles que agem contra à própria natureza estabelecida por Deus.

²⁰⁷ Para exemplificar, Mott (2001, 2006) argumenta que a sodomia foi identificada, nessa obra, como um pecado mais grave que o estupro e o incesto.

reincidentes, comumente condenados à fogueira²⁰⁸ (Hergemöller, 2006). Aliás, o único vício moral que pôde levar o praticante a fogueira era a sodomia (Vainfas, 1997, p. 161).

Vejamos imagens que retratam execuções em decorrência da prática da sodomia:

Figura 10 – Execution for Sodomitical Godlessness in the City of Bruges de Frans Hogenberg, de 1578

Fonte: Puff (2006, p. 82).

Figura 11 – Ilustração de Diebold Schilling, sobre a condenação de Richard Puller von Hohenburg e seu servo, e suposto amante, acusados de sodomia, em Zurique, 1482

Fonte: Hergemöller (2006, p. 75).

²⁰⁸

A compreensão sobre a morte na fogueira era de que “queimando-lhe a carne para salvar a alma –, mas igualmente da comunidade, extirpando assim o mal que a corrói em seu âmago” (Borrillo, 2010, 54). Eliminando qualquer vestígio do praticante desse pecado.

A aniquilação, o escracho público e a dor foram os resultados de quem ousou praticar um pecado tão grave. Nefando e sujo por natureza, ligado ao que de mais perverso existia. Compreendido como tão grave que falar sobre ele já era uma afronta a Deus. O desejo por outro homem era passível de resultar na morte, pois a interpretação era da inadequação da natureza dessas relações.

A organização das práticas sexuais é constantemente revista na sociedade, por meio de normas e diretrizes institucionais que interferem nas vivências dos sujeitos, nos sentidos produzidos sobre o que é ou não aceito no campo sexual. Desse modo, as condições de produção de várias épocas e lugares são retomadas ao longo desse texto, para pensarmos como diferentes sentidos são produzidos e como a memória é constituída no que diz respeito aos sujeitos-gays. Alertamos que os sentidos não são estanques (Pêcheux, 2014), mas estão em movimento, retomados e rompidos pelos sujeitos nas suas relações com as diferentes FDs, o que nos ajuda a pensar como, na atualidade, mesmo com novos sentidos constituídos para e pelos sujeitos-gays, ainda são retomadas interpretações de condenação e relacionando a homossexualidade ao pecado e a vergonha, como observamos na FD religiosa presente em materiais analisados.

A sodomia foi identificada como passível de ser classificada de mais de uma maneira, o que reforça nossa compreensão sobre como a organização da sexualidade é uma prática constante ao longo da história, inclusive, necessária para imputar diferentes modos de punição aos sujeitos compreendidos como desviantes. Quem é autorizado a definir esses modos de organização não ocupa qualquer posição, mas é autorizado e legitimado desse modo.

A Inquisição Católica compreendia a existência de distinções acerca dos tipos de prática da sodomia. A sodomia perfeita envolvia os casos nos quais ocorria a penetração com a ejaculação no ânus e a sodomia imperfeita era a prática da felação. As punições variavam de acordo com a interpretação do Santo Ofício diante da gravidade do pecado (Mott, 1988), isso ajuda a compreendermos o motivo pelo qual, grande parte dos presos, afirmava que não praticaram a cópula anal, visando fugirem da condenação à morte na fogueira, preferindo assumir a culpa por outros atos, como a felação, a masturbação, a roçada de membros, o gozo em partes do corpo, as lambidas, as cheiradas e os beijos, mas o ato de ejacular no ânus era negado sempre que possível (Vainfas, 1997).

Nos julgamentos por sodomia, era descrita qual a posição do homem durante a relação, se atuava como ativo ou passivo e a quantidade de parceiros sexuais. Os processos eram lidos em voz alta em espaços públicos e o sodomita era exposto como criminoso, mas não eram expostos muitos detalhes, visto que esse crime era considerado tão sujo que não devia ser

alardeado. O objetivo era o de apresentar o sodomita como criminoso e inscrever o medo da punição pela prática desse crime e pecado (Vainfas, 1997).

Ressaltamos, com base em Mott (1996, p. 105), que a família também sofria punições caso um parente fosse condenado por sodomia. A família poderia ser punida por não ter denunciado o membro e “por três gerações ascendentes e descendentes, os parentes dos homossexuais condenados ficavam inabilitados de exercer qualquer cargo na administração pública, eclesiástica e militar, tendo inclusive seus bens sequestrados pela justiça inquisitorial”. Os receios contribuíram para a repressão de tendências consideradas atreladas ao universo desviante dos sodomitas. O medo afetava a todos, ainda mais em uma época na qual os sentidos do religioso ocupavam espaço central na determinação do que era ou não adequado.

No século XIV, a homossexualidade passa a ser associada à feitiçaria e ao demonismo²⁰⁹, já que a sodomia era considerada um pecado ditado pelo demônio (Trevisan, 2007). Nessa época, ganhou destaque os sentidos de relação da prática desse pecado, com a produção de desgraças no mundo²¹⁰. Era o período da Peste Negra que dizimou parte da população da Europa, atrapalhando a economia e o desenvolvimento das áreas afetadas, isso levou ao incentivo da visão de a necessidade dos casais terem filhos e, por outro lado, recrudesceu o ódio para com os sodomitas, já que se compreendia que estes não geravam filhos e ameaçavam a sobrevivência humana (Spencer, 1999).

Na Idade Média, as práticas sexuais foram vistas como inadequadas. Apenas o sexo marital era compreendido como legítimo, mas sem que houvesse a aceitação da sua realização como forma de obtenção do prazer, já que seu objetivo era assegurar a reprodução. Desse modo, a Igreja Católica, compreendia que a sodomia resultava no desvio da genitália no ato sexual, tanto em relações de pessoas de sexos diferentes ou do mesmo sexo (Vainfas, 1997), mas historicamente, persistiu sua associação aos homens que estabelecem relações com o mesmo sexo:

Fortemente identificada com o coito anal, há muito estigmatizada na tradição ocidental por sua associação com sujeira, excrementos, impureza, demônios, e aproximada ao bestialismo por sugerir a semelhança da cópula com animais, a sem-razão animalesca a que a busca do prazer poderia conduzir, a sodomia não perdeu, no pensamento dos escolásticos, os vínculos que sempre guardara com as condutas homossexuais (Vainfas, 1997, p. 154).

²⁰⁹ Trevisan (2007) destaca que mulheres acusadas de bruxaria e torturadas pelo Santo Ofício afirmaram, em inúmeros momentos, que o diabo preferia penetrá-las pela região anal durante os seus rituais. O que produzia uma ligação da sodomia com o diabo.

²¹⁰ Em inúmeras regiões, os sodomitas foram identificados como causadores de castigos e punições divinas, como observado na cidade de Veneza, ao serem responsabilizados pelas epidemias e inundações da cidade (Puff, 2006).

Em Portugal, a gravidade da sodomia era equivalente ao crime de lesa majestade. Punições que poderiam levar a morte eram comuns, mas também seus bens eram retidos pelo Estado e seus descendentes eram vistos como infames. Não era incomum existir a violência por parte da população, que receava que castigos divinos fossem direcionados sobre aquela comunidade²¹¹ (Vainfas, 1997, p. 161). Essas marcas contribuíram para a identificação negativa acerca dos sentidos sobre a homossexualidade ao longo do tempo.

Durante o processo de colonização do Brasil, o pecado nefando passou a ser observado com atenção durante a atuação do Santo Ofício no século XVI. A atuação da Inquisição Católica no Brasil foi mais branda que em Portugal, devido ao tamanho do país e a própria instabilidade da vida na colônia. Enquanto na Europa os prisioneiros foram postos em masmorras, no Brasil, os recursos disponíveis eram outros, levando os prisioneiros a prisões comuns, com janelas, contato com a via pública e com outros prisioneiros (Trevisan, 2007).

As ordens do rei de Portugal, Dom João III, foram de que os praticantes da sodomia deviam ser executados sem direito a apelação. A identificação comum na época foi a de que os indígenas e os escravos africanos incentivaram e seduziram os brancos portugueses para a prática do pecado nefando (Vainfas, 1997). Os sentidos negativos atrelados aos indígenas e aos escravos refletiam na sua associação com a prática do pecado nefando, ignorando que eles possuíam outras compreensões acerca das relações sexuais possíveis e que diferiam dos sentidos naturalizados na Europa católica. Os portugueses compreendiam que a prática do pecado nefando era facilitada no Brasil, já que muitos praticantes desse pecado foram degredados para o país, como veremos na imagem a seguir:

²¹¹ Ao longo das vindas para o Brasil, os colonizadores portugueses enfrentaram surtos de pestes e fortes tempestades identificando que a culpa para a existência desses problemas eram a presença de sodomitas a bordo dos navios. Foi comum o registro da ocorrência de agressões e ameaças de jogar ao mar aqueles identificados como praticantes desse pecado (Mott, 2001).

Figura 12 – O Olhar Estrangeiro

Fonte: Trevisan (2007).

A imposição de normas e formas de compreensão da sexualidade foi algo que norteou, por exemplo, as ações dos colonizadores europeus na América do Sul, seguidores de diretrizes do Catolicismo, os colonizadores portugueses e espanhóis reprimiram com violência, e impuseram, sua forma de compreender a sexualidade entre os nativos, taxados de ignorantes, primitivos e bestiais (Aldrich, 2006). Vejamos uma ilustração acerca da violência dos colonizadores (Spencer, 1999):

Figura 13 – Balboa Condenando acusados de sodomia a serem devorados por cães de Theodore de Bry, de 1590

Fonte: Spencer (1999, p. 241).

Em Portugal, foram registradas 4419 denúncias de sodomia pela Inquisição Católica, entre os anos de 1587 a 1794, incluindo suspeitos e praticantes confessos desse crime e pecado. Do total, 394 foram julgados e 30 foram condenados à morte na fogueira, além dos vários condenados a serviços forçados em navios reais ou ao exílio em colônias portuguesas, entre elas o Brasil, que poderia ser perpétuo ou provisório, no entanto, tais punições foram aplicadas após a pessoa já ter perdido os seus bens e ter sido duramente chicoteada em praça pública (Green, 2000).

O primeiro sodomita identificado como degredado para o Brasil chegou em 1549, enviado para a região de Pernambuco²¹². Os capitães-mores foram autorizados pelo rei de Portugal a condenar à morte aqueles que cometessem quatro tipos de crimes e pecados: a prática da sodomia, a heresia, a aliança com invasores estrangeiros ou com os índios e a fabricação de moedas falsas. O sodomita era compreendido como fonte de castigos divinos, derrocada dos costumes, das tradições familiares e regras religiosas. Por mais de cem anos foram processados, com resultados como a condenação à fogueira ou o exílio, 42 pessoas no Brasil (Mott, 1988, 2001). No entanto, era comum que pessoas de alta estirpe e poder econômico tivessem sua pena perdoada, pagassem uma indenização de até cem cruzados ou fossem degredados por até dez anos (Trevisan, 2007).

Os discursos da homossexualidade como pecado não desapareceram. É uma FD na qual ainda são produzidos sentidos na atualidade. A memória possibilita tais gestos de retomada, no qual, mesmo com o espaço obtido pelos sujeitos-*gays*, discursos que os inscrevem na ordem do pecado são comuns em inúmeros espaços, como no das discussões políticas e de saúde. Por exemplo, nas falas de uma psicóloga que defende o direito de ajudar *gays* a saírem da condição de ‘doentes’, mesmo com a posição contrária de profissionais e órgãos de classe acerca dessa interpretação (Soares, 2012). Outro exemplo é fornecido por Trevisan (2007) sobre a votação da Constituição Federal em 1988, em que a discriminação contra a orientação sexual foi rechaçada por quase todos os políticos do plenário, com dizeres que condenavam a homossexualidade e afirmações de que, a aprovação de tal emenda traria castigos e maldições ao país, retomando sentidos sobre a destruição das cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra para ilustrar essas colocações. É pela relação com a memória que essas interpretações e sentidos são sustentados, com a possibilidade de retomada do que já ressoa e produz efeitos, pois está inscrito no sócio-histórico.

²¹²

Na época, nomeada Capitania de Pernambuco e/ou Nova Lusitânia.

O anonimato é recurso precioso para quem não pode exhibir publicamente que é *gay*. Sabemos que inúmeras regiões do planeta incentivam práticas homofóbicas, seja pela mobilização de discursos religiosos, jurídicos ou institucionais, atrelados e produtores de sentidos que reforçam a inadequação dos *gays* e da homossexualidade, por isso, o uso dos aplicativos de relacionamento por esses sujeitos é identificado como uma forma de obter relações e vivências homossexuais, mas resguardados pelo imaginário de potência e segurança que assegura condições de manter o anonimato nessas tecnologias. O anonimato prometido pelos aplicativos é precioso em um contexto em que ser *gay* é proibido, por isso, falhas na segurança do sistema do Grindr colocam em risco esses sujeitos, o que pode resultar em perigo para as suas vidas:

[R78] Segundo o site de tecnologia NDTV Gadgets, **uma pessoa anônima tem mandado mensagens para usuários de aplicativo gay Grindr alertando sobre um erro no sistema que expõe o lugar exato de onde estariam acessando a rede. Nas mensagens, normalmente direcionadas a usuários que estão em países com leis anti-gays, o anônimo alerta para o risco que eles estão correndo, já que “qualquer pessoa com um pouco de conhecimento hacker” pode ter acesso ao sistema de localização do app, deixando os usuários expostos a perseguições e até mesmo assassinatos**” (IG – 11/06/2013)²¹³.

O imaginário de potência atribuído à tecnologia também falha. Erros compõe o funcionamento dos aplicativos, interferem nas relações estabelecidas pelos sujeitos e podem produzir riscos. O destaque dado ao “erro no aplicativo Grindr” coloca em questionamento essas falhas que constituem os sistemas em estruturas que são cada vez mais utilizadas no cotidiano dos *gays*. No entanto, não se trata de um “erro” simples, mas que pode colocar em risco uma série de “usuários” em países em que ser *gay* é um crime. Ao expor os usuários em países com “leis anti-gays”, o aplicativo é apontado como capaz de produzir riscos.

A identificação de quem é exposto pode ter consequências em países nos quais ser *gay* é algo ilegal. Ocupar essa posição, ou mesmo, ser identificado como *gay*, pode resultar em punições severas, resguardadas pela estrutura jurídica de inúmeras nações, nas quais, a punição pode ser a prisão, castigos físicos ou a morte.

A tecnologia rompe as fronteiras, possibilita que os sujeitos-*gays* ocupem lugar nos aplicativos de relacionamento, mesmo em nações com contextos complexos para eles, marcando gestos de rompimento com os sentidos do que é considerado legal, autorizado pelas instituições do Estado, já que os países não conseguem fazer frente às ações das iniciativas empresariais que rompem com as fronteiras físicas pela via das redes do ciberespaço.

²¹³ Pajubá – o blog gay do iGay. (2014, 20 de agosto). Erro no aplicativo Grindr expõe localização de usuários em países com leis anti-gays. *IG*. Recuperado de <http://pajuba.ig.com.br/index.php/2014/08/20/erro-no-aplicativo-grindr-expoe-localizacao-de-usuarios-em-paises-com-leis-anti-gays/>

Interessa-nos pensar o modo como as fronteiras e as respectivas legislações tratam com distinção os sujeitos-*gays*, como em determinadas condições de produção e contextos, ressoa como autorizado e legítimo se apresentar como *gay* e em outros territórios, isso é criminalizado e punido.

O discurso possui força, existe o imaginário de que ao ser proibido no âmbito da lei, pela determinação do discurso jurídico, é possível cercear qualquer identificação ou sentimento de que se é *gay*, reforçado e sustentado por enunciados de outros espaços de poder, como discursos políticos e religiosos, mas que não conseguem impedir essa compreensão do que se é pelo sujeito, a vontade de vivenciar a homossexualidade e explorar sua sexualidade por meio do uso dos aplicativos. Estar nos aplicativos, nesse contexto de proibição, nos parece um gesto de resistência dos sujeitos, uma forma de produzir outros sentidos e buscar modos de vivenciar a sua homossexualidade, em uma conjuntura que estabelece como natural a realização da repressão, do controle enérgico das sexualidades interpretadas como desviantes e condenadas em esferas legais, morais, religiosas e sociais desses territórios.

No excerto, o “erro” no sistema operacional do Grindr é apontado de forma “anônima” e encaminhado para inúmeros “usuários” dessa plataforma, relatando que um problema técnico no sistema operacional do aplicativo permite indicar com precisão o “lugar exato de onde estariam acessando a rede”, facilitando que eles sejam apanhados por instituições de países com políticas “anti-gays” ou por sujeitos homofóbicos, interessados em promover “perseguições” ou cometer “assassinatos”, já que estar nesse tipo de rede de sociabilidade já seria marca inequívoca de pertencimento ao universo *gay*. Novamente, a proteção e o sigilo que são anunciados como parte dessas estruturas tecnológicas não se concretizam e a exposição é uma realidade na qual, quem mantém um perfil no aplicativo, lida e arrisca ao estar ali. A exposição é uma realidade e um “risco”, aos quais se está sempre à deriva no contexto desses países com leis “anti-gays”. Mas esse risco seria apenas nesses países com legislação “anti-gay”? Vejamos a continuação do alerta de quem denunciou o “erro” no sistema:

[R79] [...] como é fácil conseguir ter esse acesso. Segundo o autor, **não só os gays que estão em países como o Sudão ou Iêmen deveriam se preocupar com o erro, mas qualquer outro usuário de qualquer outro país.** (IG – 11/06/2013)²¹⁴.

²¹⁴ Pajubá – o blog gay do iGay. (2014, 20 de agosto). Erro no aplicativo Grindr expõe localização de usuários em países com leis anti-gays. *IG*. Recuperado de <http://pajuba.ig.com.br/index.php/2014/08/20/erro-no-aplicativo-grindr-expoe-localizacao-de-usuarios-em-paises-com-leis-anti-gays/>

A homofobia não está presente apenas em nações com legislação discriminatória. Atos homofóbicos estão presentes também em países com legislações que protegem quem é *gay*, mas isso não impede que ataques, físicos ou verbais, ocorram. O “acesso” a localização exata dos usuários “é fácil” de ser realizada, o que promove o receio de ataques, não apenas em países nos quais a não aceitação da homossexualidade é conhecida e institucionalizada, “como o Sudão ou Iêmen”, por exemplo, mas em “qualquer outro país”, por isso, a atenção é necessária para evitar que “erros” como esse persistam, com a realização de ajustes e a vigilância por parte das empresas que administram essas ferramentas tecnológicas para evitar esses problemas.

Os “erros” dos sistemas dos aplicativos não significam apenas problemas técnicos, já que os efeitos podem ser a produção de perseguições e a prática de ações violentas contra quem está nesses espaços. Em determinados contextos, ser flagrado como pertencente a uma rede de relações *gays* pode produzir consequências graves, por isso, a compreensão da segurança é importante para quem utiliza essas ferramentas tecnológicas.

No século XIX, a homossexualidade passa a ser pensada e discutida no âmbito das ciências médicas (Foucault, 1988). Temos alterações no modo como são produzidos sentidos acerca desse sujeito, não mais na área da religião (sujeito-pecador) ou jurídico (sujeito-criminoso), mas isso não impede que tais regiões de sentido sejam retomadas e inscritas, utilizadas para reforçar argumentos de preconceito, em anos passados ou na atualidade. Sabemos que os sentidos estão sempre em relação com outros sentidos, o mesmo ocorre com as diferentes FDs.

É no século XVIII, segundo Foucault (1988), que temos o dispositivo da sexualidade, no qual, há a compreensão desse homem que estabelece relações com outros homens, como constitutivo de um grupo, parte de uma espécie, com características e marcas próprias. Temos mudanças de região de sentido nas discussões acerca da relação entre dois homens: saímos da identificação como pecado, para a que o compreende como doença. Consideramos que isso é uma alteração importante, pois afeta a significação e a produção dos sentidos.

O médico húngaro Károly Mária Kertbeny foi o primeiro a cunhar, em 1869, a expressão “homossexualidade”. Kertbeny marcou a existência na natureza de homens e mulheres que possuíam desejos homossexuais, sem possuir o interesse por pessoas do sexo oposto (Spencer, 1999). O médico escreveu ao Ministro da Justiça da Prússia, solicitando o fim das leis de criminalização de atos homossexuais, compreendidos como não naturais. Os termos homossexualidade e homossexualismo passaram a ser usados amplamente no espaço médico. No entanto, o preconceito continuou: saiu de cena a visão da danação eterna dos

sodomitas e entra a identificação dos homossexuais como perversos e doentes, necessitando ser curados (Tamagne, 2006).

Foi com a publicação da tradução do texto *Psychopathia Sexualis*²¹⁵, em 1892²¹⁶, obra escrita por Richard von Krafft-Ebing, que o termo homossexual passou a ser popularmente usado na Europa para designar, no campo médico, quem possuía interesses por pessoas do mesmo sexo. A obra apresentou tratamentos médicos variados para os casos de homossexualidade, mas também envolvendo a masturbação e obscenidades. O livro trata da homossexualidade no campo da patologia (Spencer, 1999) e essa abordagem, ainda hoje, é vista nas falas e observações de inúmeros profissionais da saúde, principalmente, aqueles que tentam vincular o trabalho nesse campo a dogmas religiosos²¹⁷.

No século XVIII, temos o sexo não mais como questão religiosa, mas como assunto de interesse e negócio do Estado, sendo observado em inúmeros campos, como no econômico, médico e pedagógico, assim, os sujeitos são postos em vigilância em inúmeras áreas. A atuação estatal tinha por base três pilares: o eixo pedagógico, voltado para o trabalho com a educação sexual das crianças; o eixo da medicina, com os estudos da fisiologia sexual e o foco nas mulheres; e o eixo demográfico com as diretrizes que estabelecem, ou não, normas e regulações acerca dos nascimentos e mortes (Foucault, 1988).

A administração da vida e da morte ganha espaço, de modo que a sujeição dos corpos e o controle da população, passa pelos espaços disciplinares, como a escola e o surgimento de práticas políticas como as de saúde pública, as questões habitacionais e migratórias, revelando uma série de técnicas nas quais esse controle é o foco, de modo que o dispositivo da sexualidade é uma tecnologia de poder fundamental no século XIX. O controle dos corpos foi essencial no desenvolvimento do capitalismo, no qual existe a demanda pelo ajuste da população ao modelo de produção e do crescimento populacional adequado. O poder de atuar com a vida, condiciona o trabalho de assegurar o acesso ao corpo e interfere na forma do homem se alimentar, vestir e viver (Foucault, 1988).

Ao poder falar da homossexualidade como doença foi possível explicar sobre a sua possibilidade de cura, inclusive com a medicalização e a internação em manicômios para tratamentos médico e psicológico, visando a solucionar o que era compreendido como um problema de saúde. As formas de tratamento eram variadas e incluíam desde a aplicação de

²¹⁵ Obra traduzida por Charles Gilbert Chaddock (Spencer, 1999).

²¹⁶ Publicado originalmente em 1886.

²¹⁷ No Brasil, volta a ser discutida a liberação de iniciativas voltadas ao “tratamento” de homossexuais por meio de uma liminar fornecida por um juiz de primeira instância do Distrito Federal, diante de uma ação de psicólogos cristãos, isso ocorreu em setembro de 2017.

hormônios, a castração, a lobotomia e a terapia de aversão²¹⁸. A promessa do campo da medicina, com a cura da homossexualidade, era a de resolver um problema social²¹⁹. Existiram, inclusive, recomendações de internação já visando evitar que o sujeito fosse estimulado a ser *gay*, caso, houvesse a desconfiança de algum comportamento adotado e compreendido como homossexual. No século XX, esses meios de tratamento da homossexualidade foram amplamente mobilizados pelo regime nazistas, antes e durante a Segunda Guerra Mundial (Fry & MacRae, 1985; Spencer, 1999).

Destacamos como a simples possibilidade de interpretação do sujeito como homossexual já era motivo para justificar a sua internação e o início do tratamento. A homossexualidade era identificada como uma doença que poderia ser controlada e curada com os cuidados corretos. Mas o que constitui a compreensão do outro como possível homossexual? Como essa interpretação é produzida e sustentada, justificando ações por parte dos profissionais da saúde daquela época? Nossa análise é de que a relação com a memória sustentava meios para pensar gostos e hábitos, como capazes de produzir pistas que assegurassem essa interpretação e o enquadramento de determinados homens como possíveis homossexuais, o que mobilizava a necessidade de tentar reverter essa possibilidade, inclusive, com ações prévias de tratamento que inibissem essa tendência.

No século XIX, as concepções médicas acerca da homossexualidade seguiram por uma linha de raciocínio moral, de modo que o homossexual, mesmo que não desejasse ser identificado, poderia ser descoberto por análises médicas de seu pênis e ânus, indícios que assegurassem adequados meios de rastrear o comportamento sexual dos homens. Os homossexuais foram condenados como pecadores no espaço religioso e identificados como seres perversos e aberrações no espaço da medicina (Ariès, 1985). Como observamos, em uma interpretação discursiva, as FDs não estão desatreladas, separadas entre si, mas continuamente enlaçadas e com fronteiras tênues, como observamos no elo entre a repressão praticada no plano religioso e da saúde. Ocorre a inter-relação entre as diferentes FDs, o que ajuda a entender as relações contínuas entre o campo religioso e médico na abordagem da homossexualidade, em ambos, ela constituía uma forma de desvio que necessitava ser evitada,

²¹⁸ No qual, a repulsa era condicionada a algo que produzia prazer ao indivíduo. Houve o uso de medicamentos e/ou choques elétricos para a indução ao enjoo ao exibirem filmes e *slides* com homens nus (Fry & MacRae, 1985; Spencer, 1999).

²¹⁹ No final do século XIX, qualquer queda de natalidade era apontada como culpa dos homossexuais, com a constante repetição de enunciados que afirmavam que o declínio Greco-Romano foi decorrente da difusão desse tipo de relação (Spencer, 1999). Com esse exemplo, observamos que a relação dos homossexuais com as desgraças de um povo ou grupo, persistiu, mesmo com a sua abordagem pelo campo médico. Na atualidade, não são raros os casos de políticos ou religiosos que ainda relacionam crimes, problemas sociais ou tragédias com os *gays* e a homossexualidade.

expurgada e/ou vigiada, impedindo que outros desenvolvessem esse comportamento inadequado.

A compreensão da homossexualidade como doença foi amplamente difundida no Brasil, durante o século XX. Em uma publicação da área da saúde de 1906, o médico Pires de Almeida²²⁰, escreveu que o homem deveria ter sua sexualidade restrita ao seu casamento e a sua esposa, o que evitaria a degradação do seu corpo. As considerações do autor estão relacionadas ao modelo médico europeu iniciado por Karl Heinrich Ulrichs e de Richard von Krafft-Ebing. A homossexualidade foi inscrita como uma forma de degradação do homem, incapaz de controlar a sua própria sexualidade, como as pessoas identificadas como normais, no caso, os heterossexuais (Fry, 1982; Fry & MacRae, 1985). A opinião da época, baseada nos pressupostos de Karl Heinrich Ulrichs, era a seguinte:

[...] a homossexualidade era congênita e resultava de uma combinação anômala de traços masculinos e femininos num só corpo – teoria que até hoje tem os seus adeptos. Inventou o termo *urning* (uranista) para se referir a tais pessoas com “uma alma feminina num corpo masculino”. Ulrichs distinguiu entre o *Mannling*; que seria totalmente “masculino” em aparência e em personalidade, o *Weibling*, que seria o efeminado, e o *Zwischen-urning*, que seria um tipo intermediário (Fry, 1982, p. 97).

Relatos sobre a forma como a área médica brasileira entendia a homossexualidade foram analisados por Green (2000) e Trevisan (2007). Trevisan (2007) destaca que na década de 1920, o médico brasileiro Fernando Nunes, sugeria que os homossexuais fossem trancafiados em um espaço específico para que houvesse o tratamento e a vigilância adequada. Green (2000) relata que os estudos do médico Leonídio Ribeiro, na década de 1930²²¹, sobre a homossexualidade²²² no país, compreenderam que existia a alma de uma mulher no corpo de um homem.

No Brasil, com o Código Penal Imperial, promulgado em 1830, a sodomia não foi criminalizada, mas o artigo 280²²³ permitia a punição para indivíduos identificados como praticantes de atos indecentes, consistindo em multa ou prisão de 10 a 40 dias (Green, 2000). O Código Penal de 1890 manteve a descriminalização da homossexualidade, mas buscava

²²⁰ Almeida, P. (1906). *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Laemmert C.

²²¹ A forma como o médico conduziu o estudo é questionável do ponto de vista ético, visto que ele usou o aparato policial para obter os homossexuais de sua pesquisa (Green, 2000).

²²² Na pesquisa, Ribeiro atuou com 195 homossexuais que estiveram detidos na polícia no ano de 1932, visando a cura de suas práticas sexuais consideradas desviantes. O médico analisou esses homens, no entanto, nunca apresentou o que seria o “protótipo do homossexual” (Green, 2000, p. 203). O trabalho de Ribeiro foi influenciado por pesquisadores europeus, como o criminalista italiano Cesare Lombroso e do docente da Universidade de Madrid, o espanhol Gregório Marañón, o que ressalta como essas iniciativas foram amplamente difundidas, sem o menor respeito a questões éticas.

²²³ Referente aos atos públicos de indecência.

controlar o comportamento homossexual pelo uso do artigo 282²²⁴, mobilizado para punir possíveis tentativas de manifestação pública de relações entre dois homens, tal artigo previa penas de 1 a 6 meses de prisão. O travestismo também foi passível de punição, com o artigo 379²²⁵, com a prisão de 15 a 60 dias. Desse modo, a polícia teve autorização para impedir as vivências dos homossexuais, já que “embora a homossexualidade em si não fosse tecnicamente ilegal, a polícia brasileira e os tribunais dispunham de múltiplos mecanismos para conter e controlar esse comportamento” (Green, 2000, p. 58).

No Código Penal Brasileiro, a homossexualidade também não foi tipificada como crime, mas na década de 1930, existiu a colaboração entre a polícia e os médicos, para que fosse possível a melhor compreensão acerca do histórico de vida dos *gays* (Fry, 1982). Como exemplo desse trabalho conjunto, citamos a ação que identificou e trouxe sujeitos compreendidos como *gays*, pertencentes a regiões periféricas da cidade de São Paulo para o Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações de São Paulo, onde médicos realizaram pesquisas focando os aspectos biológicos da homossexualidade. A ação foi identificada como positiva pelo campo da medicina, fornecendo melhores condições para garantir o maior controle e vigilância acerca desses sujeitos e da possibilidade de encontrar o que seria a cura definitiva para o que foi definido como doença (Fry & MacRae, 1985).

Outro exemplo pode ser observado acerca da compreensão da homossexualidade como atividade absurda pelos médicos brasileiros, expressa durante a realização da Primeira Semana Paulista de Medicina Legal²²⁶, em 1937, em que juristas e médicos conclamavam que a reformulação do Código Penal punisse qualquer prática homossexual, com o encaminhamento dessas pessoas para os manicômios judiciários. O uso de punições adotadas na Europa contra os homossexuais foram exaltadas, identificadas como exemplos para as políticas brasileiras²²⁷ (Trevisan, 2007). É importante notar que na época, a Europa estava imersa no avanço dos ideais nazifascistas.

A busca por vagas em hospitais psiquiátricos para internar parentes que apresentavam sinais de uma conduta homossexual foi prática comum, no Brasil, entre as instituições psiquiátricas que receberam homossexuais, temos o Hospital Psiquiátrico do Juqueri, em

²²⁴ Referente aos atos de atentado violento ao pudor.

²²⁵ Referente aos atos de uso de nome suposto, títulos indevidos e outros disfarces.

²²⁶ Nas falas deste evento, é possível a compreensão de que a homossexualidade era vista como um crime em si, de modo que ser homossexual já marcava um ato criminoso, independentemente da existência de relações sexuais. Apesar das lutas e pressões de grupos pela inclusão da homossexualidade como crime, ela não integra o Código Penal de 1940, ainda em uso no Brasil (Trevisan, 2007).

²²⁷ Segundo Spencer (1999), a maioria dos estados dos EUA promulgaram legislações condenando a homossexualidade como crime já no século XIX. Houve a difusão, desde o século XIX, da importância de punir os homossexuais dentro das diretrizes dos códigos de crimes de inúmeros países ocidentais.

Franco da Rocha, região metropolitana de São Paulo e o Hospital Colônia de Barbacena, na cidade de Barbacena, Minas Gerais. Muitas das identificações da homossexualidade foram realizadas com base em características físicas, como traços femininos, voz fina e o jeito de andar, destacadas pela própria família como justificativa para atestar a sexualidade destoante (Green, 2000). É pela naturalidade de determinados sentidos associados aos sujeitos-*gays* que foram aceitas as internações de inúmeros homossexuais em hospitais psiquiátricos, marcas do corpo e hábitos eram o suficiente para identificar e justificar que esses sujeitos fossem trancafiados e submetidos a tratamentos vexatórios, objetivando reverter sua orientação sexual e torná-los heterossexuais.

A forma como o regime nazista tratou os homossexuais merece atenção. Acreditamos que exemplifica bem como são perigosas às ideias de eliminação dos sujeitos considerados diferentes, ainda mais quando balizadas pelo poder dos espaços institucionais. Durante o regime nazista, no começo do século XX, a estrutura do Estado Alemão coloca a necessidade de que os arianos multiplicassem a sua população, por isso, a homossexualidade foi vista como um perigo para a ampliação dos seus domínios, além de ser compreendida como inadequada a um povo que defendia ideais de perfeição e pureza (Borrillo, 2010; Trevisan, 2007). Novamente, ganha reforço a compreensão da possibilidade de curar os *gays*, por meio da medicina. Muitos homossexuais foram cobaias de cientistas que buscavam desenvolver formas de reestabelecer a pretensa heterossexualidade desses homens²²⁸ (Borrillo, 2010).

Os nazistas criaram a Agência Central do *Reich* para combater a homossexualidade e o aborto. Os homossexuais foram enviados em grandes quantidades aos campos de concentração, marcados pelo uso do triângulo rosa em suas roupas, servindo como cobaias em inúmeros experimentos, incluindo os que objetivaram reestabelecer a heterossexualidade, e mortos²²⁹, juntos com outros grupos, como os ciganos, os comunistas e os judeus. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a homofobia esteve presente em decisões políticas, como na proibição de inúmeros países em aceitar sobreviventes, cujo motivo da prisão tenha sido a homossexualidade (Borrillo, 2010; Fry & MacRae, 1985). De acordo com Mott (1988, p. 115) estima-se que foram “300 mil os ‘schwul’ (*gays*) assassinados pelo Nazismo”²³⁰.

²²⁸ Como parte desses processos de recuperação, destacamos a obrigatoriedade de relacionar-se sexualmente com mulheres. A ausência de resultados desses tratamentos levou a castração, e posterior eliminação, de inúmeros homossexuais nos campos de concentração (Borrillo, 2010).

²²⁹ Os homossexuais foram enviados em grandes quantidades aos campos de concentração, mas não morreram apenas ali, mas também em prisões ou como cobaias, em decorrência dos resultados das experiências realizadas em seus corpos (Borrillo, 2010).

²³⁰ Foi inaugurado em 2008, em Berlim, Alemanha, um monumento em homenagem aos homossexuais mortos pelos nazistas que fica em frente ao Memorial do Holocausto. Em 2014, em Tel Aviv, Israel, também existe um monumento com o mesmo propósito no centro da cidade.

O exemplo da perseguição nazista demonstra como essa interpretação da homossexualidade como doença e do sujeito-*gay* como paciente, representa perigo, pois envolve a naturalização de sentidos de extermínio do que é considerado anormal. A compreensão da heterossexualidade como natural não é algo dado, mas um sentido sócio-historicamente constituído. É importante compreender que a sexualidade é plural, não una, o que confronta idealizações de que só é possível ser heterossexual, o que temos é uma naturalização de determinados sentidos que ressaltam a afirmação de que a heterossexualidade é a forma natural de vínculo e negam a outras orientações sexuais sua validade. Reafirmamos que existem processos de administração e controle da(s) sexualidade(s) dos sujeitos, relacionadas às condições de produção específicas de cada lugar e período. A abordagem do exemplo do regime nazista permite identificarmos como os métodos de aniquilação dos sujeitos-*gays* não cessaram de serem formulados e aperfeiçoados ao longo dos anos, ancorados em discursos oficiais, como no discurso científico, jurídico, médico e religioso. Ele persiste em FDs que hora estão próximas, hora em contraposição.

Após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, é publicada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, formulada pela ONU, com a difusão da noção de que todos são iguais, sem distinção de raça, sexo, religião, etc. É no contexto de um mundo em transformação, após os horrores da Segunda Guerra Mundial, que começam os trabalhos de atuação e organização de grupos por parte dos *gays*, em luta contra a discriminação, por leis de proteção e contra políticas repressivas de inúmeros países, citamos como exemplo de mobilização o grupo dinamarquês *Forbundet af 1948*²³¹, um dos primeiros com ações nesse sentido (Rizzo, 2006). Aldrich (2006) compreende que é a partir da década de 1950 que o termo *gay* passa a ser mobilizado por ativistas, marcando sentidos de orgulho e identificação com um grupo que começa a ganhar espaço e estabelecer uma organização, instaurando efeitos de união.

Nos anos das décadas de 1950 e 1960 surgem grupos que reúnem *gays*, homens que identificavam que a circulação de informações equivocadas sobre os homossexuais era ponto alto da constante discriminação contra eles. A compreensão desses grupos era que as imagens acerca dos homossexuais eram negativas, atreladas à extorsão, prostituição, promiscuidade, pedofilia, inversão do que seria naturalmente dado, o que impedia avanços na conquista de direitos. Aqui, observamos como a imprensa, e a mídia de modo geral, já eram observadas como importantes lugares na difusão de discursos sobre esses sujeitos e despertou a atenção deles para a busca pela promoção de outra imagem nesses espaços discursivos.

231

Segundo Rizzo (2006), na mesma época, também surgiram grupos na Noruega e Suécia.

Nos EUA, a *Mattachine Society*, em 1953²³², fundada em Los Angeles, por Henry Hay, é considerada a primeira organização *gay* desse país, fundada após ele, que era membro do Partido Comunista Americano, ser recriminado pelo seu “problema sexual”²³³. O objetivo da *Mattachine Society* era produzir outra imagem sobre os homossexuais, frente ao preconceito e a discriminação existentes, inclusive, com a realização de protestos, um famoso ocorreu na frente da Casa Branca em Washington D.C., residência e local de trabalho do presidente norte-americano. O protesto alertava para o tratamento dado aos *gays* como cidadãos de segunda classe, aliados de uma série de direitos defendidos como fundamentais (Rizzo, 2006):

Figura 14 – Homos on the March: the day they picketed the white house (1965)

Fonte: Rizzo (2006, p. 221).

Atividades sociais eram as principais dos primeiros grupos *gays* organizados dos EUA, com a realização de atividades de socialização como jantares e encontros de confraternização. Interessante que esses primeiros grupos eram críticos a frequentar espaços voltados para a vivência dos homossexuais, como bares e saunas, tais locais eram estigmatizados pelos membros dessas organizações, considerados pouco produtivos na produção de outra imagem sobre a comunidade *gay*. Outra razão para a rejeição desses espaços era a sua identificação como lugares de clandestinidade, sexo e associados a homens afeminados como seus principais frequentadores (Rizzo, 2006). Aqui, podemos observar traços da contradição e da

²³² O primeiro movimento político organizado pelas lésbicas, nos EUA, foi o *Daughters of Bilitis*, fundado em 1955 (Rizzo, 2006).

²³³ As perseguições impostas pelo Macarthismo na década de 1950 nos EUA também englobaram os *gays*, compreendidos como verdadeiro risco a segurança nacional. Houve a autorização do governo norte-americano para investigar possíveis *gays* que atuavam nos cargos públicos de confiança (Rizzo, 2006).

inscrição da discriminação por *gays* que lutaram contra o preconceito, por visibilidade e novos sentidos para esses sujeitos no espaço público, mas que retomam e reforçam sentidos negativos sobre aqueles que são afeminados ou estão interessados apenas em sexo casual. A rejeição a esses sujeitos ocorre pela crença de que eles também eram responsáveis pelos sentidos negativos que afetavam esse grupo publicamente, reforçando sentidos de imoralidade e promiscuidade que grupos organizados tentavam apagar e superar.

A Primeira Marcha do Orgulho Gay do mundo ocorreu na cidade de Nova York, em 28 de junho de 1970, realizada um ano após os protestos de Stonewall Inn²³⁴, também em Nova York, evento marcante para os homossexuais norte-americanos, pois a partir dele é que as agressões e o preconceito, principalmente policial, passam a ser alvo de questionamentos e protestos, o que influenciou homossexuais de vários países a se unirem e lutarem contra o preconceito. Após os confrontos, ganhou contornos o ideal de importância da celebração do orgulho de ser *gay*, como um gesto político (Sedgwick, 2007). Atualmente, manifestações ocorrem em inúmeros países, com ações variadas, como passeatas e o estímulo ao *coming out*²³⁵, objetivando fortalecer o movimento por direitos civis e políticos da comunidade LGBT.

A década de 1970 é aquela na qual surgem as organizações *gays* mais atreladas às discussões e mobilizações de caráter político, como o grupo *Gay Liberation Front*, organização que mesclava uma visão política mais à esquerda e o estilo de vida *gay*, com relações com outros movimentos de protestos do período, como os grupos feministas e do movimento negro. As mobilizações de grupos organizados, politicamente ligados à esquerda, também foram observadas em outras partes do mundo, como em países da Europa, por exemplo, o *Front Homosexuel d'Action Révolutionnaire*, na França, e a *Fronte Unitario Omosessuale Rivoluzionario Italiano*, na Itália (Rizzo, 2006). E é nessa época que o termo *gay*²³⁶ ganha força frente à noção de homossexual e passa a ser amplamente utilizada em

²³⁴ Stonewall Inn é um bar *gay* em Nova York. Em 28 de junho de 1969, a polícia invade e humilha os frequentadores desse bar, prática que era rotineira na época. Nesse dia, os frequentadores reagiram e começaram uma onda de revolta que produziu um longo confronto entre a polícia e membros da comunidade LGBT. A Revolta de Stonewall marcava o início concreto das mobilizações organizadas e contínuas da comunidade LGBT, assim como a popularização da inscrição de sentidos de orgulho por ser *gay*. A data desse acontecimento passou a ser comemorada internacionalmente todo ano como “Dia Internacional do Orgulho LGBT” (Sedgwick, 2007).

²³⁵ Traduzido para o português como “sair do armário”.

²³⁶ Mott (1988) afirma que o termo *gay* não é recente. Mott (1988) identifica que no século XII, na língua catalã-provençal, a palavra *gai* era usada como referência aos sodomitas, marcando uma historicidade dessa palavra. Optamos em nossa pesquisa pelo uso do termo *gay* (sujeito-gay) ao abordarmos os sujeitos da nossa pesquisa.

vários países, já que é compreendido que essa nomenclatura estabelece uma ruptura com a compreensão da sexualidade ligada a FD do campo da saúde:

O termo *gay* vem substituir o termo “homossexual”, mas a diferença entre um e outro diz respeito, basicamente, ao seu valor social. Se o termo “homossexual” é associado ao modelo médico legal e tem conotações de patologia e de crime, o termo *gay* expressa literalmente ‘felicidade’ e ‘alegria’ (Fry, 1982, p. 104-105).

No Brasil, os grupos *gays* organizados começaram a aparecer na década de 1980, com a abertura política, mas ainda receosos frente à repressão praticada pela Ditadura Militar no país, já que os sentidos de violência e de moralidade, repetidos e produzidos ao longo desse período, não desapareceram ou foram superados automaticamente com a redemocratização do país. A constituição dos sentidos é complexa, a memória produzia e ancorava compreensões negativas acerca da homossexualidade, balizadas em marcações do que era ou não autorizado até pouco tempo.

Os grupos *gays* brasileiros, também promoveram a aproximação com grupos organizados de militantes de outras causas, como nos EUA. Um dos mais importantes e pioneiros grupos organizados foi o Grupo Somos de Afirmação Homossexual de São Paulo, alcançando visibilidade nacional e responsável por uma série de ações, interessados na obtenção de espaço social para os *gays* (MacRae, 1990).

Houve, no contexto da Ditadura Militar²³⁷ no Brasil²³⁸, a violência produzida para com a população LGBT, em especial, os *gays* e as travestis, mas mais que isso, é possível falar que esse período institucionalizou a homofobia no país²³⁹. Isso não quer dizer que a homofobia não existisse antes, relacionada às identificações da homossexualidade como crime, pecado, doença, depravação ou risco de degradação da família, levando a qualificação desses sujeitos como seres degenerados, inadequados e perigosos, atrelados a sentidos negativos inscritos ao

²³⁷ As violências praticadas ao longo do período ditatorial foram voltadas a sujeitos pertencentes a vários grupos, como os membros da comunidade LGBT, povos indígenas, trabalhadores rurais e estudantes universitários. Práticas rotineiras desse período como a censura, a prisão por motivos políticos, a tortura, a morte e o desaparecimento com os corpos de milhares de vítimas são violências compreendidas como contrárias a dignidade e aos direitos humanos.

²³⁸ No documento produzido pela Comissão Nacional da Verdade (CNV) é relatado que a homofobia não estava restrita ao Brasil, por exemplo, ao analisar a pouca atenção dada pela Anistia Internacional, órgão internacional importante na divulgação das denúncias das ações da Ditadura Militar no país, que demorou para dar atenção as violações contra os sujeitos da comunidade LGBT (Brasil, 2014).

²³⁹ A homofobia praticada durante a Ditadura Militar foi abordada no trabalho realizado pela CNV, instituída em 2011 pela presidenta Dilma Rousseff e que atuou de 2012 a 2014. O trabalho da CNV resultou em um relatório com três volumes, esmiuçando as violências praticadas no período da Ditadura Militar brasileira, revelando uma série de atos e práticas do período, que ainda eram desconhecidas, inclusive, contra sujeitos pertencentes a comunidade LGBT. No relatório, a homofobia é abordada no sétimo texto do segundo volume do relatório, capítulo intitulado “Ditadura e homossexualidade”, redigido sob a responsabilidade de um dos conselheiros da CNV, Paulo Sérgio Pinheiro, contando com a contribuição dos pesquisadores Carlos Manuel de Céspedes, James N. Green e Renan Quinalha.

longo da história. No entanto, segundo o texto do relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), foram com os governos militares que existiu o endurecimento das compreensões sobre a comunidade LGBT, em especial, aos *gays* e as travestis, já que era um governo conservador e de direita, imbuído de ideais que versavam sobre a moralidade da família e ligavam esses sujeitos à criminalidade, aos ideais contrários aos bons costumes e ao vínculo com ideais comunistas (Brasil, 2014).

Anteriormente, a relação entre a homossexualidade e atos subversivos já era afirmada no Brasil, ao analisarmos os discursos produzidos pelos integralistas católicos na década de 1930, registrados na obra “Maquiavel e o Brasil” escrita por Octávio de Faria, relacionando os problemas sociais da sociedade brasileira à existência dos *gays* e os associando a ideais marxistas. A compreensão da homossexualidade como ameaça subversiva ganhou força nos meios militares e na sua gestão política após o Golpe Militar de 1964, o que justificava práticas de censura a materiais vinculados aos *gays*, assim como, o registro de comportamentos interpretados como homossexuais nos relatórios que listavam ações dos sujeitos considerados subversivos. Era prática nos espaços de formação militar e do pessoal que atuava com as atividades de censura²⁴⁰ e repressão, o estímulo da visão negativa sobre a comunidade LGBT, em especial, os *gays*. Sentidos que os associavam à afronta à moralidade necessária para o crescimento do país e à compreensão de que estavam ligados aos movimentos comunistas nacionais e internacionais, interessados em, supostamente implementar um governo socialista no Brasil (Brasil, 2014).

Ao trabalhar com os sentidos sobre a homossexualidade, observamos como foi usual em países capitalistas, como no Brasil e nos EUA, principalmente ao longo do período do macarthismo, a relação de sentidos de associação dos *gays* com os ideais comunistas (Brasil, 2014; Rizzo, 2006), o que era difundido e defendido como mais um motivo para que a população fosse contrária a esses sujeitos e a sua prática imoral, condenada no plano religioso e que também era identificada como subversiva. No entanto, a homossexualidade também era veementemente condenada nos países comunistas, observada como degeneração relacionada às sociedades capitalistas, identificada como algo fora da naturalidade, por isso, alvo de intensa repressão e punição, inclusive, com o envio para trabalhos forçados em campos de

²⁴⁰ Exemplificamos a prática da censura com duas situações: a perseguição ao trabalho da escritora Cassandra Rios, com acusações que relacionavam sua obra a valores imorais e ao incentivo das práticas homossexuais (Brasil, 2014); e a proibição, pela censura, do uso das palavras “gay”, “homossexual” e “homossexualidade” na telenovela *Brilhante*, de 1981, produzida pela Rede Globo e escrita por Gilberto Braga, com a colaboração de Euclides Marinho. A história abordava em seu núcleo principal uma família rica, na qual, o herdeiro era *gay*, gerando conflitos familiares e a tentativa da mãe do rapaz de esconder a sua homossexualidade, com a armação de um casamento com a protagonista da novela. Tantas proibições resultaram na dificuldade do desenvolvimento da história (Globo, 2008a, 2008b).

reeducação, os famosos *gulags*, principalmente ao longo do governo de Josef Stalin (Borrillo, 2010). Esses sentidos inscrevem a não aceitação da homossexualidade tanto nas estruturas capitalistas, como nas comunistas, em ambas, o preconceito era realidade para esses sujeitos, mas mobilizando sentidos distintos para justificar os motivos da não aceitação.

A produção de acusações e perseguições aos *gays* foi relatada pelo trabalho da CNV, como nos casos de perseguição no mercado de trabalho, como exemplificado na demissão de quinze diplomatas brasileiros em 1969²⁴¹, expulsos por práticas consideradas desonrosas ao serviço público. A prática da homossexualidade justificou a demissão de nove desses diplomatas, ao lado de motivos como alcoolismo e insanidade mental. Acusações legais também foram produzidas para jornalistas que apresentavam, de modo não pejorativo a homossexualidade, como foi o caso do *Lampião da Esquina* em 1978, primeiro jornal a defender e ser produzido por integrantes, assumidamente *gays*, no Brasil. Os editores do *Lampião* sofreram pressões e foram enquadrados na Lei de Imprensa da época, acusados de desrespeito aos bons costumes. A ação repressiva contra os espaços da imprensa e a impossibilidade de falar de modo não negativo sobre os *gays* e a comunidade LGBT em geral afetaram o contato do público brasileiro com inúmeros outros sentidos sobre eles, principalmente, as manifestações públicas da identificação do orgulho por ser *gay*, realizadas nos EUA e em alguns países da Europa (Brasil, 2014).

Salientamos que os movimentos organizados pelos *gays* na década de 1970, nos EUA, marcavam diferenças com os primeiros grupos da década de 1950. Diferenças de objetivos e interesses que refletem na sua história e organização. Mas logo, a motivação política perde espaço diante da desmobilização e o desinteresse político, mas que não diminuíram a importância do legado de afirmação da relevância de não esconder que se é *gay*, já que a homossexualidade é defendida como algo que deve ser encarado de forma natural, como a heterossexualidade também é, com a luta pela conquista de direitos civis, leis contra a discriminação e a pressão para que a mídia veiculasse de modo positivo os *gays*. Os movimentos organizados nos EUA foram importantes, e aqui destacados, pois influenciaram o restante do mundo (Rizzo, 2006). Na década de 1970, um dos enunciados que circularam com destaque na comunidade *gay* foi esse:

²⁴¹ Essa prática de perseguição no mundo do trabalho aconteceu em outros países, como os EUA e a Inglaterra, em que houve a expulsão de integrantes da polícia, militares e de outros órgãos públicos, por serem homossexuais (Spencer, 1999).

Figura 15. Gay is Good

Fonte: Rizzo (2006, p. 196).

O *botton* acima é representativo de uma década que trouxe, pela luta e organização dos *gays*, como movimento político, uma série de conquistas que permitem a compreensão de novos olhares acerca dos sujeitos-*gays* (Rizzo, 2006). Os sentidos mudando marcavam outras possibilidades de produção da história, claro que isso não significou o fim do preconceito aos *gays* no Ocidente, mas destaca uma época de transformações importantes.

Segundo Rizzo (2006), na atualidade, o ativismo político destacado em outros períodos, principalmente em parte da década de 1970, perde espaço, já que os espaços de sociabilidade são focados na reunião para o consumo, com menor impacto nas ações de grupos políticos. Ganha espaço e força os discursos que enfatizam que a conquista por direitos dos sujeitos-*gays* passa pelas práticas do *lobby*, da pressão e influência financeira para a conquista de direitos, espaço e representação na sociedade. É pela via do consumo que hoje é compreendido que as mudanças são produzidas e o apoio institucional e empresarial é obtido por esses sujeitos. Compreendemos que a pressão pela via do consumo é uma posição política, ancorada na lógica do poder econômico como capaz de produzir transformações e mobilizações junto a sociedade. Esse sentido do poder financeiro, influenciando as decisões políticas, é naturalizado na contemporaneidade.

A homossexualidade só foi desconsiderada como doença pela *American Psychiatric Association* em 1973 e a Organização Mundial de Saúde (OMS) tomou tal decisão em 1992,

com a retirada da sua indicação na Classificação Internacional de Doenças (CID), o que alterou a forma como falamos da homossexualidade, não mais como homossexualismo, já que o sufixo “ismo” tinha relação com a compreensão do *gay* como doente (Andrés Garcia, 2009). Em 1985, no Brasil²⁴², o Ministério da Saúde e o Conselho Federal de Medicina (CFM) não consideravam mais a homossexualidade como doença (Lacerda, Pereira & Camino, 2002).

Essas alterações do campo da saúde foram importantes, já que até meados da década de 1960, as compreensões de Richard von Krafft-Ebing ainda estavam em voga, relacionando a homossexualidade ao campo das perturbações mentais, contando com inúmeras ações e discursos de profissionais da área da saúde com afirmações sobre a possibilidade de reversão da homossexualidade, de propostas de prevenção e tratamento (Pollak, 1985). Essas alterações em discursos e posturas institucionais permitem a circulação de outras formas de produzir discursos sobre os *gays* e que são difundidos amplamente, já que esses espaços são compreendidos como autorizados a produzir discursos sobre e interpretações que são replicadas, não restritas apenas ao universo da FD da saúde, mas a outras FDs, como a econômica e política ao justificar a necessidade de ações para esses sujeitos.

O aparecimento da AIDS e do HIV, na década de 1980, faz parte da memória sobre os sujeitos-*gays*. A AIDS interferiu no modo como a sexualidade passou a ser discutida em nossa sociedade, o seu aparecimento e relação com os sujeitos-*gays* produziu maior visibilidade sobre eles, mas também, recrudesceu a homofobia já existente e os sentidos negativos acerca desses sujeitos, relacionados de modo inseparável a essa doença (Andrés Garcia, 2009; Soares, 2006).

Explicações eram produzidas para justificar o aparecimento da AIDS, inclusive, são retomados dizeres religiosos que inscreviam essa doença como um castigo divino, destinado a eliminar os impuros e promíscuos, decorrente da maneira desregulada e imoral com que os *gays* praticavam o sexo. Dizeres amplamente divulgados na imprensa brasileira e internacional (Mott, 2000; Soares, 2006; Weeks, 2015).

Desse modo, é possível observar como era naturalizada a difusão negativa sobre esses sujeitos nos espaços da imprensa brasileira, como não causava indignação ou protestos o preconceito escancarado nas páginas de publicações importantes e distribuídas nacionalmente.

²⁴² No Brasil, na década de 1980, uma ação política importante e encabeçada pelo Grupo Gay da Bahia, foi a luta para a retirada do item 302.0 no código do INPS que colocava a homossexualidade como doença e produzia uma discriminação oficial por parte do Estado brasileiro. A campanha ganhou adesão não só dos homossexuais, mas de inúmeros outros grupos, como cientistas, pesquisadores, artistas, etc. E de grupos científicos importantes, como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O resultado foi a retirada do item e a proibição do tratamento da homossexualidade como doença (Fry & MacRae, 1985).

Merece destaque o relato de Mott (1996) sobre como era comum a apresentação de dizeres homofóbicos na imprensa brasileira, como na identificação de publicações da década de 1980 do jornal *A Tarde*²⁴³, com o incentivo explícito à agressão e morte de *gays* na cidade de Salvador, Bahia (Mott, 1996). Houve um silêncio perturbador no espaço midiático acerca das formas de violência contra os homossexuais, inclusive, espaços como os jornais *Notícias Populares* e *Folha da Tarde*, mantiveram um posicionamento moralista e preconceituoso no trato com os *gays* e outros sujeitos relacionados ao universo LGBT, como as travestis (MacRae, 1990). No período referente ao *boom* da AIDS nos anos da década de 1980, essa visão pejorativa foi reforçada em inúmeros espaços da imprensa brasileira e internacional²⁴⁴, difundindo sentidos que reforçavam a necessidade de não aceitação desses sujeitos.

Em nosso *corpus*, observamos como são recorrentes os materiais jornalísticos que relacionam o uso dos aplicativos com o aumento nos casos das DST na comunidade *gay*, apresentando uma série de razões para que isso aconteça, respostas produzidas com base em pesquisas científicas. Desse modo, diante da quantidade de material encontrado em nosso trabalho, observamos como o campo da saúde e das doenças sexuais ainda é presente nas falas sobre os *gays* e os espaços atrelados a eles, destacando os riscos que as novas formas de estabelecer relações produzem no seu cotidiano. Essa compreensão sobre a importância de discutir e falar sobre as DST aparece também nos três aplicativos que trabalhamos na pesquisa, vejamos agora um pouco sobre essas questões nos próximos materiais analisados.

No trabalho com a análise dos aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays*, observamos como são naturalizados campos relacionados à indicação do “status” para o HIV e de informação para DST nos perfis dos três programas aqui estudados. Nos aplicativos, encontramos informações e estímulos para a realização de testes para a detecção de DST, o que salienta a indicação de que, por ser um espaço no qual os sujeitos-*gays* buscam por parceiros sexuais, é adequado que haja esse tipo de abordagem e atenção. É pela memória da relação desses sujeitos, com o campo das doenças sexuais que é naturalizado que haja a preocupação dos usuários com questões atreladas à saúde sexual e à contaminação, em

²⁴³ Jornal publicado no estado da Bahia. Mott (1996, p. 101) destaca um enunciado publicado pelo jornal, em um texto da década de 1980, em que a morte de *gays* é estimulada: “mantenha Salvador limpa, mate uma bicha todo dia!”.

²⁴⁴ Spencer (1999) relata que na Inglaterra, o advento da AIDS e do HIV corroborou com uma onda crescente de ódio aos sujeitos-*gays*, identificados como culpados pelo aparecimento dessa doença e do vírus que a produzia. Essa compreensão era reforçada pelas falas de membros do partido conservador, encabeçados pela primeira-ministra Margaret Thatcher, e da mídia conservadora, em que dizeres contra os *gays* e uma suposta deturpação que eles estabeleceriam na sociedade foram amplamente divulgados.

especial, com o HIV. Vejamos imagens do Grindr e do Hornet que exemplificam nossas colocações²⁴⁵:

Figura 16 – Tela de edição do perfil no Grindr

Fonte: Grindr (2017).

Figura 17 – Tela de edição do perfil no Hornet

Fonte: Hornet (2017).

Nos dois aplicativos, a questão da “saúde sexual” aparece e está ligada ao processo de constituição dos sentidos sobre essas tecnologias, especificamente, o foco no “status de HIV”. Apresentar a condição da sua sorologia para o HIV é uma possibilidade que ganha espaço e relevância na inscrição do perfil nos aplicativos. Informar isso é uma escolha, apresentada como importante nos materiais analisados em nosso *corpus*, tornar pública essa informação funciona como mais um meio para a seleção e a escolha dos possíveis parceiros. Informação que é, novamente, inscrita como elemento essencial nos dias atuais, inclusive, para a escolha de possíveis elos para as atividades amorosas e/ou sexuais.

Ocupar espaço na descrição das informações consideradas relevantes no perfil desses aplicativos é observada nas marcas “saúde sexual” e “KYS”²⁴⁶, os campos apresentam a possibilidade de compartilhar com outros sujeitos o seu estado sorológico atual para o HIV,

²⁴⁵ As imagens foram obtidas do Grindr e do Hornet em 14 de outubro de 2017.

²⁴⁶ KYS é a sigla em inglês para *Know Your Status*, referente a divulgação da condição atual da sorologia para o HIV por parte do dono do perfil no Hornet, no qual é possível informar como *status*: “não sei”, “negativo”, “positivo”, “negativo, em PrEP” e “positivo, indetectável”. É possível encontrar informações sobre cada um desses campos, em língua portuguesa, na edição do perfil. Outra opção é a de “não mostrar” informação alguma sobre esse ponto no perfil.

algo que é inscrito nesses aplicativos como importante para constar ali. A difusão de informações sobre o HIV, referentes a “exames”, “profilaxia preventiva” e “mais informações” sobre o vírus, são apresentadas nas telas desses aplicativos, com campos destinados à sua discussão e informações de destaque para esses sujeitos.

Observamos nas figuras dos aplicativos, que “saber mais”, sejam mais informações sobre o HIV, aspectos relacionados aos processos de transmissão e cuidados, e a importância da realização de exames para o conhecimento sorológico para o vírus são apresentados nos campos “perguntas de saúde sexual” e “não sabe o que é o KYS e para que serve?”. A oferta por informação, algo valorizado nos dias atuais e que ocupa espaço de destaque em nossa sociedade, é posto como ponto positivo e importante na conscientização de quem usa essas ferramentas. Compreendemos que existe a naturalização (Pêcheux, 2014) da importância da informação na atualidade, como insumo essencial para o desenvolvimento humano nas suas variadas atividades, e ao oferecer ao usuário “mais informações” para que “saiba mais”, essas tecnologias estabelecem possibilidades de conhecer mais sobre um assunto identificado como relevante para os sujeitos-gays, como é o caso do HIV, considerando o modo como esse vírus está relacionado a eles pelos fios da memória, o que sustenta a naturalidade, com que informações desse tipo estejam ali.

Ao informar sobre o seu “status de HIV”, o sujeito que utiliza os aplicativos, escolhe entre uma série de possibilidades existentes, em uma lista já pré-definida. Nos dois casos analisados, a inscrição da informação é elemento importante, realizada ao toque da tela, em um clique. É algo que ganhará espaço no perfil do usuário e a decisão por compartilhá-la com os outros é opcional, mas passa a ser naturalizado que haja essa informação nos perfis dessas redes de sociabilidade, junto a outras informações consideradas relevantes de serem apresentadas, como a “altura”, o “peso”, a “etnia” e o que se “busca”. Desse modo, a informação sobre o HIV é identificada como importante de ser compartilhada pelos usuários, para tanto, o estímulo à realização de exames de rotina e que assegurem que o usuário possa informar adequadamente o seu *status* sorológico é contínuo, com o oferecimento do acesso fácil a informações técnicas acerca do histórico do vírus e que valorizam o discurso da importância do cuidado e da prevenção no campo sexual.

Exibir o “status” do HIV envolve a precisão, já que no caso dos dois aplicativos de relacionamento, existe a questão da indicação temporal da realização do “último teste”. No Grindr, o usuário indica a “data do último teste”, permitindo saber a quantidade de tempo que ele sabe do seu “status” para o HIV, enquanto no Hornet, o usuário seleciona uma categoria pré-estabelecida, enquadrando sua condição atual a determinadas diretrizes, por exemplo, a

escolha da opção “negativo” envolve indicar que o último exame foi realizado em até seis meses. Apresentar com precisão seu “status HIV” no perfil é algo importante nas relações estabelecidas pelos sujeitos nos aplicativos, fornecendo melhores condições para conhecer seus possíveis pretendentes e formulando considerações sobre como ele cuida da sua “saúde sexual”. O detalhamento do perfil é compreendido como relevante, por assegurar a possibilidade que o outro saiba melhor com quem está interagindo, pois é o primeiro ponto de contato com os pretendentes na materialidade digital.

A relação de memória entre a AIDS, o HIV e os sujeitos-gays é abordada por Soares (2006) ao analisar materiais jornalísticos brasileiros da década de 1980, sobre a constituição do imaginário da relação entre os gays e a AIDS. No trabalho desenvolvido por Soares (2006), o destaque a questão do preconceito e de uma identificação da homossexualidade atrelada ao desenvolvimento da AIDS e do HIV no mundo aparecem no *corpus* trabalhado. Durante muito tempo, houve a vinculação de sentidos de associação direta entre os gays e a infecção pelo HIV, inscrevendo o sujeito-gay como sujeito desse vírus. Sujeito potencialmente em estado de infecção com a AIDS e/ou o HIV, decorrente dos seus hábitos sexuais e da quantidade de parceiros²⁴⁷, naturalizando a compreensão de que falar sobre os gays é abordar aqueles que são promíscuos e em relação com as doenças sexuais, por isso, a importância e a atenção no trabalho de informação junto a eles.

Observamos que é naturalizado que haja o foco no HIV entre todas as outras DST, inclusive com um campo para a sua informação nos aplicativos. Nenhuma outra DST possui um campo ali. Compreendemos que o destaque dado ao HIV ocorre, pois ele possui uma relação de sentidos particular com os sujeitos-gays, inscrita na memória dessa comunidade, já que por muito tempo, foi relacionado como exclusivo deles. O medo da contaminação com esse vírus e suas consequências, reforça a importância com os cuidados com a saúde sexual dos sujeitos. O HIV ainda não possui cura e isso influencia no seu receio frente a outras DST, por isso, o destaque é posto como evidente, ainda mais, ao pensarmos em como as próprias instituições de saúde reforçam o destaque a luta contra a AIDS e o HIV em suas iniciativas de prevenção, frente a outras DST.

Em nossos gestos de análise, consideramos que tornar públicas informações pessoais, dos mais variados tipos, é uma realidade na atualidade e no contexto das relações no digital,

²⁴⁷ Em sua tese, Soares (2006) encontrou marcas de inscrição que destacam que a AIDS seria uma forma de castigo aos gays por seu comportamento depravado e imoral que desagradava a Deus e é contrário a natureza biológica do homem. Esses dizeres são compartilhados por meio de cartas de leitores para as revistas semanais que são parte do *corpus* do seu trabalho, comentando reportagens sobre o aparecimento dessa doença, dizeres inscritos em uma FD religiosa, para destacar que a AIDS é causada pela desobediência humana.

possível pelas condições de produção que permitem que fotos, textos e vídeos sejam divulgados pelos sujeitos em suas mais variadas redes sociais. Expor-se é algo naturalizado. Atentamos que a exposição do “status para o HIV” é uma informação que não aparece em qualquer rede social, mas naquela vinculada a sentidos de promoção de relacionamentos e de possibilidade de encontrar sexo casual, por isso, não é questionada a validade e importância de um campo para indicar o “status de HIV” do usuário no momento do preenchimento do seu perfil. Saber essa informação é algo considerado necessário no contexto das relações ali estabelecidas.

No *corpus* da pesquisa, os aplicativos de relacionamento são apresentados como uma das “justificativas” para o crescimento no número de pessoas contaminadas com DST no contexto dos EUA. Esse aumento no número de contaminações é apresentado no espaço jornalístico como algo que demanda atenção:

[R80] O amplo uso dos aplicativos de encontro para celulares, como Tinder e Grindr, pode estar contribuindo para o aumento do número de casos de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) nos Estados Unidos. Pelo menos essa é uma das justificativas dadas pelas autoridades de saúde para explicar a explosão de casos de sífilis, gonorréia e HIV na população de adultos jovens americanos. (O Estado de São Paulo – 31/05/2015)²⁴⁸.

O uso dos aplicativos de relacionamento pelos sujeitos-*gays* são compreendidos como instrumentos que estão “contribuindo para o aumento do número de casos de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) nos Estados Unidos” , o que inscreve essas tecnologias como espaços perigosos para a saúde, com riscos potenciais para a contaminação com alguma DST.

O “amplo uso” dos aplicativos para encontrar parceiros para sexo casual é apontado como fator que também aumenta as possibilidades para a contaminação por uma série de DST, como foi verificado frente ao “número de casos” nos EUA, com destaque para a “explosão de casos” de jovens portadores de doenças sexuais como a “sífilis, gonorréia e HIV”. Jovens que em outros recortes discursivos, como o 10 e o 87, são apontados como o público central dessas tecnologias. Diante dessa “explosão” de casos de DST, a necessidade de explicações e investigações surge por parte das “autoridades de saúde” interessadas em pensar esses aumentos, produzir ações de prevenção e respostas, não apenas nos EUA, já que a compreensão é de que esse problema não é apenas local, mas afeta outras partes do mundo, visto que o “amplo uso” dessas redes não está restrito aquele país.

²⁴⁸ Bouer, J. (31/05/2015). Aplicativos e sexo de risco. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,aplicativos-e-sexo-de-risco,1697514>

A associação entre o aumento das DST, os sujeitos-*gays* e os aplicativos de relacionamentos não é realizada de modo aleatório no discurso jornalístico, mas com base nos dizeres, pesquisas e trabalhos das “autoridades de saúde”, por quem é compreendido em posição de autoridade e poder para afirmar essas relações. São as “autoridades” que produzem os documentos com as diretrizes capazes de nortear o modo de agir frente a esses novos riscos que surgem com essas novas tecnologias.

Nesse processo de apresentar explicações, outras razões para o aumento das taxas de contaminação das DST, são indicadas e funcionam no discurso jornalístico como meio de marcar a abrangência do levantamento realizado e da própria capacidade dos espaços institucionais de saúde, de apontar as razões dos aumentos do que é identificado como “práticas sexuais de risco”, assim, como produzir novos e adequados modos de assegurar a prevenção as DST, com o uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas, capazes de ampliar o grau de garantias dos sujeitos nas práticas sexuais e diminuir os riscos envolvidos. Vejamos outros trechos do texto jornalístico com mais explicações e reforçando a relação dos aplicativos como responsáveis diretos pelo aumento nos casos de DST:

[R81] Múltiplos parceiros, baixa adesão ao preservativo, sexo sob a influência de álcool e drogas e encontros anônimos, arranjados rapidamente pelas redes sociais e pelos aplicativos, formariam uma combinação perigosa para as práticas sexuais de risco. (O Estado de São Paulo – 31/05/2015)²⁴⁹.

[R82] É interessante pensar por que um encontro que começa em um aplicativo faz com que as pessoas se cuidem menos. (O Estado de São Paulo – 31/05/2015)²⁵⁰.

O texto jornalístico sintetiza para o seu leitor, uma série de fatores, que explicam as razões para o aumento nos casos de contaminação pelas DST na atualidade, produzindo suas afirmações com base no que circula em uma FD científica, o que produz credibilidade para o que é dito ali. Fatores como a “baixa adesão ao preservativo”, o uso de “álcool” e “drogas” e a oferta de “múltiplos parceiros” são compreendidos como responsáveis pelo aumento da contaminação com variadas DST, juntamente, com os “encontros anônimos” e a “pressa”, promovidos pela facilidade de produzir encontros, graças ao uso dos aplicativos de relacionamento.

Observamos os aplicativos inseridos em uma formulação que os compreende como promotores de relações sexuais não seguras, capazes de gerar consequências sérias para a

²⁴⁹ Bouer, J. (31/05/2015). Aplicativos e sexo de risco. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,aplicativos-e-sexo-de-risco,1697514>

²⁵⁰ Bouer, J. (31/05/2015). Aplicativos e sexo de risco. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,aplicativos-e-sexo-de-risco,1697514>

saúde dos sujeitos-gays, já que a rapidez dos encontros promove mais casos de sexo casual, muitas vezes, descuidado, realizado sem proteção e sem maiores informações sobre o estado de saúde do parceiro desconhecido, o que é posto como algo perigoso, que eleva os riscos de contaminação dos envolvidos. A “combinação perigosa” de vários fatores promove condições de danos que demandam atenção dos sujeitos-gays que utilizam esses aplicativos, já que os colocam em risco e demandam atenção sobre a importância de pensar a prevenção nesses processos.

A produção de “possíveis explicações” por parte das autoridades de saúde dos EUA é possível pela realização de pesquisas científicas e estudos governamentais, que permitem inferências sobre os aumentos ou diminuições no que tange as taxas de contaminação em determinados períodos. A utilização dos dados estatísticos é importante recurso para justificar uma afirmação, muito utilizada nos discursos científicos e jornalísticos, como elemento capaz de condensar e agregar em conjuntos de dados os mais variados sujeitos. É naturalizado o sentido de que o dado estatístico prova algo de maneira categórica, por exemplo, o “salto” no número de casos de DST no estado Rhode Island, EUA, exposto pelo uso da porcentagem:

[R83] **Dados de Rhode Island (EUA)**, divulgados na última semana pelo jornal britânico Daily Mail, **mostram que de 2013 para 2014 os casos de sífilis tiveram um salto da ordem de 79%, os de gonorreia aumentaram 30% e os de HIV cresceram 33%. Os especialistas afirmam que essa é uma tendência vista na maior parte do país.** (O Estado de São Paulo – 31/05/2015)²⁵¹.

O uso dos dados estatísticos aparece ao longo do nosso *corpus*, com destaque nos textos relacionados as questões sobre as DST. A mobilização desses dados, do detalhamento de pesquisas realizadas sobre o aumento da contaminação com as DST em decorrência do uso dos aplicativos pelos sujeitos-gays, funciona reforçando a veracidade do que é apresentado pelo discurso jornalístico, com informações provenientes de uma pesquisa, realizada por “especialistas” em Rhode Island, considerando o período de um ano (“2013 para 2014”), mas que já foi compreendida como “uma tendência vista na maior parte do país”, portanto, necessita de mais atenção. Aliás, atenção que deve ser considerada em todos os lugares que ocorre o uso desses programas, pois os indicativos são de mudanças no comportamento sexual dos sujeitos-gays, o que produz impacto nos campos da saúde e exige ações para atuar com a prevenção as DST.

Ao longo do trabalho com o *corpus* da pesquisa, a utilização do recurso numérico é mobilizada para marcar gestos de comprovação de uma série de informações. No recorte em

²⁵¹ Bouer, J. (31/05/2015). Aplicativos e sexo de risco. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,aplicativos-e-sexo-de-risco,1697514>

questão, os dados estatísticos são utilizados para atestar que houve o aumento de risco com a contaminação por DST, por parte dos sujeitos-gays, crescimento indicado por estudos científicos que inscrevem a segurança para afirmar que houve o “salto” nos casos de “sífilis”, “gonorreia” e “HIV” de um ano para o outro (“2013 para 2014”), portanto, a preocupação e o alerta produzido pelos espaços de saúde são considerados válidos, assim como o destaque dado a questão por espaços jornalísticos, inclusive fora dos EUA, como é o caso do texto publicado na versão *on-line* do jornal O Estado de S. Paulo e no “Daily Mail” da Inglaterra.

O discurso jornalístico mobiliza dados estatísticos, produzidos dentro de uma FD científica, para atestar aquilo que é apresentado nas suas produções textuais, como é o caso do excerto analisado. O dado estatístico fundamenta a argumentação produzida pelo texto veiculado no espaço jornalístico e inscreve o que é apresentado ali como verdadeiro, já que é resultado de um trabalho de pesquisa e está em relação com o imaginário de credibilidade que envolve o discurso científico. A idealização do espaço jornalístico, pelo sujeito-leitor, na relação com os dados estatísticos que indicam a porcentagem exata do aumento de casos de cada DST ali detalhada é o de precisão, de capacidade de atestar que houve o aumento nos casos de contaminação e que isso é inquestionável, pois foi provado cientificamente e é visível pelos dados apresentados.

Vejamos outro excerto acerca do cálculo de que o uso dos aplicativos de relacionamento produz maiores riscos de contaminação com DST no comparativo com outras formas de iniciar relações:

[R84] Quem busca parceiros sexuais em aplicativos de celular tem um risco maior de se expor a uma doença sexualmente transmissível do que se o encontro acontecer em bar, festa ou até mesmo em site de relacionamento. Essa é a principal conclusão de um estudo publicado no jornal médico *Sexually Transmitted Infections*, revelado na semana passada pelo jornal britânico *Daily Mail*. (O Estado de São Paulo – 15/06/2014)²⁵².

A publicação do estudo científico original é realizada em um periódico científico, o “jornal médico *Sexually Transmitted Infections*”, mas posteriormente é veiculado em outros espaços de comunicação social, como o “jornal britânico *Daily Mail*” e a reportagem publicada na versão *on-line* do jornal O Estado de S. Paulo. A pesquisa publicada proporciona a base para que haja a afirmação de que “quem busca parceiros sexuais em aplicativos de celular tem um risco maior de se expor a uma doença sexualmente transmissível” o que produz o alerta sobre esse modo de estabelecer relações e produzir o contato entre homens

²⁵² Bouer, J. (15/06/2014). Revoluções sexuais e novos desafios. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,revolucoes-sexuais-e-novos-desafios-imp-,1512188>

gays. A “principal conclusão” da pesquisa, assegura os efeitos de verdade de que os aplicativos oferecem maiores riscos de contaminação com DST.

O lugar no qual o encontro é realizado possui, segundo a pesquisa, real relação com as chances de contaminação com alguma DST e essa marca alerta para os perigos envolvidos nos processos que são realizados no ciberespaço, em especial, no uso dos aplicativos de relacionamento, já que no comparativo de encontros realizados em “bares”, “festas” e “sites de relacionamento”, essas ferramentas foram identificadas como a forma mais arriscada de “se expor” ao contato com alguma DST. Desse modo, as tecnologias, tão celebradas por facilitarem a rapidez nos encontros entre os sujeitos-*gays*, passam a produzir outros sentidos, que inscrevem marcas sobre o medo e o perigo que a rapidez dos encontros gera, o que demanda atenção e cuidado dos sujeitos que utilizem esses programas.

A contaminação com as DST, facilitada pelo uso dos aplicativos de relacionamento, é relatada ao longo de uma série de textos jornalísticos e constitui um modo de produzir uma repetição que ressoa e já constitui uma memória sobre esses programas, produzindo sentidos que deslocam o modo de compreender essas tecnologias. Discursos que constituem um imaginário sobre o que existe ali, o que é possível encontrar ao utilizar essas tecnologias e o modo como essas redes do ciberespaço já produzem efeitos nos comportamentos sexuais dos sujeitos-*gays* e no modo como o corpo é compreendido em risco de estar em contato com alguma DST.

A questão das DST ocupa lugar de destaque entre os textos do nosso *corpus* indicando como infecções reaparecem com força em decorrência da utilização dos aplicativos de relacionamento, mas também novas infecções ganham espaço e produzem sentidos de medo frente ao desconhecido:

[R85] **Surto de meningite atinge gays em Nova York.** (Folha de S. Paulo – 15/06/2014)²⁵³.

[R86] Em uma **ameaça** que faz **lembrar o clima da proliferação da Aids nos anos 1980**, uma **nova onda de contaminação perturba a comunidade gay em Nova York**. Uma sequência de **casos de meningite**, que **já matou sete homens desde 2010**, **contaminou mais quatro entre janeiro e fevereiro**, de acordo com o Departamento de Saúde de Nova York.

Um dos **caminhos do contágio**, segundo as autoridades de saúde, são os aplicativos de celular usados para marcar encontros entre desconhecidos. (Folha de S. Paulo – 15/06/2014)²⁵⁴.

²⁵³ Cunha, J. (20/07/2013). Surto de meningite atinge gays em Nova York. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/07/1313963-surto-de-meningite-atinge-gays-em-nova-york.shtml>

²⁵⁴ Cunha, J. (20/07/2013). Surto de meningite atinge gays em Nova York. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/07/1313963-surto-de-meningite-atinge-gays-em-nova-york.shtml>

O aparecimento de “casos de meningite” configura novas formas de contaminação atreladas ao campo das DST, o que permite observar como não cessam de aparecer novas doenças desse tipo. Os aplicativos de relacionamentos são compreendidos como “um dos caminhos do contágio” dessa nova doença sexual que provoca o pânico entre os *gays* da cidade norte-americana. O “surto” envolvendo os casos de meningite na cidade de Nova York, EUA, e os “gays” que ali residem, configuram uma “ameaça” que retoma uma série de acontecimentos que constituem sentidos sobre a “proliferação da Aids”, outra infecção que preocupou a comunidade *gay*, durante os anos da década de 1980, período de ocorrência do “surto” da AIDS. Aliás, doença que ainda preocupa os sujeitos-*gays*, como observamos em nossas análises dos campos dos aplicativos e no *corpus* da pesquisa.

Retomar um acontecimento que foi relevante, como é o caso da “proliferação da AIDS nos anos 1980”, propicia recuperar sentidos que embasam o entendimento para que haja tanta preocupação com o advento dessa nova infecção, seja pelos profissionais da saúde ou pelos sujeitos-*gays*. O “surto” relatado no discurso jornalístico inscreve os sujeitos-*gays* como potenciais sujeitos das DST, tanto das já identificadas e que ressoam na memória dessa comunidade, mas também daquelas que são descobertas. Sentidos que colocam os sujeitos-*gays* em alerta quanto as suas práticas sexuais e aos novos modos de buscar por parceiros.

A infecção, suas consequências (“matou sete homens” e “contaminou mais quatro”) e o processo de contágio, ligado ao uso e a popularização dos aplicativos de relacionamentos, são detalhados ao longo do recorte discursivo 86, salientando o modo como essas redes tecnológicas promovem a facilidade dos sujeitos-*gays* em “marcar encontros entre desconhecidos”, o que leva as “autoridades de saúde” a alertarem que essas ferramentas são “um dos caminhos do contágio”.

Os casos da “meningite” e a compreensão de que é um “surto” são confirmadas por uma instituição pública, o “Departamento de Saúde de Nova York”. Essa relação com os espaços institucionais baliza um modo particular de circulação dos discursos, já que confere o imaginário de precisão aos alertas realizados pelos espaços jornalísticos ao produzirem materiais que abordam o aumento dos casos de DST e a relação direta com o uso dos aplicativos de relacionamento pelos sujeitos-*gays*.

Ao analisar esse fenômeno que ocorre em Nova York, o espaço jornalístico brasileiro reflete sobre o modo como o “contágio” é algo que acontece nessa cidade, mas que interessa ao sujeito-leitor brasileiro, por colocar em risco a saúde das pessoas com o surgimento de uma nova infecção que “faz lembrar” o “surto” de uma doença que produziu impacto em todo o mundo. O receio de que um novo “surto”, no mesmo esquema que ocorreu com a AIDS

ocorra, afeta o imaginário sobre a potência dessa doença e o receio do seu alcance, visto que vivemos em um mundo globalizado.

Nossa relação com os materiais do *corpus* que abordam os aplicativos de relacionamento e as DST permite a observação de sentidos negativos sobre as facilidades que essas redes produzem no contato com outros sujeitos-gays, principalmente, na facilitação do encontro do sexo fácil e rápido. A facilidade e a rapidez são identificadas como capazes de gerar danos aos sujeitos, não mais inscritas como predicados, mas como o que potencializa riscos. Em nossas análises, observamos sentidos de medo e perigo que passam a envolver o que é dito sobre essas ferramentas. Vejamos outros recortes:

[R87] Especialistas da Aids Healthcare Foundation (AHF) alertam que a facilidade dos aplicativos com localização (que mostram quem está por perto) em promover sexo casual e anônimo está fazendo com que mais jovens se exponham ao risco de DSTs. Para eles, conseguir um parceiro agora é tão rápido e fácil como pedir pizza. (O Estado de São Paulo – 04/10/2015)²⁵⁵.

[R88] O estudo de dois anos concluiu que aplicativos de paquera para celular elevaram as opções de sexo casual em uma escala sem precedentes. (Folha de S. Paulo – 15/06/2014)²⁵⁶.

Os aplicativos de relacionamento proporcionam tamanha facilidade em obter o sexo, que ele é identificado como “fácil como pedir pizza”, simples e prático, funcionando graças às estruturas das TIC. O uso do comparativo “como” propicia a relação de equidade da simplicidade em buscar pelo sexo nos dias atuais com o ato de comprar uma “pizza”.

Nesses recortes, o sexo é desatrelado de qualquer identificação de construção de relações romantizadas ou mais sérias, o foco é o sexo ocasional e rápido. A associação entre o uso dos aplicativos de relacionamento e questões como o “risco de DSTs” é produzido por autoridades, como é o caso da “Aids Healthcare Foundation (AHF)”, são “especialistas” de instituições que “alertam” o modo como é arriscado buscar um parceiro pela via de ferramentas como os aplicativos. A oferta que não cessa e o imaginário de que é possível encontrar o parceiro que se quer, com a facilidade que a tecnologia oferece, marca um tipo de relação que é da ordem do mercado, envolvendo a oferta e a procura como elementos essenciais, nos quais, o exemplo da “pizza” é adequado.

²⁵⁵ Bouer, J. (04/10/2015). Sexo fácil como pizza. *O Estado de São Paulo*. Recuperado de <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,sexo-facil-como-pizza,1773974>

²⁵⁶ Folha de S. Paulo. (02/12/2015). Apps de paquera provocam alta nos casos de HIV entre jovens, adverte ONU. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2015/12/1714193-apps-de-paquera-provocam-alta-nos-casos-de-hiv-entre-jovens-adverte-onu.shtml>

A questão do sexo casual possível na atualidade de maneira exagerada resulta não apenas de observações advindas do uso dos aplicativos, mas com base em uma pesquisa, um “estudo de dois anos”, e nas conclusões de “especialistas” como identificado nos recortes discursivos. A produção de estudos sobre os aplicativos é que resulta em conclusões que são difundidas e corroboram para observações sobre os resultados que geram uma quantidade grande de encontros casuais, em “uma escala sem precedentes”.

A produção de alertas por parte de instituições científicas e órgãos de saúde de referência, como a *Aids Healthcare Foundation* (AHF), o Ministério da Saúde do Brasil e a ONU, que atuam com a produção de estudos contínuos, resulta em pontos que geram o medo em decorrência das consequências postas como possíveis a quem estabelece sua presença nos aplicativos. O alerta dos espaços institucionais e jornalísticos propõe atuar na conscientização dos “riscos”, da importância da prevenção e da prática do sexo seguro, para evitar possíveis contaminações pelos sujeitos-*gays* que estão nesses espaços de relação.

Identificamos que o uso dos aplicativos pelos sujeitos-*gays* já produz impactos nas suas vidas, na forma como estabelecem relações com outros sujeitos, mas também, interfere na sociedade e no espaço urbano, por exemplo, ao pensarmos em como os riscos das contaminações com as DST colocam todos em perigo, em estado de alerta e medo do que poderá vir. Na relação de uso dessas tecnologias, os sujeitos estabelecem modificações que demandam estudos para compreender seus impactos.

A relação entre o espaço urbano e os sujeitos-*gays* é observada na atualidade, mas já ocorria no passado. Antes da criação de espaços comerciais exclusivos ou do uso de tecnologias que mapeiam as regiões indicando possíveis contatos, o espaço urbano já era usado pelos *gays* para encontros sexuais. Teixeira (2009) indica que o sexo ocasional entre homens, já era alvo de observação e registro, desde o século XIX, nas grandes cidades do Ocidente.

A exploração da cidade, por meio da prática do *footing*²⁵⁷, é incorporada ao modo de estabelecer relações pelos *gays* no Brasil. O flerte está vinculado ao processo de passeio pela cidade, por pontos identificados como importantes e já conhecidos por quem tem interesse por relações com outros homens, como parques, praças, monumentos, ruas centrais e banheiros públicos (Green, 2002). Mesmo com o aparecimento de estabelecimentos específicos, voltados aos encontros dos sujeitos-*gays*, as interações homossexuais nos espaços públicos

²⁵⁷ “Prática de andar a pé” (Tradução nossa).

não deixaram de ocorrer, mesmo com os riscos envolvidos, como o flagrante, a punição ou a violência (Parker, 2002).

No Brasil, espaços comerciais destinados aos sujeitos-*gays*, como bares e saunas, surgem nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo na década de 1960 (Braz, 2009). O surgimento desses locais pretendia garantir a segurança contra ações de criminosos e até da polícia (MacRae, 2005). A criação desses estabelecimentos também produz impacto no espaço urbano, na compreensão que esses sujeitos passam a ter ao possuir um lugar exclusivo para eles, com foco na promoção da sociabilidade, em que a repressão e a discriminação eram menores, assegurando a facilidade no encontro de parceiros sexuais, mas permitindo uma série de outros tipos de vínculos (Parker, 2002).

No começo da década de 1990, o estilo de vida *gay* ganha espaço definitivo na estrutura de consumo de vários países do Ocidente, contemplando estabelecimentos voltados exclusivamente para eles, lugares atrativos e valorizados, com os sujeitos-*gays* vistos como público consumidor, principalmente, os homens brancos de classe média e média alta (Rizzo, 2006). Essa imagem produzida sobre os sujeitos-*gays* só cresceu nos anos seguintes, com seu ápice vivenciado nos dias atuais, como observamos ao longo de nosso trabalho com os aplicativos de relacionamento, criados exclusivamente para eles, compreendidos como lugares estratégicos na promoção de relacionamentos e situações de consumo para um grupo que é valorizado no capitalismo.

É na década de 1990 que ocorre o impulso na criação de organizações dos movimentos *gays* no Brasil, com o foco em apresentar a homossexualidade identificada não apenas como comportamento sexual, mas também como uma expressão social (Parker, 2002). É nessa época que as Paradas *Gays* começam a ocorrer em inúmeras cidades do mundo, inclusive nas brasileiras, resultando em excelentes resultados para negócios variados, bem como para as reivindicações dos homossexuais (Simões, 2005).

O *status* favoreceu o crescimento e desenvolvimento de um universo comercial *gay* no Brasil, em que imagens relacionadas a uma vida de classe média passaram a ser compreendidas como o modelo a ser atingido, desse modo, questões ligadas ao consumo, classes sociais, diferenças sociais e econômicas afetam esses sujeitos na atualidade (Parker, 2002).

Miskolci (2013) entende que com o ciberespaço temos novas possibilidades de promoção de encontros entre os sujeitos-*gays*, o que começa na década de 1990, com a penetração dos serviços de conexão, a popularização dos computadores pessoais e de espaços, como as salas de bate-papo. A popularização da internet significou mudanças profundas no

modo como esses sujeitos estabelecem relações e interagem com o mundo. Na atualidade, os aplicativos de relacionamento são mais um nó nessa trama de possibilidades dos sujeitos da(s) rede(s), na qual o *on-line* e o *off-line* são elementos constitutivos.

Na próxima subseção, apresentamos a revisão da literatura especializada sobre os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays* e exploramos as definições encontradas sobre essas tecnologias. Refletimos, um pouco mais, sobre alterações produzidas por essas tecnologias no modo como os sujeitos-*gays* estabelecem relações e consequências já identificadas desses usos.

3.2 Em discurso: aplicativos de relacionamento para os sujeitos-*gays*

Ao iniciarmos o trabalho de pesquisa com os aplicativos de relacionamento voltados para os *gays*, identificamos um número expressivo de programas existentes. Optamos pela escolha dos três mais populares em uso no Brasil, são eles, o Grindr, o Hornet e o Scruff²⁵⁸. Aplicativos populares em número de *downloads*, em materiais publicados na imprensa e nas abordagens realizadas em textos científicos.

Na literatura científica acerca dos aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays*, compreendemos a ocorrência de duas principais linhas de investigação: a) como espaços relacionados à área da saúde, com o foco nas possibilidades de risco de contaminação em decorrência de algumas DST, principalmente, a AIDS e o HIV, e as chances de atuar com a difusão de informações visando a sua prevenção. Nessa linha de trabalho, observamos a realização de estudos em várias cidades do mundo, como em Atlanta (EUA) (Goedel, Halkitis, Greene, Hickson, & Duncan, 2015), cidades da China (Bien et al., 2015), Darwin (Austrália) (Su et al., 2015), Los Angeles (EUA) (Gibbs & Rice, 2016; Landovitz et al., 2012; Rice et al., 2012) e Nova York (EUA) (Rendina, Jimenez, Grov, Ventuneac, & Parsons, 2014); e b) como espaços de sociabilidade, nos quais, as formas como os *gays* estabelecem vínculos são analisados e possíveis mudanças já são indicadas (Barbai, 2016; Gudelunas, 2015; Miskolci, 2013, 2015). A quantidade maior de estudos sobre a questão da saúde foi visível no momento da realização do levantamento bibliográfico, principalmente do material em língua inglesa.

Durante nossas análises discursivas, observamos a presença das temáticas identificadas nos materiais provenientes do levantamento bibliográfico, mas observamos outros pontos que

²⁵⁸ Os três aplicativos analisados no trabalho são oferecidos na versão gratuita e paga, disponíveis para *download* nas lojas *on-line* da Apple (iPhone) e Google Play (Android).

consideramos importantes, por exemplo, como os aplicativos são valorizados no espaço econômico e empresarial; sua utilização para a realização de fetiches; e o modo como os espaços das cidades são ressignificados em decorrência da sua utilização pelos sujeitos-*gays*. Além de pensarmos como essas tecnologias e os seus usuários são discutidos no espaço jornalístico.

Consideramos que nossa pesquisa é original por buscar trabalhar com a leitura discursiva de materiais produzidos na grande imprensa do Brasil, sobre o funcionamento dessas tecnologias e os sujeitos-*gays* que as utilizam. Identificamos essa possibilidade de abordagem como inédita²⁵⁹.

Os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays* são estruturas tecnológicas, que atuam na promoção do contato e das relações entre os homens que estão cadastrados no seu sistema. Os motivos da entrada e uso dos aplicativos podem ser inúmeros, desde a procura por sexo casual, e essa é a principal abordagem sobre essas tecnologias no *corpus* da pesquisa, mas também para quem procura por parceiros para relações amorosas ou mesmo amizade. A sociabilidade nessas redes pode ser realizada de inúmeras maneiras.

O funcionamento dos três aplicativos é o mesmo: exigem o *download* do aplicativo no celular *smartphone*, a criação de uma conta para a administração do perfil, demandam a conexão ao ciberespaço e o uso do sistema de GPS²⁶⁰, com isso é possível usar o programa. Nas telas dos aplicativos, são apresentados os usuários que estejam mais próximos, com informações acerca deles e inserida por eles, como idade, peso, altura, o que procura naquela rede e a possibilidade de disponibilizar fotos, tanto no perfil, como via *chat*, em conversas privadas (Blackwell, Birnholtz, & Abbott, 2012; Brubaker, Ananny, & Crawford, 2014; Gudelunas, 2012). O Hornet e o Scruff permitem a disponibilização de um arquivo de fotos para acesso de outros usuários que estejam autorizados. O Grindr permite o envio de mais fotos via *chat*. Em nenhuma dessas redes é permitido o uso de fotos com nudez explícita nos perfis, isso é autorizado apenas no modo privado.

O Grindr²⁶¹ surgiu em 2009, com um investimento inicial de \$5000, contando em 2012 com cerca de 750 mil usuários em 162 países (Gudelunas, 2012). Em 2013, já contabilizava

²⁵⁹ Apesar da quantidade significativa de usuários, os aplicativos de relacionamento ainda possuem poucos estudos acerca de sua influência e no modo como afetam os sujeitos-*gays*, pois são tecnologias ainda recentes.

²⁶⁰ O GPS atua com o mapeamento de áreas para fins variados, com as posições e a velocidade inscritas por meio do cálculo produzido pelas tecnologias, idealizando a precisão para a elaboração de atividades de cartografia, transportes e vigilância (Barbai, 2011). No caso analisado, eles são essenciais no processo de mapeamento e indicação das distâncias dos usuários dos aplicativos.

²⁶¹ Destacamos que o Grindr é o aplicativo mais popular entre os três, tanto na análise da literatura científica, como no trabalho com o *corpus* e no comparativo realizado com o número de *downloads* desse programa na loja do Google Play (Android), apresentados nas figuras 23, 24 e 25.

mais de 6 milhões²⁶² de usuários em 192 países e com novos usuários entrando nessa rede a todo momento, facilitando a conexão e o encontro com parceiros que estejam próximos (Goedel, et al., 2015; Goedel & Duncan, 2015). Segundo Sun (2015) a taxa de novos *downloads* indica que são 10 mil novos usuários ao dia. O seu fundador, Joel Simkhai, destaca que o Grindr possibilita não apenas encontros sexuais, mas também formas de fazer novos amigos e conseguir relações sérias (Rice et al., 2012). O Hornet e o Scruff foram criados, posteriormente, em 2010, com objetivos similares ao Grindr, contando com a indicação em seus *sites* oficiais, de possuírem, respectivamente, 25 e 12 milhões de usuários em todo o mundo (Hornet, 2018; Scruff, 2018). São números significativos e que já produzem diferenças na forma como o seu público, os sujeitos-gays, estabelecem relações, isso foi identificado ao longo do nosso trabalho de análise.

A seguir, apresentamos algumas imagens dos três aplicativos que estruturam o *corpus* do trabalho, com as suas estruturas de funcionamento²⁶³.

Figura 18 – Tela do Grindr

Fonte: GooglePlay (2017).

Figura 19 – Tela de mensagens do Grindr

Fonte: GooglePlay (2017).

²⁶² No *site* do aplicativo, não encontramos a indicação exata do número total de usuários no mundo, mas a apresentação do número diário de perfis ativos é de 3 milhões. Além de ressaltar a sua atuação em 234 países (Grindr, 2018).

²⁶³ As imagens foram obtidas do GooglePlay e do *site* Queerty em 10 de outubro de 2017.

Figura 20 – Telas do Hornet

Fonte: GooglePlay (2017).

Figura 21 – Tela do Scruff

Fonte: Queerty (2017).

Figura 22 – Tela de filtros do Scruff

Fonte: Queerty (2017).

As figuras apresentadas representam os aplicativos por nós estudados na pesquisa, iremos analisar alguns pontos dessas redes. Compreendemos que as estruturas operacionais de funcionamento dos sistemas são basicamente as mesmas. Observamos que nos aplicativos existe o alerta para a presença de novas mensagens e o sujeito sabe que as possui ao iniciar o

uso do programa. Novas mensagens são encontradas, pois os usuários podem recebê-las mesmo que estejam desconectados, o que facilita o contato e permite que interessados em determinado membro dessas redes deixe mensagens ou envie fotos e aguarde o possível retorno quando ele estiver *on-line*.

Nas figuras 18 e 21, o destaque a presença de mensagens novas é indicado pela bola vermelha no ícone superior da tela, inclusive, no Scruff é apresentado, previamente, quantas mensagens novas existem. Na figura 19, a tela destaca a caixa de mensagens do Grindr, em que observamos que a organização das mensagens é realizada por ordem de chegada, as que são recebidas no dia apresentam a indicação do tempo que já estão ali (“just now”²⁶⁴, “45 min” e “4 hrs”) e as que foram enviadas outros dias apresentam a indicação desses dias da semana (“yesterday”²⁶⁵ e “monday”²⁶⁶).

Existe a indicação de quantas mensagens não lidas foram recebidas e quem as enviou, já que cada usuário possui um espaço específico, no qual suas conversas são armazenadas e registradas a cada contato. Observamos na figura 19, que os assuntos das conversas são variados, pelo menos é o que nos indica a última frase que é visível de cada conversa, por exemplo, temos desde fotos enviadas pelos usuários “AVL” e “AceOfKings”, uma foto picante que o dono do perfil remeteu e que o usuário “Gymmy” agradece (“thanks for the hot pic”)²⁶⁷. O histórico das conversas é salvo e pode ser recuperado com o acesso as caixas de diálogo de cada usuário. O sujeito decide se irá ou não responder as mensagens de acordo com os seus interesses e considerando se o outro lhe agrada.

A organização dos contatos nas páginas principais dos três aplicativos é realizada pela indicação de quem estiver mais próximo geograficamente, uma mensuração produzida pelo GPS e que é calculada em medida de “metros” ou “medida imperial”²⁶⁸, dependendo da escolha do usuário. Também é possível organizar os contatos pelo uso dos filtros, presentes nos três aplicativos e exemplificado na figura 22, em que as escolhas por categorias pré-estabelecidas são uma forma de seleção, com a indicação, por exemplo, de querer a exibição apenas dos homens com estilo de urso (“bear”) ou musculoso (“muscle”) na tela principal. Saber o que significa essas expressões e quem está em cada tipo de grupo, aquele que pode ou não se definir dessa maneira é necessário no momento de procurar por perfis que interessem ao sujeito e ao falar sobre si nos aplicativos.

²⁶⁴ “Agora mesmo” (Tradução nossa).

²⁶⁵ “Ontem” (Tradução nossa).

²⁶⁶ “Segunda-feira” (Tradução nossa).

²⁶⁷ “Obrigado por sua foto quente” (Tradução nossa).

²⁶⁸ Medida de distância muito usada nos EUA.

Os filtros recuperam perfis, segundo a descrição que o usuário forneceu ao preencher as informações sobre si em seu perfil e os apresenta considerando a distância geográfica, sempre do mais próximo para o que estiver mais longe. Mas o acesso aos filtros não é o mesmo para todos, já que quem adquire as versões pagas dessas ferramentas, obtém filtros extras e exclusivos, o que é apresentado como ponto que facilita no encontro com os outros usuários. Além disso, quem paga pelo uso dos serviços *premium* tem outras vantagens, como ver um número maior de perfis. Analisamos a oferta e o funcionamento dos serviços pagos dos aplicativos no trabalho com as figuras 3 e 4.

Na figura 20, o exemplo de um perfil do Hornet é exposto, uma estrutura que é parecida em todos os aplicativos, no qual, os outros usuários têm acesso, visualizando a foto de apresentação, indicações de medidas corporais, idade, texto de apresentação, *status* para o HIV e o que está procurando ali, em que é indicado os interesses em conversar, obter encontros e amizades (“chats, dates & friendship”). As fotos dos perfis só não podem apresentar nudez explícita, mas o rosto ou partes dos corpos, como o abdômen, são liberadas, como identificado na figura 18.

Interessante pensarmos essa restrição existente as fotos do perfil e que impõe limites ao modo como o sujeito-*gay* se expõe nessas redes, já que na foto inicial ele não tem permissão de apresentar as nádegas, o pênis ou cenas de sexo, isso é avisado no momento da criação do perfil, em que são aceitas as regras para o uso dessas redes de sociabilidade. Fotos de nudez completa são livres para circular apenas no campo privado do *chat* ou nos álbuns, no caso do Hornet e Scruff, em que o acesso a esse material é controlado pelo usuário que pode permitir ou cancelar a autorização a qualquer momento. Interessamo-nos por essa questão ao pensarmos em como espaços que são restritos a quem possui mais de 18 anos e conhecidos por serem usados por quem visa sexo casual demarcam um limite à nudez, ao que é autorizado de circular ali, aos olhos de todos. Romper com essa regra gera punições, como a suspensão da conta ou a sua exclusão definitiva do sistema do aplicativo, quando é recorrente o desrespeito a essa determinação.

Nos perfis, a indicação de que se está *on-line* nessas redes se dá pela apresentação de uma marca: a bolinha verde, que indica que o usuário está *on-line* naquele momento, o que o inscreve como possível interlocutor e reforça o imaginário de que a resposta será rápida, pois o outro está ali, presente naquele momento. Os sistemas de funcionamento dos aplicativos não permitem que os usuários ocultem sua presença no momento em que estão *on-line* já que é automático o registro da sua entrada e o anúncio para os outros com a indicação da bolinha verde. O oposto, a indicação de quem está *off-line* é realizada pela bolinha transparente, no

Grindr e Hornet, e laranja, no Scruff, e o usuário, ao explorar o perfil do pretendente, consegue saber a quantidade de tempo em que ele esteve *on-line* pela última vez.

A indicação de quem está ou não presente nestas redes destaca o aspecto do controle que envolve essas tecnologias na administração de quem está ali. O tempo é compreendido como elemento importante nas escolhas de com quem se irá interagir nessas redes²⁶⁹, principalmente, para quem busca o sexo rápido, na valorização de quem está *on-line* para trocas naquele momento, inclusive, um dos filtros para quem paga pela versão *premium* desses aplicativos é o que assegura a apresentação, apenas, de quem esteja conectado naquele momento. Observamos, em nossas análises sobre a Figura 3, que o destaque a bolinha “verde” é realizado na própria propaganda para a assinatura do serviço *premium* do Grindr, o que inscreve o modo como esse ponto é valorizado pelos usuários e mobilizado para persuadir na aquisição da versão paga desse aplicativo.

No trabalho com os aplicativos, nos interessamos em analisar os seus nomes, traduzindo os seus significados do inglês para o português²⁷⁰, para pensarmos no modo como a língua se constitui e como não são aleatórios os processos de nomeação dessas tecnologias. Os três aplicativos têm seus nomes em língua inglesa, o que demanda o processo de tradução.

Em inglês, a palavra Grindr está em relação com a palavra “grind” usada como substantivo e verbo transitivo, com o significado de “moer” ou “deixar-se triturar”. A palavra Hornet é dicionarizada como substantivo e significa “vespão”, termo proveniente da etimologia e que diz respeito a um inseto que é o símbolo desse aplicativo; enquanto a palavra Scruff é identificada como substantivo e significa “cangote, nuca”. Consideramos que essas palavras não são utilizadas de modo aleatório, mas possuem relação com a imagem que essas tecnologias pretendem produzir nos seus usuários, em quem deseja estar ali.

Ao analisarmos o significado dessas palavras na língua inglesa, entendemos que as nomeações não são realizadas de modo aleatório, mas atreladas à constituição e aos sentidos dessas redes de sociabilidade. O ato de “moer”, que envolve a nomeação do Grindr, estabelece uma relação de memória com um lugar que expõe os corpos dos sujeitos-*gays*, como carnes no açougue, expostos de modo voluntário, por quem não vê como problema em “deixar-se triturar” para compor esse imenso espaço de encontros, nos quais a oferta estimula a demanda e produz o interesse do outro para que as relações ocorram. Exposição que também está presente nos outros aplicativos, nos quais os usuários apresentam partes dos seus

²⁶⁹ A distância geográfica, já analisada ao longo desse trabalho, também é um ponto considerado relevante na decisão da escolha dos possíveis parceiros pelos sujeitos dos aplicativos estudados.

²⁷⁰ Utilizamos o Dicionário Michaelis (2016) para traduzir as palavras do inglês para o português.

corpos que acreditam que irão interessar aos outros, inclusive sua nudez. O sujeito processa sua imagem para ser palatável, consumível pelo outro.

O “cangote” que mantém relação com o significado do substantivo que nomeia o Scruff é ponto do corpo dos sujeitos, lugar no qual se puxa e toca para sentir o outro, para produzir gestos de aproximação para o beijo, o carinho ou para outros usos durante as relações sexuais. O “vespão” do Hornet está na relação do ataque, da posição agressiva que as vespas possuem na natureza, no momento da caça e da demonstração de força na defesa do seu território, utilizando seu ferrão nesses processos. A analogia do ferrão como o órgão genital masculino nos parece parte das possibilidades de imaginar a significação desses processos nessa rede. Assim, pensamos esses aplicativos e suas nomeações como em relação ao campo do sexo e do sexual, mesmo que essas redes promovam outras possibilidades de encontros, são essas marcas que estão presentes e são retomadas quando analisamos os materiais do nosso *corpus*.

No Google Play, loja para *download* de aplicativos do Google e que funciona em celulares *smartphones* com sistema operacional Android, encontramos materiais interessantes sobre essas três ferramentas. Nessa loja *on-line*, podemos encontrar definições e especificações desses aplicativos e o modo como são avaliados pelos usuários, o que fornece, a quem estiver interessado em realizar o *download* de algum desses aplicativos, uma apresentação geral com as suas funcionalidades, *links* para os *sites* oficiais desses programas e o contato com avaliações de usuários que já utilizam essas ferramentas. As avaliações são realizadas por meio de estrelas, de 1 a 5. Vejamos como essas avaliações são apresentadas²⁷¹:

Figura 23 – Avaliação do Grindr

Fonte: Fonte: GooglePlay (2017).

²⁷¹

As imagens foram obtidas do GooglePlay em 01 de outubro de 2017.

Figura 24 – Avaliação do Hornet

RESENHAS

Fonte: Fonte: GooglePlay (2017).

Figura 25 – Avaliação do Scruff

RESENHAS

Fonte: Fonte: GooglePlay (2017).

Na loja do Google Play, as “resenhas” funcionam como meio para apresentar as avaliações dos aplicativos analisados. As avaliações são geradas pelos usuários que realizam o *download* dos programas e opinam sobre eles, o que envolve sua capacidade técnica, *design* e conexão, mas também, os resultados obtidos nas experiências de contato com os homens que conheceram ali. Também é possível realizar comentários, juntamente com a avaliação, e eles são expostos, produzem sentidos e podem influenciar no momento em que outros sujeitos decidem por realizar o *download* e tornarem-se usuários de um desses programas, já que comentários e notas ruins podem levar os sujeitos a abandonar a ideia e optar por outro aplicativo, já que opções são abundantes.

Na área das “resenhas”, são apresentadas as indicações com o total de avaliações realizadas e produzindo o cálculo com uma nota de 1 a 5. Ao lado da nota principal, observamos a quantidade total de avaliações individuais que cada aplicativo recebeu, com a

indicação do número exato de votos e a sua apresentação visual em um gráfico. A produção desses gestos de avaliação objetiva permitir que o usuário saiba, pela experiência de outros sujeitos, o que esperar desses programas e como eles são qualificadas de forma geral.

O esforço dos desenvolvedores dessas tecnologias é assegurar que a avaliação seja sempre a mais alta possível, por isso, os investimentos no aprimoramento e melhoria dos serviços são recorrentes, como já observamos em nossas análises do *corpus*. Assegurar que o uso dos aplicativos seja o melhor possível, visa a obter cada vez mais usuários para essas redes, ampliando o impacto e a importância dessas tecnologias para os sujeitos-*gays*, o grupo foco das suas atividades.

Identificamos, na literatura científica, que os aplicativos são identificados como espaços nos quais o sexo é importante, por isso, estruturas potenciais de riscos para as DST, compreendendo esses programas como facilitadores na rapidez dos encontros e no aumento da prática do sexo casual, elementos que ampliam as possibilidades de contaminação, com destaque para a AIDS e o HIV (Bien et al., 2015). O desconhecimento acerca da saúde sexual dos parceiros é um fator comum em relações marcadas pela casualidade e a rapidez, dois pontos valorizados no uso dos aplicativos pelos sujeitos-*gays*. Também é identificado que quem estabelece as relações nos aplicativos está mais propenso a praticar o sexo sem o uso do preservativo (Goedel, et al., 2015). Esses pontos, contribuem para a formação do imaginário de um lugar, no qual, as condições para a contaminação por alguma DST são uma realidade, inclusive, esse destaque foi identificado em análises empreendidas ao longo do nosso trabalho, como nos recortes 81, 82 e 85.

Temos a regularidade nas compreensões acerca da identificação dos aplicativos analisados como lugares de possibilidade de inscrever sentidos sobre a prevenção as DST, inclusive, com uma ação por parte do próprio Ministério da Saúde do Brasil em 2015, da qual já analisamos alguns recortes discursivos, como os números 10 e 11.

Nos espaços jornalísticos, a questão do aumento nos casos de DST pelos sujeitos-*gays* que utilizam aplicativos de relacionamento é apresentada aos sujeitos-leitores em reportagens que mobilizam dados estatísticos, ações de organizações de saúde e ressaltam a importância do cuidado com a prevenção, bem como o alerta para os riscos que essas novas formas de conexão proporcionam a esses sujeitos, no que diz respeito a essas doenças. Também são enfatizadas as iniciativas científicas de melhor compreender o funcionamento dessas tecnologias e ações voltadas para atividades de prevenção junto aos seus usuários.

Os aplicativos são compreendidos como espaços de difusão de mensagens, graças às facilidades da conexão pela internet, permitindo a interação e a rapidez no contato com outros

usuários. Ações utilizando os aplicativos para fins de difusão de informações sobre DST, já são uma realidade e a literatura científica aponta que os resultados são positivos (Bien et al., 2015; Kirby & Thornber-Dunwell, 2014). Diante das mudanças produzidas por esses aplicativos, a questão da prevenção as DST ganham destaque. Assim, os aplicativos também são palco de ações de prevenção, atuando com a “educação sexual” dos usuários dessas redes. Vejamos o destaque aos aplicativos de relacionamento no trabalho de prevenção as DST:

[R89] Diante da dificuldade para chegar aos homens jovens através dos meios de publicidade tradicionais, profissionais da área de saúde estão recorrendo aos aplicativos de encontros, que agora possibilitam que os usuários declarem o status de HIV e geram lembretes para fazer o teste. Essa abordagem levou milhares de pessoas a fazerem uma visita às clínicas. (Folha de S. Paulo– 13/02/2015)²⁷².

[R90] A San Francisco AIDS Foundation e os CDC coordenaram uma campanha on-line no mês passado com diversos serviços de encontros para promover a realização do teste. As mensagens, que foram doadas pelas empresas responsáveis pelos aplicativos, foram vistas por 19 milhões de usuários, e mais de 30.000 pessoas clicaram para obter mais informações, disse Hecht. (Folha de S. Paulo– 13/02/2015)²⁷³.

A prática da prevenção é posta como uma necessidade junto aos sujeitos-gays e o uso dos aplicativos de relacionamento são compreendidos como capazes de auxiliar nessa tarefa, considerando os aumentos de casos de DST identificados junto a esse grupo, principalmente os relacionados ao HIV, o que demanda a necessidade de pensar modos de atingir “aos homens jovens”, já que os meios de “publicidade tradicionais” têm produzido poucos impactos junto a esse grupo. Os “profissionais da área de saúde”, vinculados às organizações que atuam com a conscientização da importância da prevenção e da realização dos “testes” de DST, compreendem a necessidade de mudanças na forma da atuação, já que as condições de produção mudaram o modo como os sujeitos-gays encontram parceiros e relações, o que impõe novas formas de abordagem e trabalho com as informações junto aos sujeitos-gays.

Instituições de saúde conhecidas no trabalho com a prevenção, como a “San Francisco AIDS Foundation” e os “Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC)”, iniciam abordagens na direção de aproveitar as oportunidades oferecidas pelo uso dos aplicativos, para trabalhar com iniciativas nesse sentido, colocando em prática, ações bem-sucedidas e observadas em trabalhos de pesquisadores em inúmeras cidades do mundo, como Los Angeles (EUA) (Gibbs & Rice, 2016; Rice et al., 2012) e Nova York (EUA) (Rendina, 2014),

²⁷² Staley, O. (13/02/2015). Aplicativos de encontros para gays portam advertências sobre HIV. *Uol*. Recuperado de <https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2015/02/13/aplicativos-de-encontros-para-gays-portam-advertencias-sobre-hiv.htm>

²⁷³ Staley, O. (13/02/2015). Aplicativos de encontros para gays portam advertências sobre HIV. *Uol*. Recuperado de <https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2015/02/13/aplicativos-de-encontros-para-gays-portam-advertencias-sobre-hiv.htm>

o que demonstra, como os espaços institucionais já compreendem que essas novas abordagens, pelo uso dos aplicativos, são necessárias e vieram para ficar, principalmente, no trabalho com os “jovens” da comunidade *gay*, identificados como o seu principal público. Assim, observamos como o trabalho com a prevenção as DST passa a constituir os dizeres e os usos dos aplicativos por uma série de instituições.

A importância dos aplicativos na difusão de informações sobre a conscientização da prevenção as DST é uma realidade, por isso, a relevância das parcerias entre instituições públicas e as empresas que administram essas redes. Nos aplicativos, já é uma realidade a possibilidade “que os usuários declarem o status de HIV” nos seus perfis, bem como a realização de campanhas por organizações de saúde que produzem “lembretes para fazer o teste”, isso tudo permite a produção de sentidos que naturalizam a necessidade de atenção e cuidados com a contaminação por DST pelos usuários dessas redes.

O quantitativo é mobilizado para atestar como o uso dos aplicativos, por entidades de saúde, produzem resultados consistentes, como no exemplo de uma ação, que veiculou mensagens sobre a importância da realização dos testes para detectar doenças sexuais, atraindo “milhares de pessoas a fazerem uma visita às clínicas” e garantiu, em outra iniciativa, a visualização de mensagens de alerta para a realização de testes por mais de “19 milhões de usuários” e assegurou que “mais de 30.000 pessoas” acessassem o *link* para obter “mais informações” para a sua realização. Observamos que a potência dos aplicativos é utilizada para produzir o contato e a mobilização, junto aos seus usuários, de ações e dizeres relacionados à importância do cuidado com as DST.

A popularização do acesso ao ciberespaço promove a constituição de diferenças nas abordagens dos sujeitos-*gays* em campanhas de prevenção e isso já é admitido pelas instituições e pesquisadores do campo da saúde. Outras formações imaginárias estão em jogo e interferem na produção dos discursos e dos sentidos para mobilizar “a juventude ultraconectada” sobre os riscos reais das DST:

[R91] Para falar aos homens jovens e gays sobre a **necessidade de fazer o teste de HIV, promotores de saúde estão recorrendo a um mensageiro incomum: os aplicativos de encontros para o público gay nos smartphones.**

“As **pessoas que buscamos atingir estão em peso nesses sites**” disse Jen Hecht, diretora de **desenvolvimento de programas e operações** da San Francisco Aids Foundation. “**Eles têm um público cativo**”. (Folha de S. Paulo– 13/02/2015)²⁷⁴.

²⁷⁴ Staley, O. (13/02/2015). Aplicativos de encontros para gays portam advertências sobre HIV. *Uol*. Recuperado de <https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2015/02/13/aplicativos-de-encontros-para-gays-portam-advertencias-sobre-hiv.htm>

[R92] O estudo do Unicef cita a possibilidade de usar aplicativos de paquera populares na região, como Jack'd, Blue2 e Grindr, para promover educação sexual e estimular, por exemplo, os exames para verificação da infecção por HIV entre a juventude ultraconectada. (Folha de S. Paulo – 02/12/2015)²⁷⁵.

[R93] Para colaborar com a campanha de prevenção da meningite, o programa deixou mensagens sobre o problema aos usuários em Nova York que acessassem o serviço. O Scruff, outro aplicativo que oferece esse serviço, também cedeu espaço ao tema. (Folha de S. Paulo – 20/07/2013)²⁷⁶.

Os aplicativos de relacionamento são apontados como parte importante das explicações sobre o aumento no número de novos casos de uma série de DST entre os sujeitos-gays, mas ao mesmo tempo, são identificados como capazes de atuar de maneira positiva como “mensageiros” para o trabalho de difusão de alertas sobre questões envolvendo doenças sexuais, como o “Hiv” e a “meningite”. Atuando com a produção de alertas, “campanhas de prevenção” e no uso dessas redes para a promoção da “educação sexual”, estimulando a difusão de informações e novidades acerca da prevenção e o destaque para a realização de “exames” para manter sob controle as doenças sexuais, também permitindo que quem esteja contaminado com alguma DST descubra e tome os cuidados necessários para o tratamento.

A compreensão da relevância do uso dos aplicativos para a difusão de mensagens sobre a necessidade da prevenção e do cuidado com as DST é uma realidade que evidencia o jogo imaginário que compreende o sujeito-gay, como vinculado aos espaços das relações e dos processos de interação *on-line*, o que impõe que as instituições e organizações de saúde olhem com atenção para esses espaços tecnológicos, suas consequências e possibilidades no trabalho com a informação em saúde.

Em decorrência da popularização dos aplicativos de relacionamento na rotina dos sujeitos-gays, eles são apontados, não apenas como protagonistas no aumento dos casos de DST, mas também, pelo aparecimento de novas contaminações, como no caso do “surto de meningite” identificado em Nova York, EUA e que assusta a comunidade gay dessa cidade. Os aplicativos de relacionamento são apontados, por “especialistas”, como um dos principais fatores para o aparecimento dessa nova doença na cidade norte-americana, como analisamos no recorte discursivo 85, relacionadas ao amplo uso dessas tecnologias e sua facilitação na promoção do sexo casual, os alertas que são transmitidos nessas redes de sociabilidade são

²⁷⁵ Folha de S. Paulo. (02/12/2015). Apps de paquera provocam alta nos casos de HIV entre jovens, adverte ONU. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2015/12/1714193-apps-de-paquera-provocam-alta-nos-casos-de-hiv-entre-jovens-adverte-onu.shtml>

²⁷⁶ Cunha, J. (20/07/2013). Surto de meningite atinge gays em Nova York. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/07/1313963-surto-de-meningite-atinge-gays-em-nova-york.shtml>

postos como essenciais na contemporaneidade. Algo da ordem da urgência para o trabalho com a prevenção.

O gesto de fornecer “espaço” no Grindr e no Scruff para ações de alerta e da “campanha de prevenção da meningite”, reforça como as empresas que administram os aplicativos compreendem a importância dessas atividades, identificando como esses programas são populares e atrelados ao universo do sexo casual, o que assegura a relevância dessas campanhas. Mas não foi apenas nessa situação que os aplicativos assumem a frente na importância do trabalho de difusão de informações visando a “educação sexual”, ressaltamos que os três aplicativos atuam com o trabalho contínuo de informar sobre os cuidados com as DST, seja por mensagens diretas, campos especializados e com a possibilidade de apresentar, publicamente, o *status* para o HIV nos perfis, com o incentivo para a prática rotineira de testagens e do uso de novas formas de prevenção, como os medicamentos já existentes.

Os próprios aplicativos de relacionamento iniciam o trabalho com o fornecimento de informações sobre as DST, o que inclui o envio de mensagens envolvendo iniciativas de prevenção a essas doenças. Exemplificamos, com a apresentação de uma iniciativa do Hornet, realizada no mês de dezembro de 2017, período que está vinculado à luta nacional contra a AIDS, em decorrência da comemoração do “Dezembro Vermelho”²⁷⁷, com atividades centradas na prevenção, conscientização e estímulo a testagem para a detecção do vírus HIV. Mês importante na realização de esclarecimentos e que produz atividades com o foco na promoção da prevenção. Abaixo as telas selecionadas²⁷⁸:

²⁷⁷ Instituído por meio da Lei 13.504, de 7 de novembro de 2017.

²⁷⁸ As imagens foram obtidas do aplicativo Hornet em 03 de janeiro de 2018.

Figura 26 – Mensagem do Hornet

Fonte: Hornet (2018).

Figura 27 – Mensagem do Hornet

Fonte: Hornet (2018).

As mensagens estão relacionadas ao alerta sobre as DST. Na figura 26, o destaque é para a importância da realização de testes para a indicação da contaminação por alguma doença sexual, salientando a necessidade de os sujeitos de saberem se estão contaminados com alguma das principais doenças desse tipo (“sífilis”, “hepatites B e C” ou “HIV”) e indicando a possibilidade do “teste rápido” para o usuário do aplicativo saber a sua atual condição de saúde. Saber qual a condição atual para as DST é algo apresentado como importante.

O teste é realizado sem custos no Sistema de Saúde Público do Brasil e são apresentados *links*, nos quais, mais informações são obtidas, por meio de endereços eletrônicos vinculados a espaços institucionais, como a “Campanha Fique Sabendo 2017” e o *site* do “Programa Estadual de DST/Aids de São Paulo”. As fontes institucionais são recursos importantes, pois indicam o trabalho com informações que são afirmadas, balizadas por órgãos oficiais, ligadas ao Estado e a diretrizes oficiais, o que produz sentidos de seriedade no trabalho dessa plataforma frente às DST.

Na imagem 26 são apresentadas algumas DST que o “teste rápido” permite saber se existe a contaminação e a especificação das medidas que podem ser adotadas, caso ocorra a sua descoberta. Informações resumidas, que procuram ser didáticas e produzem explicações aos usuários.

Na imagem seguinte, a 27, a prevenção ao HIV é apresentada pelo uso da PrEP, uma nova abordagem de cuidado com o vírus, que procura assegurar o impedimento da contaminação, apresentada como “a pílula da prevenção”, essa medida é posta como uma “opção” aos sujeitos que pretendem contar com mais um instrumento que produza segurança para o sexo. A PrEP é uma invenção recente, um medicamento, portanto, uma tecnologia que pode ser útil na luta contra a transmissão do HIV, que “já chegou ao Brasil” e seu uso é uma realidade em outros países. O *link* da mensagem conduz a um vídeo elaborado pela equipe do Hornet e disponibilizado em sua página no Youtube²⁷⁹, com maiores explicações e orientações sobre o medicamento que está disponível pelo Sistema Único de Saúde do Brasil.

Sobre a PrEP, mobilizamos um excerto de uma reportagem, que aborda como esse medicamento já está presente nas opções sobre o *status* HIV no Hornet, no qual é possível indicar o uso do “remédio profilático” na opção “negativo, em PrEP”. Nos outros dois aplicativos estudados, também pode ser feita a indicação de uso da PrEP. Vejamos o recorte:

[R94] **PrEP**

O Hornet vai além e possibilita que os usuários coloquem o status de HIV no perfil. O aplicativo acrescentou há pouco opções para que os homens digam se estão tomando PrEP – um remédio profilático pré-exposição que reduz o risco de contrair HIV [...]. (Folha de S. Paulo– 13/02/2015)²⁸⁰.

PrEP é detalhado e explicado no recorte discursivo, como o “remédio profilático pré-exposição que reduz o risco de contrair HIV”, o seu uso pode ser compartilhado no perfil do usuário do Hornet no campo relacionado ao *status* para o HIV, opção acrescentada “há pouco tempo”, já que o medicamento é uma opção recente no Brasil, fruto do desenvolvimento de pesquisas com o objetivo de impedir o avanço e o aumento de contaminados com o vírus HIV, aliás, são inúmeras as iniciativas de desenvolvimento de tecnologias para reduzir danos nas relações sexuais, o que inscreve o sexo como lugar do uso de tecnologias e da sua mobilização nas relações, seja com os preservativos cada dia mais eficientes ou os medicamentos que são aperfeiçoados e disponibilizados. O sexo é compreendido como algo perigoso, coloca o corpo em risco, por isso, a necessidade da proteção.

Incluir a opção de que se está “tomando PrEP”, produz sentidos de um sujeito que se cuida, imaginariamente, funciona como meio de produzir segurança no interlocutor, com a formulação de uma imagem de si, de alguém que está atento aos avanços disponíveis para não

²⁷⁹ Hornet Brasil. (2017). Você já sabe o que é a PrEP? Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=CfpiTx4hXlc>

²⁸⁰ Staley, O. (13/02/2015). Aplicativos de encontros para gays portam advertências sobre HIV. *Uol*. Recuperado de <https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2015/02/13/aplicativos-de-encontros-para-gays-portam-advertencias-sobre-hiv.htm>

ser contaminado com o vírus HIV, aliás, ao utilizar o medicamento “profilático pré-exposição”, o usuário sabe exatamente qual a sua sorologia atual e indica sua condição negativa para o HIV para todos, o que o coloca em uma posição de menor risco de transmissão do vírus frente aos que não usam esse recurso médico.

Os aplicativos são espaços de potencialidade, nos quais as relações entre os sujeitos-*gays* encontram condições de ocorrerem com maior facilidade, inclusive, em locais nos quais a repressão e a homofobia são elementos constitutivos, como é o caso de países como a China, em que o interesse por discrição nesse tipo de relação é valorizado (Bien et al., 2015) ou em comunidades menores, como as cidades do interior, em que a importância dessas ferramentas ocorre pelas dificuldades envolvidas no processo de se assumir *gay*, já que muitas vezes, os espaços de socialização entre esses sujeitos inexistem (Brubaker, 2014). Os aplicativos são elementos que facilitam, em meio a condições complexas, as relações entre os sujeitos-*gays*, possíveis por condições de produção particulares, relacionadas à contemporaneidade, ao funcionamento e difusão das redes com alicerces na cibercultura, em processos que inscrevem novas relações de comunicação, nas quais, o tecnológico é elemento essencial. Vejamos um recorte que toca nessa questão:

[R95] Além disso, **o aplicativo também é uma boa opção para quem mora em cidades pequenas**, com poucas opções de lazer para LGBTs, ou então **para os mais caseiros**, como é o caso do estudante Elvys Pereira, de 22 anos, morador de Maceió (AL) (IG – 09/02/2015).²⁸¹.

Os aplicativos de relacionamento funcionam como meio para quem sente dificuldades em estabelecer elos com outros sujeitos-*gays*, considerando que “quem mora em cidades pequenas” ou “os mais caseiros” são exemplos de quem pode aproveitar as vantagens oferecidas por esses programas. Em meio ao receio de se expor em lugares com poucas opções ou diante das dificuldades de interagir em locais atrelados a busca por parceiros, como é o caso de bares ou boates, essas tecnologias funcionam como meios práticos de produzir o contato com outros sujeitos-*gays*, constituindo redes que podem resultar em uma série de vínculos, encontros casuais, namoros ou amizades. O que será encontrado ao estabelecer o contato nessas ferramentas nunca é da ordem do previsível, mesmo com as inúmeras promessas e do imaginário que cerca essas tecnologias:

[R96] “São ferramentas, sabe? Tem casos de sucesso e de prejuízo. Depende de como se usa e de um pouco de sorte” (IG – 09/02/2015).²⁸².

²⁸¹ Aguiar, M. (2015, 09 de fevereiro). “Falei que ia ao banheiro e vazei”: dicas para não cair em cilada nos apps. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-02-09/falei-que-ia-ao-banheiro-e-vazei-dicas-para-nao-cair-em-cilada-nos-apps.html>

[R97] “Um **novo amor pode estar mais perto do que a gente imagina: invista nos aplicativos** e fique de olho nos amigos (as) e colegas de trabalho que podem se tornar namorados (as)” (IG – 13/04/2015)²⁸³.

Os aplicativos de relacionamento são lugares de “prejuízo” e “sucesso” na empreitada de encontrar o que se procura em termos de relação, mas depende de fatores como a forma “como se usa” essas tecnologias, o que envolve a capacidade do sujeito-*gay* em saber estabelecer diretrizes nessa busca, conhecer o sistema de funcionamento dessas tecnologias, compreendendo os meios para alcançar exatamente o que se quer, como mobilizar os filtros, saber quais os melhores locais da geografia urbana para realizar buscas e poder contar com os serviços pagos dessas ferramentas. A capacidade em ser bem-sucedido na empreitada da busca é de responsabilidade do sujeito. A “sorte” seria elemento sobre o qual o sujeito não possui controle, mas que é apontado como importante nas relações ali empreendidas.

Mas o que é ter “sorte”, “sucesso” ou “prejuízo” nas relações estabelecidas em redes sociais *gays*, nas quais, o foco é a interação e o relacionamento entre os sujeitos-*gays*? Como são estabelecidos esses sentidos que são apresentados no discurso jornalístico como da ordem da obviedade, de uma compreensão plena pelos sujeitos. A identificação é que ser bem-sucedido ou fracassar no uso dos aplicativos está relacionado a encontrar o tipo de homem e a relação que se quer, obtendo sucesso na empreitada de usar uma rede que promova o contato entre os *gays*. A proximidade produzida pela tecnologia e suas redes estruturadas torna o objetivo de encontrar o outro, posto na posição imaginária de desejado, como acessível, inclusive, para a possibilidade de algo sério, da busca e realização do “amor”.

A compreensão dos aplicativos é a de que funcionam como espaços nos quais é possível o investimento, locais em que há a promessa do encontro de algo, cujo resultado pode ser o “prejuízo” ou o “sucesso”, mas que, para tanto, é necessário estar ali para saber qual será o resultado.

Consideramos que o ciberespaço promove novas formas de encontros e relações entre os sujeitos-*gays*. A importância do anonimato e do segredo acerca das relações entre os sujeitos-*gays* não é uma novidade ou algo atual, visto que muitos, não podem assumir publicamente sua homossexualidade. Espaços de encontro, considerados clássicos, como bares e saunas, continuam existindo e são compreendidos como lugares importantes para que

²⁸² Aguiar, M. (2015, 09 de fevereiro). “Falei que ia ao banheiro e vazei”: dicas para não cair em cilada nos apps. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-02-09/falei-que-ia-ao-banheiro-e-vazei-dicas-para-nao-cair-em-cilada-nos-apps.html>

²⁸³ Giusti, I. (2015, 13 de abril). “Sete dicas para gays e lésbicas encontrarem uma cara-metade”. *IG*. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2014-01-16/sete-dicas-para-gays-e-lesbicas-encontrarem-uma-cara-metade-em-2014.html>

muitos *gays* consigam estabelecer contato com outros interessados. No entanto, o ciberespaço transformou as relações *gays*, aperfeiçoando e substituindo formas de encontrar parceiros, principalmente, por enfatizar a idealização de lugares, nos quais é possível viver experiências de relações homossexuais sem riscos de que haja a descoberta (Bien et al., 2015; Gudelunas, 2012).

A possibilidade de resguardar a sua orientação sexual é apontada como estímulo ao uso dos aplicativos por muitos sujeitos que ainda escondem, socialmente, o fato de serem *gays*, principalmente, para as suas famílias. Como grupo que sofre com vigilâncias morais desde sempre, os sujeitos-*gays* valorizam a sensação de que integram uma rede de proteção aos que estão ali, preservando suas identidades (Gudelunas, 2012). Inclusive, com a idealização de que existe o sigilo para resguardar interessados em fantasias ou interesses sexuais específicos, como a prática do *barebacking* ou do *ménage à trois*²⁸⁴, facilitados pelas indicações nos perfis e a possibilidade de rapidez em encontrar praticantes (McKiea, Lachowskyb, & Milhausenc, 2015). A naturalização de que as redes do ciberespaço são seguras, inclusive para a preservação do anonimato é elemento que interfere nas relações estabelecidas por esses sujeitos.

A potência da tecnologia contribui para o imaginário de que ali, o segredo é possível, de que o sigilo seria uma realidade assegurada. A inscrição da segurança é um elemento identificado nessas ferramentas, por exemplo, seria possível resguardar a sexualidade e evitar a violência de forma plena. O que é uma ilusão, já que crimes cometidos em decorrência de contatos estabelecidos com outros usuários desses aplicativos já foram identificados (Gudelunas, 2012), incluindo ações em países com histórico de homofobia, como a Rússia e Uganda (Miller, 2015).

Grosskopf, LeVasseur, & Glaser (2014), McKiea, Lachowskyb e Milhausenc (2015) e Miskolci (2015) entendem que os sujeitos-*gays* foram os pioneiros no uso do ciberespaço para a busca por romance e sexo casual, desde o processo de popularização da internet na década de 1990. Essa relação começou com as salas de bate-papo, *sites* especializados na busca de parceiros e, com ênfase, no uso dos aplicativos desde 2009. Miskolci (2015) relata que também existiram serviços de telefonia de encontro (*chats* telefônicos) e o uso de classificados em jornais no processo de busca por parceiros para relações duradouras ou ocasionais. O que ressalta o contínuo interesse desses sujeitos, ao longo dos anos, em

284

Prática que envolve o sexo entre três pessoas.

processos de busca por parceiros e que, na atualidade, conta com o uso dos aplicativos, o que demanda adaptações, produz novas oportunidades e consequências.

As vantagens da busca por parceiros no ciberespaço estão envoltas em sentidos relacionados à praticidade e a segurança. Nos aplicativos, o sujeito-gay acredita estar seguro, tanto da possibilidade de rejeição de um possível pretendente, como da violência que cerca a cidade e a esses sujeitos de forma específica, por conta da homofobia. A praticidade está relacionada às facilidades que essas tecnologias ofertam aos sujeitos, como o uso dos filtros disponíveis que possibilitam a seleção de parceiros com base em interesses pré-determinados pelos sujeitos, que usam dados com base nas descrições dos perfis e do próprio sistema (Miller, 2015).

Salientamos que o modo como os sujeitos idealizam as relações no ciberespaço não são recentes, como pontua Faria (2016) em estudo acerca do Google e do modo como os sujeitos-navegadores acreditam na ilusão de uma estrutura sem falhas, com resultados precisos, conforme o esperado pelos sujeitos-navegadores. Nos aplicativos, os filtros e as indicações de quem está próximo propiciam a compreensão de que é possível encontrar apenas o que se deseja ali, eliminando o que não agrada, com a possibilidade de bloquear os perfis entendidos como desinteressantes (Blackwell, Birnholtz, & Abbott, 2012; Tziallas, 2015). Esse ato de navegar, pretensamente, entre perfis desejados produz o efeito de precisão da máquina no fornecimento do que os usuários dessas tecnologias procuram.

Gudelunas (2012) aborda o *cruising*²⁸⁵, prática que consiste na busca do sexo casual em espaços públicos, mediante o reconhecimento mútuo do interesse sexual. Interesse observado por sinais, por uma série de códigos de estilo, discursos e vestimentas que permitem a identificação de outros sujeitos-gays em espaços públicos, como banheiros públicos e parques. Esse termo é atualizado como *hook up*²⁸⁶, expressão usada para definir “encontros sexuais eventuais e sem compromisso, marcados pela efemeridade e rapidez” (Miskolci, 2014, p. 281), para abordar a busca por parceiros para sexo casual no ciberespaço. A rapidez dos encontros e o pouco contato posterior são identificados como pontos de praticidade que são valorizados na materialidade digital, principalmente, com o advento e a popularização do uso dos aplicativos de relacionamento. A tecnologia facilita as trocas sexuais entre os sujeitos-gays.

²⁸⁵ Green (2002) nomeia esse passeio pelo espaço da cidade em busca de parceiros como *footing*.

²⁸⁶ Em língua portuguesa, o termo *fast foda* é utilizado para apresentar a associação do sexo rápido com as refeições prontas rápidas dos restaurantes (*fast food*). No entanto, Miskolci (2014) alerta que o uso desse termo no Brasil é carregado de sentidos negativos, os quais evidenciam o julgamento moral negativo sobre os que praticam sexo sem compromisso.

O *hook up* é uma versão contemporânea do *crusing*. Ao encontrarmos espaços de encontro *on-line* passíveis de acesso dos mais variados lugares, como de casa ou trabalho, esses aplicativos acabam por segmentar os interesses dos sujeitos no processo de seleção dos parceiros e do tipo de relação que se pretende (sexo sem compromisso, relacionamento sério, encontro, amizade, sexo casual, etc.). Há uma normalização do *hook up*, como algo que atende às necessidades dos sujeitos contemporâneos e de seus relacionamentos. No entanto, também são numerosos os casos de sujeitos-gays que buscam por relações estáveis ao usarem esses serviços (Miskolci, 2014).

O advento dos aplicativos geolocalizados também passou a modificar as buscas, incentivando a priorização dos que estão por perto, quer morem ou circulem pela região ou bairro em que se vive. Uma das consequências visíveis da geolocalização é que ela incentiva a escolha do próximo, mas também a da circulação em busca do maior e mais amplo conjunto de parceiros em potencial visíveis. De forma geral, o objetivo é aumentar o espectro de parceiros, o que – ao menos potencialmente – aumentaria as chances de encontrar o melhor entre os disponíveis (Miskolci, 2014, p. 285-286).

A promoção de si e a conectividade em tempo real e contínuo propiciam a circulação constante dos sujeitos, tanto na estrutura *on-line*, como *off-line*. Vivenciamos um período no qual as trocas constantes de informações entre os sujeitos são uma realidade. Assim, “usuários destes aplicativos têm em comum a busca constante de parceiros, uma ânsia por prazeres instantâneos e experiências afetivas e sexuais voláteis e encontram, muitas, vezes, no mero ato de exibir-se em rede uma pedagogia de excitação e o gozo” (Couto, Souza, & Nascimento, 2013, p. 2).

Os aplicativos proporcionam que espaços da cidade, como salas de espera de consultórios e terminais rodoviários, sirvam como lugares de encontro, por meio da visualização dos interessados ao redor. Maia e Bianchi (2013) exemplificam com o relato de um entrevistado que encontrou no aeroporto, por meio do Scruff, outro sujeito interessado em sexo casual, eles trocaram mensagens e carícias no banheiro, depois disso, nunca mais tiveram contato. Outro entrevistado começou um namoro depois de conhecer um rapaz no Grindr.

O perfil merece destaque para o sucesso no uso dos aplicativos. Como foto do perfil, no lugar do rosto, também é possível o uso de imagens com partes do corpo, como o peitoral definido ou os braços musculosos, muito utilizados nesses programas. Dependendo do interesse, o rosto não é o mais importante e outras partes do corpo são mais relevantes de serem exibidas como foto principal. Existe a possibilidade de resguardar o sigilo no perfil

com a exibição de outras fotos, já que muitos sujeitos-*gays* não assumem publicamente sua orientação sexual, por inúmeros motivos (Gudelunas, 2012).

A questão da imagem é importante nesses espaços. Imagem produzida por fotos escolhidas para ilustrar o perfil, incluindo as apresentadas no modo privado, pelos termos adotados para descrever a si e o próprio *nickname* do sujeito-*gay*. Expressões como “pareço hetero”, “sigilo”, “curto mina”, “sou macho” e “dispenso quem mia” circulam com regularidade nesses espaços, buscando apresentar aos outros sujeitos uma imagem de si e pontuando características que considera relevantes, inclusive, com a descrição do tipo de parceiro que se tem interesse. Miskolci (2009) alerta que muitos identificam a internet como espaço no qual é possível viver seus desejos e satisfazer suas vontades, sem restrições ou limites.

Os aplicativos incluem a exposição de interesses pornográficos, em um jogo que integra o contato entre quem está nessas redes, muitas vezes, tais pontos são postos de lado, inclusive pelos administradores dos aplicativos, silenciando o uso para o sexo, já que nas conversas privadas, a troca entre imagens nuas é prática corriqueira e faz parte das interlocuções. Aliás, a praticidade na circulação de imagens de nudez é apontada como um dos pontos do sucesso nessas relações (Tziallas, 2015). As fotos apresentadas e a descrição do próprio corpo são elementos importantes, pois são formas de chamar a atenção dos outros usuários e permitem contatos mais restritos entre os usuários.

McKiea, Lachowskyb e Milhausenc (2015) alertam para a importância dos aplicativos, na formação de estruturas de socialização entre sujeitos-*gays* com ênfase para as possibilidades existentes, inclusive, em comunidades pequenas ou isoladas, com ausência de uma vida comercial efervescente, composta por bares, saunas, etc. Isso produz efeitos em suas vidas.

As TIC têm obtido impacto e alta difusão no mundo, com a ampliação gradativa do número de celulares *smartphones* e a conexão de pessoas a internet. Pesquisadores na área da saúde aproveitam esse potencial, coletando e difundindo materiais acerca das DST, comportamento sexual, incentivo à prática do sexo seguro e a educação sexual (Burrell et al., 2012; Grosskopf, LeVasseur, & Glaser, 2014; Kirby & Thornber-Dunwell, 2014; Rendina, 2014). Temos a resignificação dessas TIC, produzindo sentidos não esperados nesses espaços, o que funciona em relação a nossa compreensão discursiva acerca do não controle dos sentidos, das possibilidades vinculadas às distintas condições de produção e FDs.

Os movimentos dos sujeitos pela cidade resultam em alterações nas redes dos perfis disponibilizada aos usuários desses serviços (Barbai, 2016). Mudar o caminho ou a posição

no espaço urbano, produz efeitos de sentidos nas relações com esses serviços. A apresentação é alterada a todo o tempo, a cada gesto de atualização do serviço pelo usuário, seja pela mudança no espaço físico ou nas alterações inscritas nos filtros disponíveis. Condições de produção distintas produzem mudanças nas relações dos sujeitos-*gays* com esses espaços. A rede é atualizada constantemente, permitindo a exploração do processo de circulação pelo urbano, algo que marca a relação dos sujeitos-*gays* com os lugares da cidade e que foi identificado anteriormente. O processo é marcado por negociações, já que ajustes nas fotos ou nas informações apresentadas podem resultar em maiores sucessos na hora de conquistar mais parceiros.

Mudar de área na cidade resulta em novas perspectivas e parceiros potenciais, não se faz necessário ir a um espaço destinado exclusivamente aos *gays* para encontrar parceiros potenciais, mas apenas acessar o aplicativo e ver as possibilidades ao seu redor.

No uso dos aplicativos, o usuário está (sempre) submetido à vigilância e a triagem imposta pelo funcionamento da informática e das TIC. Inúmeras possibilidades de uso dos aplicativos em busca de interesses variados e objetivos distintos. As imagens amadoras nuas de usuários dos aplicativos circulam com regularidade nesses serviços, compartilhadas constantemente e instaurando uma cultura de trocas entre quem está ali conectado. Temos um negócio que estabelece a conexão e ressignifica como e a forma como o sujeito-*gay* é compreendido na contemporaneidade.

Historicamente, tem sido importante pensar a geografia de encontros entre os sujeitos-*gays*, permitindo observações interessantes, já que por muitos momentos na história, os *gays* ficaram restritos ao uso e frequência em determinados espaços geográficos, em decorrência de seu comportamento ser classificado como desviante, buscando evitar a discriminação e as formas de violência existentes. Apesar de existir maior aceitação da homossexualidade na atualidade, o preconceito é uma realidade e muitos *gays* sofrem com o receio de que a descoberta da sua homossexualidade aconteça (Blackwell, Birnholtz, & Abbott, 2014).

Com as alterações técnicas realizadas nos últimos anos, observamos mudanças no modo como os sujeitos-*gays* podem estabelecer relações e interagir entre si na sociedade. Temos outras condições de produção que interferem e estruturam novos gestos de aproximação, busca e encontro por meio da estrutura das TIC. Modos de produzir laços, para vários objetivos, que são naturalizados para os sujeitos-*gays*, celebrados por proporcionarem facilidades no acesso a possíveis contatos e marcam relações imaginárias (Pêcheux, 1969), relacionadas a questões como a possibilidade do anonimato pleno, a certeza do encontro do que é desejado e a segurança para viver essas relações. Ilusões que já são parte dos sentidos

acerca do ciberespaço, mas que, acreditamos ressoar, de novos modos, com o surgimento e uso dos aplicativos.

Os sentidos não estão fixos, sempre podem ser outros (Orlandi, 2004b; Pêcheux, 2014), observamos como essas colocações são verdadeiras, ao pensarmos em como os sentidos acerca dos sujeitos-*gays* são alterados ao longo do tempo, graças a essas mudanças, é que hoje observamos as diferenças nas abordagens sobre esses sujeitos no espaço empresarial e da imprensa, o que envolve a circulação de outros sentidos sobre esses sujeitos, a homossexualidade e os espaços atrelados a eles.

Os sujeitos-*gays*, conectados aos aplicativos de relacionamento, já são parte do cenário urbano (Barbail, 2016). Os sentidos acerca da conexão enfatizam sua importância e superioridade na facilidade da promoção do contato com os outros sujeitos. Encontros que simplificam o modo como as relações são estabelecidas, o que demanda a filiação e a conexão para ocorrerem, o que impõe a necessidade da inscrição e da submissão aos processos empreendidos na estrutura técnica. O modo de estar em relação com e no urbano são atravessados pela identificação da importância da eficiência técnica e da transformação de todo o espaço como local para a realização dos contatos.

Por fim, entendemos que as tecnologias criam deslocamentos, possibilitam novas condições de produção aos sujeitos-*gays* da contemporaneidade. Observamos que elas afetam o modo como os sujeitos-*gays* podem ser falados no momento atual, conforme analisado e identificado em nosso trabalho analítico-teórico. Compreendemos que mudanças significativas são vivenciadas pelos sujeitos-*gays* e demandam a análise detalhada dessas relações, que inscrevem outros modos de pensar a tecnologia e a relação com esses sujeitos.

Considerações Finais: algumas possibilidades

Desenho do artista Jean Julien

Fonte: Recuperado de <https://www.itsnicethat.com/news/jean-jullien-modern-life-book-teneues-110117>

Mas não tenha medo da desarticulação que virá. Essa desarticulação é necessária para que se veja aquilo que, se fosse articulado e harmonioso, não seria visto, seria tomado como óbvio. Na desarticulação haverá um choque entre você e a realidade, é preferível estar preparada para isso, Lóri, a verdade é que estou contando a você parte do meu caminho já percorrido. Nos piores momentos, lembre-se: quem é capaz de sofrer intensamente, também pode ser capaz de intensa alegria. Se você quer ver os peixes, Loreley, vamos.

(Lispector, 1998b, p. 98-99).

Chegamos ao final do nosso percurso de pesquisa e parece inevitável pensarmos no seu início. O que nos levou a querer propor a discussão sobre os aplicativos de relacionamento foi o interesse em continuarmos a produzir reflexões que envolvessem a homossexualidade, as TIC e a área da Análise do Discurso de linha francesa, dando continuidade a um trabalho que teve início no mestrado (Bastos, 2013) e que já produzia alguns resultados. Instigados pelas notícias sobre a popularidade de um novo recurso tecnológico, na época, lançado há pouco tempo, iniciamos os esforços para propor uma investigação sobre os aplicativos de relacionamento e os sujeitos-gays. Entre inúmeras opções de aplicativos voltados para o público *gay*, escolhemos focar a atenção em três, o Grindr, o Hornet e o Scruff. Escolhemos observar como são produzidos os discursos sobre esses sujeitos, essas tecnologias e a relação entre eles, tomando como lugar de análise os discursos dos espaços jornalísticos brasileiros na versão *on-line*. Selecionamos textos publicados de 2010 a 2015 para estruturar o *corpus* analisado, resultando no contato inicial com 617 textos, posteriormente, após delimitações, decidimos por trabalhar com 37 textos que são o nosso *corpus*, deles, extraímos 97 recortes discursivos, dizeres que foram trabalhados ao longo dos capítulos da Tese.

Para realizar o trabalho de análise dos recortes discursivos, mobilizamos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (Orlandi, 2004b, 2007; Pêcheux, 2010, 2014). Por meio dos conceitos dessa teoria é que empreendemos uma leitura discursiva sobre o *corpus*, considerando que os textos jornalísticos não são materiais que retratam a realidade de modo objetivo e neutro, mas produtos que resultam de gestos interpretativos que são produzidos na relação com fatores ideológicos e históricos que interferem na constituição dos discursos e dos sentidos (Mariani, 1998).

Ao trabalharmos com os aplicativos de relacionamento e os sujeitos-gays, consideramos relevante pensar no contexto sócio-histórico e nas condições de produção da emergência dessa nova TIC e desse sujeito que é particular, atrelado ao contemporâneo. Sujeito-*gay* que está relacionado ao espaço de consumo, a força que possui dentro da estrutura capitalista e que, desde a década de 1990, é reconhecido e identificado como interessante para o comércio. A relação com o consumo coloca o sujeito-*gay* em uma posição outra na sociedade e isso interfere na produção dos discursos e dos sentidos que circulam sobre ele no momento atual. Na análise do *corpus*, encontramos a recorrência na relação entre sujeitos e seu lugar no universo econômico e empresarial.

É na relação com o consumo que outros sentidos sobre os *gays* são possíveis, no entanto, esse processo é marcado por consequências, como a desvalorização da luta política

por alterações sociais e a naturalização de sentidos de que é pelo poder financeiro que os direitos são assegurados e conquistados.

Ao identificarmos questões relacionadas aos sujeitos-*gays* e os aplicativos na contemporaneidade, mobilizamos autores de áreas da Comunicação, História, Sociologia e Tecnologia que contribuem para embasar o trabalho de indicação das mudanças existentes e que interferem na produção dos discursos e dos sentidos. Entendemos que há uma conjuntura de fatores que permitem as mudanças que relacionam os sujeitos-*gays* e os aplicativos, envolvendo as TIC, o consumo, a globalização, o encurtamento de distâncias, a comunicação e as trocas informacionais cada vez mais rápidas.

A valorização do sujeito-*gay* não impede que ainda ocorram casos de violência e a verbalização de ataques homofóbicos. Esses sentidos de ódio não desaparecem, mas defendemos que, hoje, há também outros em circulação envolvendo marcas de legitimidade das suas reivindicações e a produção de uma imagem positiva nos espaços da imprensa e da publicidade. Sentidos distintos das abordagens negativas e restritivas que circularam na sociedade, durante milhares de anos, definindo os *gays* como criminosos, doentes, imorais, e pecadores, punindo aqueles que estabelecessem relações com outros homens de maneiras variadas ao longo do tempo, como afogando, castrando, queimando, prendendo e matando. A atualidade permite outros gestos de interpretação sobre os *gays*, pois houve mudanças no contexto sócio-histórico, o que possibilita a circulação e a produção de outros sentidos sobre o que antes era tão abominável.

O contexto atual das relações em rede, em que o uso dos aplicativos é disseminado, ocorre no processo de transformação tecnológica, fruto de pesquisas e, que hoje, são disseminadas como fundamentais nas mais variadas relações, inclusive, para o processo de encontro de parceiros. Processo estruturado nas relações com a globalização e a ampliação das estruturas de comunicação e transporte, o que produz a sensação de um mundo cada vez menor.

O jornalismo passa por transformações importantes com sua estruturação no ciberespaço, com o acesso, circulação e produção de notícias o tempo todo. Discursos produzidos e identificados como capazes de atuar com a cobertura de tudo o que ocorre e acontece na sociedade. Espaços importantes na constituição de sentidos da e para a sociedade, identificados em uma posição de legitimidade para abordar o que ocorre ao redor.

Nosso trabalho com o *corpus* proveniente dos espaços jornalísticos *on-line* assegurou a relação com materiais idealizados como capazes de uma cobertura total dos eventos, permitindo observações sobre mudanças em como a homossexualidade é abordada e inscrita

na sociedade, por meio de um importante espaço discursivo de produção de sentidos. Ainda mais, ao considerarmos que existe na produção desses discursos, na atualidade, a idealização da capacidade técnica máxima para preservar e disponibilizar o acesso aos fatos (Romão, 2005a), o que é uma ilusão que abordamos e identificamos como atrelada ao ideal de funcionamento das tecnologias.

Ao analisarmos quais os sentidos produzidos sobre os aplicativos de relacionamento e os sujeitos-*gays*, identificamos algumas abordagens que são recorrentes. Os sujeitos-*gays* que utilizam essas ferramentas são apresentados como interessados em produzir vínculos de vários tipos, relacionados a interesses românticos, sexuais e de amizade. Relações que são, muitas vezes, específicas, observamos esse ponto em abordagens que tocam no uso dos aplicativos para o sexo, compreendido como capaz de ser vivenciado tanto na busca por relações rápidas e casuais, como para satisfazer fantasias e fetiches. Compreendemos que a busca por sexo é apresentada como o principal motivo de uso desses programas, o que inscreve os aplicativos como lugares do sexo, da sua vivência e do encontro de oportunidades para algo casual. Por isso, espaços necessários para a realização de campanhas de conscientização sobre DST, estímulo à realização de testes para detecção dessas doenças e de abordagem de novas tecnologias para a prevenção.

São produzidos uma série de materiais jornalísticos com o foco em orientar os usuários desses aplicativos sobre como evitar riscos e ser bem-sucedido no seu uso, na busca do tipo de relação que é procurada ali. Esse trabalho de produção de diretrizes é recorrente ao analisarmos o *corpus*, e ressalta como existe o imaginário de capacidade do texto jornalístico de orientar os sujeitos-*gays* com base nas informações ali publicadas.

Temos sentidos que enfatizam a potência do aplicativo, com a ênfase nos seus números de usuários e a presença em inúmeros países, inclusive, naqueles onde ser *gay* é proibido por meio de leis, em cidades pequenas ou por quem não é publicamente assumido como *gay*, mas quer relações homossexuais. Potência que é celebrada pela rapidez e facilidade com que produz encontros de maneira discreta. Os aplicativos são apontados como o modo moderno de estar em contato com o outro, enfatizados na superioridade com que são capazes de produzir os elos entre os sujeitos. Grupo que consome e que ali nos aplicativos é alvo de publicidade, venda de produtos, anúncios de festas e foco do comércio de serviços *premium* de acesso.

A abordagem dos três aplicativos estudados como serviços administrados por empresas aponta que o objetivo principal da existência dessas tecnologias seja a promoção das relações entre os sujeitos-*gays*, já que é ressaltado que isso é a consequência da sua atuação, visto que o foco é o lucro, pois são instituições comerciais que administram os aplicativos, inseridas na

lógica do funcionamento do capitalismo, em que o interesses das empresas é o lucro. Lucro que é importante e produz diferenças nas formas como os aplicativos são acessados e utilizados pelos sujeitos, pois a existência de serviços pagos produz essas distinções na navegação por quem está nessas redes.

Encontramos no *corpus* não apenas sentidos que enfatizam uma abordagem que exalta as relações entre o aplicativo e os sujeitos-gays, temos também, sentidos de medo e risco em seu uso. Receio envolvendo a ruptura do anonimato prometido, no qual os sistemas não conseguem garantir que outros usuários não identifiquem o interlocutor, em outras redes ou presencialmente, e isso é visto como uma forma de invasão de privacidade e de produção do receio. A descoberta da identidade é apresentada como um problema ao qual o sujeito que está nessas redes é exposto, passível de sofrer consequências físicas e morais.

No *corpus*, encontramos dizeres sobre os aplicativos como espaços em que circulam sentidos de preconceito, de recusa ao outro, pelo que ele é e representa, com muitas inscrições de dizeres gordofóbicos, homofóbicos, racistas e machistas nos perfis e nas mensagens trocadas. O ódio é parte do que circula nos dizeres ali inseridos, produz incomodo e receio do desprezo da avaliação do outro.

Outro ponto indicado como arriscado no uso dos aplicativos, diz respeito à contaminação com DST. É identificado o potencial desses programas para a contaminação. Sentidos sobre a facilidade da promoção do encontro, velocidade e das relações casuais entre os sujeitos-gays são deslocados, inscritos em uma FD da saúde e apresentados como fatores de risco, justificando o aumento nos casos de contaminação dessas doenças. O sujeito-gay inserido nos aplicativos é identificado como mais afetado pelas possibilidades de ser contaminado, por isso, a importância do cuidado e da prevenção é tão frequente nos materiais jornalísticos analisados.

Finalizamos, identificando que não existe um único sentido que move os sujeitos a estarem nos aplicativos, as buscas são variadas e atendem aos interesses de cada um. Os textos jornalísticos expõem inúmeras formas de abordar e entender essas tecnologias, hora exaltando sua potência e, em outros momentos, enfatizando os problemas que eles podem produzir para os sujeitos-gays ali inseridos. No entanto, compreendemos, que é na idealização de poder encontrar o que deseja, que o sujeito adentra o universo dessas redes, mantém contato com outros usuários e arrisca com a sorte, tentando obter o que tanto quer. Querer que pode mudar, já que, como sabemos, os sentidos sempre podem ser outros.

Referências²⁸⁷

Desenho do artista Jean Julien

Fonte: Recuperado de https://www.instagram.com/p/BHhrzTNxmS/?hl=pt-br&taken-by=jean_jullien

Há palavras que fazem o que bem querem comigo. Elas são muito diferentes de mim e pensam de maneira diferente do que são. Surgem na minha mente para que eu pense que há coisas primeiras que já esperam a segunda, mesmo que eu não queira.

(Müller, 2011, p. 234).

- Abreu, A. A. (2002). *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Agualusa, J. E. (2013). *Teoria geral do esquecimento*. São Paulo, SP: Foz.
- Aldrich, R. Gay and lesbian history. In R. Aldrich (Ed.), *Gay life and culture: a world history* (pp. 7-28). London, Inglaterra: Thames & Hudson.
- Alvarenga, M. A. F. P. (2003). *Apontamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica* (3a ed.). Porto Alegre, RS: Sergio Antonio Fabris Ed.
- Alves, R. C. (2006). Jornalismo digital: dez anos de web... e a revolução continua. *Comunicação & Sociedade*, 9(10), 93-102. Recuperado de <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1157/1100>
- Andrés Garcia, E. (2009). Políticas e prazeres dos fluidos masculinos: barebacking, esportes de risco e terrorismo biológico. In M. E. Díaz-Benítez & C. E. Fígari (Orgs.), *Prazeres dissidentes* (pp. 537-566). Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Arbex Júnior, J. (2001). *Showrnlismo: a notícia como espetáculo* (4a ed.). São Paulo, SP: Casa Amarela.
- Ariès, P. São Paulo e a carne. In P. Ariès & A. Béjin (Orgs.), *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade* (pp. 50-53). São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Augé, M. (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* (5a ed.). Campinas, SP: Papirus.
- Barbai, M. A. (2011). Uma imagem na cidade: no flagrante, um sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 53(2), 169-178. Recuperado de <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/2007/1576>
- Barbai, M. A. (2016). Cidade e tecnologia: corpo e afeto no laço geossocial. *RUA*, 22, 301-313. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8647444/0>
- Bastos, G. G. (2013). *Um estudo discursivo dos blogs: sentidos de/sobre homofobia* (Dissertação de mestrado, Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos). Recuperado de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1113>
- Bastos, G. G., Garcia, D. A., & Sousa, L. M. A. (2014). O discurso na rede eletrônica e o Google: o movimento LGBT em destaque. *Revista RUA*, 20(2), 33-50. Recuperado de https://www.labeurb.unicamp.br/rua/web/rua2/PDF/Revistas/2/revistaRua_2_18.pdf
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (1999a). *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

- Bauman, Z. (1999b). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2008). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2010). *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Beckett, S. (2004). *Primeiro Amor*. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Beymer, M. R., Weiss, R. E., Bolan, R. K., Rudy, E. T., Bourque, L. B., Rodriguez, J. P., & Morisky, D. E. (2014). Sex on demand: geosocial networking phone apps and risk of sexually transmitted infections among a cross-sectional sample of men who have sex with men in Los Angeles county. *Sexually Transmitted Infections*, 90(7), 567-572. Recuperado de <http://sti.bmj.com/content/90/7/567.abstract?sid=6251ccdf-4ffa-46f2-b1e9-4c150e0e2f1b>
- Bien, C H., Best, J. M., Muessig, K. E., Wei, C., Han, L., & Tucker, J. D. (2015). Gay apps for seeking sex partners in china: implications for MSM sexual health. *AIDS and Behavior*, 19, 941-946. Recuperado de <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10461-014-0994-6>
- Blackwell, C., Birnholtz, J., & Abbott, C. (2014). Seeing and being seen: co-situation and impression formation using Grindr, a location-aware gay dating app. *New Media & Society*, 12(2), 1-20. Recuperado de http://nms.sagepub.com/search/results?fulltext=Blackwell&x=0&y=0&submit=yes&journal_set=spnms&src=selected&andorexactfulltext=and
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Brasil. Comissão Nacional da Verdade. (2014). *Relatório: textos temáticos*. Brasília, DF: Autor.
- Braz, C. A. (2009). Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In M. E. Díaz-Benítez, & C. E. Fígari (Orgs.), *Prazeres dissidentes* (pp. 207-236). Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Bremmer, J. (1995). Pederastia grega e homossexualismo moderno. In J. Bremmer (Org.), *De Safo a Sade: momentos da história da sexualidade* (pp. 11-26). Campinas, SP: Papirus.
- Breton, P. (1991). *História da informática*. São Paulo, SP: Editora Universidade Estadual Paulista.
- Breton, P., & Proulx, S. (2002). *Sociologia da comunicação*. São Paulo, SP: Edições Loyola.

- Briggs, A., & Burke, P. (2004). *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Brubaker, J. R., Ananny, M., & Crawford, K. (2014). Departing glances: a sociotechnical account of 'leaving' Grindr. *New Media & Society*, 18(3), 373-390. Recuperado de <http://nms.sagepub.com/content/18/3/373.abstract>
- Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Castells, M. (2005). Internet e sociedade em rede. In D. Moraes (Org.), *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder* (3a ed.) (pp. 255-288). Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.
- Castells, M. (2006). Inovação, liberdade e poder na era da informação. In D. Moraes (Org.), *Sociedade midiaticizada* (pp. 225-233). Rio de Janeiro, RJ: Mauad.
- Cebrián, J. L. (1999). Conectados na rede. In J. L. Cebrián. *A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos meios de comunicação* (pp. 35-48). São Paulo, SP: Summus.
- Cicero, A. (1996). O solo da paixão. In A. Cícero (Org.), *Guardar* (pp. 45). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Conein, B. (1981). Décrire un événement politique. In B. Conein, J. J. Courtine, F. Gadet, J. M. Marandin, & M. Pêcheux (Orgs.), *Matérialités discursives* (pp. 55-64). Lille, França: Presses Universitaires de Lille.
- Constituição da República Federativa do Brasil*. (1988, 05 de outubro). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Costa, G. C. da. (2011). *Discursos sobre a milícia: nomes, vozes e imagens em movimento na produção de sentidos* (Tese de doutorado, Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas). Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270665/1/Costa_GrecielyCristinada_D.pdf
- Courtine, J. J., & Marandin, J. M. (1981). Quel objet pour l'analyse du discours? In B. Conein, J. J. Courtine, F. Gadet, J. M. Marandin, & M. Pêcheux (Orgs.), *Matérialités discursives* (pp. 21-33). Lille, França: Presses Universitaires de Lille.
- Couto, E. S., Souza, J. D. F., & Nascimento, S. P. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. In *Simpósio em Tecnologias digitais e sociabilidade* (pp. 1-15). Recuperado de http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_grindr_49464.pdf
- Dela-Silva, S. C. (2011). Do acontecimento jornalístico ao discursivo: o discurso sobre a televisão no Brasil. In N. P. S. G. Azevedo, & R. F. L. Fonte (Orgs.), *Análise do Discurso: movimento de interpretações* (pp. 147-166). Curitiba, PR: Editora Crv.

- Dezerto, F. B. (2008). *Processos de subjetivação em colunas de João Silvério Trevisan* (Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Recuperado de http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_70fddc8f9bffb6f00c574a4cb08763d5
- Dias, C. P. (2004). *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv* (Tese de doutorado, Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas). Recuperado de <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270717?mode=full>
- Dias, C. (2005). Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à rede de sentidos. In E. Guimarães & M. R. B. Paula (Orgs.), *Sentido e memória* (pp. 41-56). Campinas, SP: Pontes Editores.
- Dias, C. P. (2013). A poética do cotidiano da rede. *Signo y Seña*, 24, 57-70. Recuperado de <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/131>
- Dias, C. P. (2016). Para uma compreensão discursiva do digital: o sentido de tecnologia. In E. Grigoletto, & F. S. De Nardi (Orgs.), *A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas* (pp. 297-309). Campinas, SP: Pontes.
- Dias, C., Barbai, M. A., & Costa, G. C. (2014). Movimentos da contemporaneidade: a rua, as redes e seus desencontros. *Revista RUA*, n. especial, (199-221). Recuperado de http://www.labeurb.unicamp.br/rua/web/index.php?r=artigo%2Fcapa&publicacao_id=13
- Diniz, P. (2017, 17 de maio). Brasil patina no combate à homofobia e vira líder em assassinatos de LGBTs. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1884666-brasil-patina-no-combate-a-homofobia-e-vira-lider-em-assassinatos-de-lgbts.shtml>
- Dizard Junior, W. (2000). *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Eisenstein, E. L. (1998). *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna*. São Paulo, SP: Editora Ática.
- Faria, D. O. (2012). *Efeitos de sentidos em sites de pesquisa: as condições de produção do discurso eletrônico* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-15082012-141148/pt-br.php>
- Faria, D. O. (2016). *Filtros da Rede: das relações entre discurso e tecnologia* (Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-11052016-105621/pt-br.php>
- Folha de S. Paulo (2016). *Conheça o site da Folha*. São Paulo. Recuperado de http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_o_site_da_folha.shtml
- Foucault, M. (1984). *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres* (8a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (12a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.

- Fry, P. (1982). *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores.
- Fry, P., & MacRae, E. (1985). *O que é homossexualidade*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Galeano, E. (2006). A caminho de uma sociedade da incomunicação. In D. Moraes (Org.), *Sociedade midiaticizada* (pp. 149-155). Rio de Janeiro, RJ: Mauad.
- Galli, F. C. S. (2008). *(Ciber)espaço e leitura: o mesmo e o diferente no discurso sobre as "novas" práticas contemporânea* (Tese de doutorado, Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas). Recuperado de <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269479>
- Gibbs, J. J., & Rice, E. (2016). The social context of depression symptomology in Sexual Minority Male Youth: determinants of depression in a sample of Grindr users. *Journal of Homosexuality*, 63(2), 278-299. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2015.1083773>
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Giddens, A. (1997). A vida em uma sociedade pós-tradicional. In U. Beck, & A. Giddens (Orgs.), *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (pp. 73-134). São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Giddens, A. (2005). *Mundo em descontrole* (4a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Ginzburg, C. (1987). *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Ginzburg, C. (1989a). *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil.
- Ginzburg, C. (1989b). *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Ginzburg, C. (2001). *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Ginzburg, C. (2002). *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Ginzburg, C. (2007). *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Giorgenon, D. (2016). O corpo (inter)face: sentidos sobre a relação sujeito, corpo e objetos tecnológicos de conexão à rede eletrônica (Tese de doutorado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo).

- Gitlin, T. (2003). *Mídias sem limites: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Globo. Memória Globo. (2008a). *Autores: histórias da teledramaturgia, livro 1*. São Paulo, SP: Globo.
- Globo. Memória Globo. (2008b). *Autores: histórias da teledramaturgia, livro 2*. São Paulo, SP: Globo.
- Goedel, W. C., & Duncan, D. T. (2015). Geosocial-Networking app usage patterns of gay, bisexual, and other men who have sex with men: survey among users of Grindr, a mobile dating app. *JMIR Public Health Surveill*, 1(1). Recuperado de <http://publichealth.jmir.org/2015/1/e4/>
- Goedel, W. C., Halkitis, P. N., Greene, R. E., Hickson, D. A., & Duncan, D. T. (2015). HIV Risk Behaviors, Perceptions, and Testing and Preexposure Prophylaxis (PrEP) awareness/Use in Grindr-using Men Who Have Sex with Men in Atlanta, Georgia. *Journal of the Association of Nurses in AIDS Care*, 27(2), 1-10. Recuperado de [http://www.nursesinaidscarejournal.org/article/S1055-3290\(15\)00249-6/pdf](http://www.nursesinaidscarejournal.org/article/S1055-3290(15)00249-6/pdf)
- Green, J. N. (2000). *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Grindr. (2018). Advertise with Grindr. Recuperado de <https://www.grindr.com/gay-advertising/>
- Grosskopf, N. A., LeVasseur, M. T., & Glaser, D. B. (2014). Use of the internet and mobile-based “apps” for sex-seeking among men who have sex with men in New York city. *American Journal of Men's Health*, 8(6), 510-520. Recuperado de <http://jmh.sagepub.com/content/8/6/510.full.pdf+html>
- Grupo Estado. (2016). *Grupo Estado*. São Paulo. Recuperado de <http://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti7.htm>
- Grupo Globo. (2016). *Grupo Globo*. Rio de Janeiro. Recuperado de <http://www.grupoglobo.globo.com/>
- Gudelunas, D. (2012). There's an app for that: the uses and gratifications of online social networks for gay men. *Sexuality & Culture*, 16(4), 347-365. Recuperado de <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12119-012-9127-4#page-1>
- Guilhaumou, J., & Maldidier, D. (2010). Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: E. P. Orlandi (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso* (3a ed.) (pp. 161-183). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Guilhaumou, J., & Maldidier, D. (2011). Análise do discurso na França. In C. Piovezani, & V. Sargentini (Orgs.), *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso* (pp. 95-98). São Paulo, SP: Contexto.
- Harris, Z. (1952). Discourse analysis. *Language*, 28(1), 1-30.

- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11a ed.). Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- Haraway, D. (2009). Manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In T. Tadeu (Org.), *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (2a ed.) (pp. 35-118). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Haroche, C. (1992). *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo, SP: Editora Hucitec.
- Henry, P. (2010). A história não existe? In E. Orlandi (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso* (3a ed.) (pp. 23-48). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Hergemöller, B.-U. (2006). The middle ages. In R. Aldrich (Ed.), *Gay life and culture: a world history* (pp. 57-78). London, Inglaterra: Thames & Hudson.
- Müller, H. (2011). *Tudo o que eu tenho levo comigo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Hilst, H. (2003). Rútilo nada. In *Rútilos* (pp. 79-104). São Paulo, SP: Globo.
- Hornet. (2018). Hornet. Recuperado de <http://love.hornetapp.com/>
- IG. (2015, 12 de fevereiro). Você é twinkie ou lontra? Entenda as denominações para os tipos físicos dos gays. IG. Recuperado de <http://igay.ig.com.br/2015-02-12/voce-e-twinkie-ou-lontra-entenda-as-denominacoes-para-os-tipos-fisicos-dos-gays.html>
- IG. (2016). IG. São Paulo. Recuperado de <https://www.ig.com.br/>
- ILGA (2016). *Homofobia de Estado 2016: un estudio mundial jurídico sobre la criminalización, la protección y el reconocimiento del amor entre personas del mismo sexo*. Ginebra, Suíça: ILGA. Recuperado de http://ilga.org/downloads/02_ILGA_Homofobia_De_Estado_2016_ESP_WEB_150516.pdf
- Indursky, F. (1997). *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- IstoÉ Dinheiro (2016, 19 de dezembro). O poder do pink money. *IstoÉ Dinheiro*. Recuperado de <https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/investidores/20130531/poder-pink-money/3262.shtml>
- Kirby, T., & Thornber-Dunwell, M. (2014). Phone apps could help promote sexual health in MSM. *The Lancet*, 384, 1415. Recuperado de [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(14\)61849-3](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(14)61849-3)
- Kucinski, B. (2005). *Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: Editora UNESP.
- Kunczik, M. (2002). *Conceitos de jornalismo: norte e sul: manual de comunicação*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.

- Laboratório de Estudos Urbanos*. (n.d.). Fundo Michel Pêcheux. Recuperado de <http://www.labeurb.unicamp.br/cedu/fundo.php>
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100018>
- Lagazzi, S. (1988). *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes.
- Lage, N. (1979). *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda.
- Landovitz, R. J., Tseng, C.-H., Weissman, M., Haymer, M., Mendenhall, B., Rogers, K., Veniegas, R., Gorbach, P. M., Reback, C. J., & Shoptaw, S. (2012). Epidemiology, sexual risk behavior, and HIV prevention practices of men who have sex with men using GRINDR in Los Angeles, California. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 90(4), 729-739. Recuperado de <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs11524-012-9766-7>
- Leandro, M. C. L. (2003). O quadro atual da análise de discurso no Brasil. *Revista Letras*, 27(2), 39-46. Recuperado de http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_3.pdf
- Leandro, M. C. F. (2005). O atual quadro da Análise de Discurso no Brasil. In F. Indursky & M. C. F. Leandro (Orgs.), *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar* (pp. 13-22). São Carlos, SP: Claraluz.
- Leandro, M. C. F. (2010). Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, 24(48), 17-34.
- Leandro, M. C. F. (2011). Análise de discurso e seus objetos. In E. A. Rodrigues, G. L. dos Santos, & L. K. A. C. Branco (Orgs.), *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi* (pp. 343-359). Campinas, SP: Editora RG.
- Leandro, M. C. F. (2012). Memória discursiva em funcionamento. In L. M. S. Romão, & F. C. S. Galli (Orgs.), *Conceitos discursivos em rede* (pp. 141-152). São Carlos, SP: Pedro & João.
- Leandro, M. C. F. (2016). Pêcheux, nossa bússola inspiradora. In E. Grigoletto, & F. S. De Nardi (Orgs.), *A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas* (pp. 21-34). Campinas, SP: Pontes.
- Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. (2014, 23 de abril). Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. *Diário Oficial da União*, seção 1 – edição extra.
- Lei nº 13.504, de 07 de novembro de 2017. (2017, 07 de novembro). Institui a campanha nacional de prevenção ao HIV/AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis, denominada Dezembro Vermelho. *Diário Oficial da União*, seção 1 – 8/11/2017, Página 1.

- Lemos, A. (2010). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (5a ed.). Porto Alegre, RS: Sulina.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Lispector, C. (1998a). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1998b). *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Longhi, Raquel Ritter, & Flores, Ana Marta M. (2017). Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos de Al Jazeera. Folha de S.Paulo. The Guardian. The New York Times e The Washington Post. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 40(1), 21-40. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201712>
- Lustosa, I. (2003). *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- MacRae, E. (1990). *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- MacRae, E. (2005). Em defesa do gueto. In J. N. Green, & R. Trindade (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* (pp. 291-308). São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Maia, J. & Bianchi, E. (2013). A caçada começou: tecnologia de geolocalização em aplicativos de redes sociais gays. Anais de evento do 36 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (p. 1-15). Manaus, AM.
- Maldidier, D. (2003). *A inquietação do discurso – (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas, SP: Pontes.
- Mariani, B. (1998). *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro, RJ: Revan.
- Mariani, B. (2004). Ética, pesquisa e análise do discurso. *Revista Rua*, 10, 9-22.
- Mariani, B., & Medeiros, V. (2013). Disciplinarização dos estudos em Análise do Discurso. *Gragoatá*, 18(34), 15-25. Recuperado de <http://www.uff.br/revistagracoata/ojs/index.php/gragoata/article/view/48>
- Mariani, B., Moura, T. F. de, Medeiros, V. G. de. (2011). Habitar uma teoria. In E. A. Rodrigues, G. L. dos Santos, & L. K. A. C. Branco (Orgs.), *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi* (pp. 293-310). Campinas, SP: Editora RG.

- Mendonça, H. (2017, 16 de junho). Como a Parada Gay mudou São Paulo em 20 anos. *El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/13/politica/1497378497_483624.html
- McKiea, R. M., Lachowskyb, N. J., & Milhausenc, R. R. (2015). The positive impact of technology on young gay men's dating and sexual relationships in Canada: results from a focus group study. *Journal of LGBT Youth, Philadelphia*, 12(1), 19-38. Recuperado de [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(14\)61849-3](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(14)61849-3)
- Michaelis (2016). *Moderno Dicionário Inglês*. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos Ltda. Recuperado de <http://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/>
- Miller, B. (2015). “They’re the modern-day gay bar”: exploring the uses and gratifications of social networks for men who have sex with men. *Computers in Human Behavior*, 51(A), 476–482. Recuperado de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563215003945>
- Minayo, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (29a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Miskolci, R. (2009). O armário ampliado - notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Revista Gênero*, 9(2), 153-170. Recuperado de <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/OArmarioAmpliadoRichardMiskolci.pdf>
- Miskolci, R. (2013). Machos e *brothes*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Estudos Feministas*, 21(1), 301-324. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100016
- Miskolci, R. (2014). San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova*, 91, 269-295. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452014000100010>
- Miskolci, R. (2015). “Discreto e fora do meio” – notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, 44, 61-90. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-833320150001&lng=en&nrm=iso
- Moraes, D. (1999). *Planeta mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo Grande, MS: Letra Livre.
- Moraes, D. (2005). O capital da mídia na lógica da globalização. In D. Moraes (Org.), *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder* (3a ed.) (pp. 187-216). Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.
- Moraes, D. (2013). Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In D. Moraes (Org.), *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação* (pp. 19-52). São Paulo, SP: Boitempo.
- Mott, L. (1988). Desventuras de um sodomita português no Brasil seiscentista. In L. Mott (Org.), *O sexo proibido: escravos, gays e virgens nas garras da inquisição* (pp. 75-129). Campinas, SP: Papirus.

- Mott, L. (1996). Os homossexuais: as vítimas principais da violência. In G. Velho, & M. Alvito (Orgs.), *Cidadania e violência* (pp. 99-146). Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ.
- Mott, L. (2000). Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? In *Seminário Gênero & Cidadania: Tolerância e Distribuição da Justiça*. Campinas, SP: Unicamp.
- Mott, L. (2001). A revolução homossexual: o poder de um mito. *Revista USP*, 49, 40-59.
- Mott, L. (2006). Homo-afetividade e direitos humanos. *Estudos Feministas*, 14(2), 509-521.
- Musso, P. (2006). Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In D. Moraes (Org.), *Sociedade midiaticizada* (pp. 191-225). Rio de Janeiro, RJ: Mauad.
- Nunes, J. H. (2006). *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes.
- Nunes, J. H. (2009). Leitura de arquivo: historicidade e incompreensão. In F. Indursky & M. C. F. Leandro (Orgs.), *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites* (pp. 373-380). São Carlos, SP: Claraluz.
- Organização das Nações Unidas. (2016). UIT: 3,7 bilhões de pessoas ainda não têm acesso à Internet no mundo. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/uit-37-bilhoes-de-pessoas-ainda-nao-tem-acesso-a-internet-no-mundo/>
- Orlandi, E. P. (1984). Segmentar ou recortar. *Estudos*, 10, 9-26.
- Orlandi, E. P. (1989). Silêncio e implícito (produzindo a monofonia). In E. Guimarães (Org.), *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2000). Entrar na sociedade geral dos cidadãos. Caminhos da história, trajetos do político. In D. L. P. de Barros (Org.), *Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos*. (pp. 119-130). São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.
- Orlandi, E. P. (2002). *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo, SP: Cortez.
- Orlandi, E. (2003). A leitura proposta e os leitores possíveis. In E. Orlandi (Org.), *A leitura e os leitores* (pp. 9-24). Campinas, SP: Editora Pontes.
- Orlandi, E. P. (2004a). *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2004b). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* (4a ed.). Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2005a). A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In F. Indursky & M. C. F. Leandro (Orgs.), *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar* (pp. 75-88). São Carlos, SP: Claraluz.
- Orlandi, E. P. (2005b). *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos* (2a ed.). Campinas, SP: Pontes.

- Orlandi, E. P. (2005c). O inteligível, o interpretável e o compreensível. In R. Zilberman, & E. T. Silva (Orgs.), *Leitura: perspectivas interdisciplinares* (5a ed.) (pp. 58-77). São Paulo, SP: Editora Ática.
- Orlandi, E. (2006). História das idéias x história de vida - Entrevista com Eni Orlandi. *Fragmentum*, 7, 11-51. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/6349>
- Orlandi, E. P. (2007). *Análise de discurso: princípios e procedimentos* (7a ed.). Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2008). *Terra à vista – discurso do confronto: velho e novo mundo* (2a ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Orlandi, E. P. (2010a). Análise de discurso. In E. P. Orlandi & S. Lagazzi-Rodrigues (Orgs.), *Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade* (pp. 11-31). Campinas, SP: Pontes Editores.
- Orlandi, E. P. (2010b). Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: o caso da delinquência. In E. P. Orlandi (Org.), *Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso* (pp. 11-42). Campinas, SP: Editora RG.
- Orlandi, E. P. (2010c). Maio de 1968: os silêncios da memória. In: P. Achard (Org.), *Papel da memória*. (3a ed.) (pp. 59-71). Campinas, SP: Pontes Editores.
- Orlandi, E. P. (2012). *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia* (2a ed.). Campinas, SP: Pontes Editores.
- Pacífico, S. M. R. (2002). *Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer* (Tese de doutorado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Parker, R. (2002). *Abaixo do equador*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Payer, M. O. (2005). Linguagem e sociedade contemporânea - sujeito, mídia, mercado. *Revista RUA*, 11, 9-25.
- Pêcheux, M. (1997a). “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In: F. Gadet & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (3a ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Pêcheux, M. (1997b). Ler o arquivo hoje. In E. P. Orlandi (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso* (2a ed.) (pp. 55-66). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, M. (1999). Do sujeito na história e no simbólico. *Escritos: linguagem, cidade, política, sociedade - contextos epistemológicos da Análise de Discurso*, 4, 4-10. Recuperado de <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf>
- Pêcheux, M. (2008). *O discurso: estrutura ou acontecimento* (5a ed.). Campinas, SP: Pontes Editores.

- Pêcheux, M. (2010). Papel da memória. In P. Achard (Org.), *Papel da memória* (3a ed.) (pp. 49-57). Campinas, SP: Pontes Editores.
- Pêcheux, M. (2014). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (5a ed.). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, M. & Fichant, M. (1977). *Sobre a história das ciências*. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa.
- Petri, V. (2013). O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da análise de discurso. In V. Petri, & C. Dias (Orgs.), *Análise de discurso em perspectiva: teoria, método e análise* (p. 39-48). Santa Maria, RS: Editora UFSM.
- Picon, A. (1996). O dinamismo das técnicas – entrevista com Antoine Picon. In R. Scheps (Org.), *O império das técnicas* (pp. 25-35). Campinas, SP: Papirus.
- Pollak, M. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In P. Ariès, & A. Béjin (Orgs.), *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade* (pp. 54-76). São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Puff, H. (2006). Early Modern Europe, 1400-1700. In R. Aldrich, Robert (Ed.). *Gay life and culture: a world history* (pp. 79-102). London, Inglaterra: Thames & Hudson.
- Rendina, H. J., Jimenez, R. H., Grov, C., Ventuneac, A., & Parsons, J. T. (2014). Patterns of Lifetime and Recent HIV Testing Among Men Who Have Sex with Men in New York City Who Use Grindr. *AIDS and Behavior*, 18(1), 41-49. Recuperado de <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10461-013-0573-2>
- Rice, E., Holloway, I., Winetrobe, H., Rhoades, H., Barman-Adhikari, A., Gibbs, J., Carranza, A., Dent, D., & Dunlap, S. (2012). Sex risk among young men who have sex with men who use Grindr, a smartphone geosocial networking application. *Journal of AIDS & Clinical Research, United States*, 4, 1-8. Recuperado de http://www.omicsonline.org/aids-clinical-research-abstract.php?abstract_id=7436
- Rizzo, D. Public spheres and gay politics since the Second World War. In R. Aldrich (Ed.), *Gay life and culture: a world history* (pp. 197-222). London, Inglaterra: Thames & Hudson.
- Rodrigues, E. A., Santos, G. L. dos, & Branco, L. K. A. C. (Orgs). (2011). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas, SP: Editora RG.
- Romão, L. M. S. (2002). *O discurso do conflito materializado no MST: a ferida aberta na nação* (Tese de doutorado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Romão, L. M. S. (2005a). De areia e de silício: as tramas do discurso no livro eletrônico. *Espéculo. Revista de Estudios Literários*, 31. Recuperado de <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero31/silicio.html>

- Romão, L. M. S. (2005b). Mais de perto, mil faces secretas sob a face neutra: considerações sobre a heterogeneidade no discurso jornalístico. *Signótica*, 17(2), 233-250. Recuperado de <http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/sig/article/view/3729>
- Romão, L. M. S. (2005c). No país das maravilhas: uma metáfora sobre o dizer na rede. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna*, 2(3), 1-12. Recuperado de http://www.letramagna.com/lucilia_romao%20.pdf
- Romão, L. M. S. (2006). O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. *DELTA*, 22(2), 303-328. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/delta/v22n2/a04v22n2.pdf>
- Romão, L. M. S. (2012). Fios de grito na rede: navega-dores (d)enunciam o extermínio. In B. Mariani, & V. Medeiros (Orgs.), *Discurso e...: ideologia, inconsciente, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, (homo)sexualidade* (pp. 113-130). Rio de Janeiro, RJ: 7Letras.
- Romão, L. M. S., Leandro, M. C. F., & Dela-Silva, S. (2011). Arquivo. In B. Mariani, V. Medeiros, & S. Dela-Silva (Orgs.), *Discurso, arquivo e...* (pp. 11-21). Rio de Janeiro, RJ: 7Letras.
- Romão, L. M. S. & Pacífico, S. M. R. Mora-dores de rua falados e significados no/pelo discurso jornalístico. *Revista RUA*, 13, 9-20.
- Santos, M. (1994). *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo, SP: Editora Hucitec.
- Santos, M. (2008). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (15a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Scherer, A. E. (2008). Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In V. Sargentini, & M. R. Gregolin (Orgs.), *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos* (pp. 131-141). São Carlos: Claraluz.
- Scherer, A. E., Sousa, L. M., Medeiros, V., & Petri, V. (2014). O lugar dos estudos franceses na constituição de uma memória da Análise de Discurso no Brasil. *Letras*, 24(48), 13-28. Recuperado de <http://periodicos.ufsm.br/index.php/letras/article/view/14422>
- Schneiders, C. M. (2014). Do retorno ao arquivo à constituição do corpus e dos gestos de interpretação. *Conexão Letras*, 9(11), 31-40. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55144>
- Scruff. (2018). Scruff. Recuperado de <https://www.scruff.com/pt/>
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 28, 19-54. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>

- Silva, T. D. (2011). O “corpo” do jornal e o sujeito urbano: jornalismo e novas tecnologias. *Signo*, 36(61), 299-312. Recuperado de <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/2127>
- Simões, J. A., & França, I. L. Do “gueto” ao mercado. In J. N. Green, & R. Trindade (Orgs.), *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* (pp. 309-336). São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Soares, A. S. F. (2006). *A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)* (Tese de doutorado, Estudos Linguísticos, Universidade Federal Fluminense). Recuperado de http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2006-07-05T113126Z-184/Publico/a%20homossexualidade%20e%20a%20AIDS%20no%20imaginario%20de%20revistas%20semana.pdf
- Soares, A. S. F. (2007). O discurso jornalístico e seus rituais. *ECO-PÓS*, 10(2), 181-196. Recuperado de http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/issue/view/132
- Soares, A. S. F. (2012). Doente e pecador: ecos do século XIX sobre a homossexualidade na imprensa oficial (1985-2010). In I. Tasso, & P. Navarro (Org.). *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas*. Maringá, PR: Eduem. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/hzj5q/06>
- Sousa, L. M. A., Garcia, D. A., & Faria, D. O. (2014). Paradigma indiciário, língua-concha, recorte e funcionamento: a metodologia em AD. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 33, 93-108. Recuperado de <http://periodicos.ufsm.br/index.php/letras/article/view/14422>
- Souza, P. (1997). *Confidências da carne: o público e privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Spencer, C. (1999). *Homossexualidade: uma história* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Su, J.-Y., Holt, J., Payne, R., Gates, K., Ewing, A., & Ryder, N. (2015). Effectiveness of using Grindr to increase syphilis testing among men who have sex with men in Darwin, Australia. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 39(3), 293-294. Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1753-6405.12342/abstract>
- Tamagne, F. The homosexual Age, 1870-1940. In R. Aldrich (Ed.), *Gay life and culture: a world history* (pp. 167-196). London, Inglaterra: Thames & Hudson.
- Teixeira, A. E. (2009). Discursos e representações sobre os territórios de “pegação” em Belo Horizonte. In M. E. Díaz-Benítez & C. E. Fígari. *Prazeres dissidentes* (pp. 263-288). Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Tfouni, L. V. (1992). O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. *DELTA*, 8(2), 205-223.
- Trevisan, J. S. (2007). *Devassos no paraíso: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)* (7a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record.

- Tziallas, E. (2015). Gamified eroticism: gay male “social networking” applications and self-pornography. *Sexuality & Culture*, 19(4), 759-775. Recuperado de <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12119-015-9288-z>
- Vainfas, R. (1997). *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Veyne, P. (1985). A homossexualidade em Roma. In P. Ariès & A. Béjin (Orgs.), *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade* (pp. 39-49). São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Weeks, J. (2015). O corpo e a sexualidade. In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (3a ed.) (pp. 37-81). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Weissberg, J. L. (2010). Paradoxos da teleinformática. In A. Parente (Org.), *Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação* (pp. 113-141). Porto Alegre, RS: Editora Sulina.
- Wertheim, M. (2001). *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Zanchetta Júnior, J. (2004). *Imprensa escrita e telejornal*. São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Zandwais, A. (2010). Concepções de texto: a heterogeneidade do objeto tomada a partir dos pressupostos da linguística à análise do discurso. *Organon*, 24, 71-85.
- Zizek, S. (2006). *Arriscar o impossível – conversas com Zizek*. São Paulo, SP: Martins.
- Zoppi-Fontana, M. G. (1997). *Cidadãos modernos: discurso e representação política*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Zoppi-Fontana, M. G. (2009). O acontecimento do discurso na contingência da história. In F. Indursky, M. C. F. Leandro, & S. Mittmann (Orgs.), *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras* (pp. 133-146). São Carlos, SP: Claraluz.
- Zoppi-Fontana, M. G. (2011). Estar em estado de palavra. In E. A. Rodrigues, G. L. dos Santos, & L. K. A. C. Branco (Orgs.), *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi* (pp. 69-86). Campinas, SP: Editora RG.

Apêndices

Desenho do artista Jean Julien

Fonte: Recuperado de https://www.instagram.com/p/BWc0rGoBsL7/?hl=pt-br&taken-by=jean_jullien

Mas por que esses detalhes?
Para retardar o desfecho.
(Beckett, 2004).

APÊNDICE A - Arquivos

Número da Notícia	Espaços Discursivos	Título da Matéria
1.	A Capa	Aos 44, Léo Aquila vai se casar com professor de artes marciais
2.	A Capa	Bares e clubes LGBT estão fechando as portas em Londres; saiba motivo
3.	A Capa	Brasileiro faz norte-americano desistir da Copa do Mundo e viver história de amor
4.	A Capa	Carnaval deve gerar aumento de 15% no uso do APP do Disponível.com
5.	A Capa	Conheça algumas funções do aplicativo Disponível.com
6.	A Capa	Conheça as novas funções do aplicativo Disponível.com
7.	A Capa	Exposição nas redes sociais e aplicativos é o tema do "Chá do 5"
8.	A Capa	Homofóbico criou fletie e situação para matar produtor gay no Rio; polícia divulga foto
9.	A Capa	Jean Wyllys divulga vídeo de campanha para sexo seguro no carnaval
10.	A Capa	Psicólogo Pedrosa Responde: Quero namorar, mas gays só querem sexo! O que faço?
11.	A Capa	Você diz: Não sou e não curto afeminados? Então assista a esse vídeo
12.	A Liga Gay	Aplicativo gay trava em Londres, por causa da quantidade de gays na cidade
13.	A Liga Gay	Aplicativos de pegação para Ursos
14.	A Liga Gay	Assista ao curta Interface
15.	A Liga Gay	Conheça o aplicativo de celular exclusivo para lésbicas
16.	A Liga Gay	Conheça o Aplicativo gay Qrushr
17.	A Liga Gay	Conheça o aplicativo gay Scruff
18.	A Liga Gay	Conheça o aplicativo para ursos "U4Bear"
19.	A Liga Gay	DaddyHunt – O novo aplicativo gay do momento
20.	A Liga Gay	Growlr o aplicativo gay para os ursos
21.	Agência AIDS	A mídia não consegue combater a aids, deduzem participantes do 3º Fórum Aids e o Brasil da revista 'IMPRENSA'
22.	Agência AIDS	Aids continua crescendo entre jovens na cidade de São Paulo. Secretário Padilha diz que esse grupo perdeu a sensibilidade do risco
23.	Agência AIDS	Aplicativos de paquera levam a aumento de casos de HIV entre adolescentes, alerta ONU
24.	Agência AIDS	Aplicativos podem facilitar sexo de risco, diz artigo de Jairo Bouer no 'Estadão'
25.	Agência AIDS	Carlos Duarte, representante do movimento de aids no CNS, critica falta de diálogo entre governo e sociedade civil. Departamento afirma que há parcerias com os movimentos
26.	Agência AIDS	CARNAVAL 2015: 'Carta Capital' destaca campanha do governo
27.	Agência AIDS	CARNAVAL 2015: ABIA destaca pontos positivos e negativos na campanha de prevenção do governo
28.	Agência AIDS	Congresso de aids e DSTs: Especialistas apostam nas mídias sociais para prevenir HIV em jovens
29.	Agência AIDS	Congressos na Paraíba: Prevenção do HIV nas mídias digitais ganha debate no Espaço Comunicação
30.	Agência AIDS	Especialistas pedem diferentes frentes de ação em campanha sobre uso da camisinha
31.	Agência AIDS	Ex-policia Ma Baoli comanda site LGBT na China. Aplicativo recebe aval do governo chinês por trabalho contra o HIV
32.	Agência AIDS	Governo de Nova York divulga comprimido contra HIV no Grindr
33.	Agência AIDS	Governo vai utilizar redes sociais para alertar jovens sobre aids
34.	Agência AIDS	GPSGAY, rede social voltada para comunidade LGBT, chega ao Brasil
35.	Agência AIDS	Ministro da Saúde lança aplicativos para reforçar campanha de prevenção do HIV

36.	Agência AIDS	Prevenção ao HIV inovou com aplicativos de encontros, mas precisa aprimorar na mensagem
37.	Agência AIDS	Prevenção em aids no Brasil: depois do terror, a trapaça - por Mário Scheffer
38.	Agência AIDS	Simpósio discute uso de dados para programas de saúde em grandes eventos
39.	Agência AIDS	Simpósio discute uso de dados para programas de saúde em grandes eventos
40.	Agência AIDS	Sites de contatos para gays colaboram com luta contra aids nos Estados Unidos
41.	Agência AIDS	Tinder tira do ar campanha contra aids do governo
42.	Bafonique	Aplicativo gay na china recebe 2 milhões de usuários no primeiro ano
43.	Bafonique	Aplicativos para encontros sexuais diretos são usados mais por homens
44.	Bafonique	App scruff lança versão 4 para windows phone 8.1
45.	Bafonique	Grindr cai no gosto popular e abre espaço para o scruff
46.	Bafonique	Jovem no texas marca encontro por “aplicativo” e sofre agressões
47.	Bafonique	Quais são os melhores aplicativos gays do momento
48.	Bafonique	Tem livro no mercado sobre o aplicativo “Grindr” chamado “meet Grindr”
49.	Bafonique	Três jovens esperam julgamento depois de matar um idoso através do Grindr
50.	BBC Brasil	Apps de paquera levam a aumento em casos de HIV entre adolescentes, diz ONU
51.	BBC Brasil	Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder
52.	BBC Brasil	Como preservar sua privacidade no mundo digital
53.	BBC Brasil	Copa 'esquenta' aplicativos de paquera no Brasil
54.	BBC Brasil	Por que bares gays estão fechando as portas em Londres?
55.	BBC Brasil	Sexo e mentiras no Paquistão: Como vive a comunidade gay no país?
56.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	"Pesquisa afirma: gays são mais bonitos, sexualmente ativos e bem-dotados que heterossexuais"
57.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	(Homo)Sex and the City e outras cositas más...
58.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	“Desculpa, mas não curto!”
59.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	“Pesquisa afirma: gays são mais bonitos, sexualmente ativos e bem-dotados que heterossexuais”
60.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	23 cm de “perfeição” e dor!
61.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	24 experiências sexuais que todo gay deveria ter
62.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	A cidade lgbt é “fora do meio”!
63.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	A máscara do gay-macho: identidades virtuais
64.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Abra sua mente, g também é gente!
65.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Armadura Social
66.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Atividade paranormal
67.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Autor usa aplicativos de encontros para divulgar websérie gay
68.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Casar não é (necessariamente) melhor que pegar...

69.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Curiosidades (gays) Brasileiras
70.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Dando pinta no réveillon!
71.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Escolho amar outros homens gays negros
72.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Gay não quer saber de namorar!
73.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Manda nudes: sexo, exposição e a modernidade gozada!
74.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Mídia arco-íris: produção de discurso lgbt, parte 3
75.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Nada é mais triste que um gay de Direita...
76.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Narcisismo? Por que alguns gays precisam de likes, followers e elogios em geral?
77.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	O terror do “Câncer Gay”...
78.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	ORDINÁRIO!
79.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Orgulho de quê?
80.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Os 10 mandamentos do rei das bee!
81.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Os iGays estão doentes demais: desliguem as máquinas!
82.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Os putos também amam
83.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Paris, Grindr, HIV e... um segredo revelado?
84.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Pra namorar... tem que saber qual App utilizar!
85.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Querido gay bonito, para que tá feio!
86.	Blog Os Entendidos – Revista Fórum	Sobre um garoto que beija garotos
87.	Brasil Post	A prerrogativa de ser/curtir um gay afeminado
88.	Brasil Post	Amor tech: os aplicativos de relacionamento online
89.	Brasil Post	Aplicativo 3ender: está afim de sexo a três?
90.	Brasil Post	Depois do gozo: notas sobre o último capítulo de 'Amor à Vida' uma semana depois
91.	Brasil Post	Em nome da arte, Mischa Badasyan fará sexo com 365 pessoas diferentes em um ano
92.	Brasil Post	Nós gays podemos tudo... exceto ser gays
93.	Brasil Post	Novo perfil do Grindr vai calcular tempo de viagem entre usuários do app
94.	Brasil Post	O poder dos aplicativos-cupido
95.	Brasil Post	Os perigos da discriminação racial em relacionamentos
96.	Brasil Post	Repórter usa Grindr para distinguir gays e héteros em evento 'conservador'
97.	Brasil Post	'Se quisesse afeminado pegava mulher'
98.	Brasil Post	Tinder vira alvo de críticas na internet após se opor à campanha do Ministério da Saúde para incentivo do uso da camisinha
99.	Canal Tech	10 apps para quem não quer passar o Dia dos Namorados sozinho

100.	Canal Tech	Apps de encontros estão levando a nova epidemia de HIV, diz ONU
101.	Canal Tech	Apps de paquera: confira 10 alternativas ao Tinder
102.	Canal Tech	Chegada dos atletas em Londres trava o Grindr, um aplicativo de encontros gays
103.	Canal Tech	Conheça o 3nder, app que te ajudará a encontrar parceiros para ménage à trois
104.	Canal Tech	Ministério da Saúde cria perfil fake no Tinder e irrita executivos do app
105.	Canal Tech	Nova série da HBO vai falar sobre relacionamentos virtuais e sexo na internet
106.	Canal Tech	Os 10 melhores aplicativos Windows Phone da semana - 20/11/2015
107.	Canal Tech	Tinder tem crescimento de 50% em acessos durante Copa do Mundo.
108.	Cena G	Adolescente gay descobriu que o pai homofóbico tinha conta no Grindr
109.	Cena G	Aplicativos gays para celular vão ajudar no combate ao HIV
110.	Cena G	Criminosos fizeram chantagem com casado que tinha perfil no Grindr
111.	Cena G	Especialistas afirmam que Apps de pegação aumentam número de casos de DST
112.	Cena G	Governo americano gastou 1 milhão de reais para estudar o aplicativo Grindr
113.	Cena G	Governo cria perfis falsos em redes sociais para alerta sobre o uso de preservativos
114.	Cena G	Homofóbico destrói anúncio de aplicativo gay
115.	Cena G	Homossexual cortou a garganta do rapaz que ele conheceu na internet após relação sexual
116.	Cena G	Inglês seduziu quatro jovens gays pela internet e depois os matou
117.	Cena G	Jornal afirma que Marc Jacobs organizou orgia regada a drogas em NY
118.	Cena G	Madonna vai conversar com fãs gays usuários do aplicativo Grindr
119.	Cena G	Marc Jacobs diz que já conheceu algumas pessoas através do Grindr
120.	Cena G	ONU aponta ligação entre apps de paquera e uma nova epidemia de HIV
121.	Cena G	Padre marcava encontros pela internet e abusava de rapazes
122.	Cena G	Perfil de skinhead no Grindr pede morte aos gays
123.	Cena G	Pesquisa entre usuários do Grindr mostra que a economia é o maior problema dos EUA
124.	Cena G	Polícia usa Grindr para 'caçar' e prender gays no Egito
125.	Cena G	Rapaz foi encontrado morto após marcar encontro através de aplicativo de pegação
126.	Cena G	Repórter usa Grindr para distinguir gays e héteros em evento 'conservador'
127.	Cena G	Sam Smith diz que Grindr e Tinder acabaram com o romance
128.	Cena G	Soropositivos usam a internet para incentivar contaminação pelo HIV
129.	Cena G	Uso do Tinder e de outros aplicativos aumenta casos de DSTs
130.	Correio Braziliense	45% da população teve relação sexual sem proteção no último ano
131.	Correio Braziliense	Copa do Mundo aumenta o uso de aplicativos de paquera no Brasil
132.	Correio Braziliense	Jovens, solteiros, badalam o que fazer pela noite na Europa
133.	Correio Braziliense	Madonna usa aplicativo voltado ao público gay para divulgar "Rebel heart"
134.	Correio Braziliense	Para alertar sobre sexo seguro, ministério usa perfis falsos em aplicativos
135.	Correio Braziliense	Paris Hilton faz comentários de repúdio aos gays e causa revolta
136.	Correio Braziliense	Segurança de smartphones é discutida durante o Mobile World Congress
137.	El País Brasil	"A sexualidade é inevitável: hoje o sexo precede o amor"
138.	El País Brasil	Sexo e redes sociais, a última fronteira publicitária
139.	El País Brasil	Tribunal egípcio condena oito à prisão após simulação de casamento gay

140.	Estado de Minas	Aplicativo do site Adote Um Cara chega ao Brasil em março
141.	Estado de Minas	Conflito entre Israel e Hamas afeta o Tinder e o Grindr
142.	Estado de Minas	Cuidado: os hackers estão de olho no seu smartphone
143.	Estado de Minas	Em ação contra aids, perfis em rede pedem 'sexo sem limites'
144.	Estado de Minas	Para alertar jovens sobre aids, governo vai utilizar redes sociais
145.	Estado de Minas	Taxa de HIV entre adolescentes do sexo masculino triplica na capital paulista
146.	Folha de S. Paulo	Adele vira novo eufemismo para sexo nos apps de encontro
147.	Folha de S. Paulo	Antigos sites de namoro se adaptam aos smartphones
148.	Folha de S. Paulo	Aplicativo para encontros gay ganha versão para Android
149.	Folha de S. Paulo	App de paquera que mostra 'com quem você cruzou' cresce 110% em um mês
150.	Folha de S. Paulo	Apps de paquera provocam alta nos casos de HIV entre jovens, adverte ONU
151.	Folha de S. Paulo	Apps de paquera registram aumento de atividade durante Copa do Mundo
152.	Folha de S. Paulo	Apps de paquera viram hit entre pessoas que buscam relações casuais
153.	Folha de S. Paulo	Artistas fetichistas ganham exposição em Los Angeles
154.	Folha de S. Paulo	Campanha de prevenção à Aids cria rusga entre ministério e Tinder
155.	Folha de S. Paulo	Com a decadência da Playboy, novas revistas eróticas são mais artísticas
156.	Folha de S. Paulo	Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder
157.	Folha de S. Paulo	Educação sentimental
158.	Folha de S. Paulo	Empresa brasileira tenta embarcar na moda dos aplicativos de paquera
159.	Folha de S. Paulo	Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito
160.	Folha de S. Paulo	GPS e redes sociais turbinam serviços de paquera
161.	Folha de S. Paulo	HUMOR: Na internet só tem retardado
162.	Folha de S. Paulo	Paris Hilton diz que gays são "nojentos" e "provavelmente têm Aids"
163.	Folha de S. Paulo	Points bombam durante jornada
164.	Folha de S. Paulo	Por que o Facebook sugere que você adicione os matches do Tinder?
165.	Folha de S. Paulo	Público gay masculino é pioneiro em apps de paquera
166.	Folha de S. Paulo	Senador de Porto Rico posta fotos nu em site gay
167.	Folha de S. Paulo	Simples e diretos, novos apps de paquera se conectam ao Facebook e usam geolocalização
168.	Folha de S. Paulo	Social das redes sociais
169.	Folha de S. Paulo	Surto de meningite atinge gays em Nova York
170.	Folha de S. Paulo	Usando o Foursquare, site diz onde há mais mulheres ou homens
171.	G1	A arte de flertar através do celular ganha força
172.	G1	Aplicativo de relacionamentos GLS 'Scruff' investe no Brasil
173.	G1	Aplicativos de localização são destaque em conferência nos EUA
174.	G1	Aplicativos de smartphone com geolocalização facilitam paquera
175.	G1	Aplicativos para buscar parceiro elevam risco de DST, diz estudo
176.	G1	Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder
177.	G1	Copa 'esquenta' aplicativos de paquera como Tinder e Grindr
178.	G1	Flagrado em app de encontros gays, pastor deixa igreja nos EUA
179.	G1	Governo cria perfis falsos em aplicativos para combater a Aids

180.	G1	Paris Hilton causa controvérsia por comentários homofóbicos
181.	G1	Professor com vírus HIV é preso por abuso sexual de aluno de 15 anos
182.	G1	Senador de Porto Rico é questionado por foto de nu publicada em site gay
183.	G1	Senador questionado por foto nu publicada em site gay renuncia
184.	G1	Tinder diz que vai apagar perfis falsos de campanha do Ministério da Saúde
185.	G1	Uso de aplicativos de paquera dispara no Brasil durante a Copa
186.	Gay1	Aplicativos ajudam a arranjar um namorado gringo na Copa do Mundo
187.	Gay1	Fundador do Grindr, app de encontros, está solteiro: "Adoro namorar sério, mas acho que sou minoria"
188.	Gay1	Madonna irá promover seu novo álbum, 'Rebel heart', no Grindr
189.	Gay1	O dia em que o jogo virou para os 'machões' no aplicativo Grindr
190.	Gay1	Pesquisa revela que Grindr é um ótimo lugar para fazer novas amizades
191.	Gay1	Points LGBT do Rio tiveram movimento maior durante Jornada Mundial da Juventude
192.	Gay1	Preconceito motiva nova epidemia de HIV com ligação entre apps de encontro
193.	Gay1	Taxa de HIV entre adolescentes do sexo masculino triplica em São Paulo
194.	IG	"Falei que ia ao banheiro e vazei": dicas para não cair em cilada nos apps
195.	IG	10 caras para evitar se você procura sua alma gêmea em sites de relacionamento
196.	IG	Aplicativo para encontros gays alcança 15 milhões de usuários na China
197.	IG	Aplicativos de encontros para gays portam advertências sobre HIV
198.	IG	Aplicativos de relacionamento no celular viram febre entre os jovens
199.	IG	Aplicativos gays para buscar parceiro elevam risco de DST, diz estudo
200.	IG	Aplicativos para não passar o Dia dos Namorados solteiro
201.	IG	Apps ajudam a realizar fantasias como ménage, swing e sadomasoquismo
202.	IG	Barbudos, gordinhos e peludos: conheça a tribo gay dos ursos
203.	IG	Cansado da solteirice? Veja 8 aplicativos de relacionamentos para gays
204.	IG	Casais gays que adotaram o casamento aberto
205.	IG	Conheça o GPSGAY, aplicativo com tudo o que os LGBTs precisam para se situar
206.	IG	Conheci alguém na internet como saber se não estou sendo enganado
207.	IG	Copa 'esquenta' aplicativos de paquera no Brasil
208.	IG	Especialista alerta: Se a mulher desconfia de que o marido é gay, ele deve ser
209.	IG	Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr
210.	IG	Gays contam por que procuram e o que acontece dentro de uma sauna
211.	IG	Gays criticam preconceito dos próprios LGBTs: "Sou afeminado sim"
212.	IG	Gays e lésbicas contam como encontraram o amor com ajuda da internet
213.	IG	Gays que usam apps de encontros têm mais chances de contrair DSTs
214.	IG	Governo cria personagens para atrair pessoas que não usam camisinha
215.	IG	Governo usará redes sociais para prevenir a Aids
216.	IG	Joel Simkhai, criador do Grindr Sei que é complicado conhecer outros homens
217.	IG	Ministério da Saúde e ONU formam líderes para controle social do HIV e aids
218.	IG	Ministério da Saúde usa perfis falsos para alertar sobre sexo seguro
219.	IG	Os barbies: a tribo gay dos homens sarados que adoram música eletrônica

220.	IG	Erro no aplicativo Grindr expõe localização de usuários em países com leis anti-gays
221.	IG	Pastor antigay é flagrado em aplicativo para encontros gays procurando parceiro
222.	IG	Polêmica do sexo seguro no Tinder
223.	IG	Por projeto cultural, artista plástico quer transar com 365 homens em um ano
224.	IG	Por que bares gays estão fechando as portas em Londres?
225.	IG	Proibido para mulheres, hotel gay recebe até 8 mil homens por mês em SP
226.	IG	Seja consciente sobre o que você pede e oferece para o outro, alfineta documentarista sobre exigência de masculinidade no Grindr
227.	IG	Sete dicas para gays e lésbicas encontrarem uma cara-metade
228.	IG	'Straight Acting Only': o machismo gay
229.	IG	Usuários do Grindr trocam 7 milhões de mensagens por dia
230.	IG	Vilões da Disney ganham perfil em aplicativo de pegação
231.	Jornal do Brasil	Com muitos acessos em Londres, rede social gay sofre colapso
232.	Jornal do Brasil	Ministério usa perfis falsos em aplicativos para alertar sobre sexo seguro
233.	Jornal do Brasil	Musa gay e homofóbica? Paris Hilton ataca homossexuais: 'são nojentos'
234.	Jornal do Brasil	Para alertar jovens gays sobre aids, governo vai utilizar redes sociais
235.	Jornal do Brasil	Sozinho no Dia dos Namorados? Apps podem te ajudar na paquera
236.	Jornal Extra	46% dos moradores do Sudeste não usaram camisinha na última relação sexual
237.	Jornal Extra	Aplicativo Tinder permite que usuários do Facebook procurem sua alma gêmea
238.	Jornal Extra	Aplicativos para buscar parceiro elevam risco de DST, diz estudo
239.	Jornal Extra	App Cuddlr permite que usuários encontrem desconhecidos para trocar um abraço, sem segundas intenções
240.	Jornal Extra	Artista russo quer fazer sexo com uma pessoa diferente por dia, durante um ano, para falar sobre a solidão
241.	Jornal Extra	Blog Light Trapping surpreende ao 'jogar luz' sobre pelados em locais públicos
242.	Jornal Extra	Cresce busca por droga que evita risco de Aids após relação insegura
243.	Jornal Extra	Especialistas pedem diferentes frentes de ação, após governo reforçar campanha sobre uso da camisinha
244.	Jornal Extra	Festa, vídeos e campanhas discutem, com bom humor, os estereótipos LGBT
245.	Jornal Extra	Funcionários de Elizabeth II usam Tinder para encontros no palácio
246.	Jornal Extra	Mesmo com epidemia controlada, Aids avança entre homossexuais
247.	Jornal Extra	Percentual de pessoas com mais de dez parceiros sexuais na vida cresceu 172% em dez anos
248.	Jornal Extra	Tumblr mostra como o confronto entre Israel e Palestina se reflete no Tinder
249.	Jornal O Dia	Campanha relaciona aumento de casos de DSTs nos EUA aos aplicativos de namoro
250.	Jornal O Dia	Religioso antigay é flagrado usando aplicativo para encontros homossexuais
251.	Jornal O Dia	Sexo com pessoas conhecidas por aplicativo de celular pode causar mais doenças
252.	Jornal O Globo	A paquera nos tempos do smartphone
253.	Jornal O Globo	Aplicativo gay vai fazer pool party para mais de mil pessoas na Barra
254.	Jornal O Globo	Aplicativo oferece ajuda para quem busca sexo ou relacionamento a três
255.	Jornal O Globo	Aplicativo oferece ajuda para quem busca sexo ou relacionamento a três
256.	Jornal O Globo	Aplicativo que promove encontros entre gays tem aumento durante a Copa
257.	Jornal O Globo	Aplicativos para buscar parceiro elevam risco de DST, diz estudo
258.	Jornal O Globo	App Scissr de namoro: o novo Tinder para lésbicas
259.	Jornal O Globo	Artista russo quer fazer sexo com uma pessoa diferente por dia, durante um ano, para falar sobre a

		solidão
260.	Jornal O Globo	Cresce busca por droga que evita risco de Aids após relação insegura
261.	Jornal O Globo	Escândalos sexuais viraram moda nos EUA
262.	Jornal O Globo	Especialistas pedem diferentes frentes de ação em campanha sobre uso da camisinha
263.	Jornal O Globo	Festa, vídeos e campanhas discutem, com bom humor, os estereótipos LGBT
264.	Jornal O Globo	Funcionários de Elizabeth II usam Tinder para encontros no palácio
265.	Jornal O Globo	Madonna irá promover seu novo álbum, 'Rebel heart', no Grindr
266.	Jornal O Globo	Marc Jacobs revela que já usou Grindr para conhecer homens
267.	Jornal O Globo	Mesmo com epidemia controlada, Aids avança entre homossexuais
268.	Jornal O Globo	Mistura de sexo e drogas deixa britânicos em alerta
269.	Jornal O Globo	No Dia dos Namorados, exposição reúne fotos e textos do Tinder e Grindr
270.	Jornal O Globo	No Sudeste, 46% das pessoas não usaram camisinha em relações sexuais
271.	Jornal O Globo	Percentual de pessoas com mais de dez parceiros sexuais na vida cresceu 172% em dez anos
272.	Jornal O Globo	Sexo anal é tema de seminário na Universidade Harvard
273.	Jornal O Globo	Tumblr mostra como o confronto entre Israel e Palestina se reflete no Tinder
274.	Jornal O Globo	Usuário do Grindr divulga fotos íntimas de congressista após voto anti-gays nos EUA
275.	Jornal O Globo	Vendaval destrói cobertura e cancela 'pool party' gay na Barra
276.	Jornal Tribuna da Bahia	Aplicativo para paquera vira febre
277.	Jornal Tribuna da Bahia	Conheci alguém na internet: como saber se não estou sendo enganado?
278.	Jornal Tribuna da Bahia	Marc Jacobs organizou orgia regada a drogas para dez pessoas, diz jornal
279.	Jornal Tribuna da Bahia	ONU: uso de aplicativos de paquera aumenta risco de HIV entre jovens
280.	Jovem Pan	Os perigos de conectar-se à internet no Egito
281.	Jovem Pan	Paris Hilton causa controvérsia por comentários homofóbicos
282.	Jovem Pan	Sites de contatos para gays colaborarão em luta contra aids nos EUA
283.	Lado Bi	“Deixei de sair com um cara porque ele é soropositivo. agora me arrependo”
284.	Lado Bi	“Looking”: a pasteurização do gay para o grande público
285.	Lado Bi	6 desafios que mochileiros gays solitários têm que encarar
286.	Lado Bi	7 maneiras de ter um relacionamento na era digital sem enlouquecer
287.	Lado Bi	Campanhas de prevenção do hiv de 2015 usam linguagem adulta e sem moralismo
288.	Lado Bi	Celular
289.	Lado Bi	Ex-policia! comanda o Grindr da china
290.	Lado Bi	Fundador do Grindr diz que app ajuda a combater homofobia
291.	Lado Bi	Grindr é banido da turquia
292.	Lado Bi	Grindr vira ópera-rock e fala sobre medo da rejeição e fim dos clubes
293.	Lado Bi	Madonna diz que os direitos dos gays avançaram muito mais que os das mulheres
294.	Lado Bi	Madonna quer conversar com fãs no Grindr
295.	Lado Bi	O que não fazer se você é um soropositivo em busca de namorado
296.	Lado Bi	O que seus fetiches dizem a seu respeito?
297.	Lado Bi	Os erros mais comuns em relacionamentos gays
298.	Lado Bi	Os nove tipos de cara mais irritantes do Grindr

299.	Lado Bi	Pesquisa do Grindr afirma: gays ficam com mais fogo no verão
300.	Lado Bi	Por que gays dos EUA e Europa perguntam seu status de HIV?
301.	Lado Bi	Se for pra sair do armário, saia por completo
302.	Lado Bi	Sexo, drogas e depressão: jornalista da BBC investiga o que há por trás do “party and play”
303.	Lado Bi	Super-herói gay meia-noite ganha título próprio
304.	Mix Brasil	Aplicativo chega ao Brasil unindo GPS e rede social gays
305.	Mix Brasil	Artigo: O amor romântico sai de cena e dá lugar à voracidade sexual, sem demora e com certezas
306.	Mix Brasil	Já ouviu falar do Mister? É o novo aplicativo de pegação para ursos, vem conhecer
307.	Mix Brasil	O Amor Nos Tempos do Grindr
308.	Nada Errado	A culpa é do Grindr?
309.	Nada Errado	Agência usa Grindr para divulgar o uso da camisinha
310.	Nada Errado	Aplicativos ajudam gays em regiões de risco
311.	Nada Errado	Autor usa aplicativos de pegação para divulgar novo projeto
312.	Nada Errado	E se os caras agissem na vida real como eles agem nos aplicativos de pegação?
313.	Nada Errado	Grindr: nos celulares e nas revistas
314.	Nada Errado	Podcast Nada Errado #03 – Os Apps Nossos de Cada Dia
315.	Nada Errado	Servidor do Grindr travou quando os atletas olímpicos chegaram à Londres
316.	Nada Errado	Uma cena para ser recordada
317.	Nada Errado	Você viu Looking?
318.	O Estado de São Paulo	‘É o fim da rejeição’, diz criador do Tinder
319.	O Estado de São Paulo	Aos 52 anos, Boy George lança primeiro disco inédito em 20 anos
320.	O Estado de São Paulo	Aplicativos e sexo de risco
321.	O Estado de São Paulo	Aplicativos para buscar parceiro elevam risco de DST, diz estudo
322.	O Estado de São Paulo	As 10 notícias da semana no mundo da tecnologia
323.	O Estado de São Paulo	Balanço: namoro com risco
324.	O Estado de São Paulo	Em ação contra Aids, perfis em rede pedem ‘sexo sem limites’
325.	O Estado de São Paulo	Escritor exalta papel cívico da tecnologia
326.	O Estado de São Paulo	Grindr sofre ataque hacker
327.	O Estado de São Paulo	O amor precisa de Waze
328.	O Estado de São Paulo	Revoluções sexuais e novos desafios
329.	O Estado de São Paulo	Seus dados pessoais deram match
330.	O Estado de São Paulo	Sexo fácil como pizza
331.	O Estado de São Paulo	Smartphone: o verdadeiro computador pessoal
332.	O Estado de São Paulo	Uso de apps de paquera cresce durante a Copa do Mundo
333.	O Povo	#Vaiterlove!
334.	O Povo	Amores e “pegas” em tempos virtuais
335.	O Povo	Aplicativos de paquera provocam alta de casos de HIV, aponta ONU
336.	O Povo	Atividade no Tinder aumenta 50% durante a Copa do Mundo 2014
337.	O Povo	Conexões homoafetivas
338.	O Povo	Governo usará redes sociais para orientar jovens brasileiros sobre Aids

339.	O Povo	Ministério da Saúde cria perfis falsos no Tinder e causa confusão
340.	O Povo	O "Furacão Loiro" voltou
341.	O Povo	Points gays registram aumento no movimento durante JMJ, diz colunista da Folha
342.	O Povo	Programa-se!
343.	O Povo	Solteiros à procura...
344.	Oba Oba	22 verdades sobre os aplicativos de paquera
345.	Oba Oba	7 aplicativos gays para dar uma variada no cardápio
346.	Oba Oba	8 aplicativos de paquera que você tem que conhecer
347.	Oba Oba	Conheça alguns aplicativos perfeitos para os baladeiros de plantão
348.	Oba Oba	Conheça o Datch, a versão lésbica do Tinder
349.	Oba Oba	Conheça o OkCupid e veja 10 motivos para criar uma conta no site
350.	Oba Oba	Experiências sexuais que todo gay deveria ter uma vez na vida
351.	Oba Oba	Usei o Tinder, mas não descolei uma transa
352.	Olhar Digital	Campanha diz que apps como Tinder aumentam casos de DST
353.	Olhar Digital	Confira 7 apps para paquera virtual
354.	Olhar Digital	Confira aplicativos para paquerar
355.	Olhar Digital	Olhar Digital_ Fórum Notícias - Conteúdo do site: Os 13 maiores acontecimentos da tecnologia em 2014
356.	Olhar Digital	Olhar Digital_ GPSGAY, rede social voltada para comunidade LGBT, chega ao Brasil
357.	Olhar Digital	ONU aponta ligação entre apps de paquera e uma nova epidemia de HIV
358.	Olhar Digital	Paquera digital: apps com geolocalização ajudam a encontrar um par perto de você
359.	Opera Mundi	O amor nos tempos do smartphone
360.	Opera Mundi	Parada gay de Moscou termina com mais de 30 ativistas LGBT presos
361.	Opera Mundi	Sucesso de Tinder populariza busca de sexo e romance pela internet
362.	Parou Tudo	31% dos gays já mentiram em aplicativos de encontros
363.	Parou Tudo	47% de quem usa aplicativo de pegação faz barebacking
364.	Parou Tudo	60% dos casais gays se conheceram on-line
365.	Parou Tudo	80% dos gays conhecem namorados por aplicativos e sites
366.	Parou Tudo	Aplicativo gay é bloqueado em Sochi, sede dos Jogos de Inverno na Rússia
367.	Parou Tudo	Aplicativos gays vão ajudar no combate ao HIV
368.	Parou Tudo	Apps de encontro aumentam casos de HIV dentre gays
369.	Parou Tudo	Apps, como o Grindr, aumentam número de casos de DST, dizem especialistas
370.	Parou Tudo	Aumenta ataques a gays irlandeses orquestrados por aplicativos
371.	Parou Tudo	Aumento de casos de sífilis pode estar ligado ao uso de aplicativos para encontros
372.	Parou Tudo	Brasil é o 4º país que mais baixa o Brenda
373.	Parou Tudo	Entidade associa uso de aplicativos de encontros com aumento de DST
374.	Parou Tudo	Especialista em saúde culpa Grindr por aumento de DST no Reino Unido
375.	Parou Tudo	Fotos no Grindr comprometem senador de Porto Rico
376.	Parou Tudo	Gangue de assaltantes no Grindr preocupa polícia na Grande Londres
377.	Parou Tudo	Gay é preso no Egito após marcar encontro pelo Grindr
378.	Parou Tudo	Gays de Los Angeles são orientados a se vacinarem contra meningite morta

379.	Parou Tudo	Gays fazem mais sexo desprotegido se o cara for bonito
380.	Parou Tudo	Geração atual faz menos sexo que a anterior
381.	Parou Tudo	Governo de Nova York divulga comprimido contra HIV no Grindr
382.	Parou Tudo	Governo dos EUA gastou R\$ 1 milhão para estudar Grindr
383.	Parou Tudo	Grindr acabou com o romance, diz Sam Smith
384.	Parou Tudo	Grindr é acusado de provocar aumento de sífilis
385.	Parou Tudo	Grindr e Scruff são assunto do novo programa Play
386.	Parou Tudo	Grindr escolhe as cidades mais gays do mundo
387.	Parou Tudo	Grindr trava com chegada de atletas para Olimpíadas
388.	Parou Tudo	Homem é encontrado morto após marcar encontro pelo Grindr
389.	Parou Tudo	Homem usava aplicativos de encontros para roubar gays
390.	Parou Tudo	Homens chantageiam casado que encontraram no Grindr
391.	Parou Tudo	Lançado aplicativo para gays a partir de 12 anos
392.	Parou Tudo	Madonna vai conversar com usuários do Grindr
393.	Parou Tudo	Para usuários do Grindr, economia é o maior problema dos EUA
394.	Parou Tudo	Partido homofóbico pede voto pelo Grindr na Itália
395.	Parou Tudo	Polícia do Egito usa Grindr para caçar e prender gays
396.	Parou Tudo	Preso homem que dava golpe em gays que conhecia em app de encontro
397.	Parou Tudo	Principal templo do Paquistão vira lugar de pegação gay
398.	Parou Tudo	Usuários detectam falha no aplicativo gay Grindr
399.	Pheno	“Os direitos dos gays estão mais avançados que os direitos das mulheres”, diz Madonna
400.	Pheno	Após marcar encontro no “Grindr”, homem tem a sua casa assaltada e é ameaçado de ser eletrocutado!
401.	Pheno	Artista gay resolve explorar o amor em tempos de Grindr em praça pública; entenda!
402.	Pheno	Campanha causa polêmica ao associar o uso do Grindr e Tinder com o aumento de DSTs
403.	Pheno	Criminoso aplicava golpe em vítimas escolhidas por aplicativo de pegação
404.	Pheno	Davey Wavey quer ajudar você a revitalizar seu perfil de pegação no Grindr; veja o vídeo!
405.	Pheno	E se os homens dos aplicativos gays fizessem a mesma coisa na vida real?!
406.	Pheno	Em ação contra aids, perfis pedem “sexo sem limites” em aplicativos de relacionamento
407.	Pheno	Estudo revela que 80% dos gays conhecem namorados através de apps de pegação
408.	Pheno	Fundador do Grindr está solteiro: “Adoro namorar sério, mas acho que sou minoria”
409.	Pheno	Gangue armada vem usando o Grindr para roubar e espalhar terror entre os gays
410.	Pheno	Garota fluxica celular do namorado e descobre que ele tem conversado com rapazes no Grindr
411.	Pheno	Grindr e pegação por GPS @ Sunga Apertada – Pheno TV
412.	Pheno	Grindr já tem mais de 65 mil usuários no Brasil – Pheno TV
413.	Pheno	Homem é acusado de drogar e matar jovens após encontro via aplicativo de pegação gay
414.	Pheno	Homem processa Grindr por fazer sexo com menor: “o app falhou ao verificar a idade”
415.	Pheno	Homofóbico destrói anúncio de aplicativo gay: “Eu não tenho que aturar isso!”
416.	Pheno	Humor: confira as respostas mais divertidas já ditas por usuários do Grindr
417.	Pheno	Jinkx Monsoon, de RuPaul’s Drag Race, é vista em aplicativo de pegação no Rio
418.	Pheno	Jovem entra em pânico após encontrar noivo de melhor amiga no Grindr

419.	Pheno	Mulher procura ajuda na internet depois de encontrar o marido no Grindr
420.	Pheno	Música pros gays! Nicki Minaj usa o Grindr para promover a turnê "Pinkprint"
421.	Pheno	Pastor homofóbico é flagrado procurando pegação em aplicativo gay
422.	Pheno	Perfil de skinhead no Grindr pede morte aos gays no Rio: "Deveriam ser extintos do mundo"
423.	Pheno	Pesquisa revela que 80% dos gays enviam fotos pelados para desconhecidos em app de pegação
424.	Pheno	Polícia Real Britânica teme que Grindr coloque em risco segurança da Rainha
425.	Pheno	Procurando amigos?! Grindr é um ótimo lugar para fazer amizades, revela estudo
426.	Pheno	Quer conversar com Madonna?! Cantora vai bater um papo com os fãs no Grindr!
427.	Pheno	Sem querer, adolescente gay acaba encontrando o pai homofóbico no Grindr!
428.	R7	"Adote um Cara": aplicativo de pegação para mulheres oferece "saldão" de homens
429.	R7	"Lulu", "Tinder" e "Grindr": Aplicativos que geram polêmica e são mais comentados nas redes
430.	R7	10 apps para quem não quer passar o Dia dos Namorados sozinho
431.	R7	Aplicativo usa GPS para localizar paquera
432.	R7	Aplicativos "cupidos" te ajudam a encontrar cara-metade para o Dia dos Namorados
433.	R7	Aplicativos do iPhone para gays e lésbicas viram radar para sexo e namoro
434.	R7	Aplicativos para buscar parceiro elevam risco de DST
435.	R7	Aplicativos viram hit entre fãs de relações casuais
436.	R7	Apps de paquera provocam alta nos casos de HIV entre jovens, adverte ONU
437.	R7	Chegada dos atletas em Londres trava o Grindr, um aplicativo de encontros gays
438.	R7	Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder
439.	R7	Conheça aplicativos com temática sexual
440.	R7	Conheça seis diferentes aplicativos de paquera
441.	R7	Copa 'esquenta' aplicativos de paquera no Brasil
442.	R7	Cuidado: os hackers estão de olho no seu smartphone
443.	R7	Depois de lançar clipe no Snapchat, Madonna vai conversar com fãs pelo Grindr
444.	R7	Em ação contra aids, perfis em rede pedem 'sexo sem limites'
445.	R7	Funcionários da Disney são presos acusados de formar rede de pedofilia
446.	R7	Grindr bate 1 milhão de usuários em 180 países e já tem 6.000 usuários no Brasil
447.	R7	Medo de arrastão faz gays evitarem paquera via celular na Parada
448.	R7	Ministério da Saúde cria perfil fake no Tinder e irrita executivos do app
449.	R7	Ministério da Saúde usa perfis falsos em aplicativos para alertar sobre sexo seguro
450.	R7	Nick Jonas entra no Grindr no trailer da segunda temporada de "Kingdom"
451.	R7	Serial killer usa aplicativo de encontros para escolher vítimas
452.	R7	Sites de contatos para gays colaborarão em luta contra aids nos EUA
453.	R7	Solteiro? Folha Vitória te dá uma mãozinha para não passar o Dia dos Namorados sozinho!
454.	R7	Twoo é um app que promove encontros através da localização (lê-se: Grindr para héteros)
455.	R7	Uso do Tinder e de outros aplicativos de relacionamento aumenta casos de DSTs pelo mundo
456.	Revista Carta Capital	Mulher, solteira, lésbica procura... E acha pelo celular
457.	Revista Carta Capital	Na luta contra a Aids, a informação salva vidas
458.	Revista Época	Aplicativos para celulares funcionam como "radar para gays"

459.	Revista Época	Fale com eles sobre sexo
460.	Revista Época	Tinder facilita paquera pelo celular
461.	Revista Época	Tinder, o novo aplicativo de paquera
462.	Revista Época Negócios	Ameaça ao Tinder? Aplicativos de paquera segmentados fazem sucesso entre usuários
463.	Revista Época Negócios	Amor em tempos de smartphone
464.	Revista Época Negócios	Encontro marcado. E por iPhone
465.	Revista Exame	5 aplicativos para curtir o Rock in Rio
466.	Revista Exame	7 aplicativos para turbinar o sexo
467.	Revista Exame	9 apps para usar em festas e baladas
468.	Revista Exame	A arte de flertar através do celular ganha força
469.	Revista Exame	Apps para buscar parceiro elevam risco de DST, diz estudo
470.	Revista Exame	Entrevista de domingo: "Às vezes, as pessoas não procuram por uma conexão sexual", diz criador de Tinder para abraços
471.	Revista Exame	Falha no Instagram pode permitir vazamento de fotos
472.	Revista Exame	Ministério da Saúde usa Tinder para realização contra Aids
473.	Revista Exame	O flerte pelo celular ganha força entre jovens
474.	Revista Exame	Paris Hilton causa controvérsia por comentários homofóbicos
475.	Revista Exame	Scruff, app de paquera para o público gay, chega ao Brasil
476.	Revista Fórum	Macho é o que não falta!
477.	Revista Fórum	Ministério da Saúde lança campanha contra a Aids em rede social
478.	Revista Fórum	Nada é mais triste que um gay de Direita...
479.	Revista Fórum	Parada gay de Moscou termina com mais de 30 ativistas LGBT presos
480.	Revista Fórum	Pastor homofóbico é flagrado em aplicativo de encontros gays nos EUA
481.	Revista Galileu	5 contra 1
482.	Revista Info	7 aplicativos para turbinar o sexo
483.	Revista Info	9 apps para usar em festas e baladas
484.	Revista Info	Aplicativos para buscar parceiro elevam risco de DST, diz estudo
485.	Revista Info	Download: Grindr
486.	Revista Info	Entrevista de domingo: "Às vezes, as pessoas não procuram por uma conexão sexual", diz criador de Tinder para abraços
487.	Revista Info	Formas Tecnológicas de Evitar Preconceitos
488.	Revista Info	O flerte pelo celular ganha força entre jovens
489.	Revista Info	Scruff, app de paquera para o público gay, chega ao Brasil
490.	Revista IstoÉ Dinheiro	Cuidado: os hackers estão de olho no seu smartphone
491.	Revista IstoÉ Dinheiro	Os novos lucros do sexo
492.	Revista Marie Claire	Após início da Copa, aplicativo de paquera cresce 50% no Brasil
493.	Revista Marie Claire	Fundador do app de encontros gay Grindr está solteiro: "Adoro namorar sério, mas acho que sou minoria"
494.	Revista Meio e Mensagem	A "geração do agora" e os desafios de 2014
495.	Revista Meio e Mensagem	Apps sociais e games lideram tempo gasto na web
496.	Revista Meio e Mensagem	Tinder ajuda na prevenção contra a Aids

497.	Revista Meio e Mensagem	Tinder: uso dispara na Copa do Mundo
498.	Revista Piauí	Tu tá aqui que eu sei
499.	Revista Planeta Sustentável	Como o Grindr mudou a relação com a cidade
500.	Revista Superinteressante	Uma nova revolução sexual
501.	Revista TPM	<i>O mundo gay e o iPhone</i>
502.	Revista TPM	Poder é ter cem homens em suas mãos
503.	Revista TPM	Te pego lá fora
504.	Revista TPM	Teoria Conspiratória: iPhone brocha!
505.	Revista TPM	<u>Testando o aplicativo de paquera do iPhone (e não sendo paquerada por ninguém!)</u>
506.	Revista TPM	Tudo sobre o OkCupid de Berlim
507.	Revista TRIP	Celular, o melhor amigo - Revista Trip
508.	Revista TRIP	Por que não há Grindr para hêteros
509.	Revista TRIP	Transa Moderna
510.	Revista TRIP	Um lugar no mundo
511.	Revista Veja	Aplicativos ajudam a encontrar o amor perto de casa
512.	Revista Veja	Dating apps: paquera ainda devagar no Brasil
513.	Revista Veja	Tinder, em busca do aplicativo de paquera perfeito
514.	Revista Veja Rio de Janeiro	Dez aplicativos para o Rock in Rio
515.	Revista Veja Rio de Janeiro	Dez aplicativos úteis para o Carnaval
516.	Revista Veja Rio de Janeiro	Muito além do Tinder
517.	Revista Veja Rio de Janeiro	Treze aplicativos para a Copa no Rio
518.	Revista Veja São Paulo	Depoimentos: jovens procuram remédios para evitar contrair o HIV
519.	Revista Veja São Paulo	Em ação contra Aids, perfis em rede sociais pedem “sexo sem limites”
520.	Revista Veja São Paulo	Jovens procuram remédios para evitar contrair o HIV
521.	Revista Veja São Paulo	Quase 90% das traições conjugais ocorrem via smartphones ou tablets
522.	Superpride	18% dos usuários do Grindr ainda estão no armário, diz estudo
523.	Superpride	51% das traições acontecem via WhatsApp, Facebook ou Twitter
524.	Superpride	80% dos gays conhecem namorados por aplicativos de pegação
525.	Superpride	80% dos gays mandam fotos pelados para outros caras desconhecidos
526.	Superpride	A reação dos hêteros ao verem a putaria do Grindr pela primeira vez
527.	Superpride	Atletas em busca de sexo fazem o Grindr travar
528.	Superpride	Como tirar selfies incríveis do seu pênis do jeito certo (18+)
529.	Superpride	Conheça o aplicativo pra quem procura parceiros para sexo a três
530.	Superpride	Copa do Mundo faz disparar uso do Grindr e do Tinder no Brasil
531.	Superpride	Curta-metragem aborda sexo gay em tempos de Grindr
532.	Superpride	De olhos nos gays, Nicki Minaj usa o Grindr para promover nova turnê
533.	Superpride	Descobrimos o novo local onde homens estão fazendo sexo no Rio de Janeiro

534.	Superpride	Dono de motel é acusado de manter 12 rapazes como escravos sexuais
535.	Superpride	Em busca de sexo, homens usam app de taxi para marcar encontros com taxistas
536.	Superpride	Em vídeo, usuário do Grindr ensina a fazer “sexo morego”
537.	Superpride	Especialista em saúde culpa Grindr por aumento de DST
538.	Superpride	Essa mãe vai ver as mensagens e fotos que o filho recebeu no Grindr
539.	Superpride	Esses caras queriam transar, mas muita gente não entendeu o fetiche deles
540.	Superpride	Estudo diz que sexo casual pode causar depressão e pensamentos suicidas
541.	Superpride	Fotos de pênis, bundas enormes e os desejos sexuais mais bizarros no Grindr
542.	Superpride	Funcionários de Elizabeth II usam Grindr para encontros no palácio real
543.	Superpride	Garota mexe no celular do namorado e descobre pegação no Grindr
544.	Superpride	Grindr é acusado de provocar epidemia de sífilis
545.	Superpride	Grindr escolhe as cidades mais gays do mundo
546.	Superpride	História de amor: dá pra encontrar um marido no Grindr?
547.	Superpride	Homem é estuprado após marcar encontro pelo Grindr
548.	Superpride	Homem processa Grindr, após fazer sexo com menor de idade
549.	Superpride	Homem que aplicava golpe do “Boa Noite Cinderela” no Grindr é preso em SP
550.	Superpride	HOT: os 19 homens mais gatos e gostosos do Grindr
551.	Superpride	iPhone 5 em junho!
552.	Superpride	Jogador de basquete é encontrado morto após marcar encontro pelo Grindr
553.	Superpride	Jovem gay encontra o próprio pai homofóbico fazendo pegação no Grindr
554.	Superpride	Machos ativos comedores, as passivas, promiscuidade e o medo de amar
555.	Superpride	Madonna lança promoção no Grindr para divulgar “Rebel Heart”
556.	Superpride	Mães descobrem mensagens safadinhas nos app de pegação dos filhos
557.	Superpride	Ministério da Saúde cria campanha fantástica contra Aids no Tinder e Hornet
558.	Superpride	O mundo fictício do Grindr e seus efeitos na sociedade
559.	Superpride	O que é um cruising bar?
560.	Superpride	ONU diz que apps de pegação provocaram nova epidemia de HIV
561.	Superpride	Perigo: Grindr é invadido por hacker
562.	Superpride	Por que a pegação gay em festa do carnaval de Floripa choca?
563.	Superpride	Sexo casual pode causar depressão e pensamentos suicidas
564.	Superpride	Sexo com usuários de aplicativo de pegação pode causar mais DST's
565.	Tecmundo	5 alternativas ao Tinder para quem não quer pagar pela versão Plus
566.	Tecmundo	Acabou a farra: Tinder vai apagar os perfis falsos criados pelo governo
567.	Tecmundo	Campanha liga apps à disseminação de doenças sexualmente transmissíveis
568.	Tecmundo	O olho que tudo vê: usuários acusam Facebook de espionar Tinder e mais apps
569.	Tecmundo	Perigo: 63% dos apps como o Tinder são inseguros contra roubo de dados
570.	Terra	“É mulher que não acaba mais”, diz usuário de aplicativo para paquera
571.	Terra	Com muitos acessos em Londres
572.	Terra	Conheça dez aplicativos gratuitos para encontrar um par
573.	Terra	Copa 'esquenta' aplicativos de paquera

574.	Terra	Estudo aplicativos para buscar parceiro elevam risco de DST
575.	Terra	Estudo_ aplicativos para buscar parceiro elevam risco de DST
576.	Terra	Faltou assunto? Apps auxiliam na hora da paquera
577.	Terra	GPS indica no celular se há alguém perto a fim de sexo
578.	Terra	No jogo da Bélgica o Tinder ficou lindo!, conta mineira
579.	Terra	Sem vergonha: saiba como usar melhor sites e apps de namoro
580.	Terra	Sexo seguro: ministério usa perfil falso em campanha contra o HIV
581.	Uol	Adele vira novo eufemismo para sexo nos apps de encontro
582.	Uol	Aplicativo para encontros gay ganha versão para Android
583.	Uol	Aplicativo para iPhone funciona como radar de gay/ao localizar interessados em sexo
584.	Uol	Aplicativo para iPhone funciona como radar de gay/ao localizar interessados em sexo
585.	Uol	Aplicativo que encontra parceiros homossexuais "trava" com chegada de atletas em Londres
586.	Uol	Aplicativo Tinder tem sexo e muito papo-furado
587.	Uol	Aplicativos como Tinder podem estar aumentando número de casos de DST
588.	Uol	Aplicativos de encontros para gays portam advertências sobre HIV
589.	Uol	Aplicativos para encontros e paqueras que você precisa conhecer
590.	Uol	Apps de namoro e sexo apostam no anonimato e geolocalização para ajudar usuários
591.	Uol	Apps de paquera provocam alta nos casos de HIV entre jovens, adverte ONU
592.	Uol	Campanha alerta para risco de DST com uso de aplicativo para encontros
593.	Uol	Campanha de prevenção à Aids cria rusga entre ministério e Tinder
594.	Uol	Casado, usuário de 'radar de gays' aposta no aplicativo para encontros rápidos
595.	Uol	Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder
596.	Uol	Copa esquenta aplicativos de paquera no Brasil
597.	Uol	Em ação contra Aids, perfis em rede podem 'sexo sem limites'
598.	Uol	ENTRETENIMENTO - Apps que facilitam a vida amorosa da paquera ao sexo
599.	Uol	Felicidade x grindr
600.	Uol	Grindr é acusado de provocar epidemia de sífilis
601.	Uol	Hacker invade grindr e divulga fotos de usuários
602.	Uol	Medo de assédio faz gays evitarem paquera via celular na Parada
603.	Uol	Ministério da Saúde cria perfis fake no Tinder e Homet para alertar sobre sexo seguro
604.	Uol	Nem ativos nem passivos: conheça os 'gouines', gays que não curtem penetração
605.	Uol	Os 10 melhores aplicativos para ajudar o folião no Carnaval
606.	Uol	Pastor homofóbico renuncia após ser pego conversando em app de paquera gay
607.	Uol	Por que bares gays estão fechando as portas em Londres?
608.	Uol	Público gay masculino é pioneiro em apps de paquera
609.	Uol	Saiba por que o Scruff, que acaba de chegar oficialmente no Brasil, pode ameaçar a hegemonia no Grindr
610.	Uol	Sucesso entre gays, aplicativos de 'pegção' agora atraem heteros
611.	Uol	Vai sair com alguém que conheceu na internet? Jairo Bouer dá dicas
612.	Vírgula	Ai, que tenso! Mãe lê as mensagens que o filho recebe no aplicativo Grindr
613.	Vírgula	Aplicativo "Tinder" faz sucesso por facilitar o flerte entre as pessoas

614.	Vírgula	Aplicativo Grindr vira ópera-musical-gay em Nova York
615.	Vírgula	Grindr? Ru Paul no Netflix? A gente te conta como era a cena gay em 96, quando rolou a 1a Parada LGBT
616.	Vírgula	Madonna vai usar aplicativo de paquera gay para falar com fãs no Dia dos Namorados
617.	Vírgula	Marc Jacobs comenta sobre a polêmica de que ele teria feito uma “orgia” com 10 pessoas

APÊNDICE B - *Corpus*

Número da Notícia	Espaços Discursivos	Título da Matéria
1.	Folha de S. Paulo	Antigos sites de namoro se adaptam aos smartphones
2.	Folha de S. Paulo	Aplicativos de encontros para gays portam advertências sobre HIV
3.	Folha de S. Paulo	Apps de paquera provocam alta nos casos de HIV entre jovens, adverte ONU
4.	Folha de S. Paulo	Artistas fetichistas ganham exposição em Los Angeles
5.	Folha de S. Paulo	Apps de paquera viram hit entre pessoas que buscam relações casuais
6.	Folha de S. Paulo	Com a decadência da 'Playboy', novas revistas eróticas são mais artísticas
7.	Folha de S. Paulo	Como o Facebook sabe sobre seus encontros no Tinder
8.	Folha de S. Paulo	Gays aderem a serviço móvel para encontrar o par perfeito
9.	Folha de S. Paulo	GPS e redes sociais turbinam serviços de paquera
10.	Folha de S. Paulo	Público gay masculino é pioneiro em apps de paquera
11.	Folha de S. Paulo	Surto de meningite atinge gays em Nova York
12.	G1	Aplicativo de relacionamentos GLS 'Scruff' investe no Brasil
13.	G1	Aplicativos de smartphone com geolocalização facilitam paquera
14.	G1	Flagrado em app de encontros gays, pastor deixa igreja nos EUA
15.	G1	Governo cria perfis falsos em aplicativos para combater a Aids
16.	G1	Senador questionado por foto nu publicada em site gay renuncia
17.	IG	"Falei que ia ao banheiro e vazei": dicas para não cair em cilada nos apps
18.	IG	Aplicativos de relacionamento no celular viram febre entre os jovens
19.	IG	Apps ajudam a realizar fantasias como ménage, swing e sadomasoquismo
20.	IG	10 caras para evitar se você procura sua alma gêmea em sites de relacionamento
21.	IG	Cansado da solteirice? Veja 8 aplicativos de relacionamentos para gays
22.	IG	Copa 'esquenta' aplicativos de paquera no Brasil
23.	IG	Fuja de ciladas na hora de se encontrar com alguém do Grindr
24.	IG	Gays criticam preconceito dos próprios LGBTs: "Sou afeminado sim"
25.	IG	Joel Simkhai, criador do Grindr Sei que é complicado conhecer outros homens
26.	IG	Erro no aplicativo Grindr expõe localização de usuários em países com leis anti-gays
27.	IG	Pastor antigay é flagrado em aplicativo para encontros gays procurando parceiro
28.	IG	Por que bares gays estão fechando as portas em Londres?
29.	IG	Blogueiro evangélico vira alvo de polêmica ao ser flagrado em app de paquera gay
30.	IG	Sete dicas para gays e lésbicas encontrarem uma cara-metade
31.	IG	'Straight Acting Only': o machismo gay
32.	IG	Usuários do Grindr trocam 7 milhões de mensagens por dia
33.	O Estado de São Paulo	Aplicativos e sexo de risco

34.	O Estado de São Paulo	Em ação contra Aids, perfis em rede pedem 'sexo sem limites'
35.	O Estado de São Paulo	Escritor exalta papel cívico da tecnologia
36.	O Estado de São Paulo	Revoluções sexuais e novos desafios
37.	O Estado de São Paulo	Sexo fácil como pizza